EDIÇÃO DE COLECIONADOR

Rolling Stone

SPRING

rollingstone.com.br

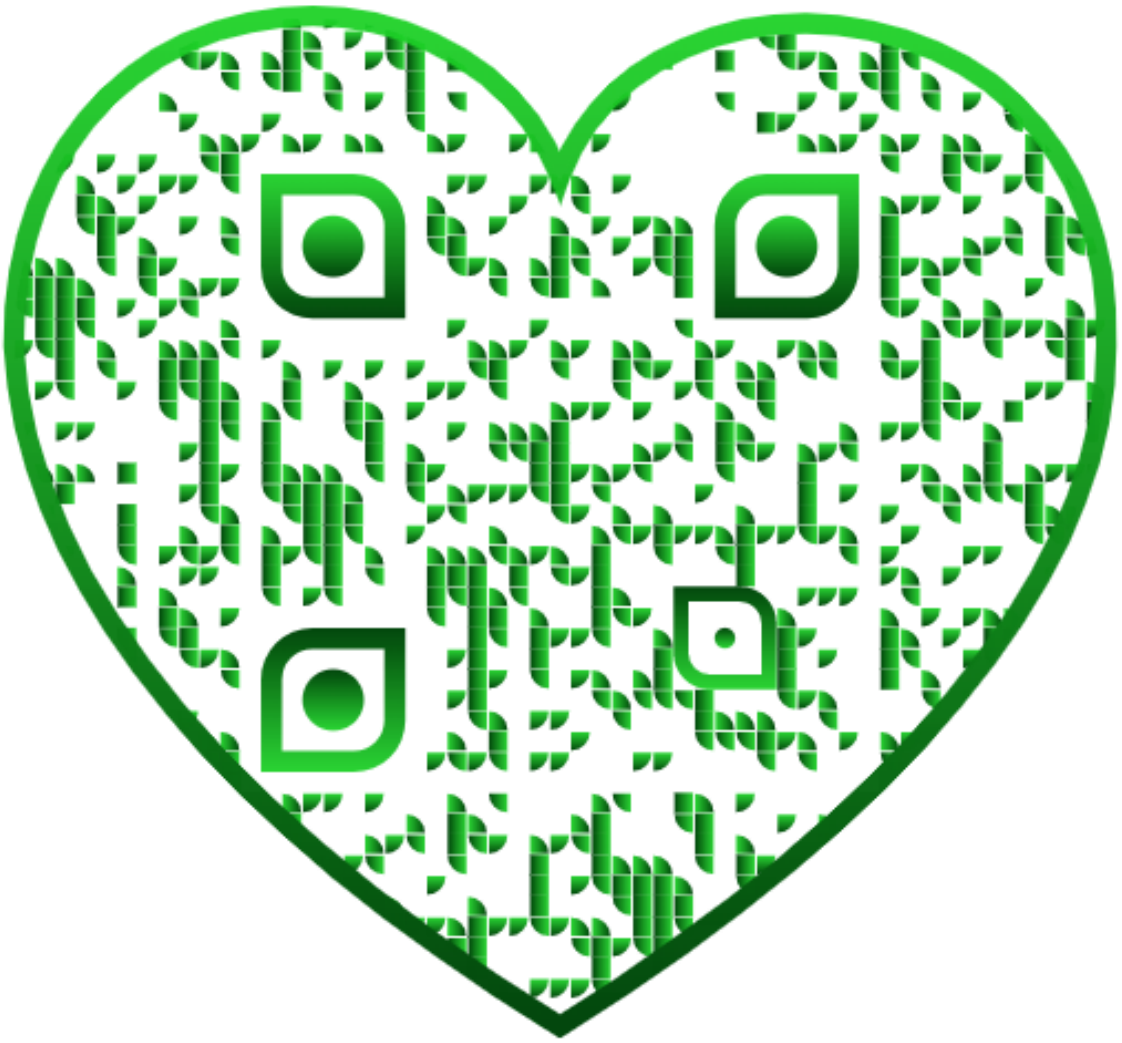
EDIÇÃO 1 >> R$ 29,90

15 ANOS

EDIÇÃO COM DUAS CAPAS DIFERENTES E CONTEÚDO IDÊNTICO

AS MELHORES ENTREVISTAS E REPORTAGENS DE CAPA DA HISTÓRIA DA REVISTA

7 898034 593550



WWW.glowshineclothing.com.br
@glowshineclothing

GLOWSHINE

Banca do Antfer
Telegram: https://t.me/bancadoantfer
Issuhub : https://issuhub.com/user/book/1712
Issuhub : https://issuhub.com/user/book/41484

Editorial

QUINZE ANOS PASSAM RÁPIDO. FOI EM OUTUBRO de 2006 que chegou às bancas brasileiras a primeira edição da *Rolling Stone* no Brasil. Estampando Gisele Bündchen na capa, a revista trouxe ao país uma forma diferenciada de abordar o jornalismo cultural e a cultura pop, com reportagens e entrevistas aprofundadas, imagens icônicas e foco equilibrado e questionador entre passado, presente e futuro.

De lá para cá, muita coisa mudou. As ferramentas digitais para se conhecer e consumir cultura nunca foram tão diversas e acessíveis. A internet – especialmente as mídias sociais – consolidou-se como o principal meio de comunicação e fonte de informação das novas gerações. E há quem considere as publicações de papel (como esta revista que você tem em mãos) artigos de luxo dignos de colecionador.

Só lembrando, 145 edições de *Rolling Stone Brasil* figuraram nas bancas desde 2006, sem contar mais de uma dezena de especiais. Em 18 ocasiões, a revista trouxe duas capas diferentes, enquanto outras mereceram três (presidenciáveis, Rock in Rio e melhores guitarristas) e até quatro capas (com os membros da banda Kiss – relembre todas na página 96). A preservação desta história foi nossa principal motivação para a criação da edição comemorativa que você tem em mãos, reunindo 15 matérias de capa essenciais publicadas ao longo de uma década e meia.

É notável como essas reportagens representam tão bem o momento em que foram publicadas, ao mesmo tempo em que funcionam perfeitamente quando lidas hoje. Para nós, que estávamos lá desde o começo, essa curadoria representou uma viagem saborosa aos bons tempos que passaram, mas que por bem poderiam voltar. Esperamos que você experimente sensações parecidas ao mergulhar nas histórias das páginas a seguir.

E a *Rolling Stone Brasil* entra em uma nova década mirando novas experiências, experimentando com suas capas digitais, série de vídeos e shows ao vivo (e online). *The show must go on.*

Ademir Correa *e*
Pablo Miyazawa – *Editores*

Índice

06 Gisele Inflamável
A "brasileira mais famosa do mundo", Gisele Bündchen inaugurou com chave de ouro a primeira edição da *Rolling Stone Brasil*.

12 Ouro Baiano
Maior estrela pop da música brasileira, Ivete Sangalo almejava voos ambiciosos em uma carreira planejada nos mínimos detalhes.

18 Senhora Monte
Marisa Monte abria as portas de sua vida privada enquanto refletia sobre seu protagonismo na MPB.

24 A Grande Família
Os Simpsons ganharam uma capa exclusiva na *RS Brasil*, criada pela equipe da revista e redesenhada pelos artistas do desenho animado.

30 "Não Nasci para Casar e Lavar Cuecas"
Prestes a completar 60 anos, Rita Lee recordou fatos de sua trajetória incomparável como a maior estrela do rock brasileiro.

36 A Força de Paulo Coelho
Autor mais popular do planeta, ele ponderou sobre seu papel de destaque na superelite global.

42 Gil S/A
Recém-saído da gestão no Ministério da Cultura, Gilberto Gil refletiu sobre carreira, negócios e a importância das mulheres de sua vida.

48 Coragem Sob Fogo
Wagner Moura arquitetava o sonho de ser diretor de cinema enquanto preparava-se para vestir a farda do Capitão Nascimento mais uma vez.

54 Fresno Contra o Mundo
Lançando seu álbum mais pesado, a banda confrontava críticos e apontava um caminho diferente para o rock de guitarras no Brasil.

60 O Mundo de Jô
Jô Soares abriu as portas de seus domínios e relembrou uma vida repleta de boas histórias a serviço do entretenimento.

66 Os Quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil
Os integrantes do Racionais MC's relembraram suas origens e reconheceram-se como os porta-vozes de uma geração.

72 Um Homem Sexual
No auge da forma física e artística, Ney Matogrosso abriu o coração sobre juventude, política, relacionamentos e intimidade.

78 Dois no Topo
Casal mais famoso da dramaturgia nacional, Taís Araújo e Lázaro Ramos discutiram a importância de seus trabalhos nos palcos e telas.

84 A Sagração da Guerreira
Recebendo a merecida aclamação, Elza Soares recordou sua saga recheada de tragédias e superações.

90 No Espelho do Tempo
Aos 40 anos, Pitty abraçou a maturidade sem renegar o papel de voz roqueira das jovens massas.

Por motivos de espaço e melhor clareza, as reportagens acima estão apresentadas em versões editadas em relação às publicações originais.

Harmonização facial a revolução na estética

Especialista mostra como procedimento em celebridades tem inspirado fãs a transformar a aparência

O mercado de estética é um dos mais rentáveis no mundo. O Brasil ocupa a terceira posição do ranking de países que mais realizam esse tipo de procedimentos, ficando atrás apenas dos EUA e China. Por ser um setor em expansão e com bastante retorno financeiro, os profissionais e empresários da área estão sempre estudando e desenvolvendo novos métodos para atender às demandas do mercado. Uma das técnicas que tem feito sucesso com o público é a harmonização facial, cada vez mais popular e que conquista os famosos e anônimos pelo mundo todo.

Foto: Lucia Siqueira

A **Dra. Andressa Barros,** cirurgiã-dentista e especialista neste tipo de procedimento estético, acredita que o fato de celebridades aderirem à técnica influenciou na sua popularização. *"Pessoas famosas e bem-sucedidas buscam sempre por tratamentos eficazes e seguros e isso acabou ajudando a popularizar a harmonização facial no país"*, afirma.

Porém, este mercado ainda está em expansão e, para Andressa, esse processo tem grande potencial de se consolidar cada vez mais. *"Arrisco dizer que se tornará um pré-requisito essencial para a manutenção da beleza facial, assim como os cuidados mais cotidianos"*, analisa.

No Brasil, a harmonização facial se popularizou ainda mais por causa das celebridades e, de acordo com a especialista, existe um episódio específico que é bastante emblemático. *"Destacaria como um caso de sucesso o rosto da Gretchen, que já havia passado por muitos procedimentos, sem êxito, utilizando produtos permanentes, e agora conseguiu um resultado promissor, utilizando ácido hialurônico"*, diz.

Em seu consultório, Andressa Barros atende clientes com as mais variadas queixas. Muitas delas usam fotos de pessoas famosas como exemplo para fazer o procedimento. Mesmo assim, ela ressalta que as intervenções estéticas precisam se adequar às características físicas de cada paciente.

"É possível se inspirar em alguém, gostar de alguma característica, porém, preciso ressaltar que trabalhamos sempre respeitando o biotipo de cada pessoa individualmente", garante.

Ela também acredita que o aumento de procura pela harmonização facial se deve aos casos de sucesso das celebridades e de pessoas que expõem o resultado nas redes sociais. *"Não há nada mais convincente que episódios bem-sucedidos do procedimento. Isso incentiva e influencia as pessoas a buscarem pelo procedimento"*, finaliza.

São Paulo | SP: R. Pais Leme, 215 | Pinheiros **Palmas | TO:** Q 303 Sul, Avenida LO9 | Lote 23 | 1º andar
+55 63 98435-4883 | @dra.andressabarrosb

Edição nº 1 – *Outubro de 2006*

Com "estilo rock'n'roll" e na condição de "brasileira mais famosa do mundo", Gisele Bündchen inaugurou com chave de ouro a primeira edição da *Rolling Stone* no Brasil.

Gisele Inflamável

Ou "os dias que antecederam as fotos de nossa garota da capa", a maior estrela pop do Brasil

★ ★ ★ ★ ★

"ACHAMOS BACANA A IDEIA DE A GISELE ESTAR NA CAPA DA PRIMEIRA edição da revista *Rolling Stone Brasil*. Qual é o prazo de vocês? Isto teria de ser feito aqui ou pode ser fotografado lá fora? Amanhã estarei o dia inteiro em reuniões, mas te ligo assim que tiver uma folga para conversarmos, ok? Se você já puder antecipar algo seria muito bom", atenciosamente, Patrícia Bündchen. Começam os preparativos que contam a história do subtítulo deste artigo. E para que a compreensão da complexidade do feito fique mais clara, faz-se necessário um parágrafo-flashback.

Há poucos meses, estive com as gêmeas Bündchen no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, para 15 cronometrados minutos com a mulher mais bonita do mundo. Por volta do tempo onze dessa conversa, tenho uma visão: Gisele Bündchen está me olhando no olho (confesso certo rubor por ter me dado tamanha importância), gesticulando à italiana e falando sem parar de assuntos – como meio ambiente, responsabilidade social, política, gravidez precoce – sobre os quais ela não está acostumada a conversar (pelo simples fato de que subjects como esses nunca tinham sido perguntados. O que foi confirmado na época). Ao final do diálogo, que se estendeu por exatos 23 minutos (vitória de jornalista), recebo um cartão de Patrícia B., que cuida da imagem da irmã. No papel, um telefone e um e-mail.

Com esse trunfo de boa primeira vez, sou recrutado para fazer a proposta: Gisele abrindo a *Rolling Stone Brasil*. Minha função imediata: mandar convite explicativo-entusiasta, ligar para confirmar recebimento da mensagem e aguardar resolução. A resposta desse correio virtual, escrito coletivamente, mas endereçado particularmente, resulta na capa e nas fotos que acompanham este texto. Depois do sinal verde, entramos em recesso, longo. O telefone da redação fica em uso ininterrupto e toda a equipe está envolvida, direta ou indiretamente, na

POR ADEMIR CORREA ★ FOTOS: NINO MUNOZ

empreitada. A capa será mesmo essa. Parece ambiciosa, mas é *Rolling Stone*.

Precisamos contratar o staff de profissionais, nacionais e importados, responsável por tudo o que acontece num estúdio, entre, durante e depois de cada revelação. A sessão vai acontecer em Nova York daqui a alguns dias e a diferença de fuso e mercado é mais uma barreira que vencemos, bilíngues, profissionais de um país de Terceiro Mundo solicitando entregas e orçamentos do Primeiro. Os Estados Unidos são realmente a nação dos assistentes e dos agentes. Não existe nenhum freelancer que não tenha os seus (quem "assiste" executa o processo anterior ao trabalho do chefe e quem "agencia" defende o pupilo e o tira dos infortúnios) e todos locam um carro para dirigir-se ao mesmo lugar, na mesma hora, com o mesmo propósito (boa razão para engarrafamentos-monstros). "Fecho os custos?", pergunta Márcia Costa, do staff nova-iorquino da *RS Brasil*.

– "Claro."

– "Como foi a reunião?"

– "Tudo certo."

– "Cartão de crédito, please?"

Checamos as milhas e os documentos necessários para embarque; é indispensável que alguém acompanhe a sessão que definirá nosso début nas bancas. As negociações prosseguem em pontes aéreas telefônicas entre São Paulo (onde estamos), Porto Alegre (o escritório de Patrícia B.), Nova York (para passar as coordenadas às produtoras locais), Canadá (o fotógrafo estava clicando por lá). Até então sabemos apenas que Gi (atrevido!) anda pelo México, mas ela já foi informada de que precisamos conversar sobre vida e fotos.

★★★★★

"Todos somos especiais. Nunca me senti nem mais nem menos que ninguém"

CADA MINÚSCULO DETALHE É IMPORTANTE quando se trata de alguém reconhecida por superlativos como maior, melhor, super, hiper, über. A sensação de entrar no mundo fabuloso de Gisele não assusta porque a simpatia da maior popstar daqui vem antes de seus títulos. "Acho que todos somos especiais. Nunca me senti nem mais nem menos que ninguém. Não me colocaria rótulo nenhum", ela sentencia.

A ideia da foto sai de um brainstorm coletivo: "Gisele Rocks". Propomos a ela encarnar o espírito roqueiro com todas as implicações que esse estado de ânimo pode oferecer – atitude, ousadia, sacanagem, delírio. Com o fotógrafo, chegamos ao consenso de que o ensaio deve ter movimento. Ele sugere microfones e uma guitarra para criar clima. E ainda dispara, defendendo sua argumentação: "SHE LOVES IT!" Estamos no caminho. Mas precisamos de pele, beleza, calor. Brasil, ora...

O telefone toca apressado. Do outro lado, Márcia, que diz:

– "Eles pensaram em um sofá!!!"

– "Para fotografar? Ela vai estar sentada nele? Ou é composição do ambiente?"

– "Isso não ficou claro ainda."

– "Não podemos ter ela sentada na capa. Precisamos de espaços em branco, ou em qualquer outra cor, para as chamadas da revista."

– "Resolvo isso e ligo aí", finaliza M.

Quando foi inventada a máxima: "Não me apresente problemas, apenas soluções", o chavão virou uma frase profissional. Chegou, então, a hora de fazer aquela ligação que vai tirar o "sentável" da sala e pôr o fundo na foto limpa. Em inglês, óbvio, telefono para a empresa que aluga e vende objetos de cena e digo que não posso ter uma poltrona "dois ou três lugares". Mas tudo ficaria bem mais claro com essa sentença: "Vou ter de comprar esse sofá (por esse preço). Como vocês vão me mandar o móvel, de navio, num contêiner?" Caso encerrado com bastante polidez – se eu tivesse dito realmente isso. Acabamos demitindo a mobília no jeitinho nacional, trocada pelos instrumentos musicais de que precisávamos.

O editorial vai acontecer num domingo, período em que os norte-americanos trabalham por bem mais tostões do que os já cobrados. "Precisamos definir o horário conjuntamente, mas já posso antecipar que o tempo é reduzido", explica Patrícia.

– "Você sabe me informar onde é o estúdio?"

– "Chama Milk, já está alugado."

E por falar em leite, ainda é necessário acertar detalhes gastronômicos: duas refeições para equipe, que envolve mais de 15 pessoas, e Gisele, a convidada especial da mesa. "O almoço dela pode ser salada verde orgânica e um peixe ou frango", pede Patrícia. No Google, uma foto recente da diva devorando um creme de gelo (tradução: sorvete) em pleno verão nova-iorquino. Salada verde e peixe ou frango para 15, então.

– "Quantos cafés?"

Durante a construção da imagem, nossa protagonista aparece em campanha em prol de vítimas da aids na África. Está preocupada e continua sua marcha de beneficências (já conversamos sobre isso anteriormente, mas terei de tocar novamente na tecla. É coerente entender essa atitude-modelo). "Vivo viajando pelo mundo e percebo tudo o que acontece ao meu redor. Muitas coisas que vejo me sensibilizam. Pessoas que têm visibilidade devem chamar a atenção para problemas que precisam ser encarados de frente", manifesta-se.

– "O que deixa você triste hoje?"

– "Violência e falta de solidariedade." Partindo dela, o pedido de engajamento torna-se ordem direta. Por que um ícone máximo resolve arregaçar as mangas da moda a fim de defender causas pelas quais nem levantamos da cadeira para lutar? "É preocupante ver que problemas antigos como as guerras, a discriminação, as doenças, a fome e a

degradação do meio ambiente ainda sejam tão presentes", indigna-se a lutadora. Além de tudo o que já faz, é ou representa, virou imediatamente uma mulher-maravilha. Um bom exemplo.

– "Como consegue tempo para cuidar da sua carreira e ainda se dedicar às campanhas sociais? Sua vida deve ser bem corrida, não?"

– "Minha agenda é rock'n'roll." (Bingo)

– "Mas como é o seu dia normal, Gisele?"

– "Se estou em casa (NYC), meu dia perfeito seria: acordar às sete, passear com meus cachorros, fazer ioga e meditar por uma hora. Cozinhar um ovo com queijo de cabra... No verão, adoro andar de bicicleta. No inverno, fico em frente à lareira lendo um livro ou vendo um filme e comendo pipoca. E para fechar com chave de ouro – uma massagem e um banho de banheira. Daí fico 100%."

VOLTANDO AOS MOMENTOS QUE ANTECEDEram o dia em que ela foi enquadrada em nossas lentes... Tudo tem de ser previamente bem mais agendado do que em um dia útil, porque fim de semana é igual em qualquer lugar. As confirmações para fornecedores norte-americanos foram enviadas por fax (obsoletos?). Estamos adiantados. Na cabeça, planos A, B e C, imprevistos acontecem. Do nada, nossa "número um" assume um segredo: "Consigo tomar chimarrão até em Nova York". Será que ela importa a erva (mate)? Em São Paulo achar essa iguaria não é tão simples assim. Algumas hipóteses: mercados brasileiros radicados na Grande Maçã, remessas pelo correio ou encomendas levadas pessoalmente pela família.

★★★★★

"Incrível perceber como o mundo é lindo e como tudo foi criado com tanta perfeição"

Malas dirigem-se ao setor de check-in. Falta pouco tempo para o vôo. Chegaremos antes para retoques finais num plano que parece infalível. Ainda temos uma noite de consumo e uma volta pela cidade em busca de outdoors que estampem Gisele na proporção que ela merece ter: gigante. A musa dispara – "Fico um pouco envergonhada e tento passar rápido para ninguém me reconhecer" – sempre que se vê em tamanho extralarge superexposto. "Ela vai sozinha para o estúdio. Vocês não precisam buscá-la, ok?", combina Patrícia.

Welcome to New York. Central Park. Times Square. Virgin. Greenwich Village. Ex-Torres Gêmeas. Soho. Madonna. Cachorro-quente "pão-salsicha-molho". No Dia G, a equipe começa a chegar ao Estúdio 4 do Complexo Milk. O relógio marca 9h30 (10h30, horário de Brasília). "A Gisele solicitou que iniciássemos às 11 horas. Tudo bem?", pergunta sua gêmea. "Claro", respondemos. Maquiador e cabeleireiro a postos (deve ser difícil lapidar o belo); produtoras que correm aqui e ali para estender o tapete vermelho à nossa garota da capa; o café da manhã está servido; o fotógrafo conversa com os assistentes e o bureau digital está montado para descarregar os retratos que vão imortalizar o espírito *Rolling Stone* de ser. A equipe de estilo começa a preparar os looks que devem ser usados. Repetimos nosso mantra: "Precisamos de pele, beleza, calor. Brasil, ora..." A correria vira rock. Gisele é música. O último show em que esteve foi o do Pearl Jam: "Tinha muita energia", lembrou ela, fã.

– "Como você está no violão?"

– "Não tenho tido muito tempo, mas, de vez em quando, arrisco uns acordes dos livrinhos ou invento alguma coisa."

O dia está lindo, ninguém ousou consultar a meteorologia no sábado. Nova York sabe o que vai acontecer entre aquelas quatro paredes. Em São Paulo, os telefones não param de discar. A manhã também é alegre por lá. Todos falam sem parar. Gisele é grande, vira comoção. E a expectativa sobre o que vai dizer ao chegar, ou o que vai pedir, inquieta, arrepia. Como estaremos depois desse contato com a mulher que pode, sim, dar nomes aos furacões?

Alguém comenta da tatuagem de estrela que GB carrega no pulso. Ela tem isso porque, quando foi pela primeira vez para Nova York, viu que a metrópole não tinha estrelas, elas ficavam escondidas. E a star resolveu fazer uma ao alcance dos olhos, nada mais justo. "Incrível perceber como o mundo é lindo e como tudo foi criado com tanta perfeição. Parar para olhar o céu é também dar uma pausa na correria de sempre e lembrar da bênção que é estar aqui", suspira. Um pensamento em uníssono ronda a equipe: "Nós (não) estamos apaixonados".

– "E onde o céu é mais lindo?"

– "Páreo duro entre Belize, Costa Rica, Horizontina (cidade natal) ou a aldeia indígena que visitei no Parque do Xingu", a deusa tenta decidir. E aumentam os pacotes turísticos para esses paraísos a partir da frase anterior. Gisele é mesmo globalizada – brasileira, internacional, real, virtual, "imprimível". É a maior popstar do Brasil – sem desmerecer rainhas rebolativas e erotizadas, produzidas em nossa indústria de cabeças ocas, e suas vidas (des)interessantíssimas que acompanhamos como se fossem pornochanchada. Gisele é cultura de massa, a namorada ideal que habita o inconsciente coletivo.

Falta pouco para a concretização dos nossos sonhos. Existem comentários sobre pontualidade. No ar, aquela calma aflita que precede realizações. Tudo já foi discutido (inclusive com a cover girl que já versou sobre "vida e foto" no decorrer da narrativa).

– "Tem mais alguma coisa que vocês precisam saber?", pergunta Patrícia.

– (Pensativos): "Está tudo certo".

Domingo, 11 horas. A porta do estúdio se abre para a entrada de Gisele Bündchen. Ela comenta, sorrindo, que acaba de levar um tombo na rua. Direta, ao ponto, G.

Este fim é o começo de tudo.

Edição nº 3 – *Dezembro de 2006*

Considerada a maior estrela pop da música brasileira, a cantora almejava voos ainda mais ambiciosos em uma carreira planejada nos mínimos detalhes.

Ouro Baiano

Ela rejeita o título de cantora pop, assume a egotrip de ser estrela, baixa MP3, quer ser protagonista de cinema e sabe que algumas de suas músicas não dizem nada. Para se manter no topo, quer lotar o Maracanã. Mas antes, Ivete Sangalo transforma em ouro um cacho de uvas

O BELÉM HILTON ESTÁ MOVIMENTADO NESTA NOITE DE SÁBADO. NO LOBBY DO hotel, o entra-e-sai de músicos, roadies, técnicos e produtores é constante. Quem não está conversando com os fãs, dando autógrafo ou descarregando equipamento espera pela condução para a Micareta que acontece nesse final de semana na saída da cidade. Do lado de fora, um grupo de fãs que não conseguiu entrar se espreme sob a marquise do hotel, procurando abrigo da chuva enquanto é vigiado de perto por um trio de seguranças. A cada van que chega, um cordão de isolamento é montado para impedir que eles avancem em cima dos artistas.

LÁ DENTRO, PORÉM, ALÉM DOS SORTUDOS QUE CONseguiram burlar a segurança, outro tipo de fã chama a atenção. Com o indefectível visual shortinho jeans/sapato de salto-alto/top e chapinha no cabelo, as meninas mais bem-apessoadas, digamos assim, têm o passe liberado e desfilam pelo lobby atrás de alguém ou de alguma coisa para passar o tempo. No telefone interno do hotel em frente ao banheiro masculino, espero na fila enquanto um grupo de três meninas liga para um hóspede. Alguém atende. Ela pergunta pelo show e por um lugar na van. Em seguida desliga, desanimada. "Ele ficou de ver", diz às amigas. Uma delas avista um rapaz e sai correndo atrás dele. Conversam rapidamente enquanto as outras duas esperam ao telefone. A moça volta e faz um sinal negativo com a cabeça. A que está ao telefone espera mais um pouco, liga de novo e pergunta à pessoa do outro lado da linha se "vai rolar ou não". Entusiasmada, diz para as amigas que está tudo certo e põe o aparelho no gancho. A turma sai em debandada de volta ao lobby.

Pego o telefone e ligo para o quarto de Dito, produtor e uma espécie de anjo da guarda de Ivete Sangalo. Ninguém atende. Tento novamente. Nada. Na terceira tentativa uma gravação me informa que o hóspede não está no quarto. Começo a ficar preocupado com a possibilidade de ter levado o bolo da produção de Ivete. Se não rolar uma entrevista hoje, a matéria dança, já que o outro dia que tenho ao seu lado é o domingo, em cima de um trio durante mais de quatro horas de Micareta. Enquanto ligo novamente, fico pensando no que pode ter dado errado. Um ataque de mau humor da diva? Ivete cansada de dar entrevistas? Problemas na produção? Ingressos encalhados? Vai saber... Estranhos são os caminhos do show business.

Saio em busca de ajuda. Quem salva a minha pele é a recepcionista do hotel. "O Dito?", pergunta ela, "é ele ali com aquele pessoal."

Dito está cercado por uma legião de adolescentes. De longe, dá para perceber que se trata de um sujeito paciente. Ouve as conversas, os comentários sobre a carreira de Ivete e até mesmo os pedidos de ingresso para o show de domingo. E é ele quem guarda as cartas, as fotos, os presentes e toda espécie de oferendas dos fãs para a sua musa. Mais tarde descubro

Por **VLADIMIR CUNHA** *Fotos* **ANDRÉ SCHILIRÓ**

que Dito tem outra missão: subir até o quarto da cantora com os pedidos de autógrafo e esperar que ela assine uma por uma todas as folhas de caderno, fotos, papéis de carta, cartazes e encartes de CD recolhidos no lobby do hotel. Na volta, ainda encontra tempo para conversar novamente com os fãs e entregar os autógrafos de mão em mão.

Me apresento e pergunto se está tudo ok para a entrevista. Dito me cumprimenta e, para o meu alívio, informa que Ivete está me esperando em seu quarto. A cantora está hospedada no 140 andar do Hilton. Por lá, o clima é bem mais tranquilo. Plantado na porta do elevador, um segurança de walkie-talkie e fones de ouvido guarda a entrada para o corredor que leva à suíte de Ivete. Estranho o silêncio. Enquanto no lobby o circo do pop está armado, aqui o clima é outro. De camiseta branca e short preto, sem maquiagem e cabelo amarrado em um rabo-de-cavalo, Ivete me recebe e avisa que podemos conversar ali mesmo no quarto. Longe dos aparatos do show business – sem truques de fotografia, figurinos extravagantes, penteados caríssimos ou plugins do Photoshop – parece mais bonita ao natural do que nas capas de revista ou nas fotos de divulgação. É simpática, mais até do que eu poderia esperar, e me chama sempre pelo nome. Enquanto conversamos consegue conciliar o profissionalismo que a situação exige com uma certa descontração. Em cima da cama, um notebook ligado à internet, de onde atualiza o seu blog e resolve questões de trabalho com seu empresário e sua assessoria de imprensa. "Sou workaholic, bicho. É um caso a se tratar na terapia", diz ela. "Você não sabe a minha alegria quando chego em um hotel que tem conexão wi-fi. Vou logo ligando o notebook. Quando estou muito cansada, peço para dar uma parada. Pelo menos uns 15 dias sem fazer show. Uma semana depois já estou ligando para o escritório pedindo pelo amor de Deus para marcarem alguma coisa."

Ela não está exagerando. Em Belém, na sexta-feira, primeira noite da Micareta, Ivete saiu direto de seu jatinho particular para o show depois de passar a tarde gravando jingles e chamadas de rádio em um estúdio no Rio de Janeiro. São mais de 15 anos de carreira se contarmos o tempo em que cantava nos bares de Salvador. Após tanto tempo subindo e descendo de trios elétricos, tocando por todo o Brasil e aparecendo em programas de televisão, Ivete garante que para ela é como se estivesse fazendo tudo pela primeira vez.

"É uma coisa meio inebriante", responde. "Esse vício de subir no palco, de ouvir as pessoas gritando seu nome, de fazer um show. Sou viciada nisso, Vladimir. Claro que tem a questão do ego e eu estaria mentindo para você se dissesse que essa egotrip não me agrada. Claro que agrada. É fascinante."

"Engraçado você assumir isso com tanta naturalidade."

"Ah... Se você for entrevistar algum artista e ele disser que não gosta disso, ele está mentindo. Mas tomo muito cuidado para não deixar que isso me domine. O meu lado estrela fica em cima do palco. Quando desço para o camarim muda tudo. A partir daí a minha vida é outra, o meu assunto é outro. Não dá para ser popstar o tempo todo.Tenho horror a essa história de ser diva, de dar piti, de atormentar a produção dos meus shows com exigências impossíveis. As pessoas não podem ter medo porque Ivete vai chegar. Às vezes, o camarim dos meus músicos tem mais comida que o meu. O que me preocupa mesmo é a qualidade do meu show, um som bom, uma luz boa. É por isso que eu brigo. Odeio apresentar show meia-boca. E até poderia fazer isso, chegar lá, tocar de qualquer jeito, escorada na minha fama ou em uma campanha de marketing qualquer. Mas não é a minha. Não quero sashimi no camarim, mas quero um puta som na hora do show."

Chega o jantar – salmão grelhado com legumes. Enquanto Ivete come, a conversa muda de sua rotina de trabalho para a sua carreira. Ao contrário de seus contemporâneos da axé music, Ivete deu um salto ao se inserir em definitivo como uma artista pop dentro do mercado fonográfico nacional. Chiclete com Banana, Asa de Águia, Ricardo Chaves, há muito nenhum deles lança CDs com músicas inéditas ou faz turnês, restritos que estão ao circuito dos carnavais fora de época e aos blocos do Carnaval de Salvador. Enquanto isso, Ivete se apresenta por todo o Brasil – em média 12 shows por mês com cachês que variam entre R$ 100 e R$ 150 mil, segundo uma fonte ligada à produção da Micareta em Belém –, já vendeu oito milhões e meio de discos, fez seis turnês internacionais, firmou parcerias com Samuel Rosa e Herbert Vianna, teve um DVD produzido pela MTV Brasil e lançou músicas que conseguem sobreviver aos sacolejos e modismos da folia baiana.

"NÃO DÁ para ser popstar o tempo todo. TENHO HORROR a essa história de ser diva, de atormentar a produção com exigências impossíveis"

EMBORA FAÇA QUESTÃO DE AFIRMAR QUE SE SENTE pouco à vontade com o rótulo de "rainha do pop". "Tudo bem que você me chame de 'pop'", rebate ela, séria, "é um direito seu. Mas acho que ainda continuo fazendo música baiana. Minhas raízes estão lá, nesse mesmo som que comecei fazendo no início dos anos 90. Se você disser que eu melhorei como cantora, que hoje em dia minha voz é melhor, que o meu show é melhor, aí eu sou obrigada a concordar. Só não vou é negar aquilo que eu sou. Na verdade acho que o que eu fiz foi expandir a minha música em outras direções. Mas na essência o que faço ainda é música baiana. Ouço muita coisa. E de tudo isso que ouço, algumas coisas incorporo ao meu trabalho, outras não. Curto Stevie Wonder, Raul Midon, Gil Scott-Heron, George Clinton, Billie Holiday, Los Hermanos, Skank. Tem ainda Maria Bethânia, a minha diva maior. E o James Brown. Rapaz... Toquei com ele em Bruxelas e foi inacreditável. Bati foto e tudo. Ele com aquela capa maravilhosa e eu lá, ajoelhada na frente dele. Na verdade eu ouço o que cai nas minhas mãos e me agrada. Fica tudo misturado no meu iPod."

"iPod? Então você baixa MP3 sem culpa?"

"Ô, meu irmão, culpa do quê? Estou esperando o momento em que vamos chegar a um denominador comum entre a velocidade com que a tecnologia se desenvolve e essa coisa obsoleta que é o mercado fonográfico.Claro que não se pode vender um disco meu, com os custos que ele tem, pelo mesmo preço do pirata da esquina. Em contrapartida, não se pode

esperar que, em um país subdesenvolvido como o nosso, as pessoas consigam comprar um disco pelo preço que ele é vendido nas lojas. Temos de chegar a um meio-termo. Não tínhamos pensado nisso antes porque a pirataria não nos incomodava tanto quanto incomoda hoje."

"E qual seria a saída?"

"Acho que se existe uma saída, ela passa pela internet. Até porque no futuro ninguém mais vai vender disco. Eu mesma compro minhas MP3 no iTunes. Vou lá, escolho o que quero, pago e depois vem a conta no cartão de crédito. Talvez seja o caso de investir também em singles. O mundo hoje é muito imediatista e as coisas são consumidas em uma velocidade muito grande. Por isso, essa nova forma de comercializar música, por meio dos singles ou da venda de MP3 pela internet, me parece ser a solução mais rápida e barata para resolver o problema. Tudo bem que de repente ela seja menos lucrativa que a forma anterior. Mas aceitá-la é garantir a sobrevivência da própria indústria musical."

A mesma firmeza com que defende seus pontos de vista ela aplica à sua carreira. Enquanto conversamos, Ivete demonstra ter o controle absoluto sobre todos os aspectos do seu trabalho. É ela quem escolhe pessoalmente os instrumentos e os amplificadores que usa nas turnês e decide como serão as fotos e arte do encarte dos CDs. A empresa que gerencia sua carreira é tocada pelo irmão, Jesus. E é também da família de Ivete o trio Maderada, usado pela cantora nas micaretas e no Carnaval de Salvador. Shows, gravações, programas de TV, nada é feito sem a sua aprovação. Durante as gravações, opina ainda sobre a timbragem dos instrumentos, a mixagem e o arranjo das músicas.

"O processo de composição é feito junto com os meninos da banda. Eu meto meu bedelho mesmo. Talvez eu nem saiba o que quero. Mas o que não quero eu sei. E nessa de não saber o que eu quero, pinta muita coisa diferente, muita coisa nova. Se achar que não tá legal, peço pra mudar o ritmo. Quando tá muito agressivo peço para pegar mais leve. Quando tá caído peço mais suingue. É aquele groove ali, que é uma coisa quase tribal com uma letra que nem diz muita coisa, que serve mesmo só para pontuar. Mas é uma levada tão boa, tão bem construída, que a gente acaba usando."

"Então é uma coisa meio instintiva, não tem aquela história de pôr a música na partitura..."

(interrompendo) "Mas quando! Meu negócio é sentimento, não o virtuosismo, porque tem cara que toca pra caralho e não tem o feeling. Tem de ter o feeling, a pegada. Tem vezes que ao vivo eu sequer canto, deixo a banda mandando ver. Me dá uma coisa, sabe? Eu piro com a batida, com a linha de baixo, com a levada da guitarra. É quase um mantra, para o cara entrar naquilo ali e ficar doido, sair de si. Eu posso dizer que, mesmo sem ser muito técnica, tenho um entendimento completo do que deve ser um show meu, das músicas pra dançar, das músicas pra ouvir, das músicas que não dizem nada, mas completam o show mesmo assim."

Claro que o improviso ela deixa para a música, enquanto nos negócios cada passo é planejado à exaustão. Talvez por isso ela se sinta tão segura ao falar sobre a gravação de seu próximo DVD, marcada para 16 de dezembro no Maracanã. A ideia surgiu de um convite do Multishow, canal por assinatura pertencente à Rede Globo. Em visita aos escritórios da Universal Music, a gravadora de Ivete, Marcelo Toller, o diretor de eventos especiais do canal, ouviu a cantora contar a outra pessoa que estava pensando em lançar um DVD. Toller, que não conhecia Ivete pessoalmente, se apresentou a ela e decidiu ali mesmo se associar ao projeto. Dessa parceria sairá um especial de televisão, um DVD e um disco ao vivo. Gravado em vídeo digital com 14 câmeras, em um padrão semelhante ao dos DVDs internacionais, o material será lançado em março de 2007. Primeiro em uma exibição no Multishow, depois nas lojas de todo o Brasil. Para Toller, Ivete foi uma escolha óbvia. Na sua avaliação, a artista certa para estar à frente de um projeto como esse. Tudo muito mega, do jeito que Ivete gosta. O que ela quer é fazer disso algo grandioso, que possa se igualar à passagem de qualquer evento internacional de grande porte pelo Brasil. Daí ter arriscado tanto, escolhendo um lugar onde um público de 30 mil pessoas pode ser considerado um fracasso. A estrutura do show é gigante e envolve uma equipe de 350 pessoas, palco de 19,8 metros de comprimento por 17,6 metros de profundidade e um telão LCD de 15 x 6 metros, o maior já usado no Brasil. O público esperado: 80 mil pessoas. O custo do evento: R$ 2 milhões.

"Por que ir ao Maracanã assistir somente a um artista de fora se aqui a gente tem gente tão popular quanto esses caras?", indaga. "Meu trabalho é como se fosse um filho meu. Se você tem um filho, quer que ele seja o melhor da turma, o mais talentoso, o mais inteligente. Comigo é a mesma coisa. Quero o melhor e quero me superar profissionalmente, provar que é possível manter no Brasil um trabalho de nível internacional. Mesmo que não encha tanto quanto a gente espera, acho que vou conseguir provar que isso é possível. É uma questão de autoestima mesmo, de ser brasileiro e querer ver as coisas mudarem. Não se trata de megalomania. Eu posso sair desse projeto e ir fazer um acústico pra 100 pessoas ou gravar dentro do meu quarto. O que quero mesmo é quebrar as barreiras, mover a coisa pra frente. Não quero perder o passo. Quero arriscar."

Ao mesmo tempo em que Ivete enfrenta uma infinidade

de reuniões sobre a gravação do DVD, voa para cima e para baixo de jatinho para cumprir sua agenda de shows e grava comerciais de televisão, se lança no que pode ser mais uma vertente de sua carreira: o cinema. No filme *Xuxa Gêmeas*, além da estrela principal ela contracenou com Murilo Rosa e outros atores profissionais. Sem muita experiência, contou com a ajuda de seus colegas no set e acabou tomando gosto pela coisa. Para o futuro ela conta que gostaria de estrelar um filme próprio. Mas nada de regionalismos nem estereótipos da mulher nordestina. O que Ivete quer é fazer um drama urbano e contemporâneo, até mesmo pop. Como sua música, que se universalizou cada vez mais com o passar dos anos.

TARDE DE DOMINGO. DENTRO DA VAN, CONVERSO com os músicos da banda de Ivete enquanto rumamos ao local onde será realizada a Micareta. Assim que a van chega, centenas de fãs se aglomeram ao seu redor, colando a cara nos vidros escuros do carro tentando adivinhar quem está lá dentro. O lugar onde o trio está estacionando é um descampado na saída de Belém onde normalmente acontecem os eventos musicais na cidade. Entre os foliões, a reclamação é o fato de a Micareta ter sido transferida das ruas para uma arena de shows. Como se fosse uma competição de kart, os trios agora dão voltas em uma pista armada no lugar. Cada volta demora cerca de duas horas. Quem pôde pagar, segue o cortejo com segurança dentro de um cordão de isolamento e acompanha a passagem dos trios nos camarotes particulares. Ou mesmo naqueles patrocinados por empresas de telefonia celular e cervejarias. Estes últimos – cheios de mordomias como champanhe e sushi, além da promessa da presença de celebridades – são os mais disputados. Já quem não tem muita grana, acompanha a Micareta na pipoca, a terra de ninguém onde não há qualquer tipo de regalia.

Dentro do trio, a equipe de 42 pessoas, entre músicos e técnicos, obedece a um sistema rígido de organização. Atrás fica um cercadinho vip destinado aos fãs, imprensa e aos donos do bloco e seus convidados. Na outra ponta, uma espécie de palco, onde só entram Ivete e os membros da sua produção. A banda fica no meio, junto com os três cantores de apoio. Na parte interna, uma despensa do tamanho de um banheiro de avião guarda as bebidas e comidas destinadas aos músicos, que são devoradas em questão de minutos assim que a banda pisa no trio. Nada muito complicado. Apenas uma torta de chocolate, tábua de frios, pão integral e alguns croquetes. No chão, dois coolers recheados de isotônicos, refrigerantes e água. Aparentemente, não há sinal de bebidas alcoólicas. Simples também é o camarim de Ivete, condicionado, banheiro particular e uma poltrona acolchoada. Os músicos chegam primeiro para a passagem de som. Ivete chega somente depois, direto para o show.

Enquanto o trio não anda, a disputa é para ver quem vai ficar na área vip. Junto com Lúcio, o road manager do grupo, Dito chama para cima os membros do fã-clube oficial de Belém, velhos conhecidos seus e de Ivete. Junto sobem algumas meninas, jornalistas e uma equipe de televisão. Uma vez lá em cima, ninguém pode descer para o espaço da despensa e do camarim e muito menos ultrapassar as fronteiras dos frisos de metal que cercam o lugar. O repórter da equipe de TV local consegue alguns minutos com Ivete e sua ida ao camarim é acompanhada de perto por Dito e um segurança. Na volta, se junta aos outros fãs à espera da saída do bloco. Assim que o show começa e o trio vai se movendo, novos fãs são chamados.

É aí que, junto com a música, rola algo que revela o tamanho do poder de sedução de Ivete Sangalo. Enquanto a banda manda ver no som, parte dos presentes se engaja em uma disputa pela atenção de Dito e Lúcio. Em cima, Ivete canta e faz o povo pular, misturando hits como "A Festa" e "Poeira" com "I Shot The Sheriff", de Bob Marley, e "Sossego", de Tim Maia; lá embaixo uma enorme quantidade de fãs está muito mais preocupada em se fazer notar para poder chegar à área vip. Entre eles, o público GLS – espalhafatosas drag queens, gays e lésbicas –, que em Belém elegeu Ivete como a sua musa e, de acordo com profissionais ligados ao evento, foi responsável por uma queda na procura de abadás para o seu bloco. Nos bastidores, a história que corre é que a presença de homossexuais acabou afastando os filhos bem-nascidos da preconceituosa elite local, os maiores consumidores das micaretas na capital paraense.

O cercadinho vip está cheio. Mesmo assim, sempre há espaço para mais gente. Isso, claro, depois da aprovação de Dito e Lúcio. De cima do trio, eles observam a multidão e escolhem quem pode subir, como em uma versão tropical da política de porta do célebre Studio 54. Um fã, com um display de Ivete em tamanho quase natural pendurado no pescoço, faz gestos, grita e implora por atenção. Dito vê a cena e o manda subir. O rapaz entra eufórico no trio e por pouco não começa a chorar. Outra fã estende uma bandeira com a logomarca do Planet Hollywood onde se lê "Planeta Ivete" no lugar do nome do restaurante e carimba o passaporte para a área vip junto com um rapaz caracterizado como um dos cantores do grupo RBD, inclusive com o cabelo moicano alaranjado e as pinturas faciais. No chão, um grupo de patricinhas, todas loiras e de salto alto, tenta se comunicar com um amigo em cima do trio. Com o polegar direito virado para baixo, ele retorna dando o sinal de que não pode fazer nada por elas.

Nesse meio tempo, Ivete dá o sangue. Em alguns momentos do show funciona como band leader, orientando com gestos as pausas e as mudanças de ritmos e tons. Uma mulher da plateia a chama de "gostosa". "Gostosa é você, minha querida", devolve a cantora. Ivete para e começa a falar do próprio corpo e pergunta ao povo se está bonita. A resposta vem por meio de palmas e gritos de "gostosa, gostosa". "Ah, quer saber?", diz, "só as gostosas têm celulite!" A multidão vem abaixo. Na arquibancada, um grupo de senhoras se empolga, mostra as pernas e improvisa danças supostamente sensuais quando a banda volta a tocar.

"TUDO BEM que você me chame de POP, é um direito seu. Mas acho que ainda continuo fazendo MÚSICA BAIANA. Minhas raízes estão lá"

Antes que o trio complete a primeira volta na arena, um outro ritual tem início: o das fotografias. Seguranças e produtores organizam uma fila. Cada pessoa tem direito a cumprimentar e bater uma foto com Ivete no espaço reservado à banda. Ivete atende um por um, bate foto e cumprimenta todos sem jamais parar de cantar.

Depois que a primeira rodada de fotos termina, é hora de descer do trio para dar lugar a uma nova leva de fãs. A ordem é botar para dentro somente quem estiver com cartazes e faixas com o nome de Ivete. No chão, uma menina começa a pular enquanto aponta para as próprias costas. De longe dá para ver um borrão. Borrão, não. Uma tatuagem. Ao que parece é a cara de Ivete com alguma coisa escrita em cima. Dito sinaliza para que os seguranças a levem para dentro do trio. Ela está tão nervosa e suas mãos tremem tanto que mal consegue ligar a câmera digital que carrega junto com um cartaz. Quando liga, entra em pânico ao ver que ela não funciona. Abre o compartimento onde ficam as pilhas e estas caem no chão e rolam para fora do trio. Fica mais nervosa e começa a chorar. Então se lembra de que tem outro par nos bolsos e põe pilhas novas na câmera. Ela funciona. Mesmo assim, a moça não consegue ter firmeza nas mãos para fazer a foto. Dito pega a câmera, bate a foto e faz o registro. Na volta, ela passa por mim e mal consegue conter as lágrimas. Não resisto e dou uma espiada na tatuagem. De fato existe ali algo que lembra um rosto, que, no entanto, sequer se parece com o de Ivete. Só dá para saber que se trata de uma homenagem à cantora porque em cima do desenho está escrito "Ivete Sangalo" em uma letra de fôrma irregular e "garranchuda".

AS DUAS VOLTAS PROGRAMADAS NA ARENA DURAM cerca de quatro horas e meia. Durante todo esse tempo, nenhum dos grandes hits de Ivete fica de fora e todos são tocados mais de uma vez, misturados ao funk "Um Tapinha Não Dói" e à canção infantil "Brincar de Índio", de Xuxa. O público não aparenta cansaço e pouco se importa em ouvir tudo de novo. O importante é manter a pulsação constante por meio da repetição dos refrãos e de células rítmicas muito bem definidas, que se alternam entre a melodia e o batuque tribal. Graduada em todas as manhas do show business, Ivete sabe a hora certa de pedir os gritos da plateia, de abrir o microfone para o público, de trocar a agitação do axé pela malemolência do reggae e de fazer as referências aos costumes locais, como a rivalidade entre os clubes Remo e Paysandu e a paixão da periferia de Belém pelo technobrega, a versão digital da música romântica popular dos anos 70 e 80. Quando o show se aproxima do final, Ivete, que no sábado reclamava da falta da pipoca gratuita no show de sexta em Belém, anuncia que vai dar mais uma volta na arena. O público delira, embora já tenha visto a mesma apresentação duas vezes na mesma noite. No entanto, ela impõe uma condiçao: que as cordas que cercam o bloco sejam baixadas e que os foliões da pipoca possam seguir atrás do trio elétrico.

A festa cresce em animação e intensidade quando quem está de fora invade a área destinada aos blocos. É gente que se sujeitou a ver o trio apenas de relance, sem conforto e espremido entre as cordas e a barreira de segurança. Quando as cordas caem de vez, Ivete parece realmente satisfeita e cumpre a sua promessa de fazer mais um show.

Mais uma hora e meia e ela finalmente se despede de Belém, contabilizando quase seis horas de apresentação. No camarim, ainda encontra forças para receber e tirar fotos com mais um grupo de fãs. Com os pés enfiados em uma bacia de água, bebe suco de caixinha e belisca alguns pedaços de peito de frango grelhado. A rotina é a mesma: entrar, dar um abraço, bater foto, pedir um autógrafo e sair.

Apesar da duração do show, Ivete está disposta e bem-humorada e revela que só vai embora depois de atender o último fã. Dali é direto para o aeroporto, onde põe o pé no jato de volta a Salvador para os ensaios da gravação do DVD. Uma garota entra no camarim. Ela não carrega papel, caneta ou mesmo máquina fotográfica.

"Oi, minha linda", saúda Ivete, "você quer bater foto? Autógrafo?"

"Não", responde ela, "quero uma lembrança."

"Ai, meu Deus e agora?", responde Ivete sem conter a risada, "o que eu vou te dar, pequena?"

Ivete olha para Dito pedindo socorro. Ele encolhe os ombros e levanta as palmas das mãos para cima. Olha para um lado, olha para outro e se atrapalha um pouco. Nem ele e nem Ivete sabem muito bem o que fazer. Até que vê um cacho de uvas em cima de uma cesta de frutas. "Toma, filha, uma lembrancinha pra você, tá?", diz Dito entregando as uvas à menina "Ai, brigada, tio", responde a garota, que abraça Ivete visivelmente feliz com o regalo e sai do camarim com um sorriso de orelha a orelha. Tem início o milagre da transubstanciação. E então um punhado de frutas se transforma no tesouro de valor inestimável que um dia Ivete Sangalo tocou. Impossível dizer se elas serão guardadas até virarem pó ou devoradas no caminho para casa. O que vai sobrar, com certeza, é a idolatria pela cantora. Cada vez mais, a única capaz de ocupar o posto de rainha do pop brasileiro. Se ela irá conseguir se manter no trono ou não, somente no dia 16 de dezembro deste ano saberemos. E teremos a confirmação no verão de 2007, época em que ela costuma reinar absoluta. Até lá, Ivete Sangalo joga duro e aposta alto. Quem tiver cacife que entre na disputa.

Edição nº 7 – *Abril de 2007*

Aclamada como a maior cantora em atividade no Brasil, ela abriu as portas de sua vida privada enquanto refletiu profundamente sobre seu papel de protagonista na música brasileira

SENHORA MONTE

INTOCÁVEL DIVA BLASÉ OU UMA CANTORA COM SEU MELHOR E SEU PIOR? PODEROSA DONA DE SUAS ESCOLHAS OU MULHER QUE VIVE SUAS CONTRADIÇÕES? PRODUTO QUASE ERUDITO OU ARTISTA POP-CONSUMÍVEL? SE A HISTÓRIA DE MARISA MONTE SE CONFUNDE COM A DA MPB, É JUSTAMENTE NA MÚSICA QUE ELA MAIS SE MOSTRA E SE ESCONDE

A CIDADE PLANEJADA FERVE EM UM CALOR ÁRIDO, SECO. AS RUAS ESTÃO vazias – as pessoas não costumam ser encontradas caminhando e os hotéis são mais baratos nos finais de semana. Da janela do meu quarto, vejo carros andando pelos eixos em direção às asas de Brasília. Extensas áreas verdes e quarteirões com arranha-céus obras de arte, disfarçados de prédios públicos, marcam uma arquitetura original que guarda as principais decisões do país. A chuva cai, ligeira, para aliviar esta noite que parece inabitada, fantasma.

Vou em direção ao Ginásio Nilson Nelson (local que já recebeu o fenômeno mexicano RBD), falta exatamente uma hora para o início de *Universo Particular*. As filas estão inquietas e os fãs escolhem inúmeras opções do cardápio da praça de alimentação ao ar livre montada próximo ao estacionamento – caldo verde, caldinho de feijão, hot dog na chapa, x-egg, salgados fritos e todos os tipos de bebidas alcoólicas baratas e batidas especiais feitas de bebidas alcoólicas baratas. Entro no recinto e procuro meu assento, numerado. Na plateia, uma faixa tremula com os dizeres "Marisa, quero sua palheta" e alerta para os novos tempos da carioca que se lançou como intérprete (*MM*, 1989), mostrou-se, aos poucos, como compositora (*Mais*, 1991, *Verde Anil Amarelo Cor de Rosa e Carvão*, 1994, *Barulhinho Bom*, 1996, *Memórias, Crônicas e Declarações de Amor*, 2000) e como produtora (*Omelete Man*, de Carlinhos Brown, 1998, *Tudo Azul*, da Velha Guarda da Portela, 2000, e *Argemiro Patrocínio*, 2002), consolidou sua parceria com Arnaldo Antunes e Carlinhos em um disco (*Tribalistas*, 2002) que todos buscavam explicações ou especulavam sobre a criação de um novo movimento para a música brasileira e resolveu, depois, tirar do forno álbuns simultâneos (*Infinito Particular* e *Universo ao Meu Redor*, 2006), o primeiro, pop, ampliando seu time de parceiros (Adriana Calcanhotto, Marcelo Yuka, Seu Jorge), e o segundo investigando mais a fundo o samba (do passado e do presente).

O público, aficionados das cadeiras de pista e empolgados das arquibancadas, consome pipocas com groselha, cerveja e doses de uísque com a mesma e democrática paixão pelo ícone que esperam ver. As conversas entre adolescentes, jovens adultos, pais (ou pessoas com cara de) e avós unem uma heterogenia bem-vinda, tropicalista, unânime em relação a uma artista que já foi considerada para poucos, para muitos e para muito poucos. "Aqui no Brasil, ela é a Madonna. Estou dizendo isso no nível da bolsa de valores de um show", dispara Leonardo Netto, empresário de Marisa. "Fomos atrás dos desejos da patroa, que estava certa. Há cerca de 20 anos, ela pede para cantar e tocar vendo sua banda, com todos juntos, como em um ambiente de ensaio", esclarece Cláudio Torres, da Conspiração Filmes, que divide a direção do espetáculo com a própria cantora e seu manager. Na hora marcada, palmas rompem o burburinho das conversas e

POR ADEMIR CORREA | FOTOS: GUI PAGANINI

gritos de "Começa" são entoados como o ponteiro de segundos de um relógio. O show deve atrasar 15 minutos porque a aglomeração na entrada está confusa. Olho para trás e vejo uma multidão furta-cor. "Em Brasília, todos são inocentes e todos são cúmplices", máxima deixada para a posteridade pelo escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues.

As luzes se apagam.

Os ânimos se ascendem.

Os acordes de "Infinito Particular" são reconhecidos. A iluminação oscila entre blecautes e focos iluminados que anunciam Marisa Monte no centro, tocando e cantando. Esse jogo de mostra-não-mostra permanece até o último verso. As luzes, enfim, iluminam a protagonista da noite. "Pensar um show dela faz parte da minha vida desde 1986. É como uma cachaça. Eu me orgulho de ser uma das pessoas que dizem 'não' para a mocinha, apesar de usar esse privilégio muito poucas vezes", confidencia Torres.

O palco adquire ares de sétima arte. "Esta é a turnê dela, conceitualmente, mais amarrada. O nome é perfeito. E a gente abre no escuro, no infinito", comenta Netto. "Acho que a música é mais importante. Não quero me colocar em primeiro plano. Mas, mesmo na penumbra, ainda sou eu. Não preciso ficar no foco do canhão – e dessa vez nem tenho um - na hora do solo da guitarra, entendeu? Gente, o cara solando e eu fazendo o que na luz?", indaga Marisa, esclarecendo o fato de ficar sentada, em um formato (que parece) acústico. As músicas viram cenas. "Todas as estruturas que vemos, gruas, trilhos, são as mesmas dos sets de filmagem", corta Torres. "Queríamos atmosferas, ambientes. Para mim, era uma sala de estar", imaginou Marisa. "Eu e o Cláudio fizemos vários desenhos da cenografia, da disposição de palco. E tudo o que mostrávamos, ela não gostava. Chegou uma hora em que falamos: 'Tá bom'. Pegamos um papel: 'Desenha aqui o que você quer'", ri Netto. "Alugamos o teatro da UERJ [*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*] durante um mês e ficamos internados lá. Depois, fizemos sessões para alguns amiguinhos e ouvimos as opiniões."

Ela segue cantando e tocando. Na ordem, "Universo ao Meu Redor", "Carnavália" e a percepção de que esse atípico momento-ginásio é muito mais do que o rendez-vous de uma crooner que une cuidado erudito e apelo popular. "Você está apresentando uma coisa de categoria e o povo mergulha naquilo", emociona-se Netto. "É lindo, eles são o verdadeiro espetáculo", esclarece Monte, lembrando a energia de sua animada plateia brasiliense. "Vilarejo", canção (de *Infinito Particular*) que adquire atmosfera de sonho de hoje, apresenta-se: Vem andar e voa / Vem andar e voa / Vem andar e voa.

No Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, espero, junto com Daniela de Lamare, produtora editorial da *Rolling Stone*, pela aterrissagem do vôo 3929, que, assim como o show, está atrasado em 15 minutos (o que soa quase como uma pontualidade). O painel eletrônico informa que a aeronave encontra-se no solo. Na área de desembarque, o motorista que nos guia finge que fala ao Nextel e encosta-se no PT Cruiser preto que acabamos de alugar. Ele está cercado de amarelinhos, os fiscais multadores da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego). As esteiras de bagagem giram enquanto buscamos indícios de nossa convidada entre os recém-chegados. Passam, apressados, a cantora Zélia Duncan, a atriz Marília Pêra, o casal de atores Bruna Lombardi e Carlos Alberto Riccelli e o músico Alceu Valença. Todos se encaminham para seus respectivos táxis. Fazemos sinais de espera e ansiedade para o motorista – que bate o dedo no relógio indicando que teremos problemas por estacionar em local proibido. Marisa e sua irmã, Livia, caminham em nossa direção. Ela está de calça jeans escura, sandálias de salto alto grosso e uma blusa branca acinturada. Acena de longe. Trocamos cumprimentos cordiais, entramos no carro e pegamos o trânsito de São Paulo rumo à rua Oscar Freire, no bairro dos Jardins. Marisa atende o telefone, diz que chegou bem e decide com Leonardo Netto, fiel escudeiro, quem irá receber, por ela, o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de "Melhor Artista de 2006". Desliga o celular e pergunta se gostei do show. Respondo que acho curiosíssimo o fato de estar diante de sua versão musicista (ela toca quase o tempo inteiro). "À medida que fui compondo, ficou muito natural. Tocar um instrumento é como uma linguagem, tem um sotaque, as palavras que você usa", esclarece. "Para ela, é muito rico quando a cantora, a compositora e a musicista viram uma coisa só", resume Netto. Nelson Motta (produtor do *MM*, o debut de 1989) dá sua versão: "Como é tímida, Marisa gosta da possibilidade de se esconder atrás de um instrumento, estar protegida por ele e, ao mesmo tempo, se sentir mais integrada aos rapazes da banda [*Dadi, baixo, violão e guitarra, Marcelo Costa, bateria e percussão, Mauro Diniz, cavaquinho e violão, Carlos Trilha, teclados e programações, Maico Lopes, trompete e flugel horn, Marcus Ribeiro, cello, Pedro Mibielli, violino, Pedro Baby, violão e guitarra, e Juliano Barbosa, fagote*]. Afinal, é dona do show".

"PRECISO MOSTRAR MINHA CASA PARA ME COMUNICAR COM MEU PÚBLICO? VAI MELHORAR O CONCEITO QUE AS PESSOAS TÊM DE MIM?"

Estacionamos no hotel Emiliano, onde uma suíte espera pela (a partir de agora, reconhecida pelos funcionários do estabelecimento como) Senhora Monte. Ela é abordada por uma turista italiana, troca algumas palavras e entramos no elevador que nos levará à suíte 1401, toda planejada em tons terrosos. Sentamos em um sofá de couro, olho no olho, e falo sobre ela ser porta-voz, ao vivo, em disco e clipe (com flagrantes devastadores do cotidiano que não queremos ver), de "Vilarejo", traçando um paralelo entre o mundo utópico possível x a calamidade pública real. "A única solução é misturar. Enquanto a gente estiver se estranhando – ficar judeu para cá, árabe para lá, pessoal do asfalto e da favela – não resolve. E o amor é uma porta para isso. É ter compaixão, se colocar no lugar do outro. Quando você

assiste a *Promessas de Um Novo Mundo* [*documentário, dirigido por Justine Arlin, Carlos Bolado e B.Z. Goldberg, que mostra crianças palestinas e israelenses, praticamente isoladas em Jerusalém, falando sobre o medo de viver entre os conflitos no Oriente Médio*], pensa: 'Caralho, aquela realidade foi construída em cima de muito preconceito, muita desinformação'. A gente [*classe artística*] planta idéias de melhorias. Ou as pessoas mudam sua atitude ou não vai rolar. Precisa ser feito um raciocínio sobre o jeito como o ser humano escolheu viver neste planeta e que não se sustenta mais", prevê. Sua personalidade, seu carisma e sua figura são tão marcantes que começo a acreditar que ela arrastaria multidões em defesa do que quer que acreditasse. Neste show, também volta a defender "Segue o Seco" (de *Cor de Rosa e Carvão*). "Ainda é atual, cada vez mais, com o aquecimento global. Em 1991, o Brown me deu 'Segue o Seco' e praticamente me intimou a gravá-la porque achava que era fundamental que falasse sobre esse assunto cultural brasileiro, já tratado em verso e prosa na literatura, no cinema, no teatro. É triste também ver que ela faz muito sentido hoje."

Enquanto ela reflete sobre problemas mundiais e sustenta sua tese de que qualquer mudança deve começar do individual para o coletivo, me pego observando Marisa, que usa o gesto como uma linguagem. Seus movimentos de braço são quase dança para as palavras e sustentam uma argumentação – já ouvi até essas partituras corporais sendo chamadas de "marisismos". Inteligente, estudou canto na Itália, vê entrevistas como (parte do) processo que a leva ao palco e responde (essa é a impressão que se tem) como se estivesse em um eterno brainstorm de si mesma – a mulher forte e decidida caminha, com desenvoltura, pelo difícil mundo da subjetividade, uma zona vulnerável, frágil e imprevisível. Precisa analisar a carreira olhando de dentro, ao mesmo tempo em que sabe que tudo o que expressa tem o peso de quase duas décadas dedicadas à arte. Canceriana de 1º de julho de 1967, pensa o tempo inteiro – parece se envolver com afinco em questões criativas e não está interessada em matemáticas e fórmulas de mercado ou lucro fácil – e reforça seus pontos de vista no campo dos sentimentos.

Quando fala, procura a cumplicidade, mira os olhos, não consegue ficar exatamente parada ou blasé. Não se deixa invadir, mas expõe-se artisticamente. Imagino as manobras de preservação de vida pessoal que deve ter empreendido nestes 18 anos de estrada. "Ser famoso é uma coisa gravíssima e as pessoas lidam com leviandade. É um narcisismo muito louco", afirma. "Preciso mostrar minha casa para me comunicar com meu público? Ela vai emocionar alguém? Vai melhorar o conceito que as pessoas têm de mim?", dispara, indignada, como se estivesse imaginando o momento exato e a sensação que sentiria quando uma equipe de bisbilhoteiros batesse a sua porta. "Gosto mais de cantar do que de trabalhar com minha imagem, senão estava fazendo playback na televisão e tirando muitas fotos", admite. Para seu empresário, a questão é maior: "Ela não está aí para ser uma celebrity, ficar rica".

A O MESMO TEMPO EM QUE DEFENDE A LIBERdade de reclusão, estamos falando de uma cantora que mostra suas criações em DVD, no qual abre um momento delicado de sensibilidade em uma espécie de Big Brother Brasil dirigido por ela mesma (e por seus colaboradores). "Temos tentado mostrar essas brechas – você consegue chegar um pouco mais na intimidade dela", esclarece Netto. Marisa é categórica: "A intenção é o 'fazer música', o encontro com o parceiro. Tem um lado de como o artista se coloca, é visto, se insere e é inserido dentro da mídia que é desconectado do trabalho – parece que ninguém faz nada, só vai de uma festa para outra. Peraí, não acordo, tomo um champanhe na banheira e vou cantar. Trabalho pra caramba, inclusive quem quiser seguir essa carreira, vai logo se ligando, é muita ralação, entendeu?" Dica anotada, questiono se hoje ela ainda se dá, ou tem, o direito de ir e vir. A réplica vem de bate-pronto: "Não abro mão de andar sozinha – porque artista não anda sozinho, né? – Gosto de ter autonomia. Mas existem algumas situações que me intimidam. Estou na estreia de um show e os fotógrafos ficam tirando fotos sem parar, os flashes incomodando as mesas ao lado. Fico constrangida, acho uma desproporção. Onde vai sair isso tudo? E não posso pedir para eles maneirarem, senão publicam a notícia de que mandei parar. Por ser muito discreta, isso soa quase como uma provocação". De alguma forma, ela também já esteve atrás das lentes, no disco Memórias, Crônicas, quando se mostrou em cliques e descobriu as peripécias de uma câmera digital. Mas existe uma forma de parar com isso tudo? "Às vezes falo para os caras: 'Vem cá, 1 da manhã, quarta-feira, vamos tomar um chope, relaxa, você está trabalhando demais'", descontrai, "mas o fato de ser famosa não me incomoda. A exploração

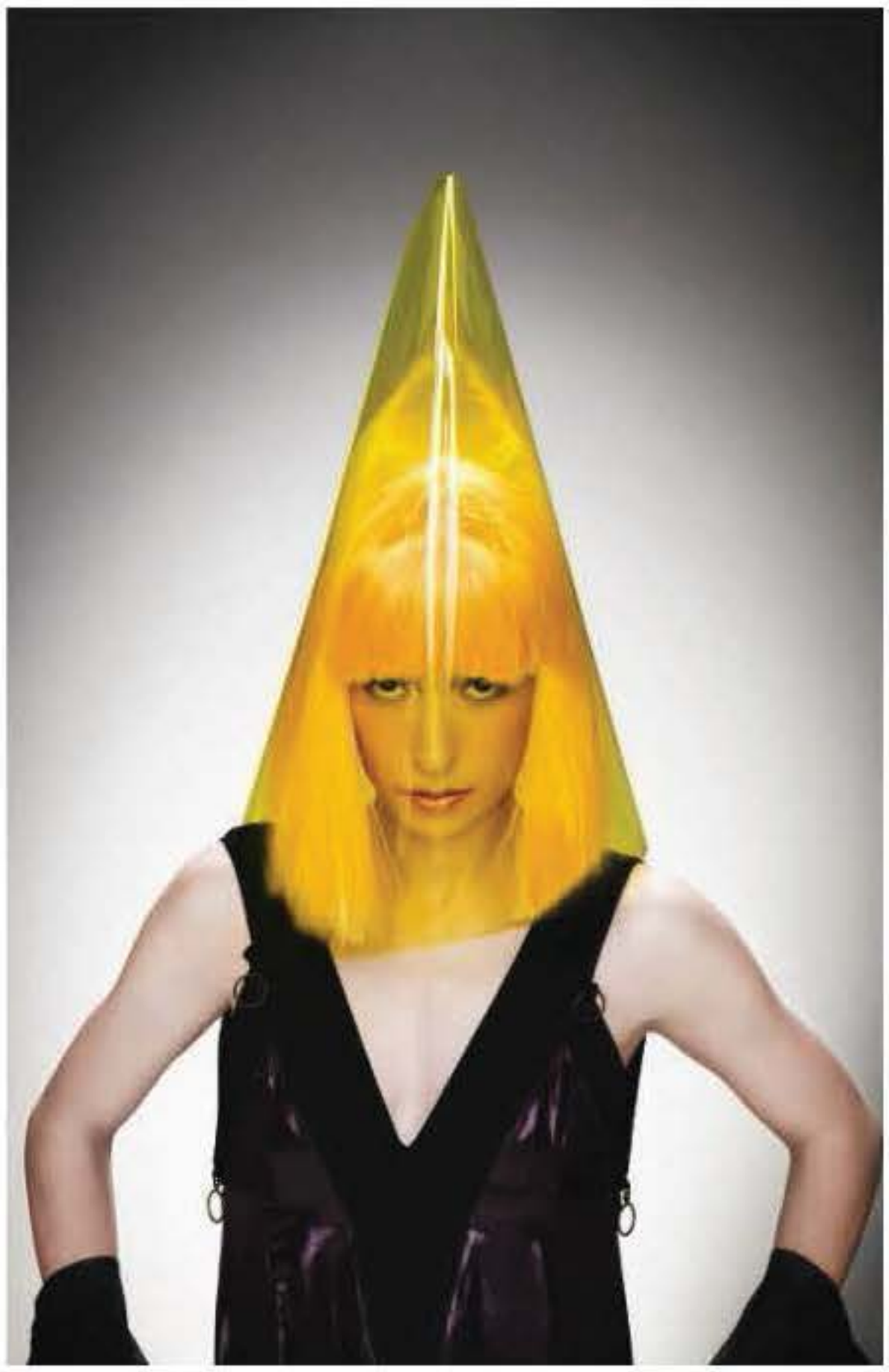
oportunista da minha imagem de uma forma deselegante, mal-educada e grosseira é que é muito chata". Imagino o quanto uma reportagem descritiva, cheia de rubricas com ações físicas e estados emocionais oscilantes possa mexer com tamanha introspecção. Sigo, e penso em abordagens de rua, seguranças, veículos blindados e a parafernália que pode cercar uma pessoa pública e mantê-la dentro de um mundo-bolha. "Imagina, no Rio, vou a todos os lugares que quero, passeio no centro. Nem sou tão reconhecida assim", dá de ombros.

UNIVERSO PARTICULAR (ESTREOU NO DIA 27 DE abril de 2006, no Teatro Guaíra, em Curitiba, Paraná) é um espetáculo em que Marisa apresenta, pela primeira vez, repertório de seus dois últimos álbuns e de Tribalistas – um êxtase pop que alcançou a glória também pelo caráter confidencial envolvido em seu lançamento (estima-se que tenha chegado a uma vendagem de mais de 1 milhão de unidades). "Isso foi esperto. O público está cheio de discos superproduzidos e ávido por proximidade. A estratégia foi o não-marketing, sem coletiva, sem show, sem televisão, confiando no boca a boca, ouvido a ouvido. Desmentiu muita besteira que se diz sobre discos caros, supermarketeados e que não dão certo", avalia Nelson Motta, concordando em ver esse álbum como um marco na carreira solo do trio: "Nele estão algumas músicas à altura de seus clássicos individuais. E, sem dúvida, juntos, eles conseguem somar o melhor de suas qualidades e diferenças. Parece pacote de marketing: uma cantora carioca bonitíssima, um intelectual paulista talentosíssimo e um fabuloso músico negro baiano. Sonho de um publicitário [*heheheh*]." Netto vê o lado subjetivo – "A coisa mais feliz é quando uma liga de composição dá certo, é um milagre" – e acha importante ter levado a proposta até o fim. "Todos queriam vê-los no palco, mas não dava. O projeto foi criado assim, os três iam entrar no estúdio, gravar, fazer uma entrevista com o Nelson [*Motta*] e o disco seguiria sua carreira. Ela queria testar se isso funcionava. Mas as tentações foram horríveis, eram cantos de sereia enlouquecedores, pedidos do mundo inteiro, valores milionários que ofereciam... Mas a gente sabia que tinha que se manter fiel àquele princípio. A longo prazo seria mal, perderia a credibilidade." Para Marisa, a consolidação desse triunvirato da criação veio acompanhada de despretensão e despudor: "Foi um exercício total de perda de cerimônia com os instrumentos. E saí do primeiro plano. Dividia todas as questões, tocava todos os instrumentos, as músicas eram inéditas. Isso, com certeza, me deu vontade de pensar minha carreira de outra maneira. E tinha o show. Como ia apresentar as músicas do Tribalistas, em que gravei todos os violões, e não tocar ao vivo?"

Até agora foram cerca de 80 *Universos Particulares* e ela prepara-se para mais uma fase da tour – já passou por várias cidades do Brasil, dos Estados Unidos, por alguns países da Europa e tem datas confirmadas na Austrália (Sydney, 21 e 22/05), no Japão (Nagóia, 26/05, e Tóquio, 29 e 30/05), na Coréia do Sul (Seul, 01/06) e na China (Macau, 05/06). Por mais conhecida e aclamada internacionalmente que possa ser, a percepção estrangeira também ganha um quê de conquista – "Não sei o que a gente vai encontrar em Seul. Não é um lugar que deve ter tantos brasileiros nem um circuito de música brasileira. Quando me deparo com um público nunca antes navegado, é como uma página em branco. Caramba, os caras não conhecem a 'Maria de Verdade' (de *Cor de Rosa e Carvão*). Posso cantar 'Beija Eu' (do *Mais*) que não reconhecem. Ainda encontro pessoas que estão me vendo pela primeira vez, não sabem nada, não acham nada, não têm preconceito. Dá aquele prazer maravilhoso de ser novidade, porque já não tenho isso aqui no Brasil", maravilha-se. E para criar essa percepção toda: "Estamos cientes de que, mesmo ela ganhando cachês relativamente médios – como os do Caetano Veloso – na Europa e nos Estados Unidos, eles ainda são menores do que os cachês nacionais", contabiliza Netto. "Tenho 35 pessoas viajando e 10 toneladas de cenário. Podia pôr Marisa em um palco vazio que ia lotar. Mas não é o caso e isso você só faz se o artista tiver o impulso de querer gastar dinheiro para fazer um belo show. O lucro é menor, claro, e não dá nem para calcular um preço pelo investimento. Você pensa de acordo com o mercado, até onde ele suporta. Todo mundo sabe que um show da Marisa Monte em um teatro é caro, como um do Chico Buarque também é." E ele ainda lamenta uma realidade do movimento estudantil da falsificação: "Hoje em dia, a gente vive uma situação muito chata com a meia-entrada, que virou uma praga. Qualquer pessoa tem uma carteirinha, as rádios distribuem. Estamos penalizando os que não são estudantes para ganhar um equilíbrio, e isso é generalizado. Temos agora uma associação de todos os empresários artísticos, a Abeart, e estamos tentando mudar essa situação. Não acabar, mas moralizar".

"NÃO SOU NADA EM TERMOS ABSOLUTOS. SOU PARA CADA UM, O QUE ME DÁ UMA DESPREOCUPAÇÃO EM RELAÇÃO A AGRADAR A TODOS"

Depois de mais de duas horas de entrevista, Marisa de Azevedo Monte continua atenta, faz pausa para conversar com sua irmã, que pergunta se a cantora quer ver o cardápio vegetariano sobre a mesa. Ela volta para o sofá e dispara: "Não sou nada em termos absolutos. Sou para cada um, o que me dá uma despreocupação em relação a agradar a todos, a 'opinião dos outros'. Se conseguir me mostrar inteira, não me violentar, está valendo", suspira. "O objetivo da minha vida não é ser uma grande estrela. Quero ser feliz", ela repete a sentença em mais uma entrevista e o enunciado vira praticamente um mantra. "Tenho certeza de que, daqui a 20 anos, a importância de Marisa vai saltar aos olhos. Ainda não é uma coisa cantada aos versos, mas será", Netto faz previsões, "as pessoas demoram muito. Na década de 1980, Cazuza e Renato Russo foram criadores únicos que tiveram reconhecimento prematuro por circunstâncias de vida. Como a Cássia [*Eller*], que, para mim, era uma das maiores do Brasil, junto com Marisa, Adriana – formavam uma trindade das jovens maiorais. Hoje, as pessoas já se



deram conta da falta que a Cássia faz". Com um pensamento, e uma visão artística livre, semelhante à de Maria Bethânia, a Senhora Monte segue seu rumo. "Marisa só faz o que quer, quando quer e com quem quer. É dona de sua gravadora e de todos os masters de seus discos, de sua editora, tem controle absoluto da carreira", conta Motta. Cláudio Torres assina embaixo a estima que nutre pela amiga de longa data: "Ela tem uma função na história da música brasileira. Uma artista muito culta em termos musicais, com gosto pela pesquisa, uma ponte entre o passado e o futuro. É a prova viva de que, com talento e muito trabalho, é possível determinar sua própria trajetória".

OS ADORADORES A SEGUEM. PROCURAM, E PUblicam, notícias sobre seu paradeiro – o site de vídeos YouTube já tem trechos de suas performances atuais, segundos depois de ela sair de cena, além de recordações de outras turnês e clipes – e acompanham hits que foram parar em telenovelas da Rede Globo – como as mais recentes incursões de "Infinito Particular", em *Pé na Jaca*, "Pra Ser Sincero", em *Cobras & Lagartos*, e "Para Mais Ninguém", em *Páginas da Vida*. "A novela torna a música mais acessível, dá visibilidade. Não tenho preconceito, fico feliz com a escolha, mesmo não sendo uma grande telespectadora. O público que assiste talvez nem ouvisse meu disco, então convido-o para fazer outras coisas", esclarece. Marisa Monte alcançou o importante status: todos querem ouvir a opinião dela sobre qualquer coisa. Mas isso não afasta o controle, e o rigor, que dedica às suas escolhas profissionais e verdades. Desafio Marisa a pensar: "Qualquer coisa que você fizer vende ou, no mínimo, desperta a curiosidade alheia?". Contrária a esse tipo de argumento, ela levanta com um olhar que condena meu atrevimento: "Não concordo mesmo. Posso fazer qualquer coisa? Posso fazer tudo, então? Não é assim. Não acredito que cheguei nesse estágio... Isso não existe, nem para mim nem para ninguém... Pode ser até que desperte o interesse, mas isso tem seu lado ruim se a coisa for ruim. Só aumenta meu critério, minha dedicação. Porque todo mundo vai ver. Um erro meu adquire grandes proporções".

SÃO 17H E A POSSIBILIDADE DE ALMOÇO É IMINENte, estávamos sobrevivendo de papo e água. Pegamos um elevador dispostos a saciar a fome, Livia e Daniela juntam-se a nós – durante a entrevista, elas alternavam conversas entre descidas para fumar. Sentamos em uma mesa que nos coloca a uma distância gigante (semelhante à real?). Peço um sanduíche difícil de cortar com garfo e faca; ela acaba escolhendo uma sopa de mandioquinha e uma salada de salmão, enquanto conta que assistiu ao show dos Rolling Stones em Nova York, no Beacon Theatre, o mesmo lugar onde depois se apresentou. Discutimos a forte presença dos musicais nos teatros paulistanos, ela comenta as diferenças entre os estados brasileiros e ressalta o alto nível de leitura que se atribui aos gaúchos. Explico que alguns atores testam seus novos projetos em Porto Alegre à espera de uma resposta de um público que se comporta também como crítica. Ela encontra espaço para conversar sobre a realidade das revistas, as casas de espetáculo com show de mesa e chegamos ao fato de a Senhora Monte ser mãe (Mano Wladimir, seu filho com o músico Pedro Bernardes, nasceu em 2002, junto com Tribalistas, e a acompanha em algumas viagens). Sem doces, apenas cafés, ela resolve tomar um banho, sobe, enquanto fico conversando com a gerente do cinco estrelas em que Monte sempre se hospeda quando vem a São Paulo. Algum tempo depois, desce com uma sacola que carrega um vestido, encontramos seu manager no lobby e nos dirigimos à porta de saída. A cantora percebe seu entorno: "O que estamos esperando?", pergunta. Aponto para a direita e digo: "O carro", que vem nos pegar para uma reunião.

Na capital federal, Marisa Monte volta ao palco, pós-bis, e dá seu último recado:

Bem que se quis /

Ela brincou, dividiu o local em coros distintos e fez com que todos acendessem os celulares para um baile de vagalumes tecnológicos.

Depois de tudo ainda ser feliz /

Pediu: "Que Deus ilumine a mente de todos lá no Congresso".

Mas já não há caminhos pra voltar /

As luzes se apagam e uma lanterna clareia a saída da Senhora Monte.

"O que é que a vida fez da nossa vida? /

Emocionados continuam o hino:

O que é que a gente não faz por amor? /

"A Marisa vai ser importante porque ela aprende tudo muito rápido', Netto repete a frase dita por Caetano na época do *Mais*.

Mas tanto faz...

Edição nº 10 – *Julho de 2007*

Prestes a virar longa-metragem, Os Simpsons ganharam uma homenagem na *RS Brasil* com uma capa exclusiva, criada pela equipe de arte da revista e redesenhada pelos artistas oficiais do desenho animado.

A Grande Família

Por Pablo Miyazawa

O que pensam os membros da família mais famosa da televisão mundial - segundo os seus próprios criadores

"126 dias, 4 horas, 58 minutos"

IMPLACÁVEL, A CONTAGEM REGRESSIVA DO PAINEL DIGITAL DEPENDURADO paira pesadamente sobre o que pode ser descrito como um "caos organizado". A disposição das mesas, cadeiras, computadores e papéis, a decoração, o cheiro, a temperatura glacial do ar-condicionado remetem a um tedioso escritório de contabilidade ou a uma frenética agência de criação. Nem uma coisa nem outra, aquele trailer adaptado abriga cerca de 25 artistas profissionais, homens e mulheres concentrados em uma luta coletiva contra a inevitabilidade do tempo.

Aquela é apenas uma entre as dezenas de equipes responsáveis pela produção de *Os Simpsons – O Filme*, primeiro longa-metragem baseado no seriado de animação mais popular da história da televisão mundial. Naquela derradeira semana de março, meros 126 dias separavam aqueles trechos inacabados de desenho da estreia nos cinemas norte-americanos. O tempo não para, e a incessante contagem regressiva pendurada na parede não permite a ninguém ignorar o fato.

O estúdio de criação de *Os Simpsons* é um organismo virtualmente vivo. Desenhistas rabiscam personagens com notável facilidade nas telas LCD de seus caríssimos tablets Wacom Cintiq. No lado oposto do quarto, artistas dão cor digitalmente às cenas recém-desenhadas. A equipe de áudio experimenta ruídos e aplica vozes sobre as sequências animadas. Outros analisam storyboards sobre mesas sem espaço vago, tomadas por pilhas de papéis, materiais de escritório e embalagens de fast food. Por volta de 300 profissionais trabalham simultaneamente na produção do filme – exatamente a mesma equipe que produz cada um dos 24 episódios do seriado exibidos anualmente.

As palavras enfáticas pronunciadas minutos antes pelo produtor executivo James L. Brooks, uma espécie de capataz da franquia *Simpsons*, aqui parecem fazer todo sentido: "Qualquer pessoa que aparecer no estúdio um dia desses e nos vir trabalhando irá pensar que aquele é o primeiro ano do programa, tamanha a intensidade, o cuidado e o empenho com que realizamos as coisas".

NOTÍCIAS SOBRE UM POSSÍVEL LONGA-METRAGEM de *Os Simpsons* percorrem a imprensa desde 1996, mas a Fox, empresa detentora dos direitos da série, só passou a tratar o tema oficialmente a partir de 2005. Boatos afloraram pela internet e davam como certo que: a animação só seria realizada após o encerramento da série na TV; ou que seria realizada em três

dimensões; ou que os personagens seriam interpretados por atores de carne e osso. No caso de um filme com bilheteria garantida, baseado em uma franquia de US$ 1 bilhão, manter segredo absoluto confirmou ser a alma do negócio. Um termo de sigilo assinado no saguão do hotel, antes do percurso a pé até os estúdios de produção de *Os Simpsons*, em Century City (Los Angeles), indicava que algo quente estaria para ser desvendado.

Dentro do complexo, os jornalistas eram direcionados em fila indiana até uma mesa repleta de xícaras de café e rosquinhas cobertas por creme cor-de-rosa e confeitos coloridos – não por coincidência, as favoritas de Homer Simpson. Uma réplica em fibra de vidro da mais emblemática pose gerada pela série – a família amarela esparramada no sofá – convidava os visitantes para um instantâneo histórico. A porta negra logo ao lado dava acesso a uma pequena sala de cinema com capacidade para não mais do que 100 pessoas. David Silverman, o diretor do longa, avisava que os dez minutos que veríamos não estavam finalizados, e para não ser levada em conta a qualidade técnica, e sim o conteúdo apresentado. E reiterou o pedido de silêncio em relação a tudo o que seria exibido, principalmente ao que ele chamou de "grande segredo".

Frames ainda desenhados a lápis se misturavam a trechos já finalizados, ao lado de pedaços incompletos e sem sincronia de voz. Nas cenas coloridas, a melhoria na qualidade da animação ficava evidente. A ideia de que o filme será um mero episódio de luxo cai rapidamente por terra assim que uma frenética sequência de ação envolvendo Bart Simpson se inicia. Quando começa a ficar realmente empolgante, a exibição termina. E aquele esperado "segredo" não se mostrou assim tão grande. A cena em questão mostra Homer e Bart realizando uma aposta: o pai duvida que o filho tenha coragem de andar de skate completamente pelado por um longo trecho na área central de Springfield. Bart vence o desafio, e o espectador é premiado com o primeiro nu frontal da história da família Simpson.

"Se tentássemos retratar o Brasil de forma precisa, não iria funcionar. O jeito foi ser o mais ridículo e forçado possível"

A LONGA ESCADARIA RUMO A UM ANDAR INFERIOR conduz a um labirinto de corredores mal iluminados, com aparência descuidada e de teto baixo. Algumas esquinas adiante, surge o que parece ser a mais secreta sala de conferências do complexo dos estúdios Fox. Diante da pequena plateia com poltronas enfileiradas, cinco banquinhos de madeira aguardam para serem ocupados. O núcleo duro por trás de *Os Simpsons* finalmente toma seus lugares, com dez minutos de atraso. David Silverman, o diretor do filme; os produtores executivos Al Jean e James L. Brooks; o roteirista Mike Scully; e Matt Groening, criador, produtor executivo e espécie de mentor espiritual. Todos aparentam ter por volta de 45 anos, para mais ou para menos. Brooks, o mais velho, tem 67. Aqueles cinco tios tanto poderiam passar por criadores da animação mais incrível da televisão mundial quanto por vendedores de eletrodomésticos, corretores de seguros ou qualquer outro emprego menos interessante.

Fica evidente rapidamente o porquê de a grande maioria das entrevistas relacionadas aos *Simpsons* serem concedidas coletivamente. Juntos e falando quase ao mesmo tempo, aquele grupo magicamente se comporta como uma família. A brincadeira velada, parece, é replicar rapidamente uma resposta sobre a frase do outro. A amarração com que as sentenças são emendadas soa exaustivamente ensaiada. O tom das respostas, porém, passa a sensação de uma empolgação genuína e pueril, como se aquele projeto representasse a maior realização já atingida nas carreiras dos cinco marmanjos.

Pergunta: "Por que fazer um longa-metragem só agora?"

Jean: "Começamos a pensar em fazer o filme em 2001, mas levamos uns dois anos para escrever o roteiro, iniciar a animação... Acho que se tentássemos fazer este filme há uns 10, 15 anos, não conseguiríamos de jeito nenhum, porque ele depende totalmente da tecnologia digital para funcionar".

Groening: "Se fôssemos fazer este desenho em 2001, não teríamos nem equipe suficiente para fazer o desenho e o filme ao mesmo tempo".

Pergunta: "Qual a diferença de se fazer o filme e o seriado?"

Brooks: "É uma experiência que não tem comparação. Visualmente falando, conseguimos alcançar coisas que jamais foram possíveis antes."

Silverman: "Sempre que estamos trabalhando no filme, me leva um pouco de tempo conseguir mexer na série novamente, porque a animação é tão superior, tão mais avançada".

Brooks: "Nós temos tipos diferentes de fãs. Tem aqueles que começaram a nos acompanhar há 15 anos. E tem gente que acabou de começar a assistir".

Groening: "De vez em quando, exibíamos uns episódios para plateias e era gratificante escutar uma sala cheia de gente rindo ao mesmo tempo. Para mim, fazer um filme é um modo de repetir essa experiência".

Formalidade e bom-mocismo duram até surgirem as oportunidades certas – ou as perguntas mais estúpidas. E como em um passe de mágica, os Simpsons em carne e osso se materializam diante de nossos olhos.

Pergunta: "Qual é a posição política da equipe?"

Jean: "Bem, duas pessoas entre nós são adoradores de cobras".

Brooks: "Acho que ninguém aqui perderia a chance de liderar um culto..."

Jean: "Se bem que eu li em algum lugar que existe um culto na Inglaterra no qual as pessoas se vestem como o Ned Flanders..."

Ou então:

Pergunta: "É verdade que vocês consideraram fazer o filme de *Os Simpsons* com atores de verdade?"

Jean: "Quando começamos a produzir o filme, as pessoas me perguntavam se seria em computação gráfica, e diziam que esperavam que fosse igual ao original, não diferente".

DA TELINHA PARA A TELONA
Cenas de *Os Simpsons – O Filme*, que foi desenvolvido pela mesma equipe de criação da série de TV. "Jamais consideraríamos fazer o filme com atores de verdade!", garante o produtor James L. Brooks

Brooks: "Mas nós jamais consideraríamos fazer o filme com atores de verdade!"

Groening: "Marionetes? Sim."

Brooks: "Leonardo DiCaprio é o próprio Homer!"

E caem na gargalhada.

A ESTREIA DE *SIMPSONS – O FILME* ESTÁ MARCADA para 27 de julho nos Estados Unidos e na maioria dos países da Europa e Ásia; ao Brasil, chega somente três semanas depois, 17 de agosto. Um atraso que se torna significativo se analisada a quixotesca relação recente do país com a animação. Dois fatos são dignos de nota.

Em 2005, o jornalista William Bonner se utilizou da figura de Homer para descrever a um grupo de professores universitários o perfil do telespectador médio do *Jornal Nacional*. A repercussão negativa da comparação obrigou Bonner a divulgar uma nota, na qual dizia que sua visão do personagem não era preconceituosa – pelo contrário. "Refiro-me a pais de família, trabalhadores, protetores, conservadores, sem curso superior, que assistem à TV depois da jornada de trabalho. No fim do dia, cansados, querem se informar sobre os fatos mais relevantes do dia de maneira clara e objetiva. Esse é o Homer de que falo."

Antes mesmo de ser transmitido no país, o episódio da visita dos Simpsons ao Brasil ("Blame It on Lisa", ou "O Feitiço de Lisa", exibido nos Estados Unidos em 31 de março de 2002), resultou em um quase-incidente diplomático. Ambientado integralmente no Rio de Janeiro, o capítulo retrata a metrópole como um local onde macacos, serpentes e ratos infestam as ruas, os taxistas são sequestradores, as apresentadoras de TV são strippers, e conga, macarena e "penetrada" são danças típicas praticadas pelos locais. Entre as repercussões negativas, reclamações públicas da Riotur ("Se a Fox está tão preocupada com a pobreza de nossas crianças, deveria doar os lucros relacionados ao episódio para os programas sociais do Rio de Janeiro", declarou José Eduardo Guinle, Secretário de Turismo da cidade na época), mensagens de repúdio do então presidente Fernando Henrique Cardoso e ameaças de processo do governo carioca contra a Fox. A imprensa estrangeira repercutiu o fato, o que forçou a emissora a preparar um pedido público de desculpas – com direito a alfinetada – assinado pelo produtor James L. Brooks: "Pedimos desculpas à amável cidade do Rio de Janeiro. Se isso não resolver a questão, Homer se oferece para lutar com o presidente do Brasil no [*programa humorístico*] 'Celebrity Boxing'".

A rusga pareceu superada, e os processos, engavetados. No entanto, os Simpsons jamais retornaram ao Brasil, e mínimas referências ao país têm sido feitas na série desde então. Aparentemente, Matt Groening não conseguiu superar o trauma de ter mexido com o orgulho de um país – ou pelo menos é assim que ele pensava ter acontecido. Ao final da entrevista coletiva, quando me apresento como jornalista brasileiro, ele parece visivelmente vexado. Sorri, abaixa a cabeça e continua a rabiscar um Bart Simpson em uma folha em branco com uma caneta hidrocor vermelha. "Brasil... Ah, fizemos coisas horríveis com o Brasil", lamenta, franzindo a testa, dando o retoque final ao desenho.

Antes que o constrangimento explodisse nossas cabeças, procuro mudar de assunto, mas ele mesmo se presta a quebrar o gelo. "Sabe que um dos meus artistas favoritos é brasileiro?", ele me encara, sorrindo, esperando que eu acerte em cheio. Jobim? Caetano? Chico? Gil? Vinícius? Os chutes passaram longe. "Conhece o Ed Lincoln, o pianista? Ele é incrível! Adoro aquele disco dele, *A Volta*, sabe qual é? É fantástico!"

Assunto para uma próxima conversa, definitivamente, não iria faltar.

A ASSESSORA DE IMPRENSA INTERNACIONAL DA Fox parece não compreender a razão da minha necessidade de entrevistar Matt Groening mais uma vez. "Mas você já não falou com ele? Você sabe que ele não é a única pessoa importante em *Os Simpsons*, né? Tem o James L. Brooks, o Al Jean..." Explico que gostaria de reforçar o papo com o criador do desenho animado, mesmo ele tendo hoje um papel mais simbólico do que realmente atuante. Questionado sobre quais seriam os assuntos da entrevista, sou o mais genérico possível: rotina, gostos pessoais, os filhos, a paixão dele por música

brasileira. Ficou acertado que ele mesmo me ligaria em uma semana. Certo.

Nascido em Portland (Oregon), Groening, 53 anos, se esforça para equilibrar a função de "criador dos Simpsons" com as de "profissional metódico" e "pai dedicado". Acorda por volta das 6 da manhã, prepara o café da manhã dos filhos adolescentes de 15 e 18 anos (Abe e Homer, frutos do casamento com Deborah Caplan) e pessoalmente leva cada um para uma escola diferente. Discreto e avesso a colunas sociais, dificilmente é reconhecido na rua – "Só uma ou duas vezes por dia. Isso não me irrita. Se eu fosse a cara do Bart Simpson, aí sim, seria terrível". Publica a tira em quadrinhos *Life Is Hell* desde 1980, a qual desenha sem a ajuda de ninguém e finaliza às 17h30 de todas as sextas-feiras, religiosamente.

Quando tem (raro) tempo livre, fica em casa ou sai para assistir música ao vivo. Há 20 anos, bate ponto no mundialmente famoso Festival de Jazz de New Orleans. A paixão pela música vem do tempo em que escrevia resenhas musicais para publicações de pequeno porte. "Eu era um péssimo crítico. Curtia escrever apenas sobre o que gostava, porque não queria dar de frente com alguém sobre quem escrevi um review negativo! [*risos*]", diz, recordando o momento mais constrangedor de sua carreira. "Eu sempre fui fã de Oingo Boingo e costumava escrever coisas boas sobre eles. Mas, uma única vez, escrevi um review negativo. O Danny [*Elfman, vocalista do grupo*] estava fazendo trilhas para filmes, e eu queria de qualquer jeito que ele fizesse o tema de *Os Simpsons*. Quando o encontrei, pensei: 'Ah, ele nem vai se lembrar de mim!'. Mas ele se lembrou, a primeira coisa que ele comentou quando nos vimos foi sobre a crítica que fiz. Eu não sabia onde enfiar a minha cara."

Ele se diz fascinado por "canções que não tocam no rádio" e "coisas que não encontra nas coleções das pessoas normais": mantém em seu escritório na Fox uma extensa coleção de discos de diversas partes do mundo, separados por país, em ordem alfabética. De música brasileira, possui álbuns de Baden Powell, Tom Zé, Caetano Veloso, Mutantes e Gilberto Gil. Também é um dos integrantes da Rock Bottom Remainders, banda formada por escritores consagrados como Stephen King, Amy Tan e Dave Barry, especializada em shows para caridade ("Eu costumava tocar pandeiro, mas o arrancaram de mim e tudo o que eu faço é cantar").

Por telefone, Matt consegue ser ainda mais afável do que ao vivo. Ele se surpreende quando recordo nossa conversa de dois meses antes, especialmente quando cito seu gosto confesso por Ed Lincoln, que conheceu através de discos que seus pais, Homer e Margaret Groening, trouxeram de uma viagem ao Rio de Janeiro, em 1966.

"Meus pais eram cineastas e foram ao Rio para fazer uns filmes publicitários", relata, sem esforço de memória. "Eles acabaram fazendo um curta-metragem por lá, *The Secret of the Universe*. Tinha dois minutos de duração e consistia em uns meninos de rua chutando uma bola de futebol, equilibrando-a na cabeça, passando um para o outro sem deixar encostar no chão. Ninguém nos Estados Unidos havia visto algo como aquilo. A trilha sonora era uma espécie de orquestra cheia de percussões malucas. Eu acho até que eles gravaram esses sons eles mesmos, nas ruas, não sei bem onde foi..."

A terapia de regressão forçada não parece incomodar. "Daí, eles trouxeram uns discos brasileiros na bagagem, e um deles foi *A Volta* [1964], do Ed Lincoln, o qual, por coincidência, se encontra aqui na minha frente neste exato momento. Inclusive eu o ouvi esses dias, é um dos meus favoritos de todos os tempos. Significa 'the return', né? Adoro música brasileira. Esse disco foi minha introdução, eu tinha só 12 anos e fiquei fascinado. Por isso ele tem um significado especial para mim."

Aproveitando que o Brasil estava em pauta, questiono, quase pisando em ovos, se ele realmente se envergonhava tanto da repercussão do episódio brasileiro ou se estava só forçando a barra.

"Pensamos que estávamos sendo engraçados, que tínhamos feito algo divertido. Percebemos que qualquer coisa que tentássemos...", Groening parece perder as palavras, pontua as frases com monossílabos, , enfim despeja: "Bem, a gente sacou que, se tentássemos retratar o Brasil de forma precisa, não iria funcionar. A gente não tinha informações suficientes. Então, o jeito foi tentar ser o mais ridículo e exagerado que fosse possível. Afinal, já tiramos sarro de tudo normalmente, não haveria problema. Mas algumas pessoas não ficaram felizes com isso", a frase seguinte só sai depois de um longo suspiro. "Mas quer saber? Eu não tinha nenhuma intenção de fazer algo que ofendesse as pessoas!" Respirando aliviado, dá uma sonora gargalhada.

"Adoro música brasileira", diz o criador Matt Groening, dono de uma enorme coleção de discos de MPB

Insisto que a tal repercussão negativa que ele ouvira falar se deu apenas com órgãos oficiais e que o público, de maneira geral, havia se sentido mais homenageado do que desprestigiado. "Sério? Oh, que bom. É que nós lemos algumas coisas na imprensa... E você sabe, minha atitude é um pouco mais, como dizer, sensível do que a de algumas pessoas que trabalham comigo. Tem aquela coisa: quando você faz um desenho animado, parte da graça é saber que você está ofendendo alguém." Ele ainda não se dá por satisfeito: "Olha, quero deixar claro que eu não queria fechar nenhuma porta por aí. Eu gostaria muito de poder visitar o Brasil".

O tom de desabafo tira o peso da conversa e de suas costas. "Sabe, foi uma grande surpresa essa história toda. A gente produz 24 episódios por ano, fazemos várias coisas que pensamos: 'Isso realmente vai irritar as pessoas', e ninguém está nem aí. E justamente aquelas coisas que nem levamos a sério, sabe-se lá o porquê, acabam tomando proporções muito maiores. Vai entender..."

Por fim, Groening jurou que adora o Brasil ("Eu amo a cultura, a história, as extraordinárias belezas naturais") e os brasileiros ("A maioria dos brasileiros com que tive con-

tato me pareceu dois níveis mais feliz que as outras pessoas"), e prometeu visitar o país como turista, assim que tiver um tempo livre. E os Simpsons, será que um dia voltam ao Brasil? "Ah, se conseguirmos criar uma maneira de fazer isso sem parecer que estamos pedindo desculpas, claro que sim. Seria ótimo!"

WALT DISNEY ESTÁ PARA MICKEY mouse, assim como Matt Groening está para Homer Simpson.

Desde 1987, sua assinatura consta do pé de página de toda e qualquer imagem relacionada ao clã de Springfield. Foi ele quem rabiscou os personagens pela primeira vez, minutos antes de uma reunião com a Fox agendada por James L. Brooks.

CRIATURAS E CRIADOR
A primeira versão da família Simpsons, de 1987, apresentada no programa *The Tracey Ullman Show*. (*No detalhe*) A versão Simpson do cartunista Matt Groening, que idealizou os personagens

O encontro serviu de ponto de partida para a participação de Groening no *The Tracey Ullman Show*: ele criaria vinhetas animadas de 15 segundos, exibidas nos intervalos dos esquetes cômicos do programa de auditório. "Eu olho para aqueles primeiros desenhos e não acredito como chegamos onde estamos. Eles eram muito feios", exagera o cartunista.

A falta de tempo fez com que cada personagem fosse batizado com os nomes de seus familiares – seus pais realmente se chamam Homer e Marge; ele tem duas irmãs, Lisa e Maggie; Bart – inspirado nele mesmo (ele nega) – é um anagrama de "brat", ou pirralho. Foi só em dezembro de 1989 que *Os Simpsons* ganhariam o espaço exclusivo no horário nobre que jamais perderiam. Com pouca experiência no mundo da animação, Matt já contava com uma equipe de artistas que o ajudaram a animar seus esboços.

"Este programa é uma visão coletiva, e esta é uma das razões de ele funcionar tão bem: todo mundo participa, todo mundo fornece alguma coisa. Os dubladores adicionam algo aos diálogos, os animadores contribuem com os roteiros, os autores palpitam nos storyboards...", diz. Ele também faz questão de lembrar que não é o dono de *Os Simpsons*. "É bom deixar claro que este não é meu programa, não são meus personagens. Eu os desenhei pela primeira vez, mas é gente como James Brooks, Al Jean, David Silverman e os outros animadores que fazem todo o trabalho pesado, são eles que fazem os personagens ganharem vida. Às vezes, eu me sinto como se fosse Zeus, como se eu estivesse aposentado e tudo mais."

Um único episódio de *Os Simpsons* tem 22 minutos de duração e leva de seis a oito meses para ser produzido, desde os primeiros esboços de roteiro até sua finalização, cinco dias antes da primeira exibição na TV norte-americana. Os roteiros são escritos a várias mãos, reescritos e testados em leituras com todos os produtores, roteiristas e dubladores presentes, em uma enorme sala para 50 pessoas. Cada dublador normalmente faz a voz de mais de um personagem (Dan Castellaneta, o Homer, também dubla outros 13 personagens. Hank Azaria, o Moe, faz 16).

Normalmente, o resultado final de um episódio pouco tem a ver com as ideias propostas inicialmente."Mudamos coisas no último segundo. De vez em quando, as coisas não funcionam, apesar de acharmos que funcionariam. A ideia parece boa, mas, quando a desenvolvemos, percebemos que não é tão divertida quanto pensávamos", confessa Groening. "Nós enlouquecemos os animadores com isso."

EM NOVEMBRO DE 2002, OS SIMPSONS apareciam – com três versões diferentes – pela segunda vez na capa da *Rolling Stone* norte-americana. Na época, o seriado comemorava 300 episódios no ar e Groening cogitava vagamente a ideia de produzir um longa-metragem inspirado em seus personagens. Quase cinco anos depois, o discurso evoluiu. Comemora-se o fato de *Os Simpsons* terem ultrapassado os 400 capítulos. Se o futuro já foi uma incógnita para seus criadores, hoje, 18 temporadas depois, é cada vez mais difícil enxergar o fim do túnel, ainda que as críticas a respeito do envelhecimento da fórmula tenham crescido nos últimos anos. A repetição também deixou de ser a maior dor de cabeça, conforme descreve Brooks: "Há uns cinco anos, a gente ficava sofrendo a cada novo episódio – 'Oh, meu Deus, já fizemos isso antes'. E de repente demos um salto. Por alguma razão que nós desconhecemos, isso passou a ser um problema menor".

Matt Groening, raro exemplo de criador que não para de se encantar com sua criatura, não vê problemas em se resignar com sua atual condição. "Sinto como se pudesse passar o resto da minha vida andando pelo mundo e apertando as mãos das pessoas. Eu deveria fazer exatamente isso: carregar um DVD de *Os Simpsons* comigo, e sair batendo nas portas das casas, perguntando: 'Olá, tudo bem? Você quer assistir a um episódio de *Os Simpsons* comigo?'", diz, gargalhando.

"Ainda temos muito a fazer! Agora estamos falando sobre alcançar os 500 episódios e estamos pensando no que vai haver depois disso. E será tudo sensacional. Daqui a uns dez anos, eu espero estar fazendo algo mais além de *Os Simpsons*. Espero ter alguma coisa a mais para trazer para o mundo. Mas se não, se eu tiver só *Os Simpsons*, já está bom. Está até bom demais, não acha?" Mais sonoras gargalhadas.

Penso. No lugar dele, quem não iria rir também?

Edição nº 15 – *Dezembro de 2007*

Com mais de 40 anos de carreira – e prestes a completar seis décadas de vida –, a icônica cantora recordou detalhes de sua trajetória cinematográfica incomparável a serviço da cultura nacional.

“Não nasci para casar e lavar cuecas”

Ela entrou no masculino universo do rock, quebrou barreiras na ditadura militar e trouxe revoluções, sonoras e sexuais, para a sua música. Rita Lee, a maior estrela do rock brasileiro, mostra sua infinita habilidade de criar e cantar as histórias que todos (ainda) querem ouvir

JÁ PASSAM DAS CINCO DA TARDE E ELA CHEGOU AO ENSAIO HÁ POUCO MAIS DE 20 minutos. Sentada em uma cadeira alta, passa as harmonias vocais com as duas backings enquanto os cinco instrumentistas, posicionados em círculo e comandados por Roberto de Carvalho, tentam chegar a um acordo sobre o arranjo de uma música nova. Uma estante de metal fica a sua frente, onde estão impressas em caracteres grandes as letras de todas as canções programadas para o show que virá. Ali, ela faz algumas poucas anotações, que depois não consulta mais.

Sentado onde estou, meio de viés, só consigo ver um pouco do seu perfil e as costas. Mas não é preciso mais que isso para entender a beleza de Rita Lee. As maçãs do rosto imponentes, rosadas e levemente sardentas. Seus cabelos vermelhos de fogo. Os olhos azuis, brilhando debaixo dos óculos de grau de lentes coloridas, parecem mais serenos e adivinham tudo o que vai acontecer naquela sala. São quatro décadas de experiência, afinal. Vejo passar um filme fragmentado no fundo da cabeça que dura apenas uma fração de segundo, mas alinhava dezenas de imagens de muitos tempos, cenas da vida dela e da minha: Festival da Record, “Domingo no Parque”, os discos dos Mutantes, “Mamãe Natureza”, inauguração do Teatro Bandeirantes com Tutti-Frutti, Hollywood Rock, “Ovelha Negra”, gravidez na prisão, a trilha sonora de *Malu Mulher*, minha mãe nos anos 80, “Mania de Você”, clipes do *Fantástico*, “Lança Perfume”, meus primeiros LPs, prisioneiros de um arranha-céu, Rock in Rio 1, “Bwana”, aberturas de novelas, “Bossa’n’Roll”, porres homéricos (dela e meus), paixões frustradas (minhas e dela), crises de choro, amores históricos. Ponho o pé na realidade e faço o filme parar.

Algumas semanas antes, recebi seu primeiro e-mail, com instruções de como poderíamos fazer esta reportagem. Os tons das mensagens são sempre carinhosos e o modo como sua vida está organizada atualmente transparece nesses escritos.

De: Rita Lee
Data: quinta-feira, 23 de agosto de 2007 13:09
Assunto: lee para preto

Meu filho, a gente escrevinha por e-mail uma parte da entrevista (sou bem melhor nas teclas do que falando). Mas o lado ‘alma’ pode ser feito na nossa casa, no meio do mato, que é onde estou morando e de onde só saio para fazer shows e volto correndo. Sei que não é muito excitante para um rapaz cheio de testosterona ficar no meio do mato com uma pobre senhora fútil como eu, mas podemos ficar lá bundando juntos, pelo menos por uma tarde, uma comidinha vegetariana. Vamos nos falando. Love you, Vovó Ritinha.

Obedeci à risca as regras sugeridas por ela e passamos semanas trocando dezenas de mensagens em pingue-pongue

por MARCUS PRETO | *fotos:* JAIRO GOLDFLUS

(ela sempre mais rápida do que eu). Já faz algum tempo que a internet tem sido seu único meio de comunicação com a imprensa. Rita só fala com jornalistas por e-mail. Há quem diga que esse método não é o mais eficiente para entrevistar alguém, já que não vemos os olhos do interlocutor e assim fica mais difícil "jogar" com ele, desconfiar se está mentindo. Esse preceito pode valer para a maioria dos casos, mas não é garantia de nada quando a entrevistada é Rita Lee. Quando ela quer, mente e pronto – seja por e-mail, seja no cara a cara. "Vamos combinar que todo mundo mente?", lança. "Em entrevista, a coisa fica sendo ainda mais sedutora. Afinal, inventar coisas absurdas a seu respeito não é mais interessante para um jornalista do que simplesmente contar-lhe como sua vidinha verdadeira é besta?" É de se duvidar que a vida da maior estrela pop que o Brasil já produziu não renda histórias sensacionais e extraordinárias. Ela diz que não é bem assim: "Dentro deste corpo que me pertence há 60 anos já pude presenciar uma porrada de exemplos de minha burrice e mediocridade". Querendo quebrar mais um pouco a linha entre invenção e realidade, ela ainda me provoca: "Querido, inventa bastante coisa sobre mim nessa minha matéria?".

"Não escuto nada dessas porcarias que fiz. Minha Lua em Virgem só vê os defeitos. Em todos os discos tem coisa boa e ruim, pelo menos nos meus"

É INEVITÁVEL. UNS MAIS, outros menos, todos os artistas brasileiros que vieram a empunhar uma guitarra a partir de meados dos anos 70, sobretudo as mulheres, foram diretamente influenciados pela música da ruiva. E se hoje o ofício de "intérprete", o predileto entre as meninas até os anos 70, deu lugar ao de "cantora e compositora", também é ela a maior entre as culpadas. "Pois é, sem querer me 'gambá', durante um tempão fui uma das poucas almas femininas brasileiras (no exterior também não existiam muitas) que compunham letra, música, arranjos e era figura de frente nos palcos da vida. Faz relativamente pouco tempo que esse panorama mudou. De uma maneira geral, as garotas brasileiras de hoje estão com a bola toda em matéria de band leaders/cantoras/compositoras."

A vocação para desbravar aquele mundo até então predominantemente masculino vem, segundo ela, desde a infância. "Não nasci para casar e lavar cuecas. Queria a mesma liberdade dos moleques que brincavam na rua com carrinho de rolimã. Quando entrei para a música, percebi que a 'tchurma' dos culhões reinava absoluta, ainda mais no rock. 'Oba', dizia eu, 'é aqui mesmo que vou soltar a franga e, literalmente, encher o saco deles'. Depois que provei a mim mesma que era capaz de conseguir as mesmas vitórias, sosseguei um pouco o facho. Principalmente depois que Roberto entrou na minha vida feito um Lancelot. Minha Guinevere pôde então exercer a função de namorada, amante e mãe. No palco, sou mais macho do que fora dele, não posso negar que minhas influências como figura de frente foram Jagger, Bowie, Tyler, Rod Stewart." E no Brasil? "Vou começar com Carmen Miranda, que me ensinou que uma gringa pode ser a mais brasileira de todas. Caetano e Gil me apresentaram ao Brasil brasileiro e me ensinaram como fazer música em português. Tom Zé me iniciou na patafísica. Paulo Coelho me ensinou a ler tarô e a pressentir uma inspiração."

AO CONTRÁRIO DO QUE SE IMAGINA, TOM ZÉ NÃO conviveu com Rita na época em que ambos empunhavam a bandeira tropicalista, no final dos anos 60. "Lembro-me de ter visto os Mutantes no dia da foto de capa do disco Tropicália e mais duas ou três vezes apenas. Nossas parcerias foram feitas através do [*empresário*] Guilherme Araújo, mas serviram como o anzol que me juntaria à Rita no futuro", ele conta. E segue a falar dela com orgulho. "Sua intuição sempre lhe disse que o humor e a alegria eram armas mais eficientes contra a ditadura do que qualquer pose de rock experimental", aposta. "Uma vez decidido esse caminho, ela teve a habilidade de mulher que é bem trepada. Mulher que é bem trepada lava a roupa sorrindo. Uma Rita bem trepada em um país que vive na mão de ditadores lava a política com um humor fino e cortante e resulta em uma música gostosa de cantar. A geração que chegou aos 13 anos no final dos anos 70 talvez seja uma das mais felizes: eles não viveram os horrores da ditadura, mas logo na saída pegaram essa artista reagindo àquele horror. O produto da reação tornou-se a música que essas criaturas passaram a ouvir nos shows, dançar nos bailinhos, a fonte daquela liberdade sexual."

Muito antes de se tornar o brasileiro que mais livros vendeu pelo mundo, Paulo Coelho foi parceiro da ruiva em seis ótimas canções. Sua preferida é "Cartão Postal", mas as que fizeram mais sucesso foram "Esse Tal de Roque Enrow", do álbum *Fruto Proibido* (1975), e, sobretudo, "Arrombou a Festa", lançada em compacto de 1977 que imediatamente venderia 200 mil cópias. Os dois chegaram a morar juntos na casa da rua Pelotas, na Vila Mariana, para onde ela se mudou depois de sair dos Mutantes. E esboçaram um romance. "Achava que a Rita tinha muito a me acrescentar. Nascemos no mesmo ano. Quando me disse que tinha um quarto para mim na casa dela, eu fui. Tínhamos personagens diferentes: o meu se chamava Roberto e o dela Marina. Eram nossos alter egos, que conversavam muito. Em cada momento que a gente estava junto, a inspiração aparecia. Compúnhamos de duas maneiras: separados, com fita cassete, e pessoalmente. Nosso trabalho era perceber o que estava a nossa volta e traduzir sob a forma de música", conta o mago, de Paris.

Os processos criativos dela são os mais variados, mas é certo que é nas madrugadas que se sente mais inspirada. "Eu sou uma 'criature of the night' por natureza, é na calada dos telefones e do corre-corre da casa que eu mais presto atenção na vida", ela explica. "Se bem que, no verão, viro borboleta e acordo cedo pra tomar o sol que não faz mal para as minhas sardas. Mas meu exercício predileto é dormir, sempre trabalhei muito nos sonhos, até aprendi a andar de bicicleta quando era criança. Tenho um bloquinho e um gravadorzinho ao lado da cama para anotar as coisas que o santo dita quando estou nos braços de Morfeu. Sabe uma música que compus dormindo? 'Baila Comigo'."

PAULO COELHO ACOMPANHOU DE PERTO ALGUNS DOS capítulos mais traumatizantes da vida da ruiva naqueles anos 70: os momentos de adaptação fora dos Mutantes, em 1973, e o episódio de sua prisão, três anos depois, por porte de maconha. "Rita passou bravamente por essas duas transições", ele recorda. "Não era fácil parar de trabalhar com os Mutantes, em que ela contava com toda uma estrutura, havia todo um mito. Encarar a prisão, então, foi pesadíssimo." O mago acredita que foram exatamente esses episódios adversos que os aproximaram. "Essas partes mais tenebrosas das nossas vidas acabaram se tornando pontos de identificação. Ao mesmo tempo em que ela tinha saído dos Mutantes, minha parceria com Raul começava a complicar muito em termos pessoais. E eu não sabia fazer nada a não ser escrever, fazer letra de música. Tempos depois, quando ela foi presa, também nos identificamos. Era um momento de repressão, e as pessoas que não tinham passado por essa experiência de prisão se afastavam das que tinham, ninguém queria criar caso com política."

Em agosto de 1976, com um filho de 3 meses na barriga, a ruiva estampou as manchetes em toda a imprensa nacional: "Presa Rita Lee com maconha". "Minha família soube que eu estava grávida pelos jornais, depois que fui presa. Fiquei uma semana no Deic, um mês no hipódromo feminino e um ano em prisão domiciliar. A semana no Deic foi o pior momento de todos. Havia um carcereiro japonês que entrava na cela, mijava no chão e jogava baldes de cocô para que ninguém pudesse sentar. No hipódromo, a coisa foi mais branda, apesar dos interrogatórios diários. Depois de um mês lá, fui julgada e condenada a um ano de domiciliar, com guarda na porta e o escambau. A vontade de fugir de Alcatraz era grande, mas minha barriga era maior. Até hoje, quando vejo um camburão, as pernas balançam."

De: Rita Lee
Data: terça-feira, 28 de agosto de 2007 14:43
Assunto: Re: preto para lee

Não escuto nada dessas porcarias que fiz. Minha Lua em Virgem só vê os defeitos, e como não posso voltar atrás para mudar nada, prefiro não escutar mesmo. Em todos os discos tem coisa boa e ruim, pelo menos nos meus. Quando quero colocar uma música no show, tenho que descolar a letra e tento lembrar a música de cabeça, mas Roberto sabe tudo de todas as fases e me dá um help.

Ela sempre gostou de dizer que não acha muita graça no repertório que construiu nestes 40 anos de estrada. Inconformado, forço um pouco a barra, de alguma coisa ela tem que gostar. "Tá bom, vai. Entre as minhas mais de 400 composições, tem umas dez das quais modestamente me orgulho de ter feito: 'Mania de Você', 'Orra Meu', 'Lança Perfume', 'Doce Vampiro', 'Caso Sério', 'Coisas da Vida', 'Obrigado Não', 'Flagra'... Ah, sei lá, meu!" Não deve ser por acaso: entre as oito canções citadas acima, apenas uma, "Coisas da Vida", não pertence a sua parceria com Roberto de Carvalho. A história dos dois tem raízes profundas.

Ela conheceu o marido em 1975, quando ele fazia parte da banda de Ney Matogrosso. Dois anos depois, o guitarrista já constava na ficha técnica de *Refestança* (disco que a ruiva dividiu com Gilberto Gil pouco depois de sair da cadeia) como um dos membros do Tutti-Frutti, banda que a acompanhava desde o ano seguinte a sua saída dos Mutantes. Roberto foi tomando conta do pedaço e, pouco mais de um ano depois, o Tutti-Frutti estava desfeito. "Formamos uma dupla dinâmica de verdade. Há 31 anos, trabalhamos a quatro mãos, não sabemos o quanto dele é meu e o quanto de mim é dele. Roberto é um maestro do bom gosto, da harmonia requintada, um instrumentista impecável. Já eu sou um para-raio do inconsciente coletivo que não sabe cantar nem tocar nada e se mete a besta", ela define.

O disco de estreia da dupla, nas lojas em 1979, foi o maior sucesso da ruiva até ali, emplacando quase todas as faixas nas rádios, a começar pela balada-de-pós-trepada "Mania de Você". Na foto de contracapa do LP, ela aparece grávida do terceiro filho, Antônio, escorada em Roberto, que toca sua guitarra. Tom Zé considera esse álbum um marco da sexualidade brasileira. "Ele foi responsável pela educação sexual daquela época, com suas letras sexo-pedagógicas criadas pelo fato de Rita ter encontrado um marido tão fantástico como Roberto de Carvalho. Nunca vi uma pessoa se apaixonar tanto pelo pau de um namorado a ponto de tecer loas constantes e repetidas em tudo que cantava", diz o tropicalista.

Mas os fãs dos discos dos mutantes e do Tutti-Frutti, amparados por parte da crítica musical, não receberam a mudança causada por Roberto com os mesmos bons olhos de Tom Zé. "Os mais burros diziam que ele estava dando um golpe para aparecer às minhas custas", ela conta. "Entre nós dois, Roberto e eu, não rolavam saias-justas. Sabíamos o potencial um do outro. O que enchia o saco era gente de fora dando opiniões babacas e tentando semear a discórdia. Eles ladravam e nós dois desfilávamos."

O desfile de sucessos foi aumentando progressivamente. E, na mesma proporção, o assédio descontrolado das pes-

soas em sua volta. A pressão foi pesada demais para a cabeça da estrela. "Eu era uma Xuxa acuada pela fama", ela lembra. "Aquilo me fazia sentir solitária pra caramba. Quem se aproximava era para roubar minha alma. Eu, que já enchia a cara com tudo, comecei a entornar legal. Diziam que eu havia tentado o suicídio, que estava com leucemia, que Roberto me dava porrada, y otras cositas. Vivia entrando e saindo de hospícios, mas nunca parei de compor. Quem segurou a barra dos meninos foi Roberto."

NESSA PRIMEIRA FASE, A DUPLA RENDEU NOVE LPS, com resultados um tanto diferentes em termos de qualidade. Se em 1985 veio à luz o brilhante *Rita e Roberto*, cinco anos depois chegaria burocraticamente às lojas o fraco *Rita Lee e Roberto de Carvalho*. O álbum dava a impressão de que trabalhar em dupla por tanto tempo tinha mecanizado o processo criativo. O gesso precisava ser quebrado. "Realmente isso aconteceu", ela faz o mea culpa. "Sempre acontecia quando, por contrato, tínhamos que entregar um último trabalho. Como não havia o menor tesão, a gente copiava a gente mesmo sem o menor pudor. Até usávamos uma expressão engraçada para definir esses momentos: eis mais um sucesso do funcionalismo público musical."

Em 1991, afastada de Roberto, a ruiva partiu para a estrada. Era a primeira vez sem a retaguarda do marido em 14 anos, e isso lhe causava uma insegurança tremenda. Na arte, se saiu muitíssimo bem: produziu o caprichado *Bossa'n'Roll*, show acústico levado a dois violões no qual relia de maneira delicada e inteligente uma parte significativa da própria obra. O projeto se tornou o embrião nacional da série de álbuns desplugados que viraria o carro-chefe da MTV anos depois.

As críticas dos especialistas ao trabalho eram as mais favoráveis em anos, mas nada disso serviu para espantar os fantasmas que a assombravam na solidão da estrada. Arrumou uma companhia: a bebida. "Até então, eu tinha repulsa a beber, álcool era uma droga careta. Meu avô, meu pai e minha irmã mais velha eram alcoólatras. Nunca achei que poderia virar uma até experimentar o barato rápido que a bebida dava, e ainda tinha a vantagem de você nem ser presa por encher o rabo. Ainda misturava com calmantes, baseado, pó e o que pintasse pela frente. Volta e meia eu entrava em coma e tinha que ir para o hospital fazer lavagens estomacais e tomar soro. Minhas entradas e saídas das clínicas, que eu chamo carinhosamente de hospícios, eram para desintoxicar e botar a cabeça no lugar", recorda. "Faz dois anos que estou limpa. Sei que essas doenças não têm cura, o lance é ficar no controle da situação, o que é bastante difícil, principalmente com álcool, que é superfácil de descolar. Geralmente, quando alguém vem me oferecer bebida, já digo na chincha que sou alcoólatra. Mas tem sempre aquela situação do cara inconveniente insistir dizendo: 'Vamo lá, Ritinha! Sei que tu é chegada nos birinaits, tá fazendo gênero comigo?'. É um clichê na vida de roqueiro encher a cara, ser preso, fazer escândalo, morrer de overdose, entrar e sair de hospício, virar doente terminal, ufa! Puxa vida, a única droga que uso hoje é Marlboro. Será possível que não vão me deixar em paz nunca?"

DESDE QUE FOI EXPULSA DOS MUTANTES, EM 1972, a ruiva nunca mais quis saber da banda que a lançou. E também nunca precisou disso. É óbvio que o aprendizado absorvido nos seis anos em que esteve ali (e nas seminais Six Sided Rockers, O Konjunto e O Seis, avós dos Mutantes) foi decisivo para que se tornasse quem se tornou, mas, uma vez fora, fez sua história seguindo outro caminho. E foi mais reconhecida pelo público pelo sucesso obtido nessas novas empreitadas (com Tutti-Frutti, com Roberto de Carvalho) do que pelo passado mutante. Muito por conta dessa ruptura bem-sucedida, fez questão de não participar do revival da banda, entre 2006 e 2007. "Nunca tive a menor dúvida de que 'a volta dos que não foram' não daria muito pano pra manga. Sempre fui avessa a essa coisa pobre de revival, esse caça-níquel sem vergonha de quem não tem coragem de partir para outros mares nunca d'antes navegados", ela alfineta. "Entendo que quem nunca viu Mutantes se lambuzou no melado. Afinal, as músicas do repertório eram todas do meu tempo. Senti foi um grande alívio de não estar lá revivendo o que, para mim, já estava morto e enterrado."

"Porrada tomei a vida inteira, mas, como tropicalista da gema, estou cagando e andando para quem me detesta e continuarei fazendo o que me der na telha"

O tema "revival" é delicado quando estamos falando de uma artista que teve o apogeu de seu sucesso nos musicalmente rentáveis anos 80 e hoje é obrigada a se adaptar a um mercado fonográfico destroçado, que exige incansáveis (e cansadíssimos) discos ao vivo e não dá nenhum valor para material inédito. Quão frustrante deve ser para um artista fértil como a ruiva ver sua produção recente não alcançar mais o grande número de ouvidos que um dia atingiu? "Juro que não é frustrante", ela responde. "O mais gratificante é compor, é ouvir uma música em primeira mão, mesmo que apenas meia dúzia de pessoas possam dar valor. É natural que o vulcão da minha juventude não espalhe tanta brasa como antes, mas o vulcão não está adormecido, apenas menos exuberante. Entendo esse lance de neguinho só gostar das músicas antigas de artistas com mais de 40 anos de estrada. Quando vou assistir aos Rolling Stones, até curto um pouco as novas, mas a-d-o-r-o as antigonas. E se eles não tocarem '(I Can't Get No) Satisfaction', I can't get no satisfaction either!"

Uma semana antes do fechamento desta matéria, ela passou mal durante um show no Rio de Janeiro. Nada muito grave, mas o público sempre fica assustado, já que conhece de cor seu passado de doidona. Ela diz que toma seus cuidados. "Estamos diminuindo bastante a quantidade de shows, porque, apesar de a minha cabeça continuar com 17 anos, meu corpinho de 60 num güenta tanta porrada. E dói dormir em hotel, comida que você não sabe quem preparou, viajar de avião, encontrar gente que fica tirando foto sua no celular sem pedir permissão... Preciso de pelo menos uns dias para recuperar as energias. O lance é que eu reclamo muito de tu-

do até pisar no palco, a partir de então, tudo vira a delícia de sempre. Sinto o mesmo tesão de 40 anos atrás."

De: Rita Lee
Data: segunda-feira, 24 de setembro de 2007 17:42
Assunto: Re: foto

Orra meu, já chorei pra dedéu nessa minha vidinha besta. Desde criança, quando volta e meia me sentia uma bostinha total, desenvolvi uma boa estratégia para não ficar com pena de mim por mais do que 5 minutos: a auto-esculhambação. Por outro lado, tiro um bom partido de crises existenciais tipo 'eu prefiro ser feliz ou ter razão?', e outras tantas que entram pelos sete buracos da minha cabeça oca. Porrada tomei a vida inteira, mas, como tropicalista da gema, estou cagando e andando para quem me detesta e continuarei fazendo o que me der na telha.

Ela não é uma personalidade do tipo "quem não ama odeia", muito menos do tipo "ah, por mim tanto faz": todo mundo vai com a cara dela. Por isso, soa um bocado imprevisto saber que ela sente existir gente que a detesta. "Essa sensação eu carrego desde pequena", ela diz. "Sempre fui persona non grata na escola. Quando comecei na música, diziam que eu era uma gringa riquinha fazendo rock imperialista. Quando saí dos Mutantes, os manos torciam para minha derrota. Com Roberto, fui taxada de traidora do rock porque entrei no pop, na bossa, no bolero. Sobrevivi todos estes anos com críticas duras ao meu trabalho. O que me faz tocar o barquinho adiante é o público que sempre me prestigiou e continua enchendo meus shows."

No último dia de 2007, ela completa 60 anos – dois terços deles registrados como história para qualquer interessado na música feita no Brasil. Mas Rita não acha que as datas redondas mereçam ser comemoradas. Mais modéstia? "Não, é que eu tenho bode dessas comemorações com data marcada e detesto fazer aniversário, desde criança. O meu acontece no Réveillon, então nunca tive uma festa só para mim. E sempre vinha um pão-duro com um presente só na mão dizendo: 'Este aqui é de Natal e aniversário'. Dãã..."

Mas o tempo parece rodar diferente agora. Às vezes, ela tem a impressão de que os relógios de hoje funcionam mais rápido do que os de 20 anos atrás. "Mas prefiro essa metamorfose ambulante do que aquele tempo em que um sucesso do Roberto Carlos durava três anos", brinca. Quanto a sua música, ela diz que a produção não para. "Estou com umas 40 letras para serem musicadas. Quem quiser me musicar, tamos aí! Outro dia, eu e o Beto, meu filho mais velho, fizemos juntos uma que se chama 'Nóia' e morremos de rir, porque ela é cruel com gente que enche o saco do próximo. Escrevi uma letra chamada 'Divagando' para uma levada trance que João, meu filho do meio, está produzindo. Como você pode perceber, estamos quase chegando a ser uma família 'Leema'."

Há dois anos, essa família cresceu. Beto deu à ruiva sua primeira neta, Izabella. Em uma das nossas primeiras conversas por e-mail, perguntei qual era a sensação de ser avó. Depois fui perceber que é esse o assunto que faz sua boca encher de água com mais abundância entre todos os outros.

De: Rita Lee
Data: sexta-feira, 31 de agosto de 2007 13:46
Assunto: Re: ritz

Bicho, se eu soubesse que ser avó era tão genial eu nem teria sido mãe, hahaha... Izabella, minha Ziza, é uma sagitariana que não veio ao mundo a passeio. Quando Beto me contou que estava grávido, eu disse: 'Lá vem ela, Miss Brasil 3000!' Eu nunca tive uma filha, a diferença começa pela higiene da xerequinha, bem diferente da dos pirulitos. As roupinhas são mais graciosas. Ziza é vaidosa e dengosa, é falante pra caramba, gatinha manhosa. Ela é atenta e curiosa, aprende rápido, adora uma palhaçada. Tô de quatro por ela.

Assim que o recebi, pensei que o e-mail acima poderia cair bem como desfecho desta matéria, já que define perfeitamente o estado de espírito atual da vovó roqueira. Mas os dias foram passando e nossas conversas trouxeram outros finais, todos eles significativos. Acabei optando por este que transcrevo em seguida. Pelo simples fato de sentir nele que o filme que correu no fundo da minha cabeça enquanto olhava o perfil da ruiva no ensaio ainda não está completo. E pode nos render mais trilha sonora para novos porres homéricos, paixões frustradas, crises de choro, amores históricos e tantas outras cenas espetaculares.

De: Rita Lee
Data: domingo, 19 de novembro de 2007 17:47
Assunto: Re: último

Ah, querido... Hoje, sou uma vovó alegre que escolheu morar no mato para ter mais qualidade de vida. Vem me ver que cê vai sentir como nunca estive tão feliz em toda a minha vida. Feliz pra caramba. Feliz, but I still can't get no satisfaction, and I like it, like it, yes I do. Se a gente ficar satisfeita, é melhor morrer, né não? Beijos eternos, Ritz

Edição nº 23 – *Agosto de 2008*

Escritor popular em uma centena de países e um dos brasileiros mais conhecidos do mundo, ele se preparava para lançar um novo sucesso e ponderava sobre seu lugar de destaque na superelite global.

A Força de Paulo Coelho

O mais universal dos escritores brasileiros se equilibra na tênue linha entre a matéria e o espírito

DA PEQUENA VARANDA DO 3º ANDAR DO EDIFÍCIO CONSTRUÍDO DURANte os anos 20 no 16º Arrondissement de Paris, na margem direita do rio Sena, a voz anasalada grita meu nome e chama minha atenção com um carregado sotaque carioca: "Um incêndio! Ali na frente! Espere, eu vou descer!". Na rua, uma pequena multidão assiste à fumaça escura sair de duas janelas no alto de um prédio de apartamentos residenciais. Em alguns minutos, o dono da voz, um senhor branco de 61 anos, praticamente careca, salvo uma rala camada de finos fios brancos que lhe cobre a cabeça, nariz e bolsas proeminentes embaixo dos olhos, lábios grossos, cavanhaque branco, menos de 1,70m e uma pequena barriga saliente, está ali, acompanhado de sua esposa. Quer saber o que apurei sobre o incêndio e, sabendo que nada sei, parte para o meio das pessoas, como o cidadão local que é e o repórter que já foi. "O apartamento é daquela menina ali", e aponta para uma jovem de pés descalços, como se tivesse saído de casa às pressas. "Ela não sabe como começou o fogo, a esta altura os bombeiros já deveriam ter chegado", ele comenta com a esposa. As sirenes se fazem ouvir. Uma rápida caminhada em direção ao rio e eles estão, curiosos, em frente à entrada principal do prédio, onde os bombeiros já conectaram uma potente mangueira à rede de água da cidade.

Puxando a esposa, a artista plástica Christina Oiticica, pela mão, Paulo Coelho para e vê de perto um backlight com um pôster de *Cidade dos Homens*, que estrearia em menos de uma semana nos cinemas parisienses. Cinéfilo, pergunta: "Você viu este filme?" À resposta afirmativa, emenda: "É bom?" Digo que a obra, apesar da promessa silenciosa de ser um novo *Cidade de Deus* ou algo do mesmo nível, é uma das mais "mais ou menos" entre as recentes produções nacionais. Dificilmente ele o assistirá em uma sala de cinema. "Pirateio muitos filmes pela internet, assim como deixo piratearem todos os meus livros."

QUATRO HORAS ANTES, PONTUALMENTE ÀS 19H, COM o dia ainda claro lá fora, é o próprio Paulo Coelho quem abre a porta de seu apartamento parisiense para uma entrevista cuja duração fora previamente acertada: três horas exatas. Gentil e calorosamente, apresenta a esposa e Paula, sobrinha e assistente, que mora no apartamento e chefia uma equipe de quatro pessoas que mantém o blog, os sites e as páginas do escritor nas redes sociais virtuais. Ele veste uma camisa pólo preta por dentro da calça jeans desbotada, tênis branco de corrida e um imponente relógio de marca fina. Oferece: "Champanhe ou vinho?" Vinho. Como canta Mick Jagger, inspirado pelo autor russo Mikhail Bulgakov, o brasileiro mais lido no mundo é um homem de riqueza e bom gosto. A riqueza mais óbvia e visível vem do que parece ser uma fonte inesgotável: um catálogo do qual constam 17 obras (incluindo o novo livro, *O Vencedor Está Só*), 74 editores espalhados pelo mundo, mais de 100 milhões de livros vendidos no globo em 66 línguas diferentes, os convites, cargos, prêmios e, principalmente, a fama e o poder de influência decorrentes disso tudo – ele é Mensageiro da Paz e Embaixador Europeu de Cultura, ambos postos da Organização das Nações Unidas, e Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra francesa criada por Napoleão Bonaparte. O bom gosto deve vir uma porção de berço, outra da voracidade pelos livros na juventude, outra do dinheiro, que começou a ganhar na música, como

Por Ricardo Franca Cruz Fotos Patrick Swirc

parceiro do mestre Raul Seixas, e usou, em boa medida, para viajar o mundo. Milionário e espécie de trabalhador-bon vivant-internacional, é no plano humanista e objetivo que se encontra a interpretação de "riqueza e bom gosto" que mais se encaixa ao perfil do escritor carioca: tem a ver com as muitas e profundas experiências vividas e adquiridas ao longo do que Fernando Morais define na biografia *O Mago* como "trajetória extraordinária".

"Factualmente a biografia é perfeita", afirma o biografado. "Mas peca por se deter ao meu lado material e não tocar no tema espiritual – e nem poderia, afinal, Fernando é um ateu, um cara que acredita em Fidel Castro, não teria como ele acreditar no meu crescimento espiritual." Tão logo recebeu em Paris o livro já pronto, Paulo o leu do começo ao fim. "Não conseguia parar de ler. Pensava: 'Esse sou eu!'. Como não me lembrava de 80% do que está no livro, li com um certo distanciamento, como se não fosse a minha história'."

Um dos aspectos mais interessantes em ser biografado, segundo ele, é a reação de quem leu o livro. "As pessoas me dizem: 'Como você sofreu!' E eu não sofri porra nenhuma! Mas elas insistem que eu sofri demais, choram, se emocionam, e eu só me lembro de um sofrimento meu que foi a prisão durante a ditadura." Em 27 de maio de 1974, ele foi detido pelo Dops para dar esclarecimentos sobre o gibi de quatro páginas encartado no LP *Krig-Ha, Bandolo!*, de Raul, escrito por ele e ilustrado por sua mulher na época, Adalgisa Rios. Ambos foram logo liberados para, a caminho de casa, serem capturados pelo DOI-Codi, o braço mais brutal da repressão militar. Ele foi interrogado e torturado, mas a biografia de Morais não entra em maiores detalhes. "Foram os piores dias da minha vida. Não foi só o que aconteceu no meu corpo, mas na minha alma. Saí da prisão, mas a prisão ficou dentro de mim até 1982. Fora isso, não acho que sofri. Porra, eu tava no calor da batalha, batendo e levando, batendo e levando! Agora quando você só apanha, como foi na prisão, aí há sofrimento." Paulo Coelho inspira fundo, solta o ar devagar, dá um trago em um dos muitos cigarros que fumaria durante a entrevista e continua: "As cicatrizes que tenho na minha alma são medalhas que vou carregar até o fim da minha vida com muito orgulho. Um homem sem cicatrizes é um homem que não viveu".

O membro da Academia Brasileira de Letras, sucesso em praticamente todo o mundo, mas nunca convidado para a Festa Literária Internacional de Paraty, guarda também outra cicatriz: sua literatura, muitas vezes nem tida como tal, continua rejeitada pela crítica brasileira quase sempre pela ausência de estilo, pela simplicidade e a alegada falta de relação com a estrutura, a escrita lapidada e a permanência dos clássicos. "Críticos são como eunucos em um harém. Sabem como faz, vêem outros fazendo, mas não sabem fazer." Apedrejado por escritores nacionais muito menos significativos e incapazes de estabelecerem vínculos com seus escassos leitores, ele fala alto a um tipo de pessoa que existe em profusão no mundo: aqueles que acreditam que para tudo que é material há um correspondente espiritual, algo invisível e intocável, mas que pode ser sentido, intuído. Ele não dissocia um elemento de outro: vida material e espiritual são uma coisa só, que envia sinais e desperta a intuição. "Este mundo em que eu vivo não é governado pela lógica", diz.

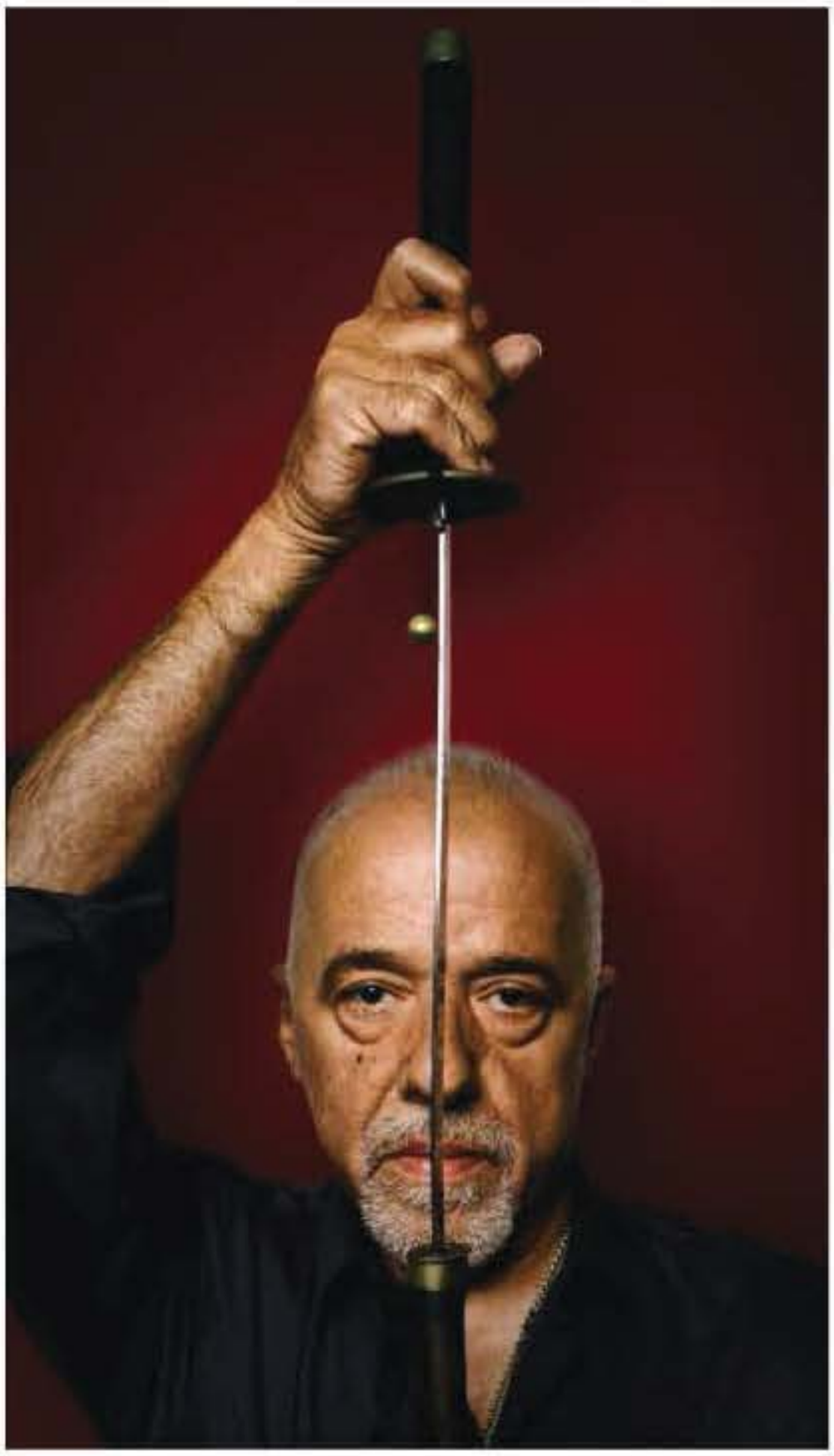
DEITADO NO SOFÁ DE COURO BRANCO, COM A CABEça apoiada sobre o braço direito, Paulo Coelho mastiga biscoitos – "Estou morrendo de fome, o jantar já vai ser servido" – e discorre calmamente, entre um gole e outro da taça de vinho, sobre como organiza a vida. Somando tudo, são cerca de três meses por ano em Paris, um mês em Tarbes, uma cidadezinha de 40 mil habitantes nos Pirineus franceses, três meses no Rio de Janeiro. "E o resto do ano passo viajando a lugares e eventos que me interessam." A respiração é um pouco ofegante, de fumante de longa data – "Faço um check-up uma vez por ano, mas sou da seguinte tese: 'Se abrir o capô vai ter problema". Facilmente caricaturável por causa da voz única, dos traços árabes e do jeito malemolente, ele lembra mais um personagem do mestre Chico Anysio que o cara que vende milhões de livros para povos tão díspares quanto norte-americanos e iranianos. É o escritor mais conhecido do mundo. "Os livros mais vendidos são os do Harry Potter", admite. "Mas nem todo mundo associa o nome da J.K. Rowling à marca *Harry Potter*", completa. "Possivelmente, sou o escritor mais popular do mundo." No caso, ele é a marca, o autor e a obra fundidos em um só. O início, o fim e o meio. Pelo ponto de vista da popularidade, se ele fosse um músico do mesmo nível internacional que atingiu como escritor, seria um Beatle. Ou Michael Jackson, ou Madonna. "E se eu fosse um refrigerante, seria a Coca-Cola", define.

"SÃO TANTAS AS CELEBRIDADES ENVOLVIDAS EM CAUSAS QUE ME PERGUNTO SE ELAS ESTÃO SERVINDO ÀS CAUSAS OU SE AS CAUSAS ESTÃO SERVINDO A ELAS"

O Vencedor Está Só pretende ser, segundo o autor, e no vácuo da tradição dos grandes escritores, "uma fotografia de sua época". "É um livro sobre a moda", diz, conduzido por uma história de amor e morte, de verdades e aparências, de sonho e frustração, de sucesso material e vazio pessoal, com características de crítica de costumes e romance policial. Valendo-se do conceito de superclasse, recentemente definido pelo acadêmico norte-americano David Rothkopf, o escritor faz um instantâneo da onipresença do pequeno grupo de pessoas mais poderosas do mundo que freqüentam o festival sem se expor demasiadamente – "As festas de Cannes são muito parecidas com as festas que eu vou onde você encontra muito a superclasse". À certa altura, o assassino, um milionário russo, descreve Cannes, que reúne uma vez ao ano o núcleo de um seleto grupo formado pelas figuras mais influentes, como "a suprema manifestação das aberrações do presente", "a nova Babilônia", "a Sodoma dos tempos modernos". Não é o que pensa o autor. "Como sou um cara caseiro e viajo muito, aproveito bem as oportunidades que tenho de ficar em casa. Mas uma vez por ano digo: 'Vou a fes-

tas!', e vou a Cannes. É muito louco, cara. Eu adoro!"

Escrito em um mês – "Como todos os meus livros" –, *O Vencedor Está Só* não é um exemplo do quão brilhante pode ser um escritor, ou do quão bela, ousada e inovadora pode ser a Língua Portuguesa escrita quando manejada pela pena de um mestre. A maestria de Paulo Coelho não está na forma, mas no conteúdo. Não é um livro de autoajuda, mas sim mais uma das obras do carioca que levarão os leitores a se identificar com os seres humanos ali descritos, extrair ensinamentos e questionar a existência que levam. E o que é menos ou mais louvável na literatura: forma sem conteúdo ou conteúdo sem forma? O certo é que ignorar a presença de Paulo Coelho no panteão dos grandes escritores brasileiros e mundiais é um equívoco crasso, ainda que se ele fosse mesmo um Beatle, seria Ringo e não um dos que assinariam para a posteridade um *Revolver* ou um *Sgt. Pepper's*. Na verdade, caso fosse um músico ele seria mesmo um Stone e, hoje, pelo fino trato, a distância das drogas e a vida na aristocracia mundial, estaria mais para Jagger do que para o mestre Keith Richards.



Se em *11 Minutos* (2003), o segundo livro mais vendido de Paulo Coelho – o primeiro é *O Alquimista* –, o escritor se perguntava interiormente: "É verdade que as pessoas são tão ligadas ao sexo?", em *O Vencedor Está Só*, a questão é: "Por que as pessoas gastam fortunas em coisas que, no fundo, não fazem tanta diferença?". "Esse tipo de pergunta sempre me intrigou. Uma Ferrari, por exemplo, é um carro extremamente desconfortável, mas as pessoas gastam fortunas com esses carros, há um tipo de culto pela Ferrari." Depois de frequentar os eventos de moda mais famosos do mundo em cidades como Paris, Nova York e Milão, conhecer criadores, modelos e reencontrar boa parte dessas pessoas em Cannes, a ideia central do novo livro foi nascendo. "De uma maneira muito inconsciente", ele conta. "Aí, uma vez a cada dois anos, com tudo pesquisado, a história pronta na cabeça, eu digo: 'Bom, vou escrever meu novo livro'. E o livro já está escrito, tudo o que eu tenho a fazer é sentar e digitar."

O CONTRAPONTO POLÍTICO DE CANNES TAMBÉM acontece na Europa uma vez ao ano, mas longe do sol e das praias do sul da França. A cada janeiro, sob temperaturas de até -20 graus, o Fórum Econômico Mundial consegue levar para a cidade suíça de Davos, empresários, políticos, personalidades culturais e todos os tipos que representam o poder. Entre eles está o que David Rothkopf chama de "superclass". No livro *Superelite – A Elite do poder global e o mundo que ela está criando*, ele define esse restrito grupo de seres humanos como "[...] pouco mais de seis mil indivíduos cuja influência pode ser sentida globalmente, sem limites de fronteiras territoriais, políticas ou econômicas [...]", o que lhes concede "[...] um grande papel na definição do sentido da nossa época, determinando quais pontos de vista serão aceitos e quais não, e quais serão nossas prioridades". Observar de perto a superelite "revela, em um microcosmo, muito sobre o mundo".

Freqüentador do Fórum há dez anos, membro-diretor da Fundação Schwab, de Klaus Schwab, criador do evento, Paulo Coelho conhece aquele ambiente tão bem quanto Cannes. "Para Cannes, vou para me divertir, encontrar amigos, vai todo mundo; para Davos, vou para aprender muito. A superclasse está em Cannes e também em Davos."

No começo do livro de Rothkopf, o escritor é entrevistado e perfilado, ajudando o autor a entender a visão diferenciada de um hippie, um "alegorista" sob "aquele grupo que define a estrutura de poder emergente de nossa época". Isso faz de Paulo Coelho, segundo Rothkopf, um integrante da superclasse. Um homem cujo poder influencia toda uma época. Um "Homem de Davos", conceito criado pelo cientista político Samuel Huntington – "o cidadão global, o líder para o qual as fronteiras eram cada vez mais irrelevantes" – que para Rothkopf descreve a nova classe governante de nossa época.

Ele se levanta do sofá e pega na estante praticamente vazia um exemplar da edição norte-americana de *Superelite*. "Quando você me pergunta se sou da superclasse, eu digo: 'Estou no livro sobre a superclasse, sei o que é a superclasse, convivo com a superclasse'. Agora, se você me pergunta se eu sou da superclasse, a resposta é um ponto de interrogação." Pergunto se ele se considera um desses seis mil donos do mundo. "Considero que meu trabalho tem uma influência única, uma penetração universal. Pelos critérios que o autor define no livro, sim, me consideraria, mas não quer dizer que esses sejam critérios absolutos. É um conceito muito vago, muito difícil. O que eu não quero é que você me ponha arrogantemente falando que eu sou da superclasse. Isso não é uma coisa que você decide, entende? 'Você é um bom escritor?' Porra, pergunte aos meus leitores! 'A crítica te critica?' Porra, pergunte aos críticos!"

Celebridade internacional, o escritor não poderia deixar de sofrer tentativas constantes de cooptação pela indústria das causas, que vende, como a igreja na Idade Média, um lugar no paraíso – ao menos, no paraíso de uma mente que repousa tranquila. "Já fui a dois desses banquetes de gala para nunca mais ir. Todos os dias recebo convites para ser o anfitrião do banquete contra as minas terrestres de não sei onde, contra a fome de não sei onde. Eles servem para que as pessoas ricas e famosas se sintam menos culpadas. E, obviamente, são maneiras de ganhar dinheiro."

Para quem vê de longe a fama, é muito fácil desconfiar de quem a usa para anunciar sua bondade para com a humanidade e o planeta. Ao que parece, para quem a vive bem de perto, também. "São tantas as celebridades envolvidas em causas que às vezes me pergunto se elas estão servindo às causas ou se as causas é que estão servindo a elas. Um exemplo é o Al Gore, que teve uma excelente promoção e ganhou um prêmio Nobel. É uma arrogância achar que pode salvar o planeta."

Pergunto se ele faz algo para diminuir o aquecimento global, ele ri e dá sua versão do fenômeno ambiental. "Aceitei dar uma palestra para o Credit Swiss sobre o aquecimento global. Poderia ganhar uma grana com o circuito das palestras, mas detesto dar palestra. Só que uma vez por ano faço um teste para ver se ainda pagam o meu preço, que hoje é 70 mil euros – o [*Bill*] Clinton vale 100 mil euros. No final, descobri que aquele evento era para vender algum tipo de bônus, de crédito em relação ao aquecimento global. Você percebe como a coisa é extremamente manipulada?" Christina interrompe o marido para anunciar que o jantar está servido. Ele pede para fumar só mais um cigarro antes de comer.

Ao badalar de um sino de mão, após o jantar são servidos, como manda o estilo francês, queijos variados. Ele os come com goiabada cascão. Quando a conversa fica desfocada e flutua pela sala de jantar embalada por vinho e champanhe, ele, olhando para o cronômetro do gravador digital, lembra que o tempo não para: "Continuemos porque nós temos um cronômetro girando aqui. Aproveite, porque o vinho solta a língua".

Valendo-me do item "nunca ser direto nas perguntas, mesmo que a outra pessoa entenda o que se está querendo saber" de uma chamada "lista da normalidade" que um personagem de *O Vencedor Está Só* faz para redescobrir o que é ser normal, sugiro que falemos de amebas. O autor comenta à mesa, sentado de frente para a esposa, a conclusão científica de um estudo publicado na revista *Nature*: "Só as amebas são monogâmicas". Citado no livro, "David Barash, um professor de psicologia da Universidade de Washington, em Seattle", diz que "[...] A única espécie da natureza que não comete adultério é a ameba [...] os dois parceiros se encontram ainda jovens, e seus corpos se fundem em um único organismo".

"Mas a pergunta é, na verdade, se eu sou ou não monogâmico. A resposta é que sou monogâmico por opção. Somos casados há 28, 29 anos, e dizer que fui fiel durante esse tempo seria uma mentira. Mas a tendência do ser humano é se fidelizar à medida que o tempo vai passando. Mas muita gente se separa na primeira traição e isso é uma bobagem. Tenho uma relação sólida porque tive a bênção de ser casado com uma mulher que não pensava de uma maneira distinta da minha. Uma mulher que soube entender essas crises pelas quais passa um casamento. Não sou nenhum santo, mas isso é o máximo que eu elaborarei nesta resposta." O que pensará uma esposa iraniana, um jovem noivo armênio, um senhor adúltero chinês, uma adolescente eslovena que acaba de descobrir o sexo, ou a senhora brasileira viúva que foi fiel a vida toda, todos leitores de Paulo Coelho, quando lerem isso? Como reverberará no mundo, se é que vai reverberar, uma discussão tão básica e fundamental como a fidelidade em um relacionamento? Será que alguém entre os milhões de leitores coelhistas será tocado por aquelas linhas publicadas? "Por isso me surpreende às vezes quando classificam meus livros como autoajuda. Normalmente eles são um grande problema para o leitor, porque ele irá se confrontar com questões com as quais possivelmente não se confronta normalmente."

"ME SURPREENDE QUANDO CLASSIFICAM MEUS LIVROS COMO AUTOAJUDA [...] PORQUE O LEITOR IRÁ SE CONFRONTAR COM QUESTÕES COM AS QUAIS NÃO SE CONFRONTA NORMALMENTE"

"Minha preocupação em relação à nossa conversa ontem foi com o conceito da superclasse. Porque eu dizendo que sou da superclasse fica meio ridículo, não é?", diz Paulo Coelho no dia seguinte ao incêndio, na sala de seu apartamento parisiense. Depois de feitas as fotos de capa, o fotógrafo francês se despede. Ele então me inicia na bela e castigada voz do cantor de flamenco Camarón de La Isla, morto em 1992. "É o Raul Seixas do flamenco." Copia em um pen drive a cinebiografia (que baixou no Torrent) do espanhol ex-parceiro do violonista Paco de Lucia e me entrega. As pastas de seu computador, com um enorme monitor de 50" no qual as letras ficam do tamanho de moedas de R$ 1, têm nomes de santos católicos – São José, Santa Teresa, São Miguel. Ele avisa: "Tenho que rezar às 6h, daqui a dois minutos, mas depois retomamos." Fernando Morais escreve que ele é sovina – "Fernando acha que eu deveria gastar mais. Mas gastar em que, porra? Eu já faço tudo o que eu quero". Seja como for, ele economiza alguns minutos fazendo o que chama de versão compacta de uma oração a Virgem Maria, que, impreterivelmente, repete três vezes ao dia, quando acorda, às 6 da tarde e antes de dormir. "O tempo é mais importante que o espaço."

Na calçada, depois de acompanhá-lo com a sobrinha até um beco ali por perto para fazer algumas fotos que vão para o arquivo pessoal do escritor, nos despedimos, não sem antes ele dizer: "Esqueci de te fazer uma pergunta: você acredita em Deus?".

Negócios MUSICAIS

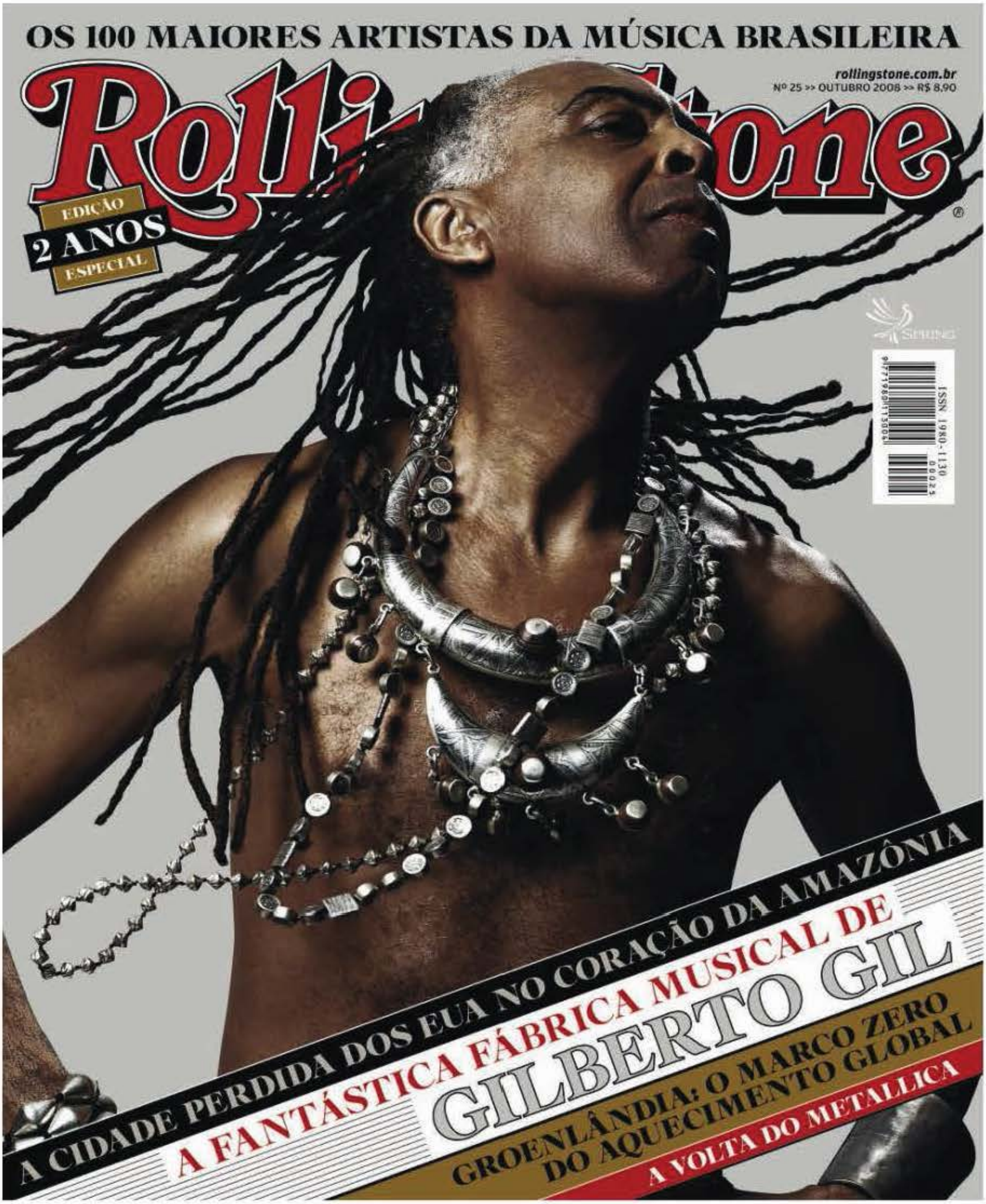
Leonardo Kenji trilha caminho de sucesso frente ao Garage Sounds e revela como superar os desafios do mercado

Enxergar oportunidades onde ninguém mais vê é uma das características marcantes de **Leonardo Kenji** (37), que, envolvido com a música desde a adolescência, encontrou nesse universo um leque de possibilidades que vão muito além de subir nos palcos.

Ainda que nem todo artista tenha a sorte de emplacar um sucesso e obter retorno financeiro com ele, o administrador e também publicitário acredita que a dificuldade de se manter na música pode ser revertida em atividades que, de alguma forma, esbarram com esse mercado. *"Eu tenho amigos que tinham o sonho de formar uma banda, mas hoje em dia têm uma distribuidora de cerveja, outros têm uma empresa de locação de som, de gerador. Não é que eles largaram a música, eles vivem de outros serviços que também estão envolvidos com isso"*, conta ele, que ressalta que grande parte dos profissionais que acabam desistindo do segmento o fazem por não expandirem esse olhar como empreendedores. *"Os negócios nunca estão dentro de casa. Estão na rua, no mundo real"*, pontua, destacando a importância de se construir relações de networking e estar atento às oportunidades que surgem no caminho.

O Garage Sounds, festival itinerante que percorre o País junto a grandes apostas do rock nacional, é resultado de todo o know-how adquirido pelas experiências na área. Com a primeira edição em 2017, o evento vem sendo palco para novos talentos e também uma estrutura para que se explore o viés comercial das bandas. *"Tem que ter essa parte do empreendedorismo dentro do Garage Sounds"*, afirma Kenji, que assume a direção do festival e comenta que a sua volta está marcada para 2023, seguindo a rota traçada em 2019 - ano da última edição, devido à pandemia da covid-19. Na época, ele atravessou 13 capitais brasileiras, além de contar com apresentações em Amsterdã, na Holanda.

Foto: Acervo Garage Sounds



Edição nº 25 – *Outubro de 2008*

Recém-saído da gestão de quase seis anos liderando o Ministério da Cultura, o ícone da MPB refletiu sobre a carreira e os negócios – sempre bem acompanhado pelas mulheres de sua vida.

GIL S/A

Ex-ministro, Gilberto Gil joga a carreira política para o alto e, com a voz curada, dedica-se aos negócios da música

NA SALA DE REUNIÕES DA GEGÊ PRODUÇÕES, A CÚPULA DA EMPRESA recebe as representantes da gravadora Warner e senta para tratar dos passos seguintes da carreira de seu principal artista – o chefe. Mais que uma conferência de rotina, trata-se do day after da renúncia de Gilberto Gil ao cargo de ministro da Cultura, depois de cinco anos e meio na função. Com o entusiasmo de quem põe lenha no fogo mantido em brasa, as cinco mulheres abrem suas planilhas e blocos de anotações e começam a definir a agenda dos dias e meses que estão por vir. Virtude do gênero, por vezes falam todas ao mesmo tempo, embora ali não se perca uma vírgula. Há shows em Itaipava, região serrana do Rio de Janeiro, e também em Curitiba. Entre Rio e São Paulo, avaliam-se participações nos programas do Jô, Faustão, Luciano Huck, Serginho Groisman e Hebe, gravações na MTV, entrevistas e promoções em emissoras de rádio... Tudo isso tendo em vista mais um capítulo da turnê internacional, um mês depois, com uma apresentação na Itália e outras no Japão. "Viagem de ônibus pra Curitiba?", interrompe Flora Gil, voz de trompete. "E a segurança?" Faz-se o silêncio. "Até na Europa, de ônibus, tem assalto."

Foi do lado de lá do Atlântico que, em julho de 2007, durante sua tradicional turnê anual, Gil teve certeza de que o estresse vinha consumindo seus cabelos de Sansão – no caso, as cordas vocais. Os discursos, os seminários e as discussões comuns à vida de ministro estavam para calar o rouxinol que ele traz na garganta. "Eu especializei a minha voz para cantar e, ultimamente, vinha usando mais para falar", diz ele. Pouco depois, em outubro, passou por uma cirurgia para retirar a calosidade, algo que já lhe havia acontecido dez anos antes. "Levando em conta que prezo muito esse dom, que gosto muito dessa condição que a vida me deu, de poder cantar, eu vinha percebendo essa necessidade de uma nova economia pra voz e pra tudo." Aos 66 anos, o trato nas cordas vocais corresponde também a uma afinação mais acurada na vida como um todo – como bem provou sua saída do ministério. "Tenho tentado também fazer com que a vida corresponda a essa economia. Acho que é natural, é do envelhecimento mesmo. Venho de uma tradição pessoal de atividades variadas e com uma capacidade de entrega, de energia física e mental muito grande pra essas tantas muitas coisas. E agora eu tô precisando entrar numa outra economia. É algo que estou tendo de aprender aos poucos, enfim, porque é melhor que seja assim, que tudo se dê de uma forma gradual, não é? Preciso adaptar minha vida toda a essa nova situação de idade avançada."

Naquela quinta-feira de manhã, com as mulheres ao redor da mesa de tampo de vidro, o novo destino de Gil vai, pouco a pouco, tomando forma. Mas ele não está presente. Embora seja o rei da cocada, seu papel na organização é como o de um curador. "No que diz respeito a coisas que eu tenho relação direta, como no caso de banda, músicos, essas coisas, eu participo", afirma. "Agora, as coisas de administração, a prestação de serviço, a empresa, essas coisas eu não... Essas coisas a Flora que toma conta." E em casa não é diferente. "Todas as coisas que eu preciso da minha vida pessoal, ela é que cuida. Ela se acostumou a fazer isso, conhece meu gosto, conhece meus tamanhos."

Flora Nair Giordano Gil, 19 anos mais nova que ele, é a diretora-geral da companhia, ou melhor, da holding, já que há um punhado de empresas formando o negócio da Gegê. Quarta esposa de Gil (depois de Belina Aguiar, Nana Caymmi e Sandra Gadelha), ela o conheceu em 1980, aos 19 anos, durante uma viagem-prêmio a Salvador oferecida pela loja na qual trabalhava como gerente, em São Paulo. Embora já fosse artista consagrado, até então Gil não estava garantido, como se diz. O sítio em

POR **OTÁVIO RODRIGUES** FOTOS: **DANIEL KLAJMIC**

que ele e Flora começaram morando, em Jacarepaguá, formava o grosso do patrimônio. O catálogo de músicas era uma bagunça, com muita coisa na mão de intermediários. Aos poucos, nestes quase 30 anos de casamento e parceria profissional, a obra de Gil foi integralmente reunida em editoras próprias – a Gegê Edições, para licenciamentos no Brasil, e a Preta Music, para o mercado internacional. Dizendo de outro jeito, ele hoje é o dono de suas composições e fonogramas (as gravações existentes), o que nem sempre ocorre no mundo do direito autoral, e pode explorar todos os shows gravados desde 1990. Flora se considera uma organizadora nata. "Minha mãe conta que eu chegava no supermercado e queria mudar o lugar das coisas."

A empresa-mãe vende apresentações de Gil e de sua filha Preta, filha do casamento com Sandra. Outro nicho de atuação é a co-produção de filmes, cujo portfólio inclui os documentários *Tempo Rei* (1996), *Pierre Verger – Mensageiros entre Dois Mundos* (1999), *Filhos de Gandhi* (2000), *Viva São João* (2002), *Kaya N'Jamaica* (2002) e o longa de ficção *Eu, Tu, Eles* (2000). O estofo na organização e produção de eventos, aliado ao senso de oportunidade, deu origem à Expresso 2222, empresa responsável pelo trio elétrico e pelo camarote de mesmo nome, dois concorridos acontecimentos do Carnaval da Bahia. Esse Gil S/A agrega ainda o selo Geléia Geral, com artistas como Jorge Mautner, Leoni, Armandinho, Pur'Amizade, Preta Gil e AfroReggae. E também a Refazenda, uma sociedade de Flora com o artista plástico e web designer André Valias, focada em mídia interativa, design gráfico e cenografia. Já assinaram os sites de Adriana Calcanhoto, Regina Casé, Zé Ramalho, Gal Costa, Caetano Veloso e dezenas de outros – e muita coisa do chefe também, incluindo o portal que está no ar.

E seria um deslize deixar de lado o lendário estúdio Nas Nuvens, sociedade de Gil com o produtor Liminha, uma espécie de usina de obras memoráveis, como *Selvagem?* (1986), dos Paralamas, *Õ Blésq Blom* (1989), dos Titãs, e *Da Lama ao Caos* (1994), de Chico Science & Nação Zumbi. "A ideia de ter um estúdio próprio surgiu quando estávamos em Nova York", lembra Liminha. "Gil gravava um disco para o mercado americano e o produtor, Ralph McDonald, tinha seu próprio estúdio na Broadway. Vimos que era muito bom ter liberdade e tempo, ninguém batendo na porta pra dizer que a gravação tinha que acabar. Perguntei ao Gil: 'Por que a gente não faz a mesma coisa?' Ele simplesmente disse: 'Faça, Limoso'. E assim fizemos." O Gil não dá muita bola ao estúdio. "Deixo na mão do Liminha. Agora [*fora do Ministério*] que eu vou voltar a me inteirar um pouco mais do que tá acontecendo lá. Não é um negócio, pelo menos pra mim nunca foi. Pra mim continua sendo uma coisa que a gente criou em parceria e serve mais pra ele, do ponto de vista empresarial, do que pra mim." Liminha confirma: "Realmente, não é um negócio pra nós, é apenas uma ferramenta confortável, um brinquedinho que possibilita colocar a criatividade pra fora. O Gil, na verdade, curte muito mais estar no palco. Eu também curtiria se tivesse o talento dele".

"GIL NÃO GOSTA MUITO DE HOMEM EM VOLTA DELE, PREFERE TRABALHAR COM MULHER"

Com exceção do Nas Nuvens, todos os negócios funcionam na sede da Gegê, um casarão de quatro pavimentos em uma encosta da estrada da Gávea. Com salas e corredores amplos, uma edícula exclusiva para a cozinha e o refeitório, galpão para equipamentos e um varandão onde se poderia até bater uma bolinha, o prédio parece ter sido feito de encomenda para as atividades da empresa: está tudo em seu lugar. Quase tudo tem nome de música do Gil na porta. A sala da Flora é "A Linha e o Linho". O banheiro principal, também lugar de centenas de crachás e parte das medalhas, comendas e diplomas acumulados por Gil, chama-se "Um Trem para as Estrelas". O depósito de equipamentos é "Barracos". O estúdio, "Palco".

E é na sede da Gegê que então Flora Gil, à cabeceira da mesa de reuniões, continua dando as ordens no terreiro: "Meny, precisamos ter certeza disso agora!" Com 16 anos de Gegê, a portuguesa Meny Lopes é outro pilar vetusto da equipe. Produtora experiente, diretora comercial, cabe a ela acolher as consultas sobre shows, negociar o cachê, tratar com músicos e técnicos e garantir a estrutura no local da apresentação. "O Gil tem uma demanda enorme, é requisitado pelo mundo inteiro", conta Meny. "Há pedidos para que ele escreva prefácio de livro, grave algo num CD... São tantos, que não se faz idéia." Sentada ao seu lado está Fátima Giordano, irmã de Flora e, como ela, criada em colégio de freiras. É a produtora executiva da empresa, outro vértice do alto comando. Estão na retaguarda Júlia Sampaio, que assiste Meny e Fafá e se ocupa um tanto com os shows de Preta; Regina Guimarães, que zela pelo financeiro; Cristiane Gusmão, que comanda o Expresso 2222 e secretaria Flora; e Priscila Azul, fotógrafa e responsável pelo acervo de fotos e documentos – a memória de Gil. "Ele não gosta muito de homem em volta, prefere trabalhar com mulher", diz a primeira-dama da Gegê. Parece estar dando certo.

No Rio, além do complexo da Gegê, Gil e Flora têm o apartamento em que moram, no bairro de São Conrado, onde contam com três empregadas e um motorista. No interior do estado, mantêm um recanto serrano junto à Reserva Biológica de Araras, imensa área de mata atlântica. Ele não sabe direito dessas coisas, recorre à Flora. "Coisas de bens, mãezinha...!" Ela vai emendando: "A casa da Bahia, algumas salas comerciais na Bahia, apartamentos na Bahia, o apartamento de Nova York... Mas o que é isso, agora? Imposto de renda?" Gil dá risada. "A gente foi comprando pros filhos", conta ele. "Nara, que tem um filho, tem um apartamento. Preta tem, o Bem tem, a Bela tem na Bahia... Só José que ainda não tem." A família dispõe de dois carros, um Audi A3T e um Volvo XC90. "Os dois blindados!", grita Flora de lá. (Em 2005, vítimas de uma tentativa de assalto em Botafogo, ela e a irmã foram salvas pela blindagem, quando dois

sujeitos descarregaram cerca de 15 tiros na lataria e nos vidros da perua Volvo.) E investimentos em bolsa, papéis? "A gente tem aplicação em bolsa, coisas assim, mãinha...?" Flora encerra o assunto, com chave de ouro: "Não! Nós não somos ricos o suficiente."

Segundo ela, a parte de shows é a mais importante dos negócios, seguida da parte editorial (licenciamentos). "Acho que, hoje, a parte menor do bolo é a venda de CDs. Antigamente as editoras de música eram um pequeno departamento dentro de uma grande gravadora. Hoje em dia, está se encaminhando pro contrário: as gravadoras passam a ser um departamento pequeno dentro de uma grande editora." Um show de Gil custa hoje algo entre R$ 80 e 150 mil. É uma estimativa, já que não há tabela. "Pode custar mais, pode até ser gratuito", afirma Meny. Para comparação, dizem por aí que artistas como Ivete Sangalo e Chiclete com Banana cobram cerca de R$ 300 mil. Roberto Carlos estaria na casa dos R$ 600 mil. Estreando no Ministério, em 2003, com um salário em torno de R$ 8 mil (hoje R$ 10 mil), Gil deixou claro que precisaria aproveitar as brechas da agenda para continuar fazendo shows, afirmando não possuir uma poupança que lhe permitisse abrir mão disso. Frase dele na ocasião: "É que muitas pessoas dependem de minha carreira como artista, gente de minha produtora, os músicos de minha banda. Não poderia tomar uma decisão [*aceitar o convite para ser ministro*] sem levar isso em consideração". Foi sua primeira polêmica em Brasília e fez muitos acreditarem que não se manteria muito tempo por lá. Gil pensa africano. "Eu não sou muito pragmático, naquele sentido convencional de que você vai pra uma função e você tem que estabelecer muito claramente... as metas, o que aquela função representa, o que você tem que fazer dela, quais os instrumentos que você precisa contar para que aqueles objetivos sejam conseguidos etc. – eu não sou muito assim", diz ele. "Eu gosto muito de... estamos ali pra ver o que que é possível fazer."

EM JULHO DE 2008, QUANDO SAIU, OS JORNAIS cuidaram de elencar os altos e baixos de sua gestão. Logo no início do mandato, evitou a exigência de uma "contrapartida social" nos contratos de patrocínio cultural, vencendo uma queda de braço com a Secretaria de Comunicação do Governo. Em 2004, criou os Pontos de Cultura, que colaboram para a democratização do acesso à internet. No ano passado, conseguiu do presidente Lula R$ 4,2 bilhões extras para sua pasta, historicamente pouco privilegiada na divisão do bolo (a Cultura tem ficado com cerca de 0,5% do orçamento geral da União, metade do mínimo recomendado pela ONU, e este ano quase bateu em 0,6%, equivalente a R$ 1,1 bilhão). "Eu não sou de briga", admite o ex-ministro. "Mas sempre cobrei do presidente um aumento nesse percentual. É preciso mais, exatamente porque há uma série de atendimentos que o orçamento poderia fazer e que a lei de incentivos, por exemplo, não faz, já que são áreas que não contam com o apelo de mercado, que não são a televisão, o grande teatro etc., e precisam de proteção maior por parte do Estado." O contexto, segundo ele, não ajudava. "Tem todas as questões de superávit, da dívida pública, a necessidade da redução de gastos, que passa por redução orçamentária também! Então, essa correlação difícil, entre soltar mais as torneiras ou abrir mais as torneiras, regar o conjunto da sociedade de recursos públicos e, ao mesmo tempo, a necessidade de restrição pra enxugamento, pra chamada responsabilidade fiscal e todas essas coisas... É um jogo em relação ao qual eu me colocava com muita... Eu não ficava lá gritando 'Cadê o meu, a minha parte?', com arma na mão. Eu não sou muito disso, não. Tava lá pra fazer o que eu podia com aquilo que eu tinha."

Na lista de bolas fora, aparecem o insucesso nos planos de reformular a Lei Rouanet, a greve dos servidores do Ministério em 2007 e o diz-que-vai-não-vai-acabou-não-fondo em que se transformou a criação da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual, projeto depois barrado por Lula. O poeta e escritor Ferreira Gullar foi um dos que falaram mal de Gil. Marco Nanini e Paulo Autran lideraram os ataques que vieram da classe teatral. E, se é que chama atenção, até Caetano Veloso reclamou que o ministro deveria ser mais cuidadoso ao falar de licenças alternativas para produtos culturais. "Pode criar uma sensação de vale-tudo", disse Caetano.

Direito autoral foi tema recorrente no mandato de Gil. "A questão cultural hoje é uma questão de uma velocidade muito grande, né?", diz ele. "As pessoas já estão começando a jogar no lixo os telefones celulares. E aí você tem que estar muito atento ao fluxo do dia-a-dia, das coisas que vão surgindo, das intersecções novas que a cultura vai tendo com os outros campos – com a educação, com a saúde, com o meio ambiente. Eu não sou um especialista nisso. O que quero dizer, eu não me coloquei no Ministério da Cultura como especialista, me coloquei como generalista. O experimentalismo tem que ser a marca básica de tudo que você faz. Você tem que estar disposto a experimentar. E foi assim que eu me coloquei, me dei ao cargo, à função." Ele nega que o Ministério tenha sido uma cruz. "O que há de ser feito, eu vou lá fazer – é isso que eu acho. A oportunidade de fazer à nossa feição, à minha feição, à feição do meu modo de ver, do meu modo de interpretar, de uma leitura específica que eu faço da vida, que pode ser coincidente com a de muitos outros, e que possa servir aos outros, servir a muitos. Eu não vejo nisso nenhum grande sacrifício."

E assevera que nem o terno e a gravata lhe incomodavam. "Na vida de ministro você vai pra muitos lugares mais formais e, em geral, lugares que têm ar-condicionado. Então, o colarinho e a gravata combinam, protegem o peito e a garganta."

Durante estes anos de mandato, Gil conheceu e firmou amizade com o empresário e executivo Luiz Fernando Furlan, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. As esposas de ambos também se entenderam e logo, além de almoços e jantares em Brasília, os dois ministros e suas famílias passaram a se encontrar também para finais de semana em Salvador ou Araras. "Nossa afinidade começou logo em janeiro de 2003", lembra Furlan. "O presidente Lula resolveu levar os ministros para conhecer a pobreza e organizou uma viagem para o Vale do Jequitinhonha, em Minas, interior do Piauí, e também uma parte de Pernambuco. Na hora em que chegamos, o povo não conhecia os ministros, mas conhecia o Gil. Uma quantidade enorme de fãs vinha, com câmera, e falava: 'Moço, tira uma foto minha com o Gil?' Eu passei a ser o fotógrafo especial do Gilberto Gil!" Durante o Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, a popularidade do colega voltaria a surpreender Furlan. "Eu já era veterano de Davos, então tinha hotel marcado seis meses antes. E o Gil tinha confirmado na última hora, não havia quartos em lugar algum, daí deram a ele um hotelzinho de periferia. Quando chegamos na cidade, eu falei: 'Gil, vamos comer alguma coisa no hotel onde estou e depois a gente vai procurar o seu'. Quando entramos no saguão, a diretora do hotel olhou pra ele e gritou assim: 'Gilbeeeerto Giiiiiiiiil!' [*imitando sotaque*]. E aí veio, falou que era fã dele, que tinha todos os discos. No fim, acabou que ele ficou hospedado nesse hotel e ainda pagou metade do preço que eu paguei, gentileza de sua grande admiradora."

"NÃO ME COLOQUEI NO MINISTÉRIO COMO ESPECIALISTA, MAS COMO GENERALISTA"

A capacidade de Gil como gestor foi um dos pontos bastante discutidos ao longo do mandato. Sua formação como administrador de empresas, em 1964, na Universidade Federal da Bahia, e a breve experiência como executivo na Gessy-Lever, em 1965, não foram suficientes para fazê-lo tão famoso na vida corporativa como na arte. Mas é inegável que essa faceta existe, o que ele reconhece. "Acho que sim, tenho a impressão de que isso deve colaborar, por causa das noções de métodos e organização e gestão e... os rudimentos de mercadologia, de marketing que aprendi, as relações, cadeias produtivas, as cadeias criativas, essas coisas que são noções básicas da época acabaram ficando. São referências, orientações, o gosto pelo negócio bem gerido, bem organizado." Furlan vê nele os traços dos grandes líderes. "É um empresário bem-sucedido, uma pessoa que tem respeito no setor em que trabalha, constituiu um patrimônio, lidera um grupo de pessoas que dependem dele, da organização dele. Há muitos casos de artistas conhecidos que não conseguem se desenvolver, manter o patrimônio, e o Gil segue uma carreira de sucesso, como gestor também."

Jorge Mautner, amigo desde os tempos de exílio em Londres, autor de "Maracatu Atômico" e várias composições em parceria com Gil, concorda e vai mais longe. "Ele foi escolhido, em uma época de um Brasil nitidamente muito racista, nos anos 60, ele foi nomeado em uma grande empresa, entre centenas de candidatos. Então, nesse sentido de empresário e executivo, ele é um vencedor, um gênio. Organiza tudo, sabe de todos os contratos, se informa de tudo, de detalhes de produção, uma meticulosidade inacreditável. E isso tudo com ações ininterruptas e vertiginosa velocidade. São decisões instantâneas. Ele consulta, conversa, faz." Mautner rasga-se pelo amigo e o eleva à condição de um neo-capitalista. "Ele tem um envolvimento, uma visão do bem comum, [*um ímpeto*] de transformar a humanidade, de mostrar a grande importância de nossa cultura em nível universal e pra nós mesmos. Isso tudo é uma coisa só, da irradiação da emoção dele, dessa empatia imensa que se transforma em atos concretos, sejam humanos, musicais, poemas, sejam manifestações políticas, seja na família – o tempo todo."

Mas a corda sempre nos leva de volta pra ela: Flora. E compará-la a Paula Lavigne, que dirige os negócios de Caetano, não é suficiente. "O Caetano não tinha uma família anterior, propriamente. Tinha um filho e uma ex-mulher. Eu, não! Eu tinha vários filhos, várias ex-mulheres e tudo mais. Um pacote do Gil Moreira que a Flora botou no colo, integralmente! Mesmo ali, no próprio reduto afetivo da minha vida, ela também ali foi. Meus filhos, meus parentes, meus amigos, meus pais, minha mãe! Tudo! Ela assumiu que há uma grande família Gil, e que é dela também. Jogou com habilidade esse jogo afetivo amplo dentro das famílias e unificou tudo, incluindo os entornos da família, com os amigos todos."

Preta é testemunha. "Flora sabe gerir, empreender, tudo com uma precisão muito grande. As coisas partem sempre da vontade dele. O que ele está vislumbrando, as ideias que ele começa a rabiscar na cabeça, a Flora tem a capacidade de transformar num projeto rapidamente. Mas ele que rege a carreira dele, decide o que quer, ao contrário do que as pessoas pensam. Tem muito essa visão de que a Flora manda. Na verdade, ela é uma realizadora dos desejos dele." Para Liminha, Flora traz tranquilidade para Gil e quem estiver por perto. "É uma mulher inteligente, madura, prática, tem energia, imaginação e é rápida pra tomar decisões. Com certeza o lado artístico de Gil cresce. E todos na equipe adoram ficar ao lado dele, o que acaba refletindo positivamente no trabalho."

GIL JÁ GRAVOU MÚSICA DE STEVIE WONDER. E JÁ gravou Beatles, Jimi Hendrix, Bob Marley, Dorival Caymmi, Jackson do Pandeiro. E a mesma devoção que tem por seus ídolos ele dedica aos fãs – pelo menos é o que se observa em Montreux, na Suíça, durante a breve passagem da trupe do show Banda Larga Cordel. "Gil! São 30 anos hoje!", grita em francês a mulher elegante, sentada na mesa do café. "Eu assisti àquele show, eu estava aqui!" O baiano rodopia sobre os sapatos de couro fino, volta e a cumprimenta com carinho. O célebre Festival de Jazz de Montreux, organizado por Claude Knobs – o tal que é citado em "Smoke on the Water", do Deep Purple –, realiza mais uma vez a noite brasileira, uma tradição que teve

início em 1978 com a participação de Gil, como bem lembrou a fã suíça, e resultou em um disco ao vivo, emblema em sua discografia.

Neste sábado, seu show fechará a noite, depois de Mart'nália e Elba Ramalho, e ele agora percorre o trecho de 500 metros que separa o luxuoso Montreux Palace do centro de convenções onde acontece o festival, em cima da hora para a passagem de som. Dispensou o carrão oferecido pelos organizadores, contrariando a vontade de Flora. Aparece um rapaz alto, loiro, gringo da cabeça aos pés, e o aborda em português: "Gil, muito obrigado. Eu aprendi a falar português com suas músicas". Uma mocinha magra, meiga e lindíssima, chega junto e diz quase a mesma coisa: "Sua música é tudo para mim. Corre nas minhas veias". Calça e camisa pretas finíssimas, Gil chega ao local e é tratado assim como um paxá, bravamente escudado por Gilda Mattoso, assessora de imprensa e também secretária pessoal em viagens pelo Brasil e pelo mundo. Por perto também, de camiseta, bermudinha justa e sandália de dedo, está a piauiense Adelícia Freitas, que há 14 anos cuida das roupas de Gil. "São 14 calças, 16 camisas, 6 pares de sapato", diz ela.

"Nossa, sonhei hoje com o Gil", lembra Flora durante o almoço "Que ele tava num hotel aqui na Suíça, e o hotel era todo de chocolate. Ele saía comendo pedaço da porta, do corrimão..." Gil dá risada. Ele é doente por chocolate. "Na verdade, eu deixei de ter uma norma dietética permanentemente colocada, considerada como padrão. Eu tenho uma alimentação bem ampla. Quando preciso de uma âncora mais terapêutica, assim, então eu vou pra macrobiótica. Eu já ando com mais tranqüilidade, sou mais cuidadoso, venho adequando os meus atos a uma vida mais... de dispêndio mais moderado de energia. Então o alimento também vai seguindo tudo isso, você vai comendo menos." E conta que come uma carninha de vez em quando. "Às vezes, sinto mais necessidade de centrar nos cereais. E durante um período eu vou e libero um pouco as proteínas animais quando acho que tenho folga pra isso."

Mas os sonhos de Flora não acabaram. "Ah, lembra, eu sonhei que você tinha sido um bebezinho, também?" Bem, isso já está nas enciclopédias, é a pura verdade. Em 26 de junho de 1942, em Salvador da Bahia, nasceu Gilberto Passos Gil Moreira, filho do médico José Gil Moreira e da professora Claudina Passos. Viveu aquela infância querida na pequena Ituaçu e ainda usava fraldas quando começou a batucar pela casa e dizer que queria ser músico. Aos 9, foi morar com tia Margarida em Salvador e dedicou-se ao acordeom. "Estudei o instrumento por quatro anos, me formei acordeonista com um professor espanhol, chamado José Benito Colmenero", lembra Gil. "Foi com ele que fui introduzido na teoria musical e comecei a tocar e só depois, exatamente lá pelos 16, 17 anos é que eu comprei meu primeiro violão, já estimulado pela bossa nova. Então vieram os Doces Bárbaros, os anos de chumbo, os festivais, o exílio em Londres, o verão do desbunde – e o resto é história."

"Desde pequeno, desde pequeno... Falava que queria ser 'musgueiro'", lembra a mãe, hoje com 95 anos, imitando o jeito errado de ele falar. "Gostava muito do Luiz Gonzaga e aquele outro, o Jackson do Pandeiro. Ele escutava e ficava alegre, cantava... Desde pequeno." Dona Claudina não tem do que reclamar do filho. "Graças a Deus, um bom menino. Mas para pai e mãe, né, sempre filhos são tudo." A irmã, Claudina, apenas um ano mais nova que ele, faz uma ressalva. "Beto passou uma época aí, foi logo no início, que ele usou um cigarrinho daquela coisa horrorosa que você sabe o que é. Aquilo foi uma repercussão horrível." Como pai, está bem na fita. "Ele nunca me podou de nada", afirma Preta. "Sempre acreditou que eu deveria correr os meus próprios riscos e pagar o preço pelas minhas atitudes. Uma das coisas que ele mais diz, citando Caetano, é 'cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é'."

COM AS TRANCINHAS DELGADAS ARRANJADAS EM rabo-de-cavalo, as unhas da mão direita compridas, artesanalmente cuidadas por dona Elita – que atende também João Bosco, Moraes Moreira e Yamandu Costa, entre outros violonistas –, Gil só aparece na sala de reuniões da Gegê à tarde, muito depois de concluída a reunião que definiu parte do doravante de sua vida. Havia ficado em casa durante a manhã, descansando depois da viagem à Brasília no dia anterior, quando formalizou sua renúncia. Anda entusiasmado com a voz, depois do necessário período de comedimento que sucedeu a operação nas cordas, ano passado. "Estou progredindo com exercícios, venho estendendo meus limites. Pra dar uma forçada mesmo, fortalecer." Após um breve encontro com o cenografista Hélio Eichbauer, aprova integralmente as ideias para o novo visual do show. Está tranquilo, em boa forma, mora no próprio corpo. "Faço alongamento há muitos anos, todo dia. É um pouco de ritmoprática, que é um conjunto de exercícios propostos pelo professor Kikushi [*mestre da macrobiótica*]. Já fiz e eventualmente volto a fazer exercícios de ioga, de hatha ioga, de ioga de respiração." Das unhas aos fios de cabelo, o carro-chefe dos negócios da Gegê parece pronto para seu público. Mas não grude, não. "Eu tenho uma fantasia engraçada, a de que meu público sou eu mesmo, cada vez mais. Sempre foi."

Edição nº 49 – *Outubro de 2010*

Preparado para vestir a farda preta do Capitão Nascimento mais uma vez, o ator aproveitava a popularidade enquanto arquitetava o sonho de ser diretor de cinema.

CORAGEM SOB FOGO

POR RICARDO FRANCA CRUZ

FOTOS DANIEL KLAJMIC

DO ALTO DE SEU JEITO DE GAROTO, ELE É UM DOS GRANDES ATORES BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS E O MAIS POPULAR DE SUA GERAÇÃO. AGORA WAGNER MOURA SE PREPARA PARA, MAIS UMA VEZ, SER O ALVO DO PÚBLICO E DA CRÍTICA EM *TROPA DE ELITE 2*

WAGNER MOURA APERTA O PLAY. NA PEQUENA TELA DO CELULAR A IMAgem é escura. Mas dá para ver um astronauta abrindo o portão e entrando em uma casa. É noite. Ele deve estar rindo por dentro do capacete redondo que faz parte do traje prateado. Igual àqueles que a gente vê no cinema. A força gravitacional da Terra não apresenta empecilho, mas o astronauta caminha pelo jardim como se estivesse na Lua. "Bem, tem uma visita aqui para você, venha ver!", avisa a mãe. O garoto, um tanto desconfiado, aparece na cozinha, vai até a sala e dá de cara com o estranho. Não há susto nem choro, mas a reação é imediata:

empunhando duas espadas de plástico, Bem, um pequeno príncipe de 4 anos, vira um gigante e vai para cima do suposto invasor. E dá-lhe espadadas. O garoto é corajoso. Provavelmente ele está somente brincando. Mas, talvez, na cabecinha em formação de Bem, ele esteja defendendo a casa, a mãe e o irmão de uma invasão extraterrestre – o pai não está, então ele é o homem da família naquele momento. Percebendo que seus golpes não têm resultado, se esquiva e recua, sendo perseguido pelo inimigo. Até que é agarrado. Com as mãos envoltas por grossas luvas, o astronauta leva o menino até o colo e levanta a viseira espelhada do capacete revelando sua identidade. O rosto de Wagner Maniçoba de Moura é mais do que familiar a Bem. Pai e filho sorriem e então se abraçam. A conversa que se segue entre os dois é difícil de ser ouvida no vídeo gravado pelo aparelho de Wagner na noite anterior, a última diária de filmagem de *O Homem do Futuro,* "uma comédia doida, com ficção científica, do Claudio Torres". Com o N95 preto na mão, no estúdio onde em minutos aconteceria uma sessão de fotos, o ator se derrama em orgulho. "Ser pai é um barato muito grande, né, cara? Não dá nem pra explicar."

A culpa pode ser atribuída ao Capitão Roberto Nascimento, o personagem principal de *Tropa de Elite*, maior fenômeno pop do cinema nacional dos nossos tempos. Ou a Olavo Novaes, vilão global querido pela audiência que protagonizou, na novela *Paraíso Tropical,* cenas das mais tórridas com a prostituta vivida por Camila Pitanga no horário nobre. Ou simplesmente ao ator que os interpretou. Pode ser o jeito pacato e meio largado, a cara de bom moço e o sorriso agradável e sincero. Ou ainda o entusiasmo latente que parece transbordar junto com as palavras cada vez que ele fala do que fez, está fazendo ou fará – o mesmo entusiasmo que ele tanto preza e tem medo de perder: "Nunca tive medo de envelhecer, mas não quero perder um entusiasmo e uma inconsequência de garoto que são tão caros ao meu trabalho". Seja qual for a razão, não seria exagero afirmar que Wagner Moura é o mais interessante, senão o melhor ator masculino de sua geração. Ainda que sejamos bem servidos de jo-

ARTE DE TÍTULO E DESTAQUES: INDIO SAN

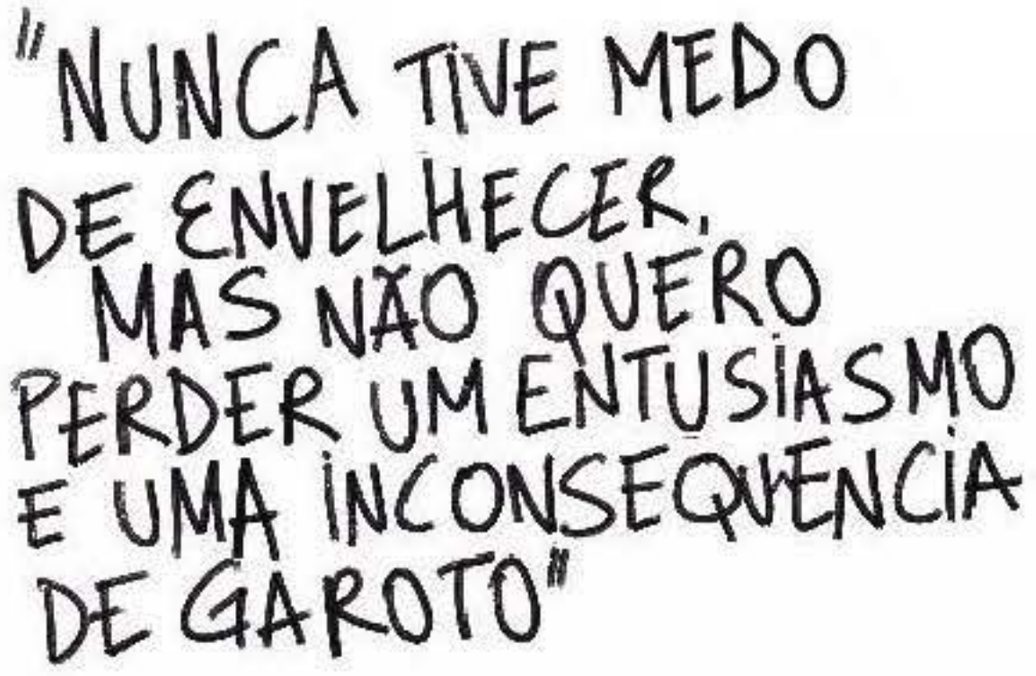
vens contundentes nos nossos palcos, televisores e cinemas, nenhum deles é tão popular e desperta tanta curiosidade quanto o soteropolitano de fala mansa, nascido há 34 anos, filho do sargento da aeronáutica Seu José Moura e da dona de casa Dona Alderiva, irmão da pediatra Lidiane, formado em jornalismo, perdidamente apaixonado pelo teatro e pela família, torcedor do Vitória da Bahia, simpatizante do governo Lula – *pero no mucho* –, eleitor de Marina Silva e que escolheu o Rio de Janeiro como morada desde 2000. Ao mesmo tempo que o ator (e não os personagens que incorpora) e o homem que ele é são "a mesma pessoa jurídica", em uma simbiose natural de quem parece ter nascido para fazer o que faz, é nítida a impressão de que Wagner é um ser desprovido da habitual máscara, do "sorriso para imprensa" que colegas da vida artística costumam apresentar aos desconhecidos interessados em seus segredos.

Ele não deve, não teme e mantém, preservadas na superfície, as respostas que se mostrariam mais reveladoras sobre sua vida pessoal. Não é raro ouvi-lo responder: "Não poderia te dar uma resposta sincera sem entrar demais na minha privacidade ou na de minha família". No caso de Wagner Moura, o que mais interessa é o que se vê e ouve. E também o que se intui. Se ele está fazendo o gente fina, o desencanado, o verdadeiro, coisa que minha intuição duvida, restaria concluir apenas que ele é muito bom nisso.

O ano de 2007 foi o "ano Wagner Moura", com o ator surfando a maior e mais popular onda de sua vida até então ao lado de dois memoráveis personagens – o Capitão Nascimento e o vilão Olavo. Mas ele não vê dessa maneira. "Apesar de ter sido o ano em que me tornei um ator popular de fato, muito conhecido por causa de dois trabalhos muito populares que aconteceram meio que em paralelo, não consigo ver aquele ano dessa forma tão determinante", diz. "Eu ouvia muito essa pergunta na época: 'Este é o seu ano?' e tal. Tinha consciência disso, mas não conseguia mesmo enxergar dessa maneira. Como artista, o processo de fazer *Hamlet* em 2008, dizer aquelas palavras, juntar aquelas pessoas todas no teatro e fazer Shakespeare no Brasil, foi uma coisa que me impactou mais."

Agora, este resto de 2010, ano em que ele já lançou o primeiro e talvez único disco 100% independente de sua banda bissexta de brit brega, Sua Mãe (*The Very Best of the Greatest Hits*), tem tudo para repetir o feito. Desta vez com foco centrado apenas no cinema e em um único filme, a sequência mais esperada da cinematografia nacional. Comandante-Geral do Batalhão de Operações Policiais Especiais e depois Subsecretário de Inteligência, dez anos mais velho, o narrador Nascimento volta em *Tropa de Elite 2* para preencher as lacunas que o primeiro filme deixou em branco: a quem o BOPE e as máquinas de intervenção e repressão servem verdadeiramente quando sobem nos morros e deixam corpos de bandidos no chão? O que é o verdadeiro crime organizado? Como se dá a relação imunda entre corrupção policial e política? Qual a verdadeira influência do Estado na configuração das políticas de segurança pública de uma cidade como o Rio de Janeiro? E, principalmente, o que acontece com um guerreiro urbano da mais brutal força da lei no país conforme ele vai envelhecendo e passando a entender sua verdadeira posição em um jogo que envolve, mais que boas intenções, interesses escusos? Enquanto esta edição é finalizada, o site oficial da produção indica na contagem regressiva que faltam sete dias, 22 horas e alguns minutos para o lançamento do filme. Mas Wagner entrega pouco: "Na secretaria de segurança, Nascimento começa a entender de fato que talvez ele tenha dedicado a vida inteira a uma causa diferente da qual ele achava que defendia. O cara acha que está servindo ao povo, mas está servindo ao Estado, que são coisas bem diferentes, porque, historicamente no Brasil, o Estado, de um modo geral, serve aos interesses escrotos de quem está ali [*no poder*]." E completa: "Nascimento é o clássico personagem da tragédia grega, ele caminha inexoravelmente para um final trágico".

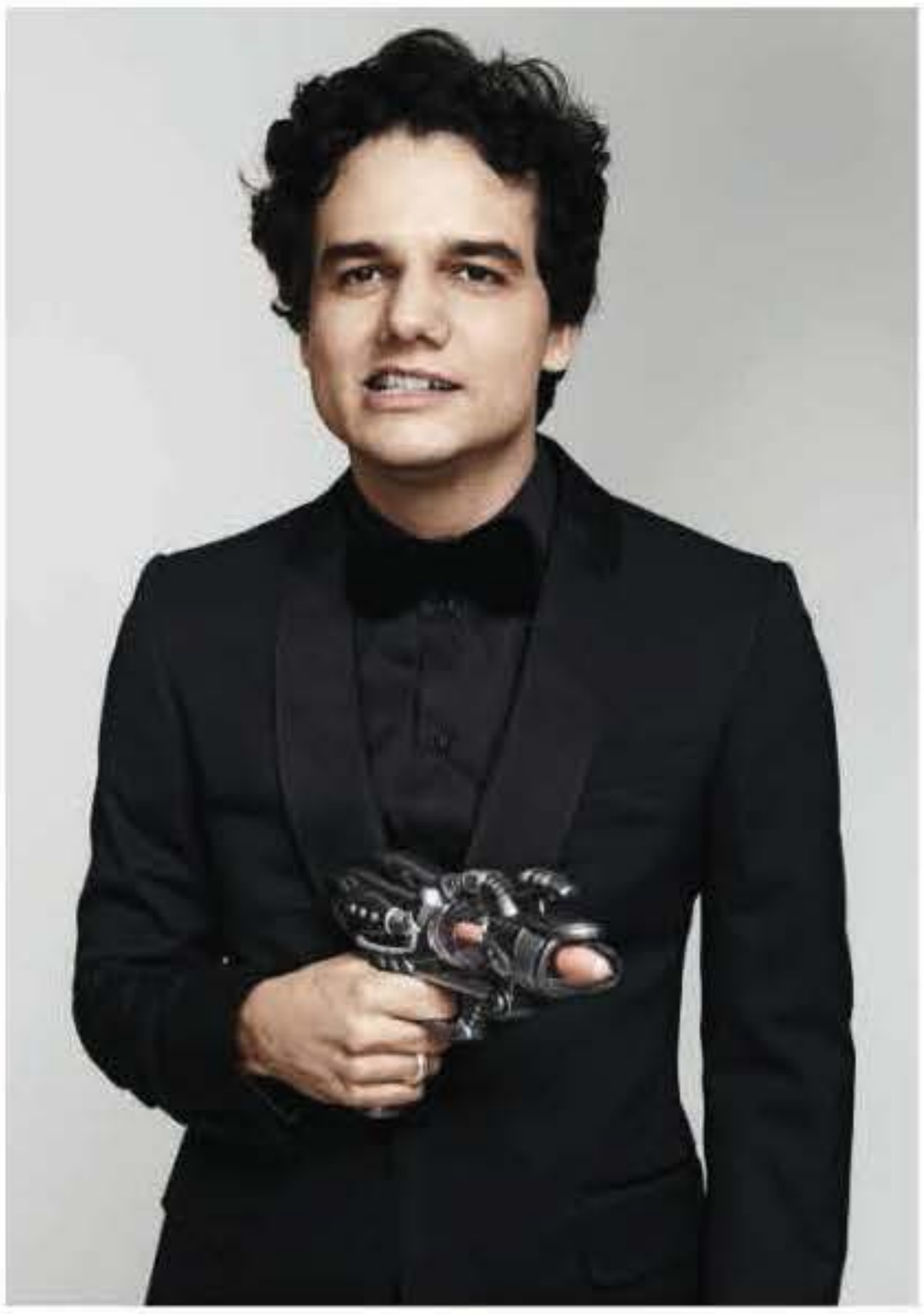
Aplaudido pela direita mais retrógrada, odiado pela esquerda mais embolorada, discutido e analisado à exaustão – ainda que, raramente, como produto de entretenimento com forte inclinação político-social. Mais do que tudo isso, adorado por quem gosta de cinema no Brasil e ainda tem esperança de ver nossa cinematografia inserida entre as mais importantes do mundo. Já se vão quatro anos desde que uma cópia de *Tropa de Elite*, o filme mais importante de Wagner Moura e do diretor José Padilha até o presente momento, foi furtada de um estúdio de legendagem e chegou às ruas de todo o país em versão pirata, antecipando o lançamento oficial nos cinemas. Assistido por 2,6 milhões de pessoas nas salas de exibição, a produção do filme calcula que mais de 11 milhões o viram na informalidade, um jeito eufemista de dizer que a pirataria, mesmo que tenha divulgado massivamente a obra, quebrou suas pernas com requintes de crueldade, lesando-a em alguns milhões de pagantes a menos nas bilheterias nacionais. Consequentemente, transformou em areia alguns milhões de reais, que passaram ao largo dos bolsos de quem era de direito. Incluindo, provavelmente, o protagonista, espécie de marido traído, um dos últimos envolvidos a saber do ocorrido. "Foi um camareiro da Globo que me falou que o filme estava sendo vendido na rua", conta Wagner, que na época interpretava Olavo da novela *Paraíso Tropical*. "Ele me disse: 'Porra, vi aquele teu filme da polícia!' E eu: 'Que filme, cara, tá de sacanagem?' Ele respondeu: 'Tá vendendo direto aí na rua, vou trazer pra você ver'. Ele trouxe uma cópia pra mim no dia seguinte e quando cheguei em casa vi que era o *Tropa*. Fiquei perplexo. Liguei pro Zé e ele estava transtornado, puto, logo ele que é um cara que controla tudo. E ainda mais neguinho dizendo na época que ele que tinha vazado o filme." A despeito do enorme potencial de bilheteria, pode ser que realmente *Tropa de Elite* tenha se tornado fenômeno de massa por causa do comércio ilegal de DVDs, mas a certeza é uma só: "Nunca saberemos o que teria acontecido com o *Tropa* se não tivesse rolado aquela parada da



pirataria", dispara Wagner, certeiro, como se parafraseasse um dos bordões disseminados pelo filme – "Nunca serão!"

No trajeto de carro, Wagner Moura conta que agora se prepara para uma maratona escorchante de entrevistas, debates e mesas de discussão sobre *Tropa de Elite 2*. Em um mundo cujo pensamento e a intenção dos criadores servem de muletas para uma imprensa preguiçosa, e plateias pouco dadas à autorreflexão preferem o pão mastigado a ter de mastigá-lo, obras de arte e/ou entretenimento não falam por si próprias. Explicá-las, desmistificá-las, torná-las mais digeríveis faz parte do jogo, da venda do produto.

Defender um filme como *Tropa de Elite* exige mais do que noções cinematográficas ou conhecimento dos meandros pelos quais se constrói um bom roteiro ou grandes cenas. É preciso ter consciência sociopolítica e firmeza nas posições assumidas. Assim é com José Padilha que, segundo Wagner, "é um cara sagaz que mudou a relação das pessoas com o filme no festival de Berlim durante as entrevistas". E é assim também com o protagonista, um ser político desde que se entende por gente. A poucos dias das eleições, e sem a capacidade de prever o futuro em uma disputa de escândalos, mudanças e brigas de galo entre o atual presidente e a grande mídia, o ator declara o voto na senadora Marina Silva. "Vejo nela um discurso muito lúcido, muito honesto, e uma disponibilidade de caráter para conversar com PT, PSDB ou quem quer que seja para buscar as soluções e o consenso. É a única que pensa em desenvolvimento sustentável como algo fundamental."



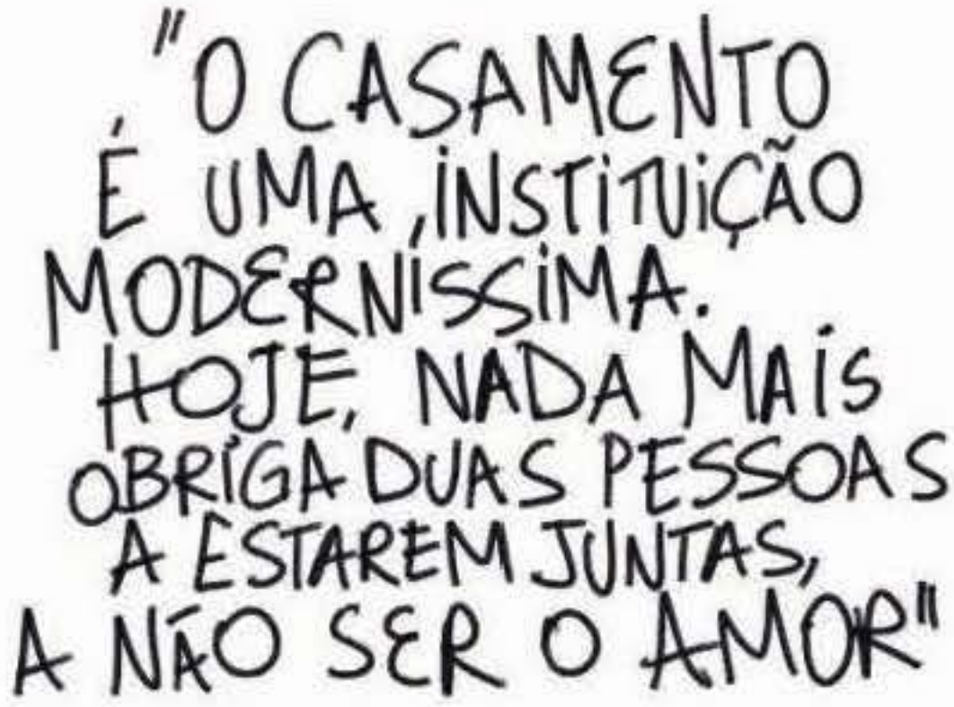
Mesmo com Lula "beijando a mão de Jader Barbalho, José Sarney" e Fernando Collor, e "não priorizando a defesa e o respeito aos direitos humanos como cerne do desenvolvimento" e elegendo a "governabilidade, essa palavra maldita, como sustentáculo", ele ainda se declara um entusiasta deste governo Luiz Inácio. "Simplesmente porque vejo nele um governo que combateu o óbvio: a desigualdade social. Diminuiu a diferença entre quem tem muito e quem tem pouco. Mas é evidente que o PT tem um projeto de poder e não de governo. Isso fica claro pela forma como o partido aparelhou o Estado e distribuiu cargos importantes por merecimento político e não técnico."

SAINDO DE UMA TRADICIONAL E MOVIMENTADA AVENIDA na capital carioca, chegamos a um bairro residencial silencioso, de belas casas antigas, sem aparente ostentação e com muitas árvores. Óculos escuros, camiseta do Lou Reed – "Foi a San quem me deu" –, calça jeans, tênis Osklen e mochila nas costas, Wagner entra em casa, ampla, agradabilíssima, toda aberta e sem paredes, cercada por portas de vidro. E sem quaisquer grades, como deveriam ser todas as residências no mundo saudosista que ele tem na cabeça. Pede que eu o acompanhe até o andar de cima, onde encontra a esposa, Sandra, a San, no quarto do filho mais novo, Salvador, de apenas 2 meses. O bebê está acordado e os olhos que estão descobrindo o mundo até parecem atentos à chegada do pai. "Você lavou as mãos, Wag?", Sandra pergunta com a voz serena quando ele pega o pequeno no colo e lhe dá um beijo seco na testa. "Lavei não, mas é rapidinho", e o coloca de volta ao berço, saindo do quarto. No closet do casal, ao lado, ele abre o armário branco de onde retira uma haste de madeira com um gancho na ponta e puxa com ela uma pequena porta no teto. Uma escada articulada se forma e ele sobe ao sótão. "Meu cafofo", diz, pedindo que eu o siga novamente. "Esse é um canto meu na casa. É necessário. Para manter a sanidade."

Localizado confortavelmente entre o teto do andar de cima e o telhado da casa, está um escritório de iluminação natural, composto por um futon azul, um violão, um banco de alvenaria e madeira, e uma mesa de vidro com cadeira e livros de artes. O sótão é um forno. Ele aciona o ar-condicionado em 22 graus Celsius. "Vem dar uma espiada aqui fora", e abre uma porta que dá na laje. Visto de cima, o bairro é ainda mais calmo. É fácil entender por que ele prefere não sair de casa. O ar é puro, há verde por todos os lados e a avenida movimentada parece estar a quilômetros de distância. Nem um homem martelando algo no telhado à frente atrapalha o clima de cidade do interior ou o canto dos passarinhos e das cigarras. "Aqui é uma rua em que se exercita muito a coisa da vizinhança. Naquela casa ali mora o Ângelo Paes Leme. A gente se vê toda hora. O pessoal da rua faz festa junina, as crianças brincam aí na boa. É muito astral", ele diz. É tanta tranquilidade que parece até um cenário de novela das 6 no Projac em dia de folga ou a materialização de uma poesia bucólica. "O Rio tem essa porra, né, cara, que você olha pra ali" – aponta para a frente – "e tem o Pão de Açúcar. E tem aquele cara ali" – aponta para trás e vejo o Cristo Redentor no alto – "de braços abertos lá em cima, e essa coisa verde toda" – completa olhando ao redor. "Eu queria botar aqui umas placas de energia solar, porque consegui fazer um reaproveitamento de água de chuva muito legal e queria que a casa meio que funcionasse numa batida ecológica. Mas não deu, porque o telhado aqui não tá numa posição boa para receber sol", lamenta. "O martelo tá te incomodando? Vamos sair daqui e conversar lá dentro."

O ar-condicionado ecológico deixa ameno o clima do sótão. Wagner me oferece a única cadeira do seu canto particular e se senta no banco. "Fiz isso aqui para os momentos em que quero ficar na minha, só", diz. E se justifica quando falamos sobre drogas: "Existe na humanidade uma vontade atávica de sair do centro, de sair dos eixos. Uns caem na balada, na loucura; outros têm um quartinho em cima de casa. Faz parte da caminhada de cada um. Tem uma coisa fundamental que é o livre arbítrio de as pessoas disporem de seus corpos e mentes da maneira que acharem melhor, que se sentirem mais à vontade."

SE HÁ ALGUM LUGAR NESTE MUNDO EM QUE WAGner Moura se sente completamente à vontade, além de sua própria casa e seu quartinho no telhado, esse lugar é o palco de um teatro. Qualquer teatro. Suas raízes como ator estão profundamente fincadas num tablado, nas viagens mais intensas, nos sonhos mais alucinados e nos voos mais altos que, para ele, somente o teatro pode abraçar. "Minha formação como ator começa no teatro. Eu não conseguia conceber que um ator se iniciasse na profissão de alguma outra maneira que não no teatro." A predileção óbvia pelo palco às câmeras se justifica no exercício da atuação. "Teatro sem ator não existe. Deu o terceiro sinal e é você com aquela plateia ali, não tem mais diretor, não tem ninguém. O ator é o protagonista. É uma arte bastante complexa e difícil de dominar. Sem diminuir, mas no cinema é mais fácil. Na televisão é outra parada. Mas também acho muito bonito ver o ator fluindo por aquele estúdio todo do Projac, jogando de uma forma harmônica com aquela equipe toda de uma novela ou de um filme."



Nem todo ator quer ser diretor, mas Wagner Moura quer. Ele acredita que sua experiência na área, principalmente agora que também atuou como produtor em *Tropa de Elite 2*, o capacita para a missão. "Eu tive no processo todo do filme uma presença que eu não tinha antes e curti muito. Fico a fim de caminhar nesse trilho aí." Apesar de ter na cabeça um argumento para uma ficção em que pretende atuar e dirigir, prefere não falar sobre "por ser ainda muito embrionário". "No final do ano agora eu quero ir pro meu apartamento na Bahia, ficar escrevendo, e sair de lá em março com um argumento bastante encaminhado ou até o primeiro tratamento desse roteiro. Eu não teria por que fazê-lo se não fosse algo muito pessoal. Existe uma vontade muito grande de dizer algo que eu não tenho mais como dizer enquanto ator." Depois de *Hamlet*, Wagner foi se agendando e agora tem compromissos até o meio de 2011. "Filmo com o Luciano Moura um drama familiar muito legal. Depois tem um projeto sobre Serra Pelada com o Heitor Dhalia e a Tatiana Quintella."

Apesar dos quase 15 anos de carreira e quase 20 filmes, Wagner não tem uma cópia em DVD – oficial, claro – de *Tropa de Elite*, nem de vários dos filmes em que trabalhou. "Não tenho quase nenhum. Eu vejo na loja, mas tenho vergonha de comprar. Vão dizer: 'Olha lá, o cara comprando os próprios filmes!' Parece triste. Outro dia passou *Deus É Brasileiro* na televisão e eu gostei muito de rever, não via desde que foi lançado. Acabei indo dormir às 4h da manhã porque não conseguia parar de assistir."

E Deus é realmente brasileiro? O filho de pais espíritas, que foi coroinha de igreja quando garoto, teve passagens pelo candomblé e admira os rituais de todas as religiões que conhece, acredita que Deus somos nós no domínio pleno de nosso potencial cerebral. "Não compro todo o papo do Deus cristão, a onda toda dos testamentos não faz sentido pra mim. Mas não tem como não acreditar em Jesus, que foi um cara fodão que andou ali pela Galileia e descobriu uma coisa genial. Naquela época, o cara fodão era o da espada e Jesus foi lá e disse: 'Brother, a parada é o amor, é o papo, é a gente se gostar'. E botou pra foder! Mas aí aquele papo da cruz, ressurreição e tal... é muito difícil pra mim."

Quando diz que não acredita em Deus, e que o que chama de "busca que resulta na minha inquietação metafísica" o levou à ciência, Wagner não quer dizer que sua existência esteja desprovida do sagrado. "Acredito no metafísico, nas coisas que a gente não enxerga com nossa visão limitada. No teatro, tem às vezes uma hora em que uma fagulha te faz sentir em comunicação com algo que você não sabe o que é direito. É algo inexplicável. O palco é um templo. Acho que o ritual das religiões tem muito a ver com o rito do teatro. Aquela repetição toda me parece uma tentativa de entender alguma coisa que, talvez, em última instância, seja esse Deus."

Mas, se você quiser mesmo falar sobre religião com Wagner Moura, invoque o exu branco e torto Thom Yorke. "Eu sou da religião do Radiohead, de uma forma bastante praticante. No show aqui no Rio eu estava fazendo *Hamlet* e cheguei a tempo de pegar as quatro últimas músicas. Mesmo assim foi o melhor show da minha vida. No mundo da arte hoje em dia nada me encanta mais que o Radiohead. Gosto muito do rock inglês. Para mim, a maior banda de todos os tempos foi The Smiths." Na sala da casa, ele procura nas bagunçadas gavetas de CDs uma caixa com todos os singles da carreira solo do cantor Morrissey, recém-adquirida na Amoeba Music de Los Angeles, uma das lojas de discos mais legais do mundo. "Aquilo ali é a perdição total!" No amontoado de CDs, consigo distinguir um PlayStation 2 jogado, dois *OK Computer* – "Pra você ver como eu gosto de Radiohead!"–, Tim, Jorge, Plant & Krauss, Cartola, Suba, Velvet, o solo de Yorke. "Ah, aqui está! Olha, cara, que caixinha mais linda essa do Morrissey. Eu ainda compro CDs, não baixo música, não baixo filme, sou um cara antigo."

A casa ganha novas cores quando Bem chega da escola, causando. O garoto tímido mal fala com o pai na frente do desconhecido. Salvador, no colo de Sandra, dorme o sono dos inocentes. "Quando ele deixar de mamar eu quero viajar com a San, deixar os meninos com a vovó na Bahia por uns dez, 15 dias e ir com ela para a Europa, namorar", diz o pai, para o qual o casamento é uma instituição moderna. "Hoje, nada obriga duas pessoas a estarem juntas como era anti-

gamente. Não existe outra razão para você morar com uma pessoa que não seja o amor. Isso é moderníssimo, cara!"

É SEGUNDA-FEIRA, DIA DE COSME E DAMIÃO, UMA E pouco da tarde. Nos estúdios da TV Cultura, em São Paulo, é gravado um *Roda Viva*, agora em novo formato comandado por Marília Gabriela. O entrevistado é Wagner Moura. A noite anterior, a primeira exibição de *VIPs* no Festival Internacional de Cinema do Rio, foi intensa para o ator. O filme, dirigido por Toniko Melo, e com estreia prevista para março de 2011, é baseado no livro *VIPs – Histórias Reais de um Mentiroso*, de Mariana Caltabiano, sobre um farsante que, entre outras peripécias que poderiam ser consideradas geniais se não fossem nocivas, se fez passar por dono de uma companhia aérea.

Wagner foi à frente da plateia para falar do filme. "Cara, essa parte foi muito chata. Subiu todo mundo no palco, Toniko falou e me deu o microfone: 'Agora Wagner vai falar'. Fiquei sem graça pra caralho, me sentindo meio bobo. Mas foi bom ter visto o filme com o público. Só que eu queria ouvir mais opiniões, porque nas estreias as pessoas tendem a ser mais educadas." Depois de reencontrar os companheiros de elenco e "tomar uma cerveja com a galera, quando eu vi eram 4h da manhã", Wagner foi para casa. Encontrou-a sem energia elétrica. Tirou os sapatos finos, o paletó e a calça pretos, a camisa branca e se jogou na cama – não sem antes acertar o despertador do iPhone para tocar na hora de levantar, vestir exatamente a mesma roupa do domingo, ir para o Santos Dumont, pegar a ponte aérea para São Paulo.

Foram três horas de sono, mas as câmeras públicas mostram um cara disposto, de pensamento articulado e respostas prontamente engatilhadas. A simpatia dos entrevistadores ajuda. O cansaço bate forte somente quando ele põe os óculos escuros e, já no táxi de volta para o Aeroporto de Congonhas, deixa a cabeça encostar-se ao vidro da janela. O táxi flui pela avenida 23 de Maio. O telefone toca e ele demora a atender, demonstrando ainda zero grau de intimidade com o iPhone. "Acho que nunca vou ficar íntimo disto aqui."

Diferentemente da visão glamurizada que temos do mundo artístico, Wagner Moura se enxerga como um operário a serviço dos personagens que aceita interpretar, dos diretores com quem trabalha e das histórias que escolhe viver. Ele sabe que essa profissão, apesar da fama, que ele pouco aprecia, e das oportunidades de ganhos astronômicos geralmente com a publicidade, que ele aprecia bastante – "Não acho inteligente não gostar de dinheiro, mas não vivo por ele" – não o fazem diferente de outros seres humanos. Aqueles que defendem o seu salário honestamente todos os dias. Mesmo que atores possam viver situações, reais ou fictícias, que dificilmente nós, pessoas ditas normais, viveríamos em nossas vidas ditas ordinárias. Como, por exemplo, voltar para casa depois de um expediente árduo de trabalho vestido como um astronauta.

No último dia de filmagem de *O Homem do Futuro*, Wagner resolveu fazer uma surpresa para o filho mais velho, Bem. Pediu emprestado ao figurino o traje de astronauta que usara durante o filme e foi assim para casa. Avisou a esposa que estava chegando e que surpreenderia o garoto.

A coragem do filho ao enfrentar o intruso espacial é motivo de orgulho. "O medo é um negócio que te paralisa e deixa você... Porra, tanta coisa pra viver... Então, fico tentando me policiar muito pra não ter medo. E tento ensinar o Bem a ser corajoso. Eu adorei quando entrei em casa vestido de astronauta e ele pegou as espadas para bater no astronauta. Achei maneiríssimo, cara." A infância ideal, segundo ele, saudosista, é a que ele teve, entre Rodelas e Salvador, brincando na lama, nas águas do São Francisco, na rua. "Queria proporcionar a meus filhos, de certa forma, essa infância de interior, sem grades, criar os dois soltos, sem medo. Como foi a minha infância, livre. O medo que a gente tinha era do Nego D'Água, uma assombração do rio que puxava as pessoas para baixo d'água. Eu vejo as crianças hoje muito estigmatizadas com os medos urbanos. Meus filhos têm uns amiguinhos que se assustam e choram por qualquer coisa. Tenho um pouco de dó do que podem vir a ser essas pessoas que vivem sob o regime do medo." E emenda: "Não quero morar numa porra de um condomínio fechado, rodeado de grade. Não quero andar de carro blindado, não vou entrar nessa parada! Porque eu não quero ter medo na minha vida nem no meu trabalho".

Emendo uma pergunta qualquer, em outra direção, mas Wagner está distante por trás dos óculos escuros. "Minha vida tem sido uma constante luta contra o medo" – pausa dramática – "e a calvície". Caímos na gargalhada. Digo que, pela crença popular e pelas fotos que vi de Seu Zé Moura, há alguma chance de que ele perca a batalha contra a queda de cabelos. Com o olhar perdido no cinza paulistano, ele ajeita as volumosas madeixas pretas com as mãos, como se conferisse se elas ainda lhe pertencem. "Não me diga isso, não, cara. Por favor, calvície, não."

Edição nº 51 – *Dezembro de 2010*

A BANDA FORMADA EM PORTO ALEGRE (RS) LANÇAVA SEU ÁLBUM MAIS PESADO, *REVANCHE*, NO QUAL CONFRONTAVA CRÍTICOS E DETRATORES E TENTAVA APONTAR UM CAMINHO DIFERENTE PARA O ROCK DE GUITARRAS NO BRASIL.

Fresno Contra o Mundo

Cansados da imagem de bons moços e fugindo dos caminhos fáceis, os integrantes do Fresno – ponto fora da curva do novo rock brasileiro – querem corrigir erros do passado e angariar o respeito de quem ainda os menospreza

"ISTO AQUI É UM SHOW DE ROCK, PORRA!" LUCAS SILVEIRA, LÍDER DA BANDA

Fresno, grita como se estivesse enfurecido com a plateia à sua frente. Diante dele e de seus companheiros, três mil pessoas lotam uma casa de shows em Santos (SP) – entre adolescentes no auge da acne, garotas com cabelo alisado e meninos que, sim, apesar do sucesso dos quatro integrantes com o público feminino, também sabem cantar cada verso das músicas do grupo.

Minutos antes, no camarim (uma sala modesta com frigobar, espelhos, uma garrafa de vinho pela metade, lanches e uma garrafa de uísque intocada), uma garota, em choro convulsivo, se agarra com força a Lucas, a cabeça em seu peito. O ídolo adolescente não parece confortável – menos ainda quando a menina é retirada à força, aos gritos de "eu te amo!" – e aparenta não estar em seu melhor dia. Enquanto Rodrigo Tavares, o baixista-estrela, conversa com todos, Lucas está isolado, provavelmente desabafando dores de amor com uma amiga, produtora da banda. Naquele dia, conforme contaria depois, ele havia se desentendido com a atual namorada, com quem está junto há cerca de seis meses.

Lucas sofre por amor, mas essa não é sua principal preocupação no momento: ele e Tavares, os homens de frente do Fresno, lutam para desfazer a imagem de "juvenil" que há anos permanece atrelada ao nome, às ações e à música da banda. É uma guerra de muitas batalhas: eles precisam destruir a percepção de que a única opção para os jovens brasileiros "não alternativos" é o pop rock romântico de letras pouco elaboradas e guitarras suavizadas que passam fulminantes pelas rádios e rapidamente caem no esquecimento. Precisam também superar a imagem de banda de rock pré-fabricada, apenas uma entre tantas que atuam sob a tutela do produtor Rick Bonadio. Com *Revanche*, o quinto disco de estúdio (segundo com o respaldo de uma gravadora grande, a Universal), o quarteto gaúcho marcou território como um grupo amadurecido, porém amargurado com as confusões profissionais e decidido a confirmar uma identidade própria dentro do cada vez mais minguado cenário do rock nacional. E ainda devem brigar por popularidade entre os jovens que hoje, como define Tavares, "sonham em ser o Justin Bieber, em vez de sonhar em ser o Axl [*Rose*]".

"Dia desses", começa Lucas, "chegou um cara no supermercado perguntando se eu era irmão de um músico. Eu disse que sim. 'Legal a banda do seu irmão, como é o nome mesmo? Restart?'" Em tom de deboche, Lucas é taxativo: "Na cabeça do grosso da população, existe a 'banda Bonadio', uma grande banda de 50 pessoas". A confusão também não desperta bons sentimentos em Tavares. "Porra, eu não faço coraçãozinho [*com as mãos*], não mando beijo pra ninguém. No microfone, não chamo ninguém de meu amor. Vá se foder! Não sou do Restart: tenho 28 anos e sou grisalho!"

Não vem apenas da falta de conhecimento do público essa

POR **BRUNA VELOSO** | FOTOS: **RUI MENDES**

"crise de identidade": quando assinou contrato com Rick Bonadio para gravar o álbum *Redenção*, em 2008, o Fresno assumiu decisões que colaboraram para o crescimento do preconceito e ajudaram a marcar a fogo um rótulo que jamais vem desacompanhado de um sorriso irônico de seus detratores: o de "banda emo". Com *Redenção*, o grupo, que já tinha três outros álbuns na bagagem e uma sólida base de fãs no underground, se viu arremessado ao mainstream com três singles românticos consecutivos tocando em rádios – "Uma Música", "Alguém Que Te Faz Sorrir" e "Desde Quando Você Se Foi". Escapar da pecha de "apenas mais uma banda como as outras" começou para o quarteto como uma tarefa quase impossível. Mesmo que essas letras – de cunho sentimental e confessional, compostas pela mente ágil e inquieta de Lucas Silveira – fujam à rima fácil da média de artistas brasileiros, a banda que antes surfava o hype do mundo alternativo se viu alvo fatal do ódio dos roqueiros – talvez os mesmos de quem hoje o Fresno almeja respeito.

"Tem uma coisa que é normal: tu se impressionar com o sucesso que uma música pode fazer. E tu querer repetir aquilo", reflete Lucas, parecendo desconfortável na cadeira. "É a coisa do deslumbre. Tu acha aquele sucesso tão legal que esquece que talvez aquela música não tenha muito a ver, que aquele não era o single que tu queria. Um ano depois, vê o resultado e a galera no show reclamando que tem gente pulando. Teve um show em que gritei 'Vamo quebrar tudo!', e vi a cara [*de reprovação*] de uma menina na frente. Então vai se foder, vai pro fundo! Ou fica em casa!"

"Em 2007, a gente saía com R$ 5 pro metrô e R$ 5 pra beber" VAVO MANTOVANI

O FRESNO (OU A FRESNO, DE ACORDO COM SEUS PRÓprios integrantes) nasceu em 1999, no grêmio estudantil do colégio particular Pastor Dohms, em Porto Alegre. Os então adolescentes Lucas Silveira e Vavo Mantovani (o guitarrista, integrante mais certinho do quarteto, uma espécie de enciclopédia humana da história do Fresno), ao lado de Pedro Cupertino (bateria), Bruno "Lezo" Teixeira (baixo) e Leandro Pereira (vocal) fizeram o primeiro show em um festival da escola, no início de 2000. A segunda apresentação veio menos de seis meses depois, no mesmo colégio, mas com o repertório de covers trocado por músicas próprias – compostas por Lucas, mas cantadas por Leandro, que mais tarde seria demitido da banda via internet. Até então o quinteto se chamava Democratas (a substituição ocorreu quando Vavo descobriu um grupo homônimo em uma busca pelas músicas de sua própria banda no Napster).

Na época ainda um território desconhecido para muitos, a web foi um diferencial na carreira do Fresno, que ficou conhecido por ser um dos mais bem-sucedidos exemplos da divulgação eficiente na era digital. Desde a gênese da banda, seus integrantes estabeleceram uma intensa frente de divulgação no mundo virtual: enquanto se comunicavam com artistas de outros estados, Lucas gravava versões de voz e violão das músicas e as divulgava com a ajuda de amigos. Assim, o Fresno foi lentamente se tornando conhecido além do circuito de Porto Alegre, tendo feito seu primeiro show fora da cidade em 2002. A passos calculados – pouco ou nada nessa trajetória pode ser chamado de golpe de sorte –, o grupo cativou um público fiel, muito antes de vender as 100 mil cópias de *Redenção*.

De 55 pagantes no primeiro show não escolar (em 2001, na casa noturna Garagem Hermética, em Porto Alegre) até apresentações em rodeios com 20 mil pagantes, muita coisa mudou na vida dos rapazes. Mas o fator definidor da banda pode ser considerado a entrada de Rodrigo Tavares, ainda que isso não seja assumido diretamente pelos integrantes.

"Imagino que pro Lucas e pro Vavo tenha sido um terremoto quando eu cheguei", analisa Tavares, "porque a postura [*do grupo*] era muito careta". Ele – um homem esguio e tatuado, com a barba por fazer e, apesar da aparência quase agressiva, com os olhos carismáticos de quem sabe convencer seu interlocutor, sem esforço – está à mesa de um bar na Vila Madalena, São Paulo, segurando um cigarro aceso, falando rápido e pelos cotovelos. "O Nick, técnico de som, que é o único da equipe que entrou antes de mim, diz que antes não se podia fazer nada. No ônibus não se podia fumar, não se podia beber. Eu cheguei cheio de problema, cheio de remédio, cheio de maconha", ele diz. "Eu passava a imagem do louco, mas com o tempo isso foi se moldando, emparelhou à loucura de todos, com uma vantagem para o Vavo, que ainda é o mais santo." Assim como Lucas, que também tem os dois braços fechados por tatuagens, Tavares fala como se há tempos precisasse de alguém para escutá-lo. Em um país marcado por artistas politicamente corretos e calejados em orientações restritivas quanto à imprensa, o gaúcho de 28 anos não parece utilizar qualquer tipo de freio verbal. "Eu tinha 15 pra 16 anos e era junkie, terminei o primeiro grau no supletivo. Tomava qualquer coisa que me dessem", ele lembra, afirmando nunca ter experimentado cocaína – um amigo seu ("um ídolo") cometeu suicídio aos 21 anos, depois de se viciar na droga. É Tavares quem puxa o assunto das drogas para em seguida citar a falta de liberdade de expressão e se declarar veementemente a favor da legalização da maconha. "Se eu levantasse a bandeira da maconha no Brasil, estaria fodido, porque sou da Fresno. O [*Marcelo*] D2 pode, eu não posso. Mas eu queria muito levantar, se não fosse ser preso. Se não fosse por isso eu tava lá na [*avenida*] Paulista gritando, e foda-se todo mundo", ele proclama, em um só fôlego.

Tavares entrou para o Fresno em 2006, com a saída inesperada de Lezo, mas sua relação com os integrantes começou antes: foi ele quem produziu, no quarto de sua casa em Porto Alegre, os dois primeiros discos da banda (*Quarto dos Livros*, de 2003, e *O Rio, a Cidade, a Árvore*, de 2004). Se hoje não consegue ouvir esses álbuns (por causa da qualidade mambembe das obras, alega), na época Tavares chegou a se assustar com a "crueza" dos colegas. Escolado no hard rock, ele descreve o primeiro encontro com os rapazes, provenientes da cena hardcore, como "a coisa mais horrorosa que aconteceu na minha vida", exagera. "É até engraçado que agora eu esteja aqui e seja amigo de todo mundo, porque a primeira impressão foi: 'Eu quero morrer!' Era horrível".

Também foi a partir da chegada definitiva de Tavares que

CONTRA TODOS
A formação do Fresno em 2010 (*da esq. para a dir.*): Vavo Mantovani, Lucas Silveira, Bell Ruschell e Rodrigo Tavares

imagem passou a ser um conceito realmente importante para o Fresno. Até 2004, nem fotos de divulgação haviam sido feitas, muito pela ideia de que "o que importa é a música". Nascido em Camaquã (distante 127 km de Porto Alegre) e guitarrista por natureza – que só se viu disposto a tocar baixo quando foi convidado para se juntar ao Fresno –, Tavares entende que o rock e a transgressão visual sempre andaram juntos. "Sou muito ligado à imagem", ele diz. "Quando entrei na Fresno, eu tinha o objetivo de ser 'o' Tavares, 'o' baixista, e sabia como fazer isso. O Lucas também criou um lance muito forte. Acho que o encorajei a não ser tão normal."

Essa identidade dita "anormal" – calças skinny justíssimas, camisetas com gola V que deixam à mostra tatuagens no peito, cortes de cabelo pouco convencionais – também trouxe um lado negativo. Lucas, principalmente, já se acostumou a ser hostilizado por onde passa. Em dado momento, enquanto caminhamos juntos pela avenida Paulista em um fim de tarde, ele me pergunta: "Você ouviu?" Próximos à estação Brigadeiro do metrô, alguns rapazes resmungavam xingamentos para ele de forma nada discreta. "O cara ali me chamou de viado. E fez questão de que eu ouvisse", Lucas indigna-se.

Ainda que Lucas e Tavares se destaquem no conjunto, Gustavo "Vavo" Mantovani e Rodrigo "Bell" Ruschell (baterista, que entrou na banda após a saída de Pedro Cupertino, convidado a se retirar do grupo em 2008 por, de acordo com os remanescentes, "não acompanhar a evolução técnica dos demais") se mostram essenciais à mensagem de unidade propagada pelo Fresno. Vavo, como administrador, é considerado o mais responsável dos quatro; Bell, o novato, que se considera um "nerd" quando o assunto é bateria, está sempre em busca de uma perfeição técnica.

A história de Vavo é a mais linear do quarteto: não houve grandes conflitos em sua adolescência, seus pais ainda são casados e ele estudou "90% da vida" escolar no mesmo colégio, tendo depois se formado em Estatística. Namora há mais de um ano e é, como ele próprio se define, "o mais tranquilo", qualidade que é corroborada por seus companheiros de trabalho. De olhos azul-claros, expressão desligada e pinta de "genro dos sonhos", Vavo é também o mais comedido, o mais preocupado em não dar declarações definitivas: não afirma que Lucas é seu melhor amigo (ambos têm 27 anos e se conhecem desde a adolescência, sendo os dois únicos integrantes originais do Fresno), preferindo dizer que, para ele, "a definição de melhor amigo é um grupo de dez a 15 pessoas". Ao descrever um exemplo de briga na banda, relata coisas triviais ("Ô, Tavares, não precisa jogar um refrigerante cheio, sem tampa, virado no lixo!").

"Eu não consigo imaginar a gente brigando", diz Vavo sem levantar a voz, durante um jantar em uma churrascaria paulistana (ele nasceu em Porto Alegre). "Porque na música, a gente é superlivre, um dá pitaco no que o outro toca. Todo mundo tem na cabeça que o objetivo final é a banda, as músicas."

Vavo é o único dos quatro que não mantém um projeto paralelo ao Fresno, enquanto Lucas toca o Beeshop (que lançou o disco *The Rise and Fall of Beeshop* no início de 2010), Tavares prepara um álbum sob o codinome Esteban e Bell intensifica os trabalhos com sua outra banda, a VInDA. Discreto, o guitarrista demonstra preocupações mais prosaicas, como a viagem para Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, para assistir aos jogos do Internacional-RS pelo Campeonato Mundial de Clubes. Vavo também admite que é aquele que menos pode ser considerado um "músico nato": "Muita gente que toca melhor que eu não teve a oportunidade [*de fazer sucesso*]. E sei que uma vez que decidi que é isso que eu vou fazer na vida, tenho muito a melhorar". Ao mesmo tempo, sem a organização de Vavo, o Fresno poderia não estar na posição que está hoje. Ele é, provavelmente, o único dos quatro que pode se dar ao luxo de visitar a Ásia sem se preocupar com o cheque especial. Seu controle na vida pessoal se reflete, claro, em seu metodismo com a banda

– é ele quem faz o papel de intermediador nos canais do grupo na internet e que, vez ou outra, retoma as conversas, a fim de manter suas respostas e a dos demais entrevistados em ordem cronológica. "O estilo Fresno foi o Lucas quem criou", define Tavares, "mas, se não fosse pelo Vavo, essa ideia já teria falido, porque ele administrou tudo".

O novato do grupo, Bell, 29 anos, quis tocar bateria desde cedo. Sua mãe, professora de História em uma escola de Porto Alegre, pediu ao professor de música que ensinasse o filho a tocar o instrumento. Após ganhar um concurso com uma banda, aos 15 anos, o rapaz porto-alegrense achou que havia garantido o futuro como músico: deixou de se interessar pelos estudos e repetiu de ano. Tempos depois, resolveu entrar para a faculdade de Direito para seguir a profissão do pai. "Eu sempre tive uma família muito estruturada, um pai exemplar em casa. Era difícil eu mesmo me aceitar como músico, não ter uma 'profissão'", relembra, como quem repassa mentalmente o discurso para não deixar passar nenhuma informação. Quando está junto de seus amigos sob a análise de um repórter, Bell quase não se pronuncia; no dia a dia, porém, é falante e brincalhão. Durante a faculdade, Tavares o chamou para a banda Abril (que tinha o irmão de Bell, Airton, como baixista). Em 2008, quando os membros do Fresno o convidaram para morar em São Paulo, Bell estava fazendo seu trabalho de conclusão na faculdade – e só teve a coragem de largar tudo porque, após a separação de seus pais, em 2004, "não tinha mais a preocupação de agradar a ninguém". "A gente só cresce na crise", ele teoriza. "E quando tua família se desintegra, tu não tem mais que provar nada pra ninguém. Aí tu vai ser tu, né?"

A ligação entre Bell e Tavares vai além das bandas em que já estiveram e do nome que ambos carregam: ambos têm síndrome do pânico. Bell, que tem um filho de 1 ano e 7 meses, sofria com problemas inexplicáveis de estômago ("as dores de Kurt Cobain", ele ri), e, após a separação dos pais, passou a sentir tonturas e ter a sensação frequente de que iria morrer. Depois de descobrir a doença, começou a se medicar, mas sem sucesso. Morando em São Paulo e recém-integrado ao Fresno, ele foi o último a passar pela "fase do deslumbre" – da facilidade em se encontrar drogas na cidade grande, das festas constantes na casa onde os integrantes moraram juntos, (que ganhou o apelido de "Barão do Bacanal"), das intensas e constantes bebedeiras. E foi no período do auge da farra que teve uma de suas piores crises. "Eu não tinha receita do remédio e não estava a fim de ir ao médico. Estava tão bem que resolvi parar. Até que veio uma crise forte. Foi a primeira vez que eu pensei em me matar. Não conscientemente, mas foi a primeira vez que quis morrer."

Com Tavares, as primeiras crises vieram em outra fase, a época "mais careta" de sua vida. "Eu estava indo pro cursinho pré-vestibular e me deu um piripaque", o baixista relata. "Comecei a ter vontade de vomitar, a tremer. Desci do ônibus e voltei pra casa. No dia seguinte, a mesma coisa." Se antes ele tomava remédios controlados apenas por diversão ("Só depois eu descobri que tomei quantidades de Rohypnol que podiam ter me feito morrer umas cinco vezes"), o músico passou a se medicar por necessidade.

HOJE, A POSTURA DE BOM MOÇO PARECE SER ESSENcial na manutenção de um nome no cenário do rock brasileiro. Os rapazes do Fresno admitem que se cansaram dessa regra e, indo além, não querem mais o compromisso do sucesso a qualquer custo. "Eu já ouvi que respeito não compra nada", diz Lucas, que, atualmente, rejeita tal afirmação. "A gente fez shows em rodeios e tal, mas, o legal mesmo, depois tu aprende, é aquele show só para mil fãs, ou 500. Tu deixa de se impressionar com a multidão."

No entanto, o começo de carreira em São Paulo não deixou de ser impressionante para os garotos recém-chegados do Rio Grande do Sul. De fãs acampados na frente de casa aos "churrascos de cueca" (onde todos, inclusive as meninas, deveriam trajar roupas íntimas, valendo o modelo samba-canção), passando pela presença constante na MTV, o quarteto sentiu o (ra-

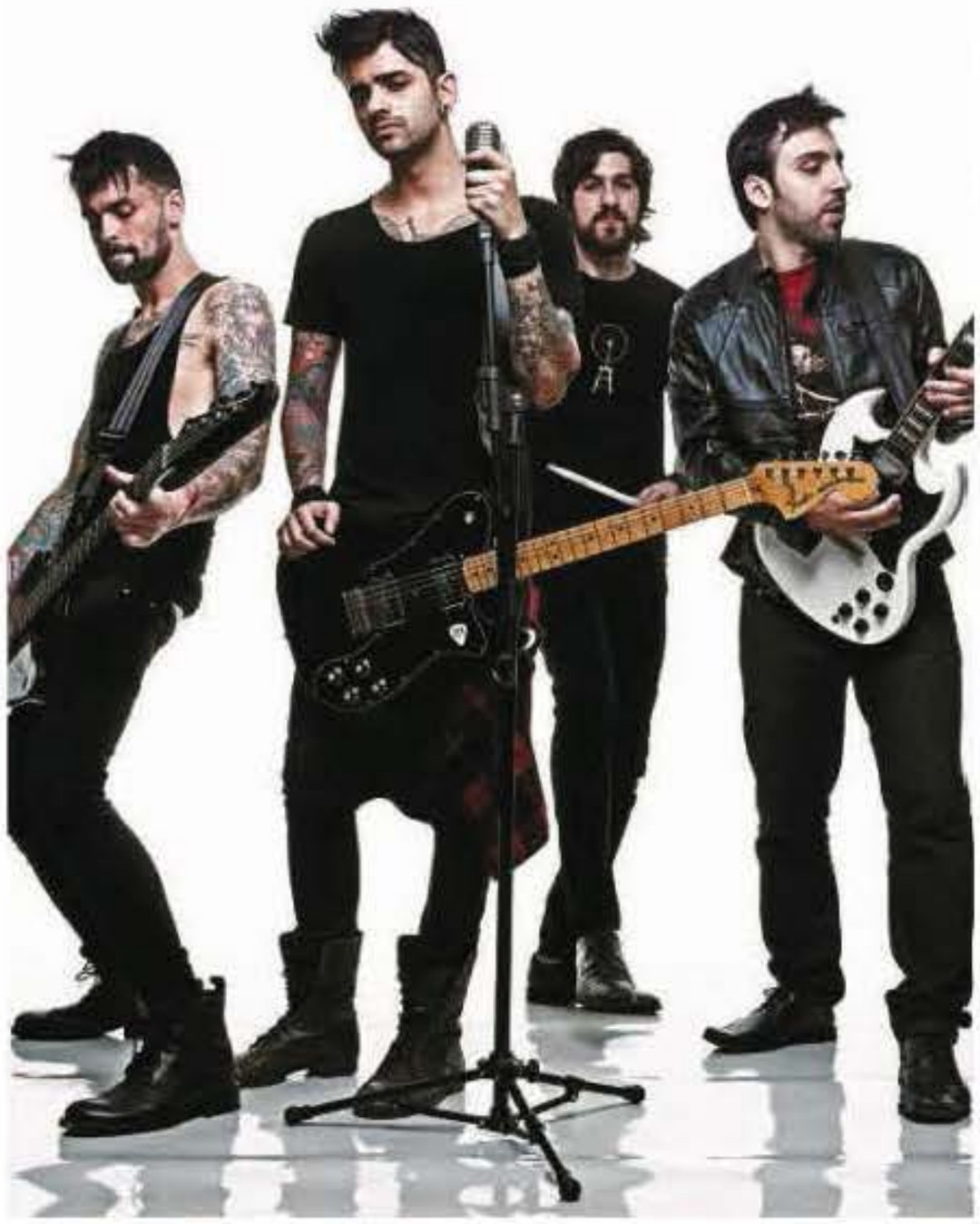
"A gente fez shows em rodeios, mas o legal mesmo é o show só para mil fãs. Tu deixa de se impressionar com a multidão"

LUCAS SILVEIRA

ro) gosto do glamour de fazer parte de uma banda de sucesso. As gravadoras, que há poucos anos recebiam rios de dinheiro e abasteciam seus artistas como mães superprotetoras, atualmente fecham escritórios por falta de verba. Tudo está subvertido: artistas como o Fresno provavelmente não seriam nada sem o MP3, ao passo que, por causa da ilegalidade no processo de distribuição de músicas, deixaram de gozar as regalias antes inerentes à vida de uma banda de rock bem-sucedida. "Em 2007, a gente saía com R$ 10 de casa: R$ 5 pro metrô e R$ 5 pra tomar um bombeirinho na Augusta", recorda Vavo, referindo-se à bebida feita com pinga e groselha. Naquele mesmo ano, Tavares conseguiu um ingresso para assistir ao show de Roger Waters no Morumbi – mas teve de procurar alguém que lhe desse carona, por não ter dinheiro para pagar a passagem de ônibus. "Tu tinha o fanatismo em cima de ti, mas tua vida não condizia nem um pouco com aquilo", recorda Lucas, sobre o assédio que enfrentavam. Ainda que com o dinheiro escasso, ver a cara estampada na TV mexeu com o pensamento daqueles jovens do Sul. "Foi muito doido para a nossa cabeça", completa Tavares. "Por mais que tu ache que não, começa a se sentir um pouco importante - o que é um erro. Do tipo: 'Uau, tamo bombando, comendo atrizes do Rio de Janeiro, cerveja de graça, maconha de graça'. Só que aí estavam tocando no rádio as [*nossas*] músicas que a gente não gostava."

Por mais que eles próprios digam o contrário, a atenção – do público, da mídia, de desavisados em geral – pelo Fresno sempre passa primeiro por Lucas Silveira. Apelidado de "Paraíba" pelos amigos de infância, ele nasceu em Fortaleza (CE) em 1983, mas se mudou, aos 3 meses de idade, com a mãe e

dois irmãos, para Porto Alegre. Os pais, Nilo e Ione, se conheceram em uma Academia de Polícia, em Brasília. Nilo se mudou para Porto Alegre após a família, e, antes mesmo de Lucas chegar aos 3 anos, separou-se de Ione, muito por causa dos problemas com o alcoolismo. "Eu não tenho memória de ele morando comigo, então não lembro bem dessa fase da bebida. Mas ele foi parar de beber mesmo lá pelos anos 2000", conta Lucas, que sempre manteve um bom relacionamento com o pai, que hoje mantém um bar – e segue sóbrio – na cidade litorânea de Mostardas (RS). Ao passar pelo tema desagradável, Lucas fica pensativo por alguns instantes, o olhar perdido na parede do escritório da assessoria de imprensa da



banda. "Eu bebo, às vezes bastante. Mas, se fosse para eu ser alcoólatra, acho que já seria. Porque as coisas que minha mãe conta... é tipo impossível [*para mim*], sabe?"

Força motriz por trás do repertório do Fresno, Lucas ainda sofre por amor e – ao menos em parte de suas músicas, para a alegria de seus críticos e detratores – assim deverá continuar. Homem com trejeitos de garoto, ele culpa a preguiça de outros compositores pela falta de apreço de uma parcela do público jovem por canções românticas. "Várias bandas queimaram o filme da canção de amor, mas existem as bonitas. Noventa e cinco por cento das músicas do mundo são assim, os Beatles são assim. E esse já é um discurso cansado. Então vão lá chamar o Roberto Carlos de emo", ele reclama, com um quê de impaciência. "Não é porque se convencionou que não é legal [*falar de amor*] que a gente vai parar."

Lucas aceita que em seu DNA há uma molécula romântica indissociável, mas ainda assim afirma desejar explorar novos caminhos. À época do processo criativo de *Redenção*, Lucas se esforçou para negar seu talento para os versos de amor, buscando inspiração em uma direção completamente oposta. Utilizando riffs escritos por Tavares para um projeto de heavy metal, o vocalista escolheu cantar apenas sobre o ódio – daqueles que o chamam de "viado" quando ele sai de casa ou daqueles que "vão apontar o dedo na tua cara pra te acusar", como ele descreve na faixa "A Minha História Não Acaba Aqui". E ódio também dele mesmo: afinal, nem Lucas, nem os outros integrantes da banda se eximem de certa culpa pelas escolhas das músicas de trabalho do disco anterior. "Pode ser que o cara que não gosta da Fresno tenha ouvido só as músicas que tocaram no rádio", assume Lucas, "e talvez ele nem tenha procurado ouvir as outras, porque eu mesmo não procuro ouvir uma banda se nem do single eu gostei". Ele completa, decidido, como quem dá um recado: "É isso que a gente está tentando corrigir, inclusive". O ímpeto do grupo em cravar, de uma vez por todas, pegadas no hall de bandas de rock, levou a um disco corajoso e carregado de guitarras, de rara maturidade em seu segmento, e equilibrado entre canções endereçadas a mulheres e cartas abertas a quem teima em julgá-los erroneamente.

É POSSÍVEL AFIRMAR QUE ACERTAR NA MOSCA SE TORnou o projeto de carreira do Fresno a partir de 2010. Quando chegou ao estúdio com as faixas que se tornariam *Revanche*, o grupo tomou um banho de água fria. "O Rick [*Bonadio*] ouviu as músicas e disse: 'Vocês podem gravar exatamente o que está aqui, mas têm que rezar para que a crítica ame esse disco, porque o público não vai gostar'", conta Lucas. "Claro, depois a gente variou o repertório, mas este continua sendo um disco em que a tônica é porrada", acredita. E nem ele, nem Vavo, Bell ou Tavares descrevem como prejudicial essa característica mais "acessível" do trabalho de Bonadio, fundador do selo Arsenal e conhecido por assinar trabalhos de artistas de apelo popular, como NX Zero, Charlie Brown Jr. e Mamonas Assassinas. "Realmente", brinca Tavares, "a gente achava que o Rick ficava sentado num trono com fogo do lado dele, o Di [*Ferrero, do NX Zero*] numa gaiola, o Badauí [*CPM 22*] numa outra, e o Japinha [*CPM 22*] sendo chicoteado. Mas não é nada disso".

"A gente reclama dos momentos de *Redenção* em que fomos mais pop, mas, se tivéssemos falado que não queríamos, então não teríamos sido mais pop", continua o baixista. "Acho que o Rick extrai o que pode de você. E aí tu tem um limite. Quem reclama dele não soube colocar limite, porque ele também aceita ouvir 'não'."

A postura de mudança, de investimento em uma nova imagem, é corajosa, mas o Fresno compreende que preconceito é algo difícil de se vencer. Tanto que, escalado para abrir os shows do Bon Jovi no Brasil, o grupo foi bombardeado com xingamentos e vaias durante as apresentações (atitude curiosa para o público de uma banda cujo compositor é um mestre na arte de embalar dores de cotovelo alheias). Porém, ainda assim, os quatro rapazes seguem fiéis à busca pessoal de crescimento, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos – e à nobre busca coletiva do fortalecimento das guitarras nas playlists da juventude brasileira. A missão é árdua, mas eles não se mostram intimidados.

"Aproveitem que aqui tem espaço para fazer um bate-cabeça sério", Lucas ordena ao seu público, ao microfone, em certo momento de mais um show do Fresno. A frase que vem a seguir é definidora: "E jamais deixem falar qualquer coisa de vocês por ouvirem a nossa banda".

Edição nº 62 – *Novembro de 2011*

Há décadas onipresente na cultura brasileira, o lendário apresentador abriu as portas de seus domínios e relembrou uma vida a serviço do entretenimento e recheada de boas histórias.

O MUNDO DE JÔ

Jô Soares diariamente invade as casas brasileiras, mas poucos o visitam em seu próprio lar. Em uma rara conversa em seu universo privado, o homem de mil talentos comprova por que há 50 anos é ícone obrigatório da cultura nacional

ENCRAVADO NO CENTRO DE SÃO PAULO, O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS ÀS VEZES se confunde com a bem mais popular Santa Cecília. Higienópolis é considerado um local habitado por gente tradicional e bem-sucedida. Suas ruas tortuosas e prédios antigos, mas bem conservados e espaçosos, são escondidos por jardins imensos de árvores frondosas. Em uma tarde pouco convidativa de sexta-feira, com chuva intermitente, temperatura baixa e de trânsito ruim, um desses prédios ancestrais é o local a ser visitado. Dentre os intelectuais, acadêmicos e artistas que habitam a região, poucos são tão notáveis quanto Jô Soares.

Aos 73 anos, o carioca José Eugênio Soares é um dos pilares do show business brasileiro. Em mais de 50 anos, deixou sua marca na televisão, na literatura, no palco e nas artes plásticas. A vida e a trajetória de Jô nunca foram convencionais e, naturalmente, isso é refletido no local onde ele reside. Na verdade, o apresentador possui dois andares em seu prédio: em um, está o apartamento de cerca de 600 metros quadrados onde efetivamente mora; no andar de baixo, encontra-se o Espaço Cultural Jô Soares, um local gigantesco e sem paredes, simultaneamente exótico e confortável – uma mistura de museu, biblioteca, sala de reuniões e parque de diversões. É um ambiente incomum e que reflete a personalidade de Jô, suas idiossincrasias, interesses, conquistas e gostos. Espalhados pelas paredes imaculadamente brancas estão quadros pintados pelo próprio Jô e reproduções dos pôsteres de espetáculos antigos, desenhados por Ziraldo. Há espaço para uma variedade de miniaturas, um piano de cauda, uma jukebox Wurlitzer, uma máquina de refrigerantes antiga e uma réplica de quase 2 metros do Super-Homem. O inventário vai longe: uma vasta biblioteca, uma lareira, mesa de reuniões, um telão, sofás e poltronas; pendurados no teto, um helicóptero de brinquedo, um globo terrestre e um estroboscópio; e, na sala anexa, um estúdio musical, com instrumentos montados e prontos para uso. Mas nenhum item chama tanto a atenção quanto o tubo cilíndrico transparente que se estende do chão ao teto, semelhante ao sistema de teletransporte do seriado *Jornada nas Estrelas*. Aquele é, na verdade, o meio que o dono da casa utiliza para se locomover rapidamente do andar superior para o de baixo. E é dali que ele surge, inconfundível, de paletó estampado, suéter, calça jeans, sapatos marrons polidos e chapéu. No rosto, um par de óculos colorido; pendurada no pescoço, uma lente de aumento.

"O elevador é a vácuo", Jô explica. "Fiquei sabendo de uma senhora que tinha um no interior de São Paulo, e em cinco dias ele estava entregue." Mesmo com tantas distrações em sua residência, ele continua um workaholic em tempo integral. Por três dias da semana, se ocupa da gravação do

POR PAULO CAVALCANTI ■ FOTOS: BOB WOLFENSON

Programa do Jô, exibido na Rede Globo há mais de dez anos. No momento, dirige a peça *O Libertino*, em cartaz em São Paulo. E acabou de lançar o livro *As Esganadas*, que segue a linha romance policial-histórico-humorístico de seus outros livros – *O Xangô de Baker Street* (1995), *O Homem que Matou Getúlio Vargas* (1998) e *Os Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (2005). É no contato ao vivo que se comprova o modo como ele utiliza o charme imediato, a vasta cultura geral e o senso de humor sempre em ponto de bala, sem contar a memória inacreditável, que resgata fatos e detalhes de décadas atrás ao estalar dos dedos. Conversar com Jô Soares é realizar uma viagem no tempo pelos fatos mais relevantes da cultura brasileira nas últimas cinco décadas.

Todas as suas biografias apontam que você queria ser diplomata. Como seria?

Seria um diplomata engraçado, no mínimo. Eu fui estudar na Europa e então minha família perdeu tudo. Papai ficou sem onde morar, foi morar num apartamento emprestado da irmã. Nessa época, eu voltei depois de ter prestado exame para as Universidades de Oxford e Cambridge, mas não pude porque não dava mais, tinha que voltar. Os negócios do papai já estavam à beira de fechar mesmo. Nos mudamos pra Copacabana. O meu pai e a minha mãe foram morar num apartamento emprestado pela irmã do papai e eu fui morar num quarto alugado na [*Avenida*] Prado Júnior, que era a rua da boca, onde morava o Clovis Bornay, enfim, era a zorra. Aparecia o Daniel Filho, ninguém ia à praia, todo mundo era muito branco e íamos tomar a sopa da madrugada. Eu achava que minha formação poderia ser bem aproveitada na diplomacia. Comecei a estudar para fazer o Colégio Rio Branco. Meu pai não era diplomata.

Ao contrário do que normalmente é publicado...

Não, o papai era corretor da Bolsa. Eu não fiz o exame porque comecei a circular no meio de gente de teatro e acabei conhecendo a Teresa Austregésilo, a minha primeira mulher. Desde os 14 anos que eu brincava com o negócio de calçar os sapatinhos no dedo da mão e dançar, imitar, fazer sátira de filme americano. E eu fazia isso à noite, nos lugares frequentados pelos artistas. Um foi me levando ao outro. O [*apresentador*] Silveira Sampaio, na piscina do Copacabana Palace, um dia me falou: "O que você vai ser?" Eu disse: "Estou estudando para entrar no Itamaraty". E ele retrucou: "Você pode fazer o que quiser – vai acabar mesmo é no palco, no teatro, na televisão, fazendo show, essa é que é a sua".

Qual foi a influência do Silveira Sampaio?

Muito grande. Primeiro, quando eu vim para São Paulo, ele estava na TV Paulista, que depois virou Globo. Ele me chamou e disse: "Na semana que vem, eu vou entrevistar você para contar aquelas histórias da Suíça, aquelas loucuras e tal". Eu dei uma entrevista que foi super-comentada, isso em 1960. Logo depois, fui contratado pela Record graças ao Nilton Travesso. Em 1963, eu acho, o Sampaio foi para a Record, dizendo que queria trabalhar comigo. Eu fazia as externas e as entrevistas que precisavam de intérprete. Ele falava inglês, mas achava que não falava bem e ele preferia que eu fizesse. Fiz ainda o *Jô Show*, um programa importante, em que usei todos os efeitos possíveis no videotape.

Você ganhou visibilidade no programa* Família Trapo, *na TV Record, como redator e também vivendo o mordomo Gordon...

Pouca gente sabe que eu escrevia para o [*Ronald*] Golias. É uma pena que tenha sobrado pouco material da *Família Trapo*, reprisam sempre os episódios que têm a participação do Pelé e o do Bronco [*Golias*] morto. Tinha um episódio, que se perdeu, que o pessoal iria sair de férias e a família inteira ficava tentando me empurrar dentro de um fusca!

"O humor não peca quando é grosso: é quando não tem graça. Como é que você pode criterizar o humor? Para mim, só desta maneira: se é ou não engraçado"

No início dos anos 70, a convite de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, ex-diretor-geral da Rede Globo, Jô Soares foi para a emissora carioca, que havia tirado o posto da Record como a número 1 da TV brasileira. Foi uma época de ouro para o humorismo brasileiro, com programas como *Faça Humor, Não Faça Guerra*, *Satiricom* e *Planeta dos Homens*. Jô fez parte de todos eles. "No *Faça Humor*, eu trabalhei com o Renato Corte Real, que era um comediante fantástico, com um texto incrível, uma pessoa muito bem informada", relembra. "O Boni queria fazer uma coisa diferente, com tudo se interligando, com muitos efeitos e com personagens, que, em princípio, não seriam fixos. Só que alguns personagens foram surgindo e de repente foram ficando fixos, porque em humor tem certos quadros que crescem com a repetição. Eram a Norminha, o Lelé e o Da Cuca que eu fazia com o Renato e uma série de outros quadros."

"Depois de três ou quatro anos, mudamos para o *Satiricom*", Jô prossegue com as memórias, recheadas de nomes, detalhes e nuances. "No mesmo programa tinha Paulo Silvino, Agildo Ribeiro, José Vasconcelos, Miele e outros comediantes de primeira linha. É claro que o programa foi um pouco pulverizado, era calcado mais na sátira da época. Ficou no ar dois anos, foi o primeiro programa de humor em cores. Depois, veio *O Planeta dos Homens*, aproveitando [*o filme*] *O Planeta dos Macacos*, com o bordão 'o macaco tá certo', que foi um fenômeno, ficou quatro anos ou algo assim."

***Em 1981, você ganhou um programa próprio, o* Viva o Gordo.**

Eu falei para o Boni que eu estava com vontade de ter o meu programa, sabe? "Já são cinco anos, mais um ano eu me formo em medicina!" Ele riu e falou: "Tem razão, você merece, sim". E surgiu o *Viva o Gordo*, um título que ele deu. Era a época da ditadura ainda. Eu iria fazer um espetáculo que era para se chamar *Abaixo o Regime*, mas vi que ia dar encrenca e então botei *Viva o Gordo* e *Abaixo o Regime*. No desenho do Ziraldo, que aliás fez todos os meus cartazes, ficava o bonequinho riscando da parede o "viva o gordo" e ficava só o "abaixo o regime". E aí o Boni decidiu: *Viva o Gordo*.

Atualmente existe a patrulha do politicamente correto. Você acha que personagens como a Norminha, a Bô Francineide e o Capitão Gay seriam hoje considerados ofensivos aos gays?

Todos os gays adoravam o Capitão Gay. Inclusive na própria musiquinha-tema dizia que ele era o "defensor das minorias". Teve uma vez que um candidato a deputado federal gay em Pernambuco me ligou para o hotel, quando eu estava fazendo show lá. E ele, com uma voz seríssima: "Aqui é o fulano de tal, eu sou candidato e eu queria que o Capitão Gay e o correligionário Carlos Sueli [*interpretado por Eliezer Motta*] fossem ao meu palanque para fazer campanha comigo". Eu falei: "Desculpe, evidentemente que eu sou a favor de tudo que você é a favor, mas eu, pessoalmente, não sou gay. O personagem é que é gay. Então eu não posso entrar vestido de Capitão Gay num palanque". Então, isso nunca me impediu de dizer nada. Porque eu acho, aliás, já falei isso e repito, que a única coisa que precisava ser politicamente correta no Brasil são os políticos.

O humor passa por um momento de renovação no Brasil. Mas muitos reclamam de certa grosseria. Como você vê isto?

Eu acho que tem a renovação e tem grossura. Agora, grossura sempre houve. Mas o conceito do que é grossura muda diariamente, como o mau gosto e o bom gosto. Qual é o critério? O que é de mau gosto hoje era de bom gosto há 100 anos. Há 200 anos, era chique comer com a mão e enxugar na roupa. Na corte de Catarina de Médici, o chique era isso. Então, não tem como se estabelecer esse tipo de critério. Quanto à sátira ou paródia, eu acho que não se pode proibir. Nada pior do que a proibição, porque quem tem que fazer a escolha não é a censura – é quem está assistindo. Eu acho, por exemplo, o menino que faz o Jô Suado [*Márvio Lúcio, o Carioca do* Pânico na TV]... Bem, eu acho ele magnífico! Tem muita gente boa, como o Eduardo Sterblitch, que é um comediante espetacular, e vários outros que entrevistei. Ô, meu Deus, todos os que fizeram o meu programa de aniversário, como o Marcelo Adnet, o Bruno Mazzeo, todos são talentos maravilhosos.

Já quanto à grossura...

Isso não tem nada a ver com humor. O humor não peca quando é grosso: é quando não tem graça. Então, tem coisas que não têm graça, e por mais que você engrosse não vai ficar melhor. Como é que você pode criterizar o humor? Pra mim, só desta maneira: se é engraçado ou não é engraçado. Você rir só de grossura, eu acho muito difícil. Tem que ter alguma coisa a mais, senão fica só a grossura. Isso é da ética de cada um que assiste e de cada um que decide. Eu vejo, por exemplo, comediantes de alto nível intelectual como o Marcelo Tas, como o próprio Eduardo Sterblitch. Agora, se o outro do *CQC* fala aquela bobagem, aquela infelicidade, e continua depois falando, quem sou eu para julgar? Ele que continue falando. Se quisesse, ele devia ter continuado, "Não [*eu também como*], ela, o filho, o marido e o avô também..." Qual é o critério que você estabelece? A censura é pior do que qualquer coisa. Você começa a censurar uma coisinha, daí o outro já vem e fala: "Mas aquilo eu também achei que não sei o quê". Os políticos estão loucos pra tentar cercear a imprensa, cercear a comunicação e começam a querer botar as manguinhas de fora. Eu acho, por exemplo, que o [*deputado federal Jair*] Bolsonaro faz declarações muito mais incorretas politicamente do que qualquer outra coisa que um humorista tenha escrito ou falado. Aquilo, sim, é politicamente incorretíssimo e, é claro, não tem a menor graça.

POR MAIORES E NUMEROSOS QUE TENHAM SIDO OS feitos de Jô Soares no passado e no presente, seja como comediante, escritor ou artista de palco, tudo empalidece se comparado a seu status como apresentador de talk show. Quando fala sobre o tema, ele não esconde a seriedade. "Já são quase 20 mil entrevistas", enumera. "É do talk show que sai tudo, é de onde eu penso tudo, onde eu penso teatro, música, artes plásticas, eventualmente cinema. Ele me permite não só o contato com o imenso público da televisão, mas também com o pequeno público da plateia, o que para mim é essencial a qualquer atividade, já que eu sou basicamente um ator-comediante."

A ideia de apresentar um programa nesse formato surgiu para Jô nos anos 60. Com a precisão de um especialista, ele consegue passar horas detalhando sobre os primórdios do talk show na TV norte-americana, citando a criação do *Tonight Show* (surgido em 1954), apresentado inicialmente por Steve Allen, depois por Jack Paar, Johnny Carson e, hoje, Jay Leno – todos heróis de Jô. Pouca gente, aliás, se lembra da tentativa frustrada de talk show que Jô realizou nos anos 70. "A gente testou na Globo. Só que era só uma vez por semana, sem plateia e em plena ditadura... Um dia, liguei para o Boni e disse: 'Eu acho que isso aí não está dando'. E ele falou: 'Também acho'. Era uma coisa muito insegura, não tinha plateia, e sem ela, o comediante não tem guia." Ironicamente, foi no SBT, de Silvio Santos, que Jô enfim encontrou um formato consagrador.

Você era uma estrela na Globo, mas em 1988 arriscou – saiu e se reinventou como apresentador de talk show no SBT. Como foi deixar a zona de conforto?

Na época, não havia espaço pra fazer um show diário como eu queria, apenas de entrevistas. E então teve a proposta do Silvio Santos. Foi ótima e renovadora do ponto de vista profissional. Não só pelo aspecto financeiro – claro que a Globo podia cobrir qualquer coisa nesse aspecto –, mas pelo fato

de antes eu não ter esse espaço para fazer esse programa que eu acreditava e que o Silvio também acreditou. E o Silvio ainda tem o mérito de ter dito na hora em que eu assinei o contrato. Estava lá: programa todos os dias. Eu falei: "Não, Silvio, eu quero só uma vez por semana. Um programa de duas horas e pouco, uma vez por semana". E ele: "Não, um programa diário de duas horas e pouco, você divide 40 minutos por dia". E eu também fazia o *Veja o Gordo*, que era um programa de humor. Por quatro dias eu fazia o de entrevistas, que dava 40, 45 minutos por programa. Um ano depois, eu já não fazia mais o programa de humor. Quando assinei o contrato com o Silvio, ele disse: "É nesse programa aqui que eu vou te pegar". E o *Jô Onze e Meia* ficou exatamente 11 anos no ar!

E em 2000, você voltou à Globo. Como foi?

Voltei a convite da Marluce Dias [*ex-diretora-geral da emissora*], do Evandro Carlos de Andrade [*ex-diretor de jornalismo*], querido amigo já falecido, do Roberto Irineu Marinho [*proprietário das Organizações Globo*] e do Roberto Buzoni [*executivo da Globo*], que queria muito que eu voltasse. Aí, teve uma coisa curiosa: o programa do Jô vai chamar como? Surgiram vários nomes, eu também estava atrás. Até que um dia o Buzoni falou: "O que adianta estarem procurando tanto? *Programa do Jô* é como todo mundo fala, e como falavam até no SBT".

Como é encontrar personagens diferentes ou entrevistar novamente as pessoas e encontrar um foco interessante? Você entrevistou o Roberto Carlos na época do SBT e repetiu a dose recentemente. Como é feita essa renovação diária do programa?

É como uma bola de neve. Quando falei para o Ziraldo que seriam três convidados por noite, ele falou: "Não dá, isso não dá uma semana". Falei: "Dá. Eu não vou entrevistar só pessoas famosas. Eu quero entrevistar do presidente ao engraxate". Ele falou: "Faz um por vez". Um por vez não dá, porque tem que ter a variedade, tem que ter 15 minutos cada um. Às vezes, como no caso do Roberto [*Carlos*], foi o programa inteiro, mas aí é um critério nosso. As pessoas têm sempre uma história nova, como tem histórias novas na nossa vida todo dia. Se você me entrevistar daqui a um mês, eu vou dar uma entrevista diferente, porque eu vou estar diferente e você também vai estar diferente. E o que acontece? [*O programa*] se autorrenova e existe a descoberta de coisas interessantes. A gente tem os e-mails que as pessoas mandam, indicando figuras engraçadas e curiosas para entrevistar. "Ah, tem um vizinho meu que faz castelo medieval com chiclete." O bom é quando há uma mistura de pessoas famosas com aquelas que não são famosas. Temos uma média de 500 pedidos por semana. Fazer a triagem é que é difícil.

Há alguém que você gostaria de entrevistar e nunca conseguiu? Você teria uma lista?

Olha, eu não faço isso, porque senão a pessoa vira o Santo Graal. Depois, quando eu consigo entrevistar, é maravilhoso. O Roberto Carlos demorou, mas ele veio no momento certo e deu uma entrevista que foi maravilhosa para mim e para ele. As pessoas comentaram: "Você conseguiu o Roberto". Mas o Roberto é meu amigo há 30 e tantos anos. Então, claro que fica essa coisa de dois amigos conversando. O Chico Buarque também. "Mas, como você conseguiu entrevistar?", perguntam. Mas ele é meu amigo dos tempos da Record! Claro que não fico aporrinhando amigos que não querem ser entrevistados. Eu sou jornalista, escrevi na *Última Hora*, no *Globo*, na *Folha de S. Paulo*, na *Veja*... Mas esse lado da insistência do repórter, eu não tenho nem posso ter. Como estou dos dois lados da coisa, pedra e vidraça, não posso também ficar insistindo quando uma pessoa não quer. Porque sei como é chato quando a pessoa fica insistindo comigo e eu não posso ou não quero.

A TARDE CINZENTA VAI MORRENDO E AS SOMBRAS das árvores da vizinhança dão ao apartamento de Jô um ar de leve melancolia. É o momento para falar sobre José Eugênio, "o paulista adotado" que nunca deixa de fazer graça com a gordura. Apesar da presença dos empregados e assistentes que mantêm o local em ordem e funcionando, Jô vive sozinho, mas é uma solidão relativa. Além dos amigos e parceiros de trabalho, ele confessa que recebe frequentemente a visita da designer gráfica Flávia Soares, com quem teve um relacionamento oficial até o final da década de 90: "A Flavinha mora, não vou dizer no bairro, mas perto do bairro. Ela tem a casa dela", Jô conta. "Mas a gente se vê quase que diariamente, senão semanalmente. O José Wilker tem uma frase maravilhosa: 'É uma separação que não deu certo' [*risos*]. A gente é muito unido, muito agarrado, sempre viajo com ela. Acho que foi uma separação muito bem resolvida."

> "'Gordinho' é preconceituoso. Quando você chama uma pessoa gorda de 'gordinho', é a mesma coisa que o alfaiate que lhe chama de 'forte'. Eu não sou forte – sou gordo"

Você assiste a vídeos antigos seus?

Não, não. Quando saiu o DVD do *Viva o Gordo*, eu tive que assistir junto com o Wilton Marques, que aliás fez um trabalho de seleção impecável. "Você tem que ver isso aqui", ele falava. Eu via e achava graça. Mas eu, de espontânea vontade, procurar coisas antigas para ver, é muito difícil. Eu mostro algumas entrevistas para amigos que não viram, e aí eu fico do lado. Mas eu fico vendo não a mim – eu fico vendo o convidado, que muitas vezes foi engraçadíssimo, espetacular. Mas, me assistir, não. É como eu costumo brincar: eu me acho até gordo quando me vejo!

Você sempre se autointitulou "gordo", mas houve a época de magreza total. Como foi isso?

Eu cheguei a pesar 160 quilos. Aí já não é mais peso, é medida, tonelagem. A roupa começou a não caber. Eu disse: tenho que dar um basta. Estava surgindo aquela dieta de cortar carboidrato. Eu cortei, aquilo foi indo e, quando me dei conta, estava com 80 quilos. A mim não incomodava, eu continuei fazendo show de humor. Eu ainda brincava: se gordura fosse engraçado, coitado do Chico Anysio! Ninguém precisaria mais de comediante, bastava comprar um quilo de toucinho, pendurar na sala e rir o ano inteiro. Isso durou uns dois anos e meio. Eu não tive estímulo nenhum para ficar magro. Oitenta quilos – eu era magro em proporção ao que era. Com 1,68 m,

1,70, não chega a ser magro. Todo mundo dizia: "Ah, eu gosto de você mais gordo". E aí depois, sem querer, você vai relaxando. Cheguei aos 125 quilos e resolvi de novo dar uma brecada. Agora estou com 95, 100. Mas esse período de magreza entre aspas não foi estimulado por ninguém. E eu brinco, não existe gordinho. "Gordinho" é preconceituoso. A pessoa é gorda, e daí? A pessoa pode ser muito gorda, pouco gorda ou só gorda. Quando você chama uma pessoa gorda de "gordinho", é a mesma coisa que o alfaiate que lhe chama de "forte". Então, eu não sou forte – sou gordo.

Quanto à comida, tem alguma preferência?

Eu gosto de tudo! Como todo gordo, ou pelo menos a maioria deles, eu sou do junk food total, sanduíche, pão com qualquer coisa dentro. Olha, pão com chocolate dentro... Isso é uma delícia! Esse é um lanche típico da Suíça. Pão com manteiga e chocolate ao leite dentro.

Seu filho, Rafael, que nasceu em 1964, mora no Rio. Como é seu relacionamento com ele?

Sim, tenho um filho que é autista e que é muitíssimo bem cuidado pela Teresa [*Austregésilo*]. Ele mora no Rio e é uma figura surpreendente... Eu não gosto muito de entrar na intimidade dele por respeito, mas ele tem coisas fantásticas. Ele identifica qualquer ruído. Pra resumir o que é o Rafinha: você viu o *Rain Man*, do Dustin Hoffman? É aquilo, exatamente aquilo. Só que o negócio dele não é com a TV, é com o rádio. "Não, vai começar daqui a um minuto e meio..." É um filho único. As pessoas me falam: "Nossa, mas você tem um filho autista..." Mas é um filho que é meu. Não queria ter outro, não queria mesmo. Não imagino o que seria ter outro filho.

Sendo carioca e morando tanto tempo em São Paulo, qual é sua relação com a cidade?

A primeira vez em que vim pra São Paulo foi para ficar 12 dias. E fiquei 12 anos. Adorei a cidade, como adoro o Rio de Janeiro. Para mim, são duas cidades que se completam. Tem características de São Paulo, logo que eu conheci, com as quais eu fiquei fascinado. O Rio de Janeiro tem todo tipo de influência, de uma malemolência, de um jeitão carioca, eu adoro. E em São Paulo eu vim a descobrir as raízes italianas da cidade que eu também amo, o jeito de falar, as expressões, as gírias. Hoje em dia, as pessoas me identificam mais como um cara de São Paulo do que do Rio. E eu tenho um sotaque que não é uma coisa nem outra.

Na sua parede tem uma matéria enquadrada do* New York Times*, que o chama de "o homem da renascença do show business brasileiro". Você também se vê assim?

Graças a Deus, eu não me vejo. Acho a matéria maravilhosamente gratificante, fantástica, ela só me enche de orgulho. É um banho no meu ego. O Millôr [*Fernandes*] um dia me ligou para dizer: "Você está na *Enciclopédia Britânica*. Eu não estou e você já está". Foi no ano seguinte ao lançamento do *Xangô*, estava lá, como comentarista cultural – "cultural comentator Jô Soares". Agora, eu vi que eu estou no livro do Carlos Nejar sobre a literatura brasileira, que pega desde a Carta do Pero Vaz de Caminha até os dias atuais. Tem lá uma menção a mim. Essas coisas são muito gratificantes. Evidente que sou uma pessoa vaidosa ou não estaria me expondo. A minha profissão é uma profissão de vitrine: eu estou lá pra ser olhado, para ser admirado ou para ser contestado.

Edição nº 86 – *Novembro de 2013*

PREPARANDO O PRIMEIRO DISCO EM MAIS DE UMA DÉCADA, OS INTEGRANTES DO MAIOR GRUPO DE RAP BRASILEIRO RELEMBRARAM SUAS ORIGENS E RECONHECERAM-SE COMO OS PORTA-VOZES DE MILHÕES DE EXCLUÍDOS.

OS QUATRO PRETOS MAIS PERIGOSOS DO BRASIL

Com opiniões contraditórias e quebrando as regras do jogo, o Racionais MC's permanece como a única voz da música a mobilizar um exército de brasileiros

O OLHAR DE PEDRO PAULO SOARES PEREIRA ESTÁ FIXADO NO HORIZONTE DO CAPÃO Redondo, periferia sul de São Paulo. Apesar de ser primavera, o céu cinza-chumbo dá o tom àquela tarde fria de outubro. Sentado em uma cadeira plástica, com um caderno surrado apoiado na perna e contra o qual desliza o lápis mal apontado, ele está na varanda da Casa Azul, o porto seguro dele na Favela da Godoy. Ali, uma rede de proteção – invisível para quem não é da área –, formada por moradores e amigos, faz a triagem de quem, quando e como pode ter acesso a Pedro Paulo, chamado pela maioria de Brown e, pelas crianças, de "tio Brau".

Barulhos vindos da rua invadem a Blue House – como o anfitrião chama intimamente a propriedade comprada e reformada por ele com o dinheiro recebido de uma multinacional fabricante de material esportivo para gravar uma versão de "Umbabarauma" ao lado de Jorge Ben Jor – e se misturam a uma base sonora vertiginosa. Os graves pesados, interpostos com as risadas sinistras de um palhaço, partem de um computador ligado a duas pequenas caixas do modesto estúdio. Quando digo que, pelo reconhecimento do meio musical, ele poderia criar músicas no estúdio que quisesse, Pedro Paulo, 43 anos, retruca: "Estou onde quero estar, chapa".

Duas semanas antes, ele estava no palco de uma casa noturna "de playboys", a Royal – com Kleber Geraldo Lelis Simões, 44, Paulo Eduardo Salvador, 43, e Adivaldo Pereira Alves, 43, respectivamente DJ KL Jay, Ice Blue e Edi Rock –, cantando músicas que protestam contra tudo o que se via ali. Eles, "os quatro pretos mais perigosos do Brasil", como sempre se autodenominam.

A justificativa veio no curto discurso antes de "1 por Amor 2 por Dinheiro". "Vamos aos fatos. O que leva um homem a estar na rua domingo à noite? Você devia estar descansando, cara. Só há um motivo que me traz para a rua e um deles é esse aqui, ó", declarou Brown, antes de KL Jay soltar o ruído de uma caixa registradora. Quando o questionei sobre o show, Brown foi sucinto: "Ele [*Marcus Buaiz, dono da boate*] não pagou pau pra mim e eu não paguei pau pra ele. Estávamos ali para fazer negócio".

O fato é que o camisa 10 do Racionais MC's defende hoje o trabalho do quarteto como um "produto" – para quase qualquer plateia, em quase qualquer lugar. E eles lidam com os riscos disso. "Tem de ter cuidado para não chapar. A Billie Holiday chapou. Fazia show com os brancos a venerando e sabia dos pretos enforcados por aquela plateia que a aplaudia", divaga KL Jay, para quem o discurso ideológico continua ali, apesar da eficácia duvidosa junto àquele público. "Acho que os convencemos de que estamos certos, mas eles não assumem que estão errados [*risos*]."

O "show Robin Hood" ("quem tem mais paga um pouco mais para nos ver cantar; que tem menos paga menos ou nada", diz Brown) foi a mais recente polêmica envolvendo o grupo, mas está longe de ter sido um momento tenso. Em 25 anos, eles pegaram em armas por ideologia, disseram não a uma indústria pré-estabelecida e deram um nó no modelo de sucesso. Há duas décadas, já haviam despertado discussões por terem angariado fãs bem-nascidos com

POR **André Caramante** | FOTOS: **Rui Mendes**

Raio X Brasil (1993), que trazia "Fim de Semana no Parque" e "Homem na Estrada". Parecem, portanto, suportar tranquilamente uma nova geração de admiradores abastados, um Lobão vociferante ou críticas por Edi Rock ter ido à Globo divulgar o trabalho solo dele.

Vem daí a autodenominação dos quatro: o "perigo" está em conseguir mobilizar um gigantesco exército de brasileiros, para quem as letras batem no peito com força e sentimento de legitimidade. Sabe-se lá o que teria acontecido se tivessem participado da recente onda de protestos, dos quais se ausentaram por considerarem tudo muito nebuloso.

"Tem muita gente com muitos interesses aí", diz Brown. "O que importa o que o Brown acha? A essa altura? Tá na mão do povo." Para ele, o balanço das manifestações é positivo. "A gente cresceu vendo argentino fazendo panelaço e a gente, Carnaval. Agora, não. Então, é positivo. Deixou dúvidas no ar, mas é positivo."

Durante meses de longas entrevistas, viagens e shows ao lado do quarteto e do time de apoio (12 pessoas que sempre os acompanham), percebi que há algo a mais na atmosfera do grupo. A autodenominada "Família Racionais" não se enquadra. Não tem padrão aparente, não segue a lógica nem os métodos tradicionais do showbiz e abriga pessoas de opiniões opostas em cima do palco. É tudo do jeito deles.

"Posso dizer que o rap me salvou. E o casamento foi minha segunda salvação"

Mano Brown

A TRAJETÓRIA DO RACIONAIS MC'S FOI FORJADA EM uma espécie de realidade paralela ao cenário musical brasileiro. Não "pagou madeira" (no dialeto das quebradas) para tocar em rádio 20 anos atrás e, apesar do sucesso, não formou milionários.

"Esse negócio de não sermos milionários sempre intrigou as pessoas", diz Ice Blue. Ele conta que, anos atrás, uma gravadora lhes ofereceu contrato de R$ 4 milhões, mais apartamento no Rio de Janeiro para cada um. Oferta semelhante partiu de uma emissora de TV, que queria o grupo em sua gravadora e em seus festivais. "Não nos empolgamos achando que o dinheiro iria mudar nossa vida. Se aceitássemos, não atingiríamos o que queríamos atingir."

O que eles queriam era chegar à mente de "50 mil manos", empoderar negros, pobres e favelados.

"O rap fez mudar muita coisa – ensinou o cara a não ter vergonha de onde mora, do cabelo, da cor, a poder falar da sua quebrada", avalia Blue. "Hoje, você vê qualquer moleque falando que mora na favela de peito aberto, mesmo que não more." E também disse ao negro que é preciso estudar e se cuidar, completa KL Jay. "Racionais é utilidade pública", diz o DJ, o mais passional e radical da família.

A ideologia esteve presente desde as primeiras reuniões do quarteto, no apartamento de um alemão chamado Hans, no edifício Copan, centro de São Paulo, para gravar rap. Foi em 1988 que o produtor cultural e ativista político Milton Sales juntou duas duplas que já frequentavam separadamente a região da São Bento, antiga meca dos fãs de hip-hop na cidade, e a casa noturna Clube do Rap, na Bela Vista.

Mano Brown e Ice Blue se iniciaram na música no terreiro de candomblé frequentado pelas mães deles, também amigas de baile. "Quando meu pai, que era trompetista e pintor de parede, morreu, minha mãe chapou e a mulher do pai de santo me amamentou. A família do Brown também foi acolhida nesse terreiro", diz Blue. Na adolescência, Brown teve um grupo de samba. "Não tem som mais redondo do que o samba", enaltece o rapper. "Sou um 'rapeiro'. Não sou músico. Não estudei. Sou um batuqueiro da vida, aquele cara da antiga, malandro, que fica na esquina e fala das coisas que vê na rua."

Vieram então as equipes de baile, o rap foi à TV pela primeira vez com Thaíde & DJ Hum e surgiram os concursos de rap. Entre as influências dessa época estavam Ice-T, Run DMC, LL Cool J e Beastie Boys. Mas a que mais peso teve em Brown foi aquela que, à revelia, lhe emprestou o nome. "Eu falava: 'Mano, com esse som aqui ["*Make It Funky*"] do James Brown dá pra sair na mão com dez caras'. A música bate diferente em cada pessoa e, em mim, batia igual ao Mike Tyson", descreve. "Estava cheio de vontade. Pobre, feio, braço fino... só tinha maldade. É assim que nascem os grandes vilões da História."

No concurso do Asa Branca, em Pinheiros, Brown, à época D.C. Brown ("Do Capão Brown") e Blue estrearam no palco. Os versos já falavam de violência ("Tem polícia na parada/ Nem se liga na real/ A farda é uma jaula/ Onde só cabe um animal") sobre uma base rápida, de um disco de Tone Lõc. "Estudei a forma de se apresentar também", diz Brown. "Com a minha inteligência mediana, percebi que tínhamos de ser uma dupla tipo irmãos, vestidos parecido. Essa combinação de roupa, batida e palavrão ganhou."

Nas mãos de dois caras de 18 anos, os Cr$ 50 mil do prê-

mio duraram apenas uma noite. Para comemorar, pegaram as namoradas e foram ao McDonald's da Avenida Paulista. "De madrugada, eu acordei e vi o Blue contando o dinheiro [*restante*], arrependido. Não sei que fome era aquela. Moleque, né? Foi a primeira vez no McDonald's. Pegamos o ônibus elétrico e fomos para a Paulista."

A dupla Edi Rock e KL Jay vinha da zona norte e já frequentava bailes black. Trinta anos atrás, as periferias paulistanas haviam visto o surgimento do break e de seu próprio astro dançarino. "O KL Jay já era famoso. O apelido dele era Michael, porque dançava Michael Jackson", diz Edi Rock, com um sorriso de canto. "No baile do Acre Clube, todo mundo parava para aplaudir o Michael." E Kleber era também DJ. Fazia dupla com Edi, que aprendeu a rimar e passou a abrir shows para Thaíde & DJ Hum e MC Jack, os grandes nomes da época. Milton Sales conhecia as duas duplas e achou que fazia todo sentido juntá-las – além de iniciar um processo de conscientização política nelas. "Ele dizia que eu tinha de usar meu talento para mudar as coisas, igual ao Bob Marley fez na Jamaica, lutar pelo oprimido. Era disciplina de esquerda. Ele e Malcolm X foram os caras que me ensinaram as coisas mais importantes de política", afirma Brown, que conheceu o líder norte-americano por meio do trabalho do Public Enemy. "O Public Enemy veio tocar em São Paulo [*em 1991*] e eu invadi o show. Quando os seguranças me grudaram, o Chuck D viu e mandou me soltarem. Subi no palco e chamei o Blue, Cocão [*Edi Rock*] e KL Jay para cantar", relembra.

"Racionais é utilidade pública"

Kl Jay

"Quando li Malcolm X, senti que era negro mesmo", explica Brown. "Apesar da minha pele mais clara, de o meu pai ser branco, essa é a minha vida. Levava vida de nego mesmo. Entendi que a gente era apenas uma estatística, por mais que gostasse de se sentir especial. As coisas começaram a fazer sentido. Foi um murro na cara."

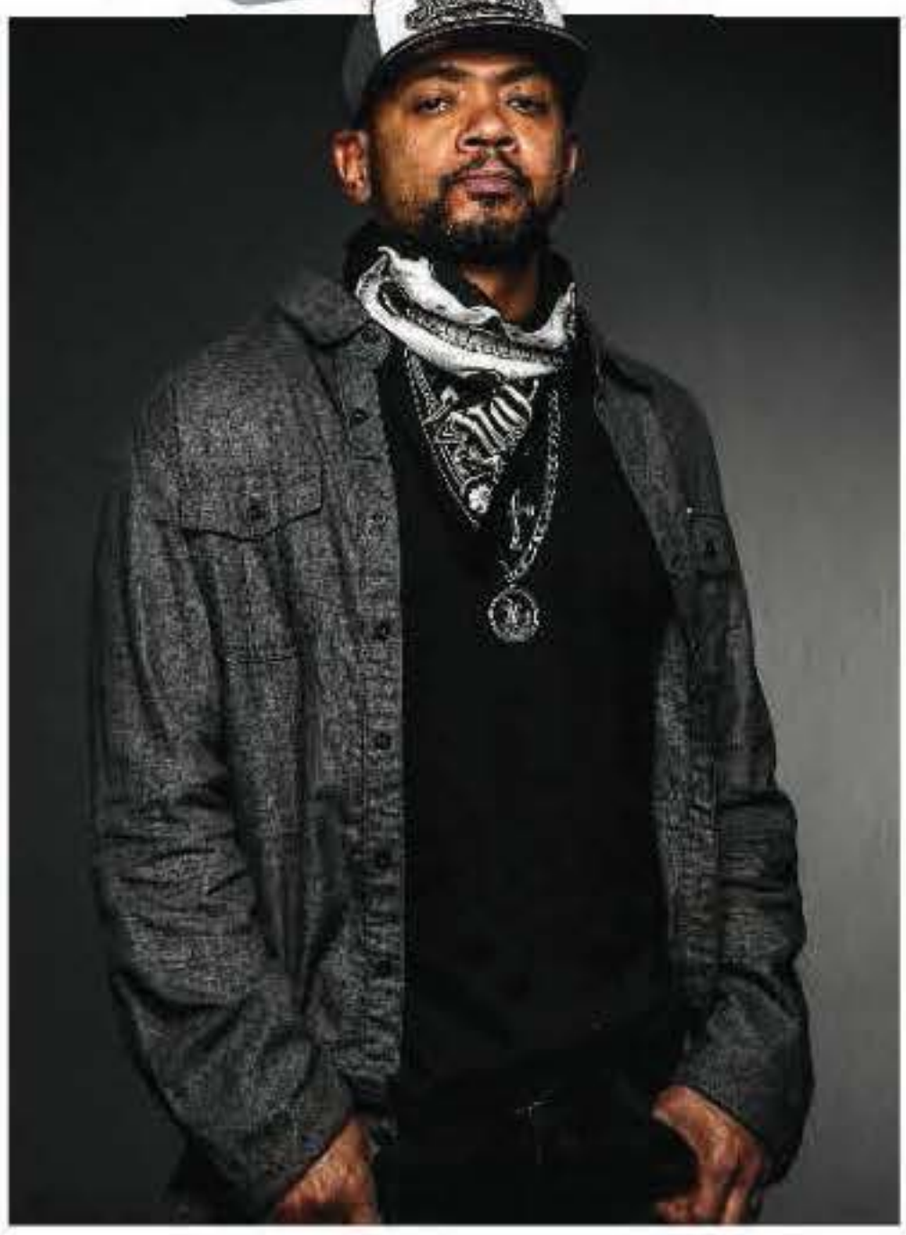
Tal mentalidade se mostrou presente desde as primeiras faixas ("Pânico na Zona Sul" e "Tempos Difíceis"), que entraram na coletânea *Consciência Black* (1988) e no primeiro disco do grupo, *Holocausto Urbano*, dois anos depois. Foi com a estreia que eles puderam largar os empregos e viver de música. "Quando o disco saiu, estávamos no Santana Samba [*boate na zona norte*], só com o dinheiro de voltar para casa. Era uma sexta-feira, um dia sem esperança", lembra Blue. "De repente, veio o Serafim [*da gravadora Zâmbia*] com o disco na mão. Renascemos. 'Caralho, saiu essa porra! Puta que o pariu!' No outro dia, fomos à Telesp, compramos um monte de fichas telefônicas e botamos o [*empresário*] Cabelo no telefone para vender show." A tranquilidade financeira, porém, viria sete anos depois, com o estouro de *Sobrevivendo no Inferno* (1997). A consciência social e política não ficaram apenas no discurso sobre os palcos. "Fight the Power", do Public Enemy, era o hino, e fazia ligação direta com o conceito do grupo, que ganhou nome inspirado na obra de Tim Maia.

"Eu pensava: 'Vou ser igual ao Malcolm X. Quero ser o Chuck D'. Não dei minha vida por isso, ao contrário. Eu não tinha vida. Esse barato é que me deu vida. Eu era um homem morto, pronto para ser estatística, virar número, aos 19 anos", diz Brown, que revela ter cometido pequenos furtos na juventude. "Não tem por que mentir agora. Era uma época em que você roubava ou passava fome. Não era para ostentar. Todos os meus amigos, da mesma geração, começaram a roubar ao mesmo tempo."

"Posso dizer que o rap me salvou. E o casamento foi minha segunda salvação. Me casei com 18 anos, em um momento em que eu estava com um pé no crime e outro fora. Minha mulher me deu um rumo", Brown diz sobre Eliane Dias, hoje na linha de frente dos negócios do grupo, com a produtora Boogie Naipe. Com Malcolm X e o Partido dos Panteras Negras na cabeça, o Racionais decidiu se colocar pronto para a guerra. "Essa filosofia organizou nosso cérebro. Nos fez virar perigosos", conta Brown. "Compramos armas, fomos fazer luta, resolvi ler mais, quis o carro com o motor mais potente e balas mais destrutivas. Me tornei um cara perigoso. Falava de assassinato com muita frieza. Imaginava atentados, certas vinganças. Baseado nessas ideias, iria até o fim, 'que se foda'. Fora isso, não éramos nada. Já tinha uns 15, 16 caras na nossa banca, todo mundo esperando uma atitude nossa, que mostrássemos liderança. Já não era só um grupo de rap. Compramos revólver, aprendemos a lutar. Nos considerávamos os mais subversivos do mundo."

Brown revela que ele e alguns dos companheiros andaram armados por muito tempo. "Esperávamos o pior, que poderíamos cruzar com os nazis, os polícias. Tínhamos essa visão de trocar [*tiros*] com os polícias, de igual para igual. Não achávamos que eles tinham o poder total. Queríamos destruir a autoridade deles, e morreríamos por isso. Fazíamos reuniões nos banheiros dos bailes para tramar ações. Fizemos segurança de passeata armados. Tramamos até assassinatos. Era gente que tinha de morrer porque seria simbólico", dispara. "Não vou falar nomes. Ninguém morreu nem sofreu atentado. Estávamos em 1993, 1994. Ideias 'mil grau'." São dessa época também os atentados a tiros

que o grupo sofreu no bairro da Restinga, em Porto Alegre (RS), e em Indaiatuba (SP). A cidade de Bauru (SP) também teve uma história trágica, com a morte de um fã em um show do grupo.



LONGE DE TUDO ISSO, NA Blue House, o lápis mal apontado constrói o próximo trabalho do Racionais MC's – o último, *Nada como um Dia Após o Outro Dia*, é de 2002. A base toca repetidamente enquanto Brown se concentra e recita, para si mesmo e em voz baixa, as rimas recém-escritas de uma nova música que possivelmente estará no novo disco, a ser lançado em breve.

A expressão "em breve" parece vaga, e de fato é. Na edição de dezembro de 2009 da *Rolling Stone Brasil*, Brown afirmou que um novo disco do quarteto seria lançado até a Copa de 2010. Mas Edi Rock, o Cocão (ou Coquinho, como é chamado pelos amigos) é mais preciso – ou menos impreciso. "Vamos entrar em estúdio em 2014. O disco levará de seis meses a um ano para ficar pronto."

Quatro anos depois daquela primeira previsão, o que se constata é o fortalecimento dos projetos solo de cada um. "O Brown tem um disco com 22 faixas [*a ser lançado*]. O Edi Rock lançou um com 19 músicas. O meu sai este ano ainda, com o Helião [*do RZO*]", lista Blue. Sem contar as mixtapes de KL Jay, que toca na noite de duas a quatro vezes por semana, além dos shows com os Racionais. Não raro, o trabalho individual soma para o coletivo, como foi o caso do dinheiro ganho com "Umbabarauma" e investido na Blue House. "Ofereceram um dinheiro de merda e eu meti a faca. Tentei arrancar o máximo", conta Brown, sem revelar o valor da negociação (que teria ficado em R$ 100 mil, segundo fontes próximas).

Já a música para o filme sobre o guerrilheiro Carlos Marighella foi vendida por muito menos. "Era diferente. Não coloquei um preço. Falei: 'Quanto vocês podem dar?' Foram R$ 5 mil. Paguei o meu DJ e já era", diz ele, que duas décadas antes havia lido sobre o guerrilheiro e assistiu três vezes ao documentário para compor "Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)".

O dinheiro, defende Brown, é um meio de melhorar a vida das pessoas, e ele tem uma forma própria de lidar com cifrões. "Não me enlameio no capitalismo. Dá para sair limpo. Tenho minha ética. Ninguém trabalha de graça para mim. Tem que pagar o pedreiro da quebrada para fazer esta casa. Todo mundo tem de ter emprego. É preciso fazer girar o dinheiro." Ali, no sobrado azul, ele também prepara um cômodo que será uma miniboate, com globo espelhado e luzes coloridas. "É para testar a brisa das músicas feitas aqui. Ainda falta pintar na parede o símbolo do Studio 54 [*famosa casa noturna de Nova York*]."

Mas, desde que os cifrões começaram a aparecer, o tema ostentação é uma constante, dentro e fora do grupo. Como usufruir das conquistas do discurso contra o sistema sem se render a esse mesmo sistema?

Ice Blue se lembra bem do dia em que foi comprar uma moto, nos anos 90. Entrou em uma loja e o vendedor mal o olhou na cara. Ele simplesmente saiu e foi à loja vizinha, em que o vendedor, solícito, lhe falou o valor e as qualidades do modelo de 900 cilindradas. Blue comprou e seguiu caminho. "Quando os caras viram a moto, foi a maior briga. 'Você tá ostentando com essa moto!' Falei: 'Seguinte: se a gente não estivesse no Racionais, iria roubar e teria a moto do mesmo jeito. Não iríamos morrer? Então, parou aí. Não mudou nada'."

A cobrança do público é vista como natural, um reflexo até positivo do trabalho do Racionais. "Falamos pros caras sobre orgulho, sobre favela, sobre questionar tudo. É por isso que hoje me questionam. Mas falei que não se deve ter vergonha de ser favelado, não que se deve permanecer favelado. Não posso chancelar o cara continuar favelado. Tem de evoluir. O *Nada como um Dia...* já fala dessa transição, dessa conquista", completa Blue. "O preto tem muitas coisas a buscar."

> **"Não gostamos de dar entrevistas, porque a mídia distorce muitas das nossas palavras"**
> **Edi Rock**

Sobre a eterna rusga do grupo com a imprensa tradicional, Edi Rock é categórico: "Não gostamos de dar entrevistas, porque a mídia escrita ou televisiva distorce muitas das nossas palavras." Revistas, sites e programas alternativos e com conteúdo voltado para a periferia têm prioridade para conseguir declarações dos quatro.

"Ninguém sabe usar a mídia melhor do que nós do Racionais", Brown completa, sorrindo.

Esse mosaico de múltiplas parcialidades, antes de travar a convivência ou o processo de criação, põe mais peso na importância do respeito e da preservação da Família Racionais. Em vez de separar, une. Do jeito deles, como sempre – e para sempre, como dizem.

"Existe aquele prazer mórbido em falar que o Racionais está morrendo. Ao contrário. Estamos ampliando os horizontes para fazer com que o novo disco seja ainda mais pesado", afirma Brown, que prevê um trabalho "boladão, do jeito que os caras gostam". De protesto, de volta às origens? "Não gosto desse rótulo. Nunca saímos das nossas origens. Rótulo reacionário esse aí de 'protesto'. Difícil classificar. Será rap brasileiro mesmo, com a cara de São Paulo, ao estilo Capão."

O maior sucesso do grupo, no entanto, não foi obra de ficção. "Diário de um Detento", de *Sobrevivendo no Inferno*, foi criada a partir do relato de Índio da Puma, "tipo meu primo", diz Brown. Índio estava no Pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo quando, em 2 de outubro de 1992, a Polícia Militar matou 111 detentos no maior massacre da história do sistema prisional brasileiro, e sobreviveu para contar o que viu ao cronista-rapper.

Para o futuro e aguardado disco, já há muitas ideias no pente. "Estamos produzindo bastante, temos muita coisa escrita", garante Blue. "Os Racionais ainda vão durar muito tempo."

"Esse negócio de não sermos milionários sempre intrigou as pessoas"

Ice Blue

HÁ UM ANO, O RACIONAIS MC's conta com uma produtora. A Boogie Naipe foi um passo importante no sentido da profissionalização do rap, especialmente sob as mãos de Eliane Dias, advogada e mulher de Brown – e prima de Blue. "Quero um tratamento profissional para eles", ela diz, com firmeza.

"Por trás do Racionais há uma equipe de mulheres fortes", ela diz, se referindo também ao trabalho de Rosemeire de Jesus, a Meire, por anos a única funcionária do Racionais. Foi Eliane a responsável por colocar o grupo na praça Júlio Prestes na Virada Cultural 2013. A única exigência foi não ter a Polícia Militar na cara do público. "Queriam colocar o [*a tropa de*] Choque lá, mas eu não queria, pois sei que o público do hip-hop se entende. A galera vai para curtir", diz. "A polícia ficou lá atrás, no fundo, e o público não via, não interagia com ela."

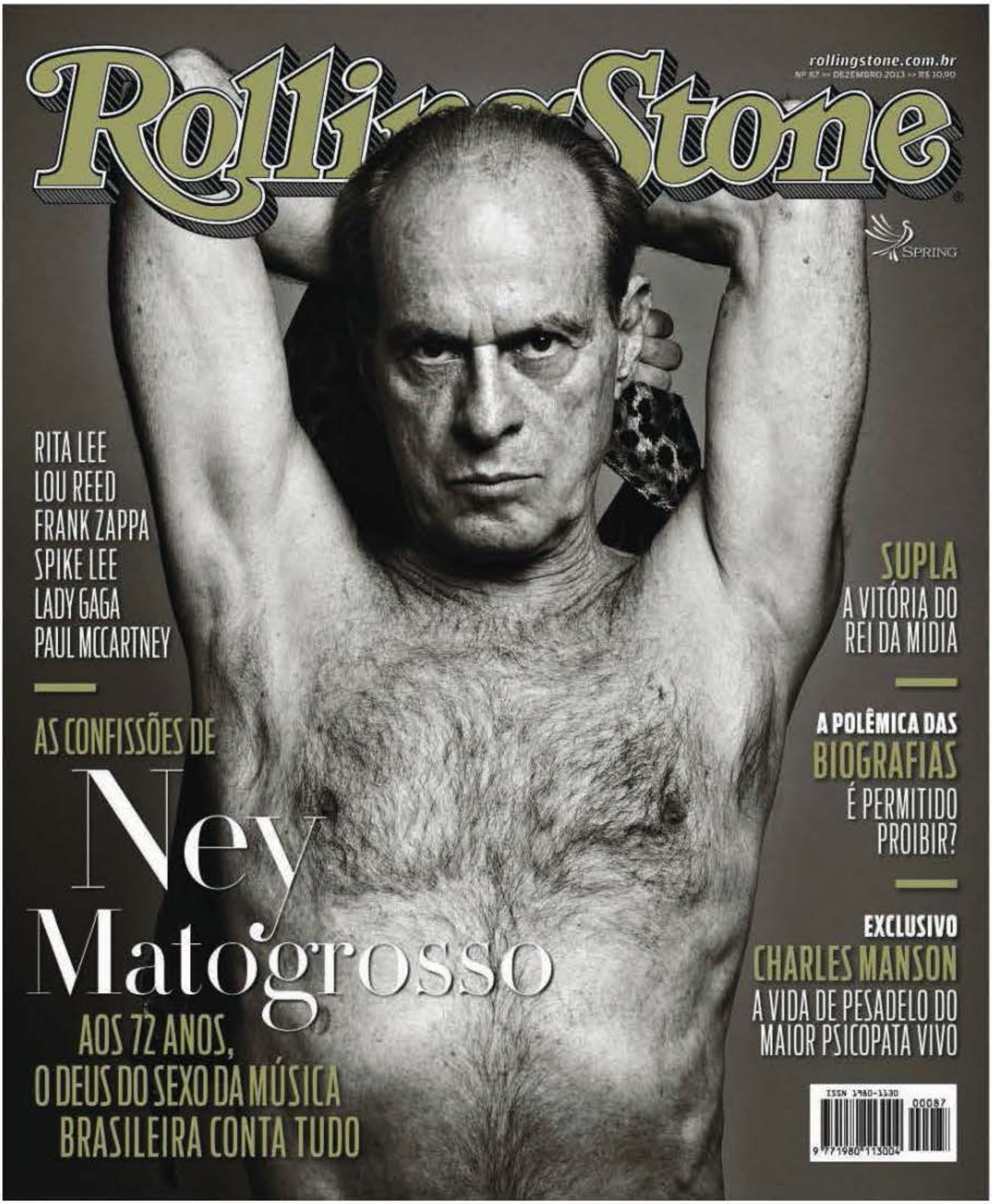
O que para uns parecia loucura, para os Racionais fazia todo sentido. Ainda estava forte na memória o show em 2007 na Praça da Sé, quando houve enfrentamento entre parte do público e a PM. "Por isso, eu quis proteger os fãs. Quando há a quebra da sintonia do público com o grupo, eles não gostam", Eliane observa. Foi no show da Virada, sem ocorrências policiais e para quase 100 mil pessoas, que Brown surpreendeu em sua "orelhada" (discurso) e, em vez de criticar a polícia pela violência de 2007, disparou: "Estive ontem de noite aqui, sou da rua, vi muita covardia no centro. Todo mundo fala da polícia, do sistema, mas eu vi vários maluco ramelando, roubando. Os malandrão roubaram o Mizuno de um moleque, custa R$ 900. Quem aqui ganha isso por mês? O que eu vi ontem tá longe de ser evolução. O rap precisa de gente de caráter, não de malandrão".

Nos shows, todas as "orelhadas" são improvisadas pelo rapper. "Sempre fico atento ao que acontece na semana do show, como está o clima na quebrada onde vamos tocar e considero isso no momento da ideia", revela. Outra estratégia é a "arma secreta" Marquinhos Borracha, amigo de adolescência, um dos produtores do grupo e espécie de olheiro do Racionais, que vai antes ao cenário das apresentações para sentir o clima. "Se está suave, a entrada no palco é uma; se está tenso, é outra", conta o rapper. Tchelo Martins e Sidney Ferreira, que cuidam do som dos shows, também fornecem ao grupo esse tipo de respaldo. No último ano, Jorginho, 18, filho de Brown, passou a estar ao lado de Borracha na preparação dos shows e nas pós-apresentações, quando os camarins são abertos para fãs. Ao acompanhar "os quatro pretos mais perigosos do Brasil", vi o quanto é comum ver homens barbados e mulheres com filhos saírem emocionados por terem conseguido um abraço do quarteto.

É assim sempre, em todo lugar. O poeta Sérgio Vaz, da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), dá uma definição sensível sobre quem são os Racionais em ação. "É catarse, momento mágico da autoestima para um cara da favela, da periferia, para o negro. Aquele momento 'Sim, nós podemos!' É a multidão em uma só voz, como se fosse o canto da liberdade, como se fosse o último dia de sofrimento."

Assim ocorre a ligação direta, irrefreável, com corações e mentes de "50 mil manos". O número está defasado, mas ainda reflete o sentimento do exército de gente que segue os quatro. Com um sorriso largo, KL Jay estima hoje ter o apoio de "5 milhões de manos". Eles não formam uma unanimidade e não raro se enfrentam quando confrontam opiniões, inclusive sobre os próprios Racionais. Mas é melhor assim, reflete Pedro Paulo.

"A ideia do rap é fazer a molecada pensar. Tem de debater, questionar. Depois que despertamos, vamos querer combater?"



Edição nº 87 – *Dezembro de 2013*

COMPLETANDO 40 ANOS DA ESTREIA DE SUA TRAJETÓRIA MUSICAL E NO AUGE DA FORMA FÍSICA E ARTÍSTICA, O ICÔNICO CANTOR ABRIU O CORAÇÃO SOBRE JUVENTUDE, POLÍTICA, RELACIONAMENTOS E INTIMIDADE.

Um Homem *Sexual*

Aos 72 anos, Ney Matogrosso relembra momentos de uma carreira em constante movimento, determinada por doses elevadas de coragem, liberdade e pela força central de seu trabalho: o sexo

SEXO É O QUE MOVIMENTA A ARTE DE NEY MATOGROSSO. TALVEZ POR ISSO ele pouco envelheça. Completou 72 anos em 1º de agosto, mas esse número não diz coisa alguma a respeito da aparência física dele: Ney está bonito, elástico e jovem como era há 20 ou 30 anos. A idade também diz menos ainda sobre as ideias que lhe vêm à cabeça, sobre as palavras que saem da boca.

Sexo. Talvez venham também dessa fonte as analogias que se costumam fazer entre o trabalho de Ney e os de ícones internacionais como David Bowie e Mick Jagger – artistas tão imortais quanto ultrassexuais. Os mesmos caminhos o levam às afinidades com Caetano Veloso, outro símbolo da liberação sexual no Brasil desde os anos 1960.

2013 marca os 40 anos da estreia fonográfica de Ney Matogrosso: foi em 1973, com o primeiro álbum do Secos e Molhados, grupo do qual participou por poucos anos. No mês passado, Ney lançou *Atento aos Sinais*, primeiro álbum de estúdio desde 2009. Como já é seu costume, o cantor testou as músicas ao vivo antes de entrar em estúdio para registrá-las. Em cena elas crescem, pois o palco é o lugar de Ney Matogrosso. O público é fiel a ele como a um primeiro amante. Ney aproveita a relação para liberar a cabeça das pessoas para transformar o país. E, sim, estamos falando de sexo.

Ney recebeu a *Rolling Stone Brasil* em uma tarde de segunda-feira em novembro, na cobertura onde mora no Leblon, zona sul do Rio de Janeiro. Quando abre a porta ele mesmo, parece a pessoa mais comum do mundo. E continua comum até a hora de posar para as fotos. Ali, ele se transforma e vira o mesmo bicho que é no palco. Horas depois, começa a relembrar e falar, também despido de qualquer amarra.

Você saiu de Mato Grosso para Brasília?

Não, eu saí de Mato Grosso com 3 anos. Morei em Recife, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Aqui fiquei dos 6 aos 13. Com 13, meu pai foi transferido no trabalho e voltamos para Mato Grosso. Com 17, vim servir no Rio e nunca mais voltei.

A Aeronáutica foi a sua carta de alforria?

Sim, era um pretexto que usei para sair de casa.

E, àquela altura, você tinha consciência de que estava usando isso de pretexto?

Claro, claro. Foi tudo premeditado quando resolvi que não ia mais ficar naquela casa. Eu não queria mais. Tinha 17 anos e meu pai me botava de castigo. "Porra, que castigo! Não quero ficar de castigo!"

Por quê? O que você fazia?

Tudo era pretexto. Mas uma vez, o enfrentei e fugi. Meu irmão veio me encontrar na metade do caminho. "Volta, porque o pai está vindo com um revólver na mão." Eu não ia enfrentá-lo com um revólver. Voltei. Mas ali decidi que ia embora, que não ficaria mais. Como tinha 17, podia me alistar na Aeronáutica, transferir meu alistamento de Mato Grosso para o Rio de Janeiro. Premeditei tudo. E nunca mais voltei.

Foi quanto tempo na Aeronáutica?

Servi dois anos.

POR MARCUS PRETO | FOTOS: DARYAN DORNELLES

Você não devia ter grande vocação para recruta, tinha?
Não, mas foi bom. Foi uma experiência interessante. De repente, caí no meio de 40 homens da minha idade. E, entendendo que nada me era dado, os espaços de todo mundo tinham que ser conquistados. Parecíamos um bando de bichos, um bando de adolescentes de 17 anos. Alguém respeita alguém? Então se tratava de impor limites. "Daqui não passa." Saí na porrada com um camarada duas vezes. Rolamos pelo chão.

Por quê?
Ele era folgado, abusado. Mexia nas minhas coisas, abria meu armário e me roubava. Eu sabia que era ele e um dia eu fui em cima.

E a sexualidade aos 17 anos...
Ai, meu filho, isso tudo rolava lá. Muita coisa louca. Éramos 40 e tínhamos que tomar banho de 20 em 20. Foi meu primeiro susto: eu não era acostumado com isso. Mas logo entendi que, se não tirasse a roupa e entrasse logo no banho com eles, aí sim ia ter um problema. Porque vi que era todo mundo bicho. E hormônios latejando, né? Éramos os 40 recrutas dentro de um quartel onde existiam mais de 500 homens. Aí, começaram a acontecer coisas.

E não realizou?
Não. Tive uma história platônica. A gente falava sobre o assunto, mas não tinha coragem de ir adiante. Os amigos percebiam que tinha uma coisa ali, na gente. Eles sabiam que não rolava nada, mas que havia uma atenção especial um pelo outro. O máximo que aconteceu foi um beijo. Um dos meninos falou pra ele: "Duvido que vocês deem um beijo na boca". Aí, ele disse: "Vem cá, Ney". Aí, foi. A gente se beijou. Mas foi a única coisa que aconteceu. A gente não se tocava além disso.

Chegava a reprimir pensamento?
Reprimia tudo. Tinham me ensinado que isso tinha que ser reprimido. Mas era uma coisa que eu via que não dependia da minha vontade. Não dependia do meu querer, do meu pensamento. Era uma coisa inevitável – aquilo me chamava a atenção.

É rico que isso tenha acontecido justamente na Aeronáutica.
Mas são nesses lugares que têm toda a situação organizada. Você vai botar 40 adolescentes dormindo, tomando banho, almoçando juntos. Acha que não possibilita? Possibilita, sim. Não só homem, não. Mulher, quem for. Qualquer pessoa que fique com aquele monte de gente do mesmo sexo, preso dentro de uma situação, possibilita, sabe? Embora, oficialmente, isso seja proibido. Imagina? Estou falando de 1959.

"Adoro quando me tocam [*no palco*]. Quando eles têm coragem, penso: 'Esse conseguiu passar por cima de um preconceito'. Não acho ruim. Quem quiser botar a mão em mim pode. Estou aqui para desreprimir. Eu sou um desrepressor"

Que coisas?
De acordar de noite e alguém pegando em mim. Acordar no escuro e ver um vulto sair correndo. Ou acordar com porra de gente em cima. Gente que se masturbava na escuridão. Logo vi que ali dentro esse assunto não era um tabu. Ele era digerido, sabe? Comecei a entender que aquilo não era um bicho de sete cabeças.

Relações sexuais entre homens.
Sim. Eu tinha como referência esse bicho de sete cabeças, mas vi muito acontecer lá dentro. Vi dois remadores desta largura se beijando. Dei um flagrante. E não era imitação de mulher – eram dois homens másculos. Contei isso pra Hebe [*Camargo*] e ela me disse que não podiam ser másculos. Eram sim, Hebe. Você está enganada. Ou você não está bem informada. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu vi isso. E foi uma revolução na minha cabeça. O negócio era muito para lá do que eu imaginava. E isso me deu certa tranquilidade com o assunto. Porque essa coisa já passava por mim. Não admitia, mas já passava.

Você já era tão sexual aos 17 anos?
Não era. Mas as pessoas viam alguma coisa nesse sentido em mim que eu não sabia. No quartel, falavam umas coisas pra mim que eu não entendia direito. Falavam de pele e eu dizia: "Pele, mas que pele? Que conversa é essa?" Eles eram ultrassexuais. O fato de eu ter visto isso me acalmou com relação ao assunto, mas eu não queria realizar isso com qualquer um. Tinha uma coisa na minha cabeça, um ideal romântico. Eu poderia ter realizado, mas queria que tivesse sentimento envolvido.

Você já era uma pessoa livre?
Não, claro que não. Eu só fui me liberar em Brasília.

Como aconteceu?
Passei a ser dono da minha sexualidade conscientemente, sabe?

E para que isso acontecesse você teve de se apaixonar?
Sim. Porque aí disse: vou escolher com quem será. Embora, em Brasília, naquele começo era tudo misturado. Era 1961. Brasília foi inaugurada em 60, em 61 não estava pronta. Não tinha nem 50 mil moradores.

Foi fazer o que lá?
Fui porque eu tinha um primo médico. O hospital distrital de Brasília foi inaugurado e não tinha mão de obra. Eu e o irmão dele, que também morava no Rio, fomos pra trabalhar no hospital. Precisavam de técnico de laboratório para fazer lâminas de biópsia. Não tinha ninguém preparado pra fazer isso. Foi uma pessoa do Rio, deu um curso de três meses e nós ficamos fazendo isso para o hospital inteiro.

Lá, você se apaixonou? O amor dissipou a culpa que carregou até a Aeronáutica?
Já na Aeronáutica eu vi que não deveria ter culpa. Ali, vi que eu não precisava ter tanto medo da história, né? Mas determinei para mim que eu ia escolher. Já que não foi com aquele.

O platônico da Aeronáutica? Você se encontrou com ele depois?

Muitas vezes. Falávamos, porque a gente sempre falou sobre o assunto. Mas nada. Ele morreu. Depois de um tempo ele foi assassinado. Mas a gente conversava. Eu ia lá, ele encontrava comigo, ele ia para o meu apartamento. A gente ficava conversando, ele bebendo cerveja. Foi um amor na minha vida. Talvez o primeiro. Que me fez ter coragem de assumir um sentimento por uma pessoa do mesmo sexo.

Até o período dos Secos & Molhados, em 1973, você transava homem e mulher, certo?

Não, até depois. Muito pouco depois. Só que era assim: homem e mulher junto. Eu tinha um namorado e tinha uma namorada. Ficávamos os três juntos.

Parece bem divertido.

Era, era. Mas sabe o que é? As pessoas colocam um tabu em uma coisa que é divertida e é agradável, sabe? Não existia essa questão. A primeira vez que trepei na minha vida foi com mulher. Eu tinha 13 anos. Lá em Mato Grosso, na fazenda do meu avô.

Quem era?

Era uma prima distante da minha mãe. Novinha, 17 anos, bonitinha. Fiz no primeiro dia lá. Eu que quis. Eu me deitei no quarto dela, fingi que estava dormindo. Ela me viu deitado e foi deitar junto, "Ah, ele é criança". Mas assim que ela encostou em mim...

Então, foi premeditado.

Foi. Significa que eu sempre fui de alta periculosidade. E aí, pronto. Essa história se repetiu por muito tempo. Enquanto eu passava minhas férias lá.

Nunca ninguém descobriu?

Não. E, se desconfiaram, fingiram que não sabiam e deixaram rolar.

Você é bissexual? Ou isso foi uma fase de transição?

Eu gostava de transar com mulheres. O que eu não gostava era da mentalidade.

De que parte da mentalidade?

Aquela que está sempre na intenção de um casamento. Coisa que eu achava que com homem não rolaria.

Estamos falando de liberdade de novo? De alguém que quisesse prender você.

Sim, em um casamento, em uma coisa. Não adianta. Da mesma maneira que a gente [*homem*] é criado pra ser escroto, elas são criadas pra casar. Não conseguem escapar disso. Eu estou falando de mulheres muito liberadas, mulheres loucas, doidonas. Quando se aproximava disso, eu tinha um pavor horroroso, não queria mais. E não queria isso nem com homem nem com mulher. Até que, muito tempo depois, eu tive uma experiência. Fui casado por 13 anos.

E por que nesse caso específico você não fugiu?

Porque achava que era preciso passar por essa experiência. Eu tinha 39 anos. E você sabe quem foi a pessoa que quebrou a minha resistência? Cazuza. Com Cazuza eu admiti, dentro de mim, a possibilidade de viver um relacionamento.

O que ele fez pra te convencer disso?

Você não sabe o que ele era na intimidade.

Você está falando de sexo?

Estou falando de mais do que sexo. Ele era o extremo oposto do que todo mundo fala dele. Era doce, amoroso, gostosinho, todo dengoso. Não tinha nada dessa coisa de maldito. Era apaixonante. Foi a única vez que fiquei com ideia fixa em alguém. Foi com Cazuza.

Foi no final dos 70?

Sim, foi em 1979 que a gente transou e que a gente namorou. Muito antes de ele ser cantor, de ser tudo. Ele era apenas filho do João Araújo.

A imagem que tenho de Cazuza é a de uma pessoa agressiva.

Mas ele não era isso na intimidade, sozinho, careta. Aquilo era loucura. O álcool o deixava daquele jeito. Mas ele não era assim. Eu fiquei louco de amor, perdido, apaixonado. Quando ele saía de perto de mim, olha que loucura, eu ficava men-

talizando na minha cabeça para ele vir, para ele vir. Sabe? Muito doido. Eu saía com ele para os cantos assim, né? E as pessoas me diziam: "Ney, eu nunca te vi assim". Eu respondia: "Mas eu nunca estive assim, mesmo".

E ele ficou também apaixonado?

Também. Foi uma coisa. Foi assim intenso por três meses. Mas a loucura foi maior.

A loucura dele? Foi isso que separou vocês?

Foi a loucura. A loucura dele. Ele ficou três dias desaparecido. Quando apareceu na minha casa, veio com um traficante. Cazuza estava imundo, sujo, fedido. Briguei: "Você traz um traficante pra minha casa? Não quero ver você sujo, fedendo. Não quero ter um traficante na minha casa". Ele me chamou de careta. A gente teve uma discussão. Expulsei-o, ele cuspiu em mim e eu meti porrada na cara dele.

Nesse dia, ele virou o estereótipo do Cazuza que as pessoas conhecem.

Nesse dia. Porque já estava cheirado, enlouquecido. Já andava com o traficante do lado. Mas, uma semana depois, a gente já estava entrando de mãos dadas dentro do restaurante.

Quando você diz que, a partir do Cazuza, pensou em ter uma relação duradoura, está falando desses três meses?

Três meses intensíssimos. Mas logo conheci outra pessoa depois dele – e aí foram os 13 anos. Cazuza morreu de ciúmes. Aí sabe o que ele fez? Disse que ia transar com meu namorado. Eu liberei: pode transar, não tem problema. Eu não tinha problema mesmo. As relações eram abertas. Você podia transar com quem quisesse. Avisei meu namorado: da minha parte, vocês estão liberados. Um dia, ele contou: "Ah, saí da praia com Cazuza, fomos pra casa dele e transamos". Tudo bem.

E era tudo bem mesmo?

Tudo bem mesmo! Nenhum problema. Dias depois, encontrei com Cazuza. Ele me contou na hora: "Transei com Marquinhos". Perguntei se tinha sido gostoso. Ele respondeu que sim. E eu: "Pois é. Você acha que eu estaria amarrado numa coisa que não fosse boa?" Pronto. Ali, continuamos amigos até o fim da vida dele. E, mesmo depois, a gente ainda namorou umas vezes, sabe? Era um momento que nem eu e nem ninguém tinha esse tipo de problema. Se viveu isso, foi possível você se relacionar, sem posse. Foi possível.

E por que isso deixou de ser possível?

Eu acho que a aids é que cortou toda essa liberdade que se estava exercitando. O assunto regrediu muito, a coisa caminhou pra trás. Imagina: se colocou a morte no meio desse paraíso. Porque era o paraíso. Mas é preciso dizer que era para todos, não só para gays. Todo mundo podia tudo. Você podia ser um heterossexual convicto e transar com outro homem por curiosidade que ninguém ia apontar o dedo pra você.

Mesmo? Isso não é idealização do passado?

Eu estou te falando que rolava isso. As pessoas eram curiosas, realizavam. E sabe? O mundo era muito liberal. Embora houvesse uma ditadura militar, existia uma liberalidade no mundo. Tudo podia.

Você falou do heterossexual que podia experimentar. Em shows, já vi homens heterossexuais excitados com você, pegando na sua perna enquanto você dançava. O que é isso?

Eu libero isso. Não é para homem nem para mulher. É para quem queira. Adoro quando me tocam. Quando eles têm coragem de me tocar, dentro de mim eu penso: "Esse conseguiu passar por cima de um preconceito". E deixo que me toquem. Não acho ruim. Quem quiser botar a mão em mim pode. Eu não vim ganhar ninguém. Estou aqui para desreprimir. Eu sou um desrepressor.

A homofobia está muito pior hoje do que antes. O [deputado Marco] Feliciano está conseguindo umas coisas...

[*Interrompe*] Está conseguindo, não. Ele já conseguiu umas coisas. Conseguiu desfazer todas essas liberdades de união entre pessoas do mesmo sexo. Conseguiu vetar. E não vão dar um fim nessa história dele? Tem que de novo o povo gritar em cima dele. Esse é um representante das trevas. Isso aí é um obstáculo à liberdade.

E ele conta com uma massa a favor dele. Nesse sentido, o Brasil parece bem pior do que era em 1970.

Quem é contra [*a união de pessoas do mesmo sexo*] é porque se sente ameaçado. Um ser bem resolvido com a própria sexualidade não está nem um pouco preocupado com a minha, com a sua, com a da vizinha, com a da macaquinha. Onde há um preconceito dessa maneira há um problema reprimido.

> "Com Cazuza eu admiti, dentro de mim, a possibilidade de viver um relacionamento. (...) Ele não tinha nada dessa coisa de maldito. Era apaixonante. Foi a única vez que fiquei com ideia fixa em alguém"

E a bossa nova? Você ficou impactado, como quase todo mundo da sua geração, quando ouviu João Gilberto pela primeira vez?

Não. A voz do João me chamou muito a atenção. Mas da bossa nova propriamente dita eu não gostei logo. Ela tinha uma coisa ideológica que vetava o passado, sabe? Tanto que os artistas da geração anterior foram ignorados rapidamente. Ninguém mais cantava em televisão porque viraram uma página da história da música brasileira. E isso me deixava contrariado. Até que veio a tropicália e Caetano Veloso cantou uma música de Vicente Celestino. Aí, sim, ele estava mais próximo da minha turma, mais próximo do meu ideal musical.

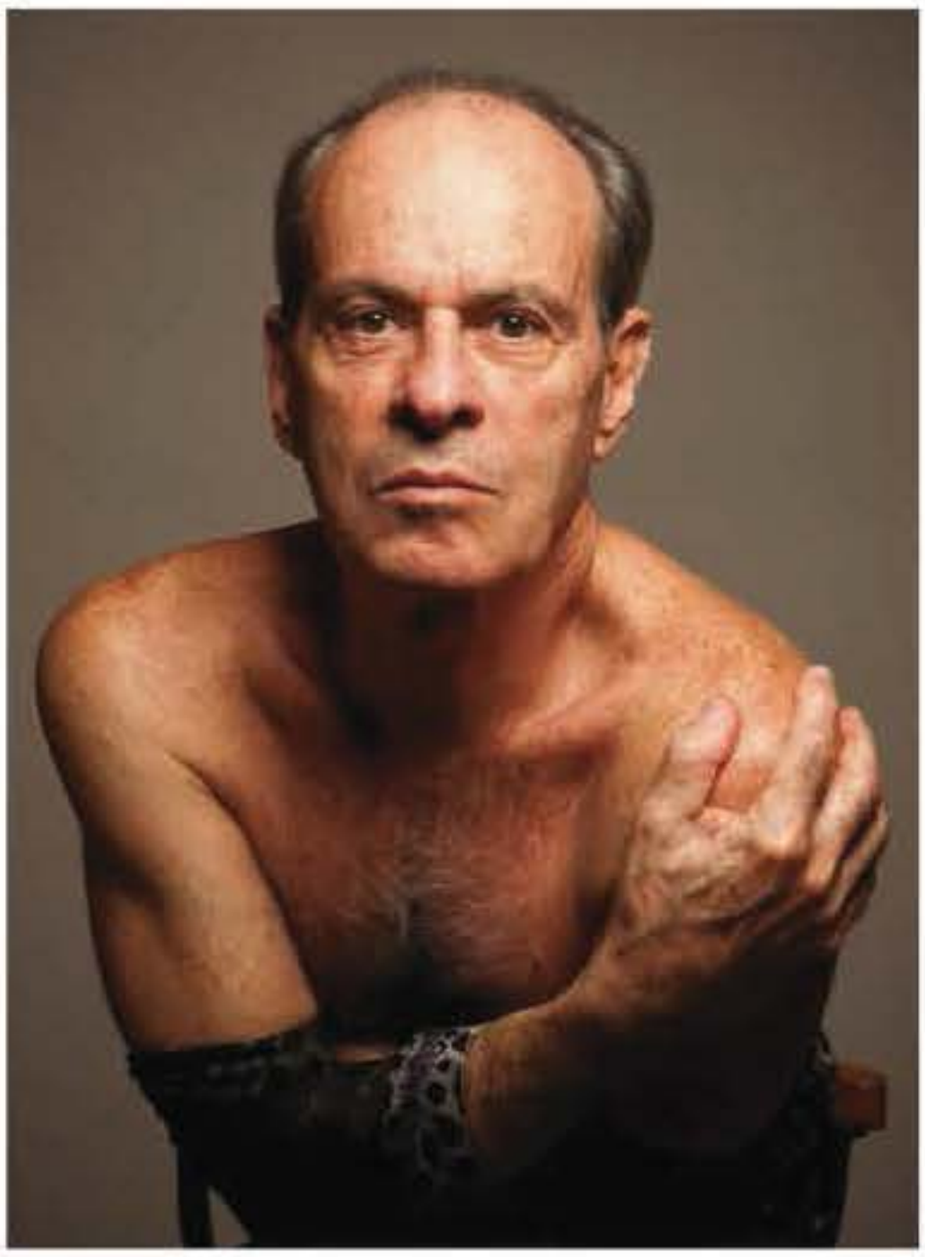
Depois de Caetano, quem veio instigar você?

Ele foi o único. O primeiro que vi ousando em todos os sentidos. E em termos comportamentais. Porque ninguém ousava em termos comportamentais. Roberto Carlos não ousava. Todos eram muito bonitinhos, hein? Gal gostosa, Bethânia deliciosa, todo mundo gostoso, bonito. Foi quando o sexo aflorou na música brasileira sem sofrimento. Porque antes era dor de cotovelo. Caetano era o representante disso.

Quem te viu no palco há de concordar: você é um dos maiores artistas do mundo. Se tivesse nascido na Inglaterra, poderia ter alcançado o patamar de David Bowie. Acha que ter nascido brasileiro te prejudicou

artisticamente?

Não, não. Nunca tive ansiedade pelo mundo. Já fui muito e vou quando solicitado. Mas eu não tinha essa ambição. Sempre fui muito reticente. Gosto mais da Europa. Aos Estados Unidos eu já fui duas vezes, mas acho que não tenho que fazer nada lá, sabe? Na Europa, eles me respeitam. É muito louco. Meus discos vendem na Alemanha. Portugal eu vou sempre. Mas não me prejudicou não, sabe? Dentro do contexto de Brasil, a minha presença foi muito importante. E era uma coisa política, embora eu não fosse panfletário, nem de esquerda, nem de direita. Quer dizer, minha tendência foi sempre de uma esquerda mais liberal, porque eu tive a ilusão, no Secos & Molhados, de achar que a esquerda entenderia meu papel e me apoiaria.



E não apoiou?

Não. Rejeitou tanto quanto a direita. Eu me vi sozinho no mundo e falei: foda-se o mundo, vou tocar meu barco sem o apoio de ninguém. Eu não sou de turma, não sou da turma do Ceará, não sou dos baianos, não sou dos mineiros. Eu sou o bloco do eu sozinho. Vou tocar meu barco. Aliás, por que chegamos aqui?

Eu perguntei se o fato de ter nascido brasileiro prejudicou sua carreira.

Não. Mas tive a chance de ir e não aceitei. Porque não me interessava. Não é porque não falava inglês. Chegaria lá e aprenderia, mas não me interessava. Achava que no Brasil era significativo existir alguém como eu se expressando. Sempre me expressei com total liberdade, desde a primeira entrevista. Quando me perguntaram de sexo, falei de sexo. Quando fui ler, estava assim: "Sobre o amor, Ney pensa isso". Mas eu não tinha falado sobre amor, tinha falado sobre sexo. As pessoas tinham medo de escrever o que eu falava.

E a gente já falou de sexo bastante. E o amor? Hoje você não é casado?

Não.

Pretende?

Não, eu não quero casar. Não gosto desse convívio forçado. Sabe? Até me caso, mas eu morando aqui e o colega morando lá do outro lado.

O problema é a convivência?

Eu acho que o erro está comigo. Quando você mora com alguém, tem que estar 24 horas disponível para aquela pessoa. Mas ninguém aguenta estar 24 horas com aquela pessoa sem ter o momento sozinho, eu lendo meu livro sozinho. Eu preciso. Vivo sozinho desde os 17 anos, sou viciado nisso. Não é um sofrimento pra mim. As pessoas não entendem isso.

Acham que é solidão.

Acham que é solidão, que é sofrimento. E não tem nada disso. Elas não entendem que ficar sozinho é bom. Pode ser prazeroso. Mas tem o outro lado da questão. Tem horas que fico: "Porra, podia ter alguém na minha vida". Só como uma referência. Mas pra isso acontecer tem que ser alguém que seja de verdade, que me arrebate. Tenho meu Vênus em Virgem. Você não sabe a chatice que é ter Vênus em Virgem.

Não entendo disso.

Vênus é quem rege os atores. E em Virgem é aquele que repara na unha do dedinho do pé. O que fala sobre determinados assuntos, o que pensa. E tudo pra mim tem um peso que tenho que admirar muito pra eu me ceder.

É exigente com os detalhes?

Sou exigente com caráter, ética. Tem que ser uma pessoa honesta. Não vou ficar com alguém só pra não ficar sozinho. Melhor ficar um velho sozinho do que fazer como a maioria – arranjar uma pessoa pra não ficar sozinho na velhice. Eu optei por ficar sozinho.

Você está com 72 anos e não ficou velho.

Não, não fiquei. Não me sinto velho.

Fisicamente, você nem de longe parece ter 72. Mas eu estou falando de outros aspectos.

Está falando da cabeça. Essa coisa da velhice também passa muito por um estado mental das pessoas – aquelas que ficam lamentando que a vida era melhor lá atrás. Eu não penso assim. Posso até achar que era mais bonitinho, gostosinho, que a pele já não é mais a mesma. Mas estou preferindo agora, hoje. Como é que se vive preso ao passado? Eu não sei. Tenho necessidade de estar em contato com o momento, conectado com o agora. Estou englobando a humanidade.

E como está a sua vida agora?

Está tudo certo. Não tenho mais aquela ansiedade. Tinha muita ansiedade por sexo. Eu não dormia se não trepasse. Ainda sou muito sexualizado, mas menos do que antes. Porra, não dormir se não trepar era demais, não é não?

Mas foi essa alta carga de energia sexual que fez de você esse artista que mencionei – aquele que está no nível de David Bowie. Concorda?

O grande componente é esse. Esse é o maior estímulo.

Você já gozou no palco?

Não, gozar no palco, não. Mas tem um fenômeno que acontece comigo. Depois de certa altura, tive que botar uma coisa pra me proteger. Porque eu ficava tão excitado que minha calça ficava molhada.

Como assim?

Molhava minha calça. Ficava uma marca redondinha aqui [*aponta para baixo*]. E aí comecei a me proteger para isso não aparecer. Tem dias que acontece mais, às vezes não acontece e tem dias que acontece menos.

Tem a ver com algum componente específico?

Tem a ver com a minha exposição sexual, de estar mais sexualizado no palco. Não é de alguém, é uma coisa minha comigo mesmo, que libero tanto que chega nisso. Depois, as pessoas chegam no camarim e eu mostro: "Olha como o show foi bom hoje".

Edição nº 113 – *Janeiro de 2016*

No auge da popularidade, o casal de artistas discutiu temas pertinentes em seus trabalhos nos palcos e nas telas enquanto se estabelecia no imaginário popular brasileiro para nunca mais sair.

Dois No Topo

Querendo sempre alimentar reflexões, Taís Araújo e Lázaro Ramos se transformaram no mais emblemático casal da dramaturgia brasileira na última década

"EU POSSO OUVIR UM AMÉM?", CLAMA O REVERENDO MARTIN LUTHER King Jr. em um quarto de hotel em Memphis, Tennessee (Estados Unidos), horas antes de ser assassinado no dia 4 de abril de 1968. O público, emocionado, responde em uníssono: "Amém!" No palco, ao lado do ativista norte-americano, uma mulher assiste a tudo e chora. Estamos quase no fim da peça *O Topo da Montanha*, de Katori Hall, em um teatro de um bairro nobre de São Paulo. Dentro de instantes, Lázaro Ramos (Luther King) e sua esposa há 11 anos, Taís Araújo (a surpreendente camareira no espetáculo), serão aplaudidos de pé. Respingados por lágrimas, os dois agradecerão os gritos de "Bravo!" vindos do público. Reverberando o discurso da peça, também vão pedir a todos que passem adiante o bastão da generosidade, do afeto e da tolerância.

"Posso dizer um negócio? Eu acho que em 2015 nós vivemos um auge dos nossos desejos de artista. Ampliou a nossa voz e o discurso que a gente quer fazer. Pra mim é um auge", diz Lázaro, enquanto Taís concorda com a cabeça, no camarim do teatro, horas antes do espetáculo em uma sexta-feira de dezembro. Ela se acomoda no sofá enquanto ele se esparrama em um canto. Definitivamente, já entraram no panteão dos casais famosos da arte nacional, como Tarcísio Meira e Glória Menezes. E mesmo internacional. O jornal inglês *The Guardian* publicou um extenso material comparando os dois aos astros pop norte-americanos Jay Z e Beyoncé (também casados na vida real). "Só que a conta bancária é bem diferente", brinca Taís.

O polêmico texto que apresentam no palco se concentra na véspera do disparo que matou Martin Luther King, talvez o maior símbolo da luta contra a segregação racial. Porém, em vez de fazer uma hagiografia padrão, os diálogos e as ações nos conduzem por um labirinto de sensações e complexas abordagens sobre a violência, a igualdade e a morte. Tudo isso sem perder a ternura. Lázaro e Taís recebem o público antes da peça. É um momento em que abraçam as pessoas, fazem perguntas e em que há uma espécie de congraçamento. "Isso é muito especial num período em que você vai para a rua e só se fala de brutalidade, corrupção, roubo, violência. Aqui é um local de acolhimento", comenta Lázaro, que também dirige e produz o espetáculo. Mesmo sabendo de cor os meandros da pregação de Luther King a favor da não violência, o ator admite que enfrentaria sérios problemas se tivesse vivido na época do líder que interpreta. "Se eu sentasse numa lanchonete e alguém me jogasse leite na cara e me desse um soco, eu iria revidar e morrer no primeiro protesto. Eu não aguento tomar tapa, ser ofendido e ficar calado. Eu sou um dos que iriam morrer", afirma.

Se a gente voltar só algumas horas no tempo, no mesmo dia

POR ANDRÉ RODRIGUES | FOTOS: MAURICIO NAHAS

a dupla se encontrava na ponte aérea vindo do Rio de Janeiro, onde moram com os dois filhos, João Vicente, de 4 anos, e Maria Antônia, prestes a completar 1. "Já passamos da exaustão", brincam. Além de lotarem os 506 lugares do teatro na capital paulistana, gravam no solo fluminense a série *Mister Brau*, trunfo da Rede Globo nas noites de terça-feira. Nos 13 episódios da primeira temporada, Lázaro é Brau, cantor e compositor de sucesso estelar. Taís faz Michelle, empresária, coreógrafa e mulher de Brau. Após alcançarem a fama, vão morar em um condomínio de luxo e causam estranhamento na vizinhança.

"A série é uma loucura. Eu nunca tive tanta popularidade na minha vida", diz Taís enquanto se serve de café e observa fotos, desenhos e agradecimentos do público que Lázaro colocou nas paredes. "Uma coisa que nunca me aconteceu: colega de trabalho na Globo vindo pedir foto!", completa o marido. "As pessoas me abordam muito mais hoje do que quando fiz [*a novela*] *Da Cor do Pecado*", ela arremata.

Carioca, formada em jornalismo, Taís Bianca Gama de Araújo Ramos, de 37 anos, estreou na televisão em 1996 no folhetim *Tocaia Grande*, na extinta Rede Manchete. Ao fazer, na sequência, a protagonista de *Xica da Silva*, imediatamente alcançou fama nacional. Desde então foram 11 novelas, sete filmes e dez peças. Também cumpriu o papel de apresentadora do programa *Superbonita*, no canal GNT. "Eu falo que estou tendo a vida que sempre sonhei, só não sabia que dava tanto trabalho", ri.

Todo esse sonho artístico está sendo dividido com Luis Lázaro Sacramento de Araújo Ramos, 37, nascido em Salvador, Bahia. Filho de uma empregada doméstica e de um operário, ele começou a trajetória nos palcos em 1986 no Bando de Teatro Olodum. Espalhou marcos pela carreira. No tablado, com a peça *A Máquina*, entrou no circuito nacional. No cinema, aos 21 anos, fez *Madame Satã*, de Karim Aïnouz, sobre o famoso transformista carioca. Da TV, Foguinho, de *Cobras e Lagartos*, ainda hoje circula pelo imaginário popular. São, no total, 20 longas, cinco novelas, 30 espetáculos teatrais e dezenas de entrevistas para o programa *Espelho*, no Canal Brasil. Paralelamente lança livros infantis e prepara dois títulos adultos.

"A gente sempre teve pudor de trabalhar junto se não fosse uma coisa útil, necessária, forte, com a qual a gente se sentisse feliz, completo", fala sobre a parceria com a esposa. "Hoje é fácil ficar 24 horas por dia junto porque é muito relevante. Acho muito relevante mesmo." O casamento enfrentou uma crise em 2008. Eles chegaram a se separar, mas voltaram após alguns meses.

Além de discutirem a questão racial no teatro e na TV, recentemente foram alvo de ataques na internet. A página do Facebook de Taís recebeu ofensas racistas e ela acabou processando os criminosos. "Não tem que atender demanda desse povo, né? Não devemos dar tanta importância", ela afirma. "O fato não mudou em nada minha postura e minha atuação." Lázaro completa falando que a página dele também entrou na mira de comentários ofensivos: "Eu botei a resposta imediatamente. Falei: 'Para os babacas de plantão que estão vindo aqui, eu estou muito bem. E a única resposta que tenho pra vocês é a hashtag #vápraputaquepariu'. Sumiram todos. Pronto".

A peça* O Topo da Montanha *narra acontecimentos do final da década de 1960 nos Estados Unidos, mas acaba tocando em questões que vivemos no Brasil, como a violência contra os pobres e o racismo. Por que fazer esse texto agora? Ele atingiu o público da maneira que esperavam?

LÁZARO: Para mim, é o melhor espetáculo que fiz na vida. O mais maduro, mais eficiente.

TAÍS: Eu acho a maneira mais inteligente e moderna de falar desse assunto [*segregação*]. É comunicando, aproximando, não colocando como um problema exclusivamente meu ou dele, mas como um problema de todos. Quero discutir com quem pensa diferente de mim.

LÁZARO: Eu queria fazer um espetáculo que, para além desse conteúdo reflexivo todo, fosse muito elegante e bom de assistir. E eu tenho uma tese.

TAÍS: Ele é cheio de teses.

LÁZARO: Graças a Deus. Mas entendi um pouco em que estágio da minha vida e da minha carreira eu estou. Eu gosto de discutir questões sociais nos meus trabalhos, trazer uma reflexão, dar uma provocada no público para pensar um pouco além. Mas quanto mais o tempo passa, mais fico pensando que é importante você trazer ludicidade, entretenimento, algo de novo na carpintaria dramatúrgica. E isso é muito difícil de fazer. Porque às vezes você tem o tema político na sua arte, aí acaba fazendo uma bandeira e se esquece de trazer uma sofisticação artística maior. Não que fazer um teatro político não seja sofisticado.

> "Acho que as pessoas não se lembram de como o país era antes. Existe um problema de memória. Era bom antes, gente? Pelo amor de Deus!"
>
> Taís Araújo

E por que essa reação tão emocionada das pessoas? Há realmente uma catarse. Creio que não é apenas da carpintaria do texto. São vocês em cena e isso representa algo muito forte.

LÁZARO: Claro, não podemos negar o que significa nós dois em cena fazendo um espetáculo falando sobre isso. Mas também acho que é o período em que a gente vive. A gente está em uma época em que parece que nada tem jeito, que a gente não tem para onde ir. Estamos em um período em que dizem que o certo e o bom para o mundo é isso ou aquilo, que a gente não pode ser diferente do homem padrão. Dizem assim: "Vocês já pediram coisas demais, já foram longe demais! Viado querendo casar! Preto querendo escola! Já liberou demais. O que mais vocês querem?" Aí você entra numa sala escura, fica ali com mais 506 pessoas, juntas, ouvindo essas palavras ali de frente. E a gente se doando, e a gente se doa mesmo, se rasga, rasga. Sem modéstia nenhuma, acho importantíssimo e fico felicíssimo de as pessoas se sentirem representadas e virem um espetáculo que não é só uma peça que vai fazer com que saiam do teatro e peçam o jantar sem nem tocar no assunto. Acho que é o que sempre quisemos.

Em 2015, vocês atingiram um auge tanto de popularidade quanto artístico. Como se sentem em relação a isso?

LÁZARO: O ponto em que eu me deparo com tudo isso é que a arte tem um limite. Tem coisas para mudar o país que fazem parte da política pública. Fazem parte da escolha dos nossos representantes. Porque eu me sinto num auge com tudo o que eu sempre quis como artista, mas eu tenho um limite. E não adianta ficar sonhando e achar que a arte pode ser responsável por tudo, porque não será. É uma porta de entrada importantíssima. Mobiliza e sensibiliza. Mas se a gente não tiver uma atuação política para saber escolher melhor nossos representantes, se a gente não entender quais são as políticas que esses caras estão votando para o nosso dia a dia, se a gente não souber qual é o foco principal de que este país precisa... Não vai pra lugar nenhum. Aí que vem o desespero. A esperança vem da arte, da beleza, da transformação, mas o desespero é porque eu não vislumbro uma melhora. Nos nossos representantes, não tem melhora.

TAÍS: Lá, não. Mas todo dia que eu estou no palco, quando acaba a peça, eu vejo 506 pessoas dentro deste teatro, lotando todo dia. Pô, cara, eu tenho três dias por semana 506 pessoas querendo ouvir sobre isso.

LÁZARO: Mas nós somos 200 milhões de habitantes e eu acho que o que muda mesmo o país é dinheiro, educação, bons representantes políticos...

TAÍS: Claro, amor. Mas isso a gente não tem.

LÁZARO: Mas daí é que vem o desespero!

TAÍS: Mas a esperança vem dessas pessoas que estão querendo ouvir falar sobre isso.

E de onde vem o sucesso de* Mister Brau*?

LÁZARO: Eu tenho uma tese. A gente está fazendo uma série que tem dois atores com certa popularidade, que formam um casal na vida real, mas que ao mesmo tempo têm um rosto que representa uma grande parcela da população. E fora de um contexto que normalmente a televisão coloca, que é: estereótipo de marginal, do excluído social. Não é falando sobre racismo diretamente, é falando sobre família, só que com uma direção preocupada com a questão estética. E o que o público quer ver? Quer encantamento também.

Por mais que* Mister Brau *seja uma comédia e não se venda como uma série sobre o racismo, há toda uma questão política sendo passada em cada imagem. As pessoas percebem isso?

TAÍS: Acho que as pessoas sempre percebem. Acho muito representativo. Poxa, tem nós dois ali. Está falando muito. As pessoas entendem.

LÁZARO: Muita gente diz assim: "Ai, que bom ver gente tão bonita na televisão".

TAÍS: Isso é política! Passa pela estética, né, gente. Se você for pensar, tudo passa por aceitação, pertencimento, tudo o que a gente está falando: o negro, o gordo, o gay, tudo é pertencimento. E passa pela estética de alguma maneira. Então quando você vê o negro representado ali e se achando lindo e se achando capaz e se achando potente... Como não comunica? Comunica demais. Como não é político? É político demais. E as pessoas percebem, sim.

Na verdade, o humor passa de forma bem eficaz todos esses conceitos.

LÁZARO: A gente passa conceito em tudo. E humor passa conceito. Às vezes tem um tipo de humor que me incomoda muito. Aquele que passa que o padrão certo é você ser homem, branco e... Qual é a outra coisa?

TAÍS: Rico.

LÁZARO: Isso. Tem um tipo de humor que parece ser inocente, mas que acho danoso, que prega: se você for mulher, pobre, preto, não está nos conceitos desse humor, e ele te exclui. Isso forma gerações. Isso forma uma cultura. E isso se espalha por vários lugares. Nem estou falando da importância do politicamente correto, porque às vezes essa vigilância ultrapassa muito. Estou falando de olhar para o outro e criar um novo raciocínio de vida. Não dá para a série ter a piada que todo mundo faz, que reforça o estereótipo e o preconceito. Por exemplo, eu falava uma piada em toda reunião no grupo de teatro Olodum da Bahia: o Brasil é tão preconceituoso que quem cozinha no Sítio do Pica-Pau Amarelo é a Tia Anastácia e o nome do biscoito é Dona Benta. A gente não ri de ninguém. Queremos rir juntos.

TAÍS: Tem escorregadas, claro que tem. Mas a gente percebe e muda.

LÁZARO: É um humor muito mais difícil de fazer. Eu poderia chegar num palco e falar para a plateia: "E aí, gordão? Olha o careca. Que beleza, que careca lustrosa". A plateia ri, eu iria ficar milionário, mas...

TAÍS: A troco do quê?

LÁZARO: Estou contribuindo com o quê? Que humor é esse?

Tanto a peça quanto a série acabam falando sobre o momento político e social que vivemos no país. O Lázaro comentou sobre as limitações da arte. Já pensaram ou pensam em uma atuação mais direta, sendo candidatos a algum cargo eletivo, por exemplo?

TAÍS: Deus me livre.

LÁZARO: Eu recebo uns convites... Mas estou tentando achar pessoas que não queiram entrar na política, mas que tenham um talento político, e falando para eles entrarem na política. É disso que eu estou sentindo falta, de ter uma nova geração sendo formada, um novo pensamento, uma nova proposta. Essa geração que está aí realmente tem que sair logo, cor-

rendo. A geração inteira.

TAÍS: Geração retrógrada. Quem pode parar esses caras? A gente pode parar esses caras?

LÁZARO: Tem um funcionamento muito eficiente, que foi combatido durante um tempo, mas que sempre esteve aí, dominando. Eles vão se transformando para retomar o poder. Na verdade, estamos passando por aí, pelos ex-donos do Brasil que agora querem voltar a ser donos e que têm uma técnica de comando muito eficiente. Fisiologismo, propinas, é o jeito que o país foi fundado. É assim que este país funciona o tempo todo. Eu fico tentando achar pessoas que queiram refundar o país em outras bases. Essa é uma preocupação política direta agora.

O ano de 2015, particularmente, foi bastante conturbado.

TAÍS: Foi assustador. Muito perdido e caótico. As pessoas não estão sabendo para onde correr. Aí, talvez corram para um lado que já conheçam e que tinha uma espécie de estabilidade mentirosa e acham que essa é a grande solução. Só que acho que as pessoas não se lembram de como o país era. Existe um problema de memória. Como era antes? Era bom antes, gente? Pelo amor de Deus!

LÁZARO: E tem um problema de educação também. Quer ver? Esse tempo que a gente viveu, da esquerda no poder, trouxe vários avanços sociais, uma divisão maior de renda, foi importantíssimo. Trouxe também uma euforia. Pessoal começou a comprar, comprar, comprar e ficou vivendo nessa euforia sem investir em educação, sem investir adequadamente em tecnologia, em cultura, que forma um raciocínio, um pensamento. Tem muita gente que não sabe avaliar notícia, ter senso crítico. Agora estamos na ressaca da euforia. E essa ressaca bate em todo mundo. A conta chegou. O que me assusta é a incapacidade do diálogo. Um monte de gente vomitando um monte de coisa. Vomita conceito, vomita radicalismo, e não escuta nada.

> "Se eu sentasse numa lanchonete e alguém me jogasse leite na cara, eu iria revidar e morrer no primeiro protesto. Não aguento ser ofendido e ficar calado"
>
> Lázaro Ramos

E a classe política brasileira ganhou destaque justamente por tudo o que não deveria fazer.

LÁZARO: Uma classe política vergonhosa. Eu tenho vergonha da classe política do meu país. Tenho vergonha. E eles não têm.

TAÍS: Eu tenho vergonha e nojo.

LÁZARO: O mais chato é que eles entenderam que se eles ficarem quietos o tempo suficiente, vão poder renascer em algum momento.

TAÍS: E eles têm um monte de filhotes, porque eles mesmos estão todos velhos, né? Esse é o problema. É assustador.

LÁZARO: Tem que agir! É por isso que eu não fico pensando muito. Eu fico tentando fazer. Apesar dessa desesperança, eu acho que é o momento de a gente assumir o compromisso de fazer aquilo que está ao nosso alcance. E da melhor maneira possível. Eu penso em fazer do meu trabalho uma arma para tentar melhorar minha comunidade. Muita gente adormece na queixa e na reclamação. A minha tentativa é não adormecer naquilo que me incomoda. Essa é a atitude política que eu quero ser capaz de ter. Apesar de às vezes ser meio frustrante você ver que tem um limite. Eu tenho oscilado muito entre esperança e desespero. Tem dia que saio otimista, dizendo que está tudo bem. Tem dia que digo: "Meu Deus, não tem jeito. O que estou fazendo aqui neste teatro? Estou falando pra quem?" Aí vejo a reação de uma pessoa, e me dá esperança. Eu antes dizia que era pessimista. Agora não sei dizer o que sou. Acho que estou navegando com a confusão. São tempos muito confusos.

Vocês são cobrados para participar mais, comentar mais sobre a questão racial?

TAÍS: Não. Até porque a gente não tira o corpo fora. Em toda e qualquer entrevista, todo e qualquer lugar que a gente vai falar, nós nos posicionamos. É claro que tem uma diferença entre a entrevista que fazem comigo e a entrevista que fazem com uma atriz branca, por exemplo. Porque nunca perguntam para ela sobre a questão. Para mim sempre vem essa questão porque eu nasci negra e serei negra pelo resto da minha vida.

LÁZARO: E é importante falar [*da questão racial*] também. Mas às vezes fico me perguntando qual é a eficiência da entrevista. Ou onde é que está a limitação do jornalista que veio falar comigo e não conseguiu me ver como tudo o que sou. Isso me incomoda. Às vezes a entrevista fica temática e a gente não dá um salto que eu acho muito importante.

Qual?

LÁZARO: A entrevista do sonho é aquela que olhe pra gente e veja assim: como negro, mas também como jovem, que tem dois filhos, pai, nordestino, como tudo. Porque quando você oferece esse perfil mais completo, você oferece a humanidade desse artista para o público. Aí tem uma eficiência impressionante. Porque oferece como ser humano e não como estereótipo de alguma coisa. Apesar de ser importante falar sobre esse tema.

TAÍS: E vamos falar sempre.

LÁZARO: Mas não pode ser tema único. E a nossa luta é essa. A gente luta pelo personagem que ofereça humanidade, nem perfeito nem estereotipado.

TAÍS: É muito mais importante para nossa causa falar o que a gente está fazendo, sobre nossa peça lotada e a série de sucesso. Isso é um serviço muito maior para a causa do que aquela conversa que fica falando sobre a mesma coisa sempre.

LÁZARO: Às vezes é o tom. Mesmo o tom elogioso às vezes é assim: "Olha como eu sou legal porque estou valorizando. Ela não faz parte do mundo da gente, mas é legal porque estou dando um espaço para ela, que pertence a esse gueto, a esse lugar aqui". Conversa comigo direito, cara! Não é você que vai me dizer onde é o meu lugar, não. [*A questão racial*] é importante também, mas não dá humanidade completa. Quer ver uma coisa curiosa? As pessoas vêm fazer uma entrevista sobre produtos culturais. E poucas vezes perguntam sobre processo criativo. E para todo e qualquer ator vão perguntar. Será que eu não tenho isso? Meu valor artístico é só por eu estar falando e estar presente em determinado lugar? E o processo criativo,

que é tão interessante? Por que isso me é negado num papo? E é uma das coisas de que mais gosto de falar. Não estou negando esse assunto, mas acho que é um exercício importante de a gente falar mais do que já foi dito.

Isso me lembra de uma frase do Malcolm X: "Se você é negro, você nasceu na prisão". Eram outros tempos, mas isso leva para uma amplidão metafórica, porque parece que sempre o negro deve estar num determinado lugar, fazendo e falando apenas determinadas coisas.

LÁZARO: Vamos falar de cotas. E depois vamos falar de sonho. Desde que entrou o sistema de cotas, se você for ver, os estudantes são muito bem-sucedidos. Sabem da importância desse lugar, que foi conquistado, sabem que têm que se dedicar. Acho que inclusive tem uma carga pesada para corresponder a essa luta, que foi grande. Mas ao mesmo tempo, a maioria dos cursos são analíticos. São muitos cursos para analisar situações. Assistência social tem muito. Isso também diz alguma coisa. Não sei exatamente o que é. Eu converso com jovens e sempre falo de sonho. Acho tão importante a pessoa poder sonhar... Às vezes falta isso. Essa procura para saber que o nosso lugar é onde a gente sonha estar. E às vezes é difícil olhar pra gente nesse lugar.

TAÍS: Chega um momento também em que te colocam num lugar e você acaba acreditando que seu lugar só pode ser esse. Isso é uma luta diária. Minha e de quem trabalha comigo. Quando a gente recebe um convite, a gente procura entendê-lo, e [*se for o caso*] falar que não é para fazer agora porque tal convite me coloca num nicho e com a carreira que eu tenho eu não mereço estar no nicho. E fazer com que as pessoas entendam.

Até porque hoje vocês atingem um público imenso.

LÁZARO: Deixa eu te dizer uma coisa doida. Estamos fazendo uma peça, uma série, produtos que dialogam com todos os públicos, que todo mundo quer consumir. *Mister Brau* dá picos de audiência. Essa peça tem muitos negros na plateia, mas também tem muitos brancos. Tem um público consumidor disso. E por que na hora de vender ficam tentando colocar num nicho como se só uma parte da população consumisse? É cegueira.

TAÍS: E para tirar essa nuvem... Às vezes te colocam num outro lugar: de prepotente, arrogante.

LÁZARO: É impressionante! As quatro primeiras capas de revistas e jornal que eu fiz, todas tiveram o mesmo título: "Negro Gato" [*risos*]. Até estavam me chamando de bonito, mas bota que é negro! Tenho quatro capas com o mesmo título! Você está dizendo: é gato, mas é negro.

TAÍS: E ninguém aqui quer deixar de dizer que é negro.

LÁZARO: É, mas não poderia pensar num outro título?

TAÍS: Uma vez um amigo meu, um cara superesclarecido, virou pra mim e falou assim: "Mas eu não conheço nenhum negro bem-sucedido que não seja arrogante e prepotente". Aí vem, né: Tostines vende mais porque é mais fresquinho ou é fresquinho porque vende mais? Ou você não está acostumado a ver um negro nesse lugar e acha que porque ele está nesse lugar ele é prepotente?

LÁZARO: Aqui também às vezes tem aquele conceito de que humildade é subserviência. "Ah, você é tão humilde"... Em que sentido? Eu já pergunto logo. Subserviente eu não sou! Vou conversar com você de igual pra igual. Baixar a cabeça eu não vou. Aí já virou metido, arrogante...

TAÍS: A pessoa não quer me ver nesse lugar em que eu posso falar de igual pra igual. Aí me acha prepotente porque eu não abaixo a cabeça pra falar?

LÁZARO: O bom hoje em dia é que a gente pode rir disso. O fogo é que tem pessoas que não podem rir e que passam isso no dia a dia.

TAÍS: E eu não quero estar em capa de revista para falar de preconceito, cara.

LÁZARO: Quer ver uma coisa que eu acho um absurdo? Cinco jovens inocentes foram mortos e este país não parou [*em novembro de 2015, cinco rapazes foram fuzilados com mais de 100 tiros no Rio de Janeiro*]. O país não parou! Sabe por quê? Porque a morte de um menino pretinho é aceitável. Não estou falando que a gente não deva protestar e se indignar quando um jovem branco morre. Mas toda e qualquer morte é inaceitável.

No meio de tudo isso, como criar dois filhos? Quais valores vocês passam? Quais as preocupações?

LÁZARO: Criando com afeto.

TAÍS: Ensinando a ter coragem.

LÁZARO: A gostarem deles mesmos.

TAÍS: Tudo baseado na autoestima.

LÁZARO: Eles sabem que são amados. Eles não têm a menor dúvida de que são amados.

TAÍS: É isso. Afeto e limite. Porque criança sem limite é um adulto insuportável. E olhar o outro com respeito, afeto e compaixão.

LÁZARO: E humor. Somos bem-humorados, gostamos de palhaçada e de dar risada juntos. Eu e Taís estamos casados há 11 anos e acho que o que junta a gente é que até hoje rimos juntos. Ainda temos motivos pra rir.

TAÍS: E a gente fala muito.

LÁZARO: Puta que pariu, como a gente fala.

TAÍS: Hoje ele saiu de uma reunião e eu estava provando uma roupa. Ele me ligou e perguntou onde eu estava. E disse: "Menina, faz meia hora que você saiu e já tenho tanta coisa pra te falar" [*risos*]. E minha família é uma gente engraçada, bem-humorada e afetuosa. E muito unida. Isso reflete na gente, na maneira de criar nossos filhos.

LÁZARO: É isso. Tem que rir. Rir salva.

POLÍTICA NACIONAL
COMO A ERA DA PÓS-VERDADE INFLUENCIA NEGATIVAMENTE O ELEITOR
RollingStone
rollingstone.com.br
Nº 130 >> JUNHO 2017 >> R$ 12,90
SPRING
Os últimos dias de CHRIS CORNELL
50 anos de SGT. PEPPER'S
Elza Soares
A sagração da guerreira que ultrapassou fome, abuso e morte para continuar cantando
EDIÇÃO COM DUAS CAPAS DIFERENTES E CONTEÚDO IDÊNTICO
ISSN 1980-1130
00130
9 771980 113004

A Sagração da Guerreira

Elza Soares abraça o status de mito e ganha o mundo enquanto prepara biografia, esboça álbum e aguarda filme e musical sobre as batalhas de sua trajetória

por **MAURO FERREIRA** | *fotos:* **DARYAN DORNELLES**

ELZA DA CONCEIÇÃO SOARES FOI ABENÇOADA POR UMA VACA. BENÇÃO não foi dada na Índia, país onde o animal é sagrado, mas no Brasil, que pariu há 87 anos essa mulher guerreira da pele preta, dura nas rasteiras literais e metafóricas que a vida lhe deu. A história de Elza com a vaca aconteceu em um morro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e permanece forte e sacra na memória da cantora. Ela era uma menina com pouco mais de 2 anos; enquanto a mãe leoa, Rosária Maria da Conceição, foi buscar água para matar a sede das filhas que protegia com fúria inabalável, a vaca se aproximou de Elza.

"Era uma vaca magra que pegava todo mundo. A vaca se aproximou de mim, me lambeu, lambeu de novo e foi embora. Eu fechos os olhos e me lembro de cada detalhe. Foi muito forte. A lambida da vaca significa para mim um ritual de benção", caracteriza Elza.

Até para os míticos a atual sagração dessa guerreira brasileira parece ser mais efeito da força interior da cantora, dona de voz rouca e cheia de bossa negra, do que de uma benção especial. E também de um disco celebrado que recolocou a artista no topo em 2015. Mas Elza, que segue o espiritismo, crê no significado do acontecimento com a vaca com fervorosa devoção.

"Acho que hoje eu sou vista como uma entidade", analisa. O fato é que até divindades da música nacional, como Maria Bethânia, se rendem ao poder musical da deusa de ébano. Em recente encontro em um avião, a artista baiana se ajoelhou aos pés de Elza e disse: "Não há nada mais moderno na música brasileira do que o seu CD. Não paro de ouvir. O Brasil deve muito a você".

Bethânia se referiu ao disco *A Mulher do Fim do Mundo*, eleito o melhor de 2015 pela *Rolling Stone Brasil*. Neste álbum, produzido por Guilherme Kastrup sob a direção artística de Romulo Fróes e Celso Sim, Elza se conectou a nomes fundamentais da contemporânea cena musical paulistana, fazendo um samba noise com atitude, erotismo, rock and roll e coragem para encarar o apocalipse social. No último ano, esse som ultrapassou as fronteiras do Brasil, repaginou a imagem de Elza e levou a artista – eleita a "cantora do milênio" pela BBC de Londres em 2000 – a várias partes do mundo em uma ação que transformou todos os envolvidos na produção do disco, como atesta o compositor Romulo Fróes, parceiro de Alice Coutinho na composição do samba-título.

EDIÇÃO Nº 130 – *Junho de 2017*

RECEBENDO A MERECIDA ACLAMAÇÃO, A GRANDE DAMA DA MÚSICA BRASILEIRA RECORDOU SUA SAGA RECHEADA DE TRAGÉDIAS E SUPERAÇÕES.

"Estar diante de Elza e produzir um disco com ela é estar diante da própria história da música popular brasileira, com a possibilidade de contribuir para a evolução dessa música", depõe Fróes. "Só uma artista com a dimensão dela seria capaz de disseminar e ampliar as conquistas de toda uma geração surgida após a derrocada da indústria fonográfica. E apenas ela, com tantos anos de carreira, para entender e transformar essas conquistas, nos levando para caminhos desconhecidos por nós mesmos. Posso afirmar que *A Mulher do Fim do Mundo* é o auge da carreira de todos os envolvidos e que a recepção arrebatadora do álbum transformou todos os nossos trabalhos individuais desde então."

Fróes não exagera. A recepção do trabalho abarca uma entusiasmada resenha do crítico Jon Pareles, do jornal *New York Times*. "Tradução nenhuma é necessária para reconhecer a ira e a coragem de *A Mulher do Fim do Mundo*", afirmou Pareles, que incluiu o álbum na lista dos dez melhores lançados nos Estados Unidos em 2016.

A própria Elza se surpreendeu com a repercussão das canções, que geraram turnê internacional por países da Europa e dos Estados Unidos, e um disco de remixes que chega ao mercado em 30 de junho. "Eu trabalhei para isso. Esperava que acontecesse alguma coisa, esperava um sucesso, mas não nessa proporção gigantesca. Tenho uma vida de glória, com muitos nãos, muitos sins. Mas a vitória é sempre uma glória", conceitua Elza, que faz uma média de seis a oito shows por mês. "Se eu falar para Elza que tem show todo dia, ela topa", espanta-se Juliano Holanda, empresário e produtor da cantora.

A vitória de Elza Soares chega após inúmeras batalhas e a encontra em um momento de paz interior, de bem com a vida que lhe foi dura. "Tô bem, tô tão tranquila. Se a alma está tranquila, a matéria fica bem", sentencia. Antes da primeira explosão, em dezembro de 1959, com a regravação do samba "Se Acaso Você Chegasse" (Lupicínio Rodrigues, 1938), Elza caiu e se levantou numerosas vezes. Mãe aos 13 anos, perdeu o filho Edmundo para a fome aos 15, enviuvou aos 21, sofreu abusos de homens com os quais se relacionou, amargou injustiças, chorou mortes de mais dois filhos... mas nunca se entregou. "O perdão é uma coisa maravilhosa. Eu prefiro sempre esquecer e continuar minha trajetória", ressalta. "Sempre fui determinada, calada, sabia o caminho que estava buscando, e também sabia que eu levaria muitos tombos."

Em um momento desanimador, ela quase desistiu da carreira. Foi na década de 1980, "anos difíceis", na avaliação da cantora. "Faltavam shows, faltava atenção da gravadora. O sucesso parecia impossível. Tudo isso me deixava triste. Aí eu fui buscar o Caetano [*Veloso*]. Ele era o homem para me ajudar naquela época. Com ele do meu lado, as coisas voltaram a fluir", lembra Elza, que renasceu das cinzas (mais uma vez) ao gravar "Língua" com Caetano no álbum *Velô*, lançado por ele em 1984.

Admirador da voz e da garra de Elza, Caetano lembra do apelo. "No começo dos anos 1980, Elza me procurou em São Paulo, onde eu estava hospedado num hotel por compromissos profissionais na cidade", conta. "Ela dizia que planejava parar de cantar por não encontrar oportunidades nem reconhecimento. Como eu a adoro, argumentei contra seus planos de desistência e a convidei para cantar o refrão de 'Língua', meu samba-rap, a que eu dava muita importância. Essa gravação nos animou e contribuiu para que muitos voltassem a falar sobre ela. Acho que, de uma forma ou de outra, Elza voltaria a ser reconhecida como merece. Fico feliz de terem falado nela então e desde então. *A Mulher do Fim do Mundo* é mesmo um dos melhores discos brasileiros."

FALOU-SE MUITO EM ELZA SOARES NA PRIMEIRA fase da carreira da cantora, no período áureo, que vai de 1959 a 1973. Foi um tempo em que, contratada da gravadora Odeon, a cantora lançou álbuns memoráveis no suingue do sambalanço, em trabalhos individuais ou assinados com nomes como o cantor Miltinho e o baterista Wilson das Neves. Desde 2015, fala-se novamente na artista com o mesmo entusiasmo. E tudo indica que a trajetória de Elza Soares na música brasileira deve permanecer no mesmo alto nível daqui em diante. Na volta da Europa, onde tem shows agendados este mês, Elza vai começar a esboçar um novo álbum, previsto para 2018. A intenção é se manter no trilho da modernidade, possivelmente conectada mais uma vez à geração da música independente de São Paulo. "Esse novo álbum tem que ser uma loucura. A ideia é trabalhar de novo com a mesma trupe", revela. Paralelamente, vai promover o single "Na Pele", gravado com Pitty. "A música com Pitty é profunda, a letra é muito forte", caracteriza. Ainda em 2017, a artista planeja lançar uma biografia pela editora Leya/Casa da Palavra. "Quero fazer uma biografia definitiva. Ainda tenho muita coisa a falar", avisa Elza, cuja trajetória até a década de 1990 já foi contada no livro *Cantando para Não Enlouquecer*, escrito por José Louzeiro e editado em 1997. Um filme de ficção, um musical no teatro e uma exposição sobre a vida de Elza estão previstos para 2018, mas os projetos ainda dependem de recursos das leis de incentivo cultural para se concretizarem.

Livro, filme, musical e exposição talvez revelem que a atual ascensão de Elza é também fruto da estrutura empresarial armada em torno da artista nos últimos anos. Em muitos momentos, ela contou com bases precárias na gerência administrativa da carreira. "Já faltou muito das coisas que tenho hoje: assistência, produção, direção. Agora relaxo, porque sei que tem gente que corre atrás das coisas

"Esperava um sucesso, mas não nessa proporção", diz Elza, sobre o elogiado *A Mulher do Fim do Mundo*. "Cada vitória é sempre uma glória"

para mim", afirma. "Eu me pergunto por que demorou tanto tempo para eu voltar a ter tudo isso. Não ganhei essa consagração sozinha. Contei com uma banda, com esses músicos maravilhosos. Eu logo me afinei com eles. No estúdio, correu tudo bem." Ela se refere às gravações de *A Mulher do Fim do Mundo,* realizadas em maio de 2015, na cidade de São Paulo.

Não foram poucas as tentativas de reconduzir Elza ao topo ao longo dos 58 anos de carreira da artista. Em 2002, a cantora lançou álbum gravado sob a direção artística de José Miguel Wisnik. *Do Cóccix até o Pescoço* colecionou elogios e apresentou no repertório música inédita do mesmo Caetano Veloso que a socorrera em 1984, "Dor de Cotovelo", de cuja letra sobre ciúme foi extraído o título do disco. "Elza é uma das maiores cantoras brasileiras de todos os tempos", conceitua Caetano. "Quando apareceu, no final dos anos 1950 – portanto, contemporânea da bossa nova –, foi um impacto no ambiente musical do Brasil. Extremamente musical e representando uma profunda autenticidade pessoal e social, ela explodiu com os scats roucos de 'Se Acaso Você Chegasse'. A trajetória da Elza identifica-se com a do chamado sambalanço, mas sua força individual faz dela um caso único em nossa história."

Antes, em 1997, a Universal Music, gravadora então recém-instalada no Brasil, investira bastante na produção do álbum *Trajetória* (com a produção luxuosa de José Milton), que não obteve o retorno esperado – talvez por mirar o passado musical, sem nenhum apontamento para o futuro. "Foi um projeto com foco na tradição e em gravações com alguns arranjos de big band de canções clássicas da MPB. A gravação de 'Meu Guri' é um absurdo de bonita", afirma José Milton. "Trabalhar com Elza é estar em estado de graça, pois ela cantando é de um talento, de uma musicalidade imensa. Uma voz de timbre belíssimo que, além de tudo, tem a capacidade de se colocar em qualquer gênero musical. No mundo deve ter poucas cantoras iguais a ela. Amo a Elza."

Esse canto ímpar do qual fala o produtor fez com que a artista tivesse voz ativa no cotidiano do morro. Ela jamais baixava a cabeça e a voz. Por isso, o samba "Maria da Vila Matilde", composto por Douglas Germano e gravado para o histórico disco de 2015, deu autoridade a Elza para bradar contra a violência doméstica contra a mulher. "Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim", ameaça, no grito, no verso-síntese do samba feminista.

"Eu vejo a mulher mais integrada à sociedade, mas ainda falta muita coisa. Deu uma melhorada, só que muito pouco", ela acredita. "A violência contra a mulher é efeito de uma cultura machista. Hoje a mulher está gritando mais. Já tem alguns gritos, só que a caminhada é longa. Não é agora que a violência vai parar. Mas a gente já está gritando... Eu sempre gritei – era um grito interno, dado dentro de casa. Não saí para a rua com esse grito. Esse foi o meu grande mal. A marca da violência fica, mas a gente tira com água e sabão. O que não pode é carregar essa marca na cabeça." Elza sofreu abuso físico do primeiro marido, Antônio Soares, conhecido como Alaordes.

A cantora cresceu no morro mais enturmada com os meninos do que com as meninas e as bonecas, sem nunca deixar de abraçar o feminino. Foi apedrejada na década de 1960 quando virou amante do jogador de futebol Manoel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, em caso explorado musicalmente pela gravadora Odeon. Os diretores artísticos da gravadora induziram Elza a gravar, em 1963, músicas como "Eu Sou a Outra", potencializando a ira popular da sociedade moralista. Com Garrincha, morto em janeiro de 1983, Elza viveu momentos de gozo e de dores lancinantes, por causa do alcoolismo do marido-amante. A pior delas suportou sozinha, com o jogador já fora de campo. Em janeiro de 1986, um acidente de carro tirou a vida de Juninho, o Garrinchinha, fruto da união de Elza com o craque. Na volta de uma viagem à cidade de Pau Grande, terra natal do jogador, o carro em que estava o garoto se desgovernou em uma ponte encharcada pela chuva, sobre o rio Imbariê, e caiu na correnteza, tirando a vida do menino de 9 anos. A queda foi a mais dura da vida de Elza, que perderia um terceiro filho, Gilson Soares, de 59 anos, em julho de 2015, vítima de complicações decorrentes de uma infecção urinária.

Elza quase enlouqueceu com a morte de Garrinchinha. "Essa marca é difícil de sair. Fiquei mal da cabeça. Foi o pior momento da minha vida. Machucou muito, mas é a realidade da vida. Estava escrito. A história tinha que ser assim", pondera. Mesmo com sofrimento latente, Elza renasceu e lançou em 1988 um álbum não por acaso intitulado *Voltei*.

"Não sei explicar de onde vem a minha força. Os deuses estão comigo. Estão sempre do meu lado", testemunha a cantora. O mundo gay também esteve sempre ao lado de Elza, que se lembra com saudade dos chás que tomava nos anos 1970 com as travestis Eloína, Jane de Castro e Rogéria. "A gente ficava no chão, tomando chá. Era muito chique", garante. "Os gays precisam de abraço e eu também preciso de abraço, né?

O gay e o negro são unidos pelo mesmo sofrimento", relaciona a cantora, mulher orgulhosamente negra. "O racismo ainda existe no Brasil. Ele está claro, em evidência."

Elza passa boa parte do tempo sentada para amenizar os efeitos de uma queda – literal – sofrida em setembro de 1999: em show na casa carioca Metropolitan, despencou do palco e caiu de uma altura de 2 metros. A consequência foi um achatamento na lombar que avariou a coluna cervical da cantora. "Não liguei na época, né? Com os anos, a coisa piorou", lamenta Elza, que fez uma primeira cirurgia em 2012 e uma segunda em 2014 para colocar oito pinos na coluna. Sete anos antes, em 2007, a Justiça condenou a casa a indenizar a artista em R$ 60 mil, quantia que não cobriu as perdas e os danos da cantora, que chegou a ficar de cama por dias seguidos, com dores constantes. "A cada porrada da vida, eu caio, levanto me arrastando e fico de pé. Juro para você que eu não sei de onde vem essa força. É uma força...", resume Elza.

O tombo inspirou Chico Buarque a compor para Elza o samba "Dura na Queda", lançado em musical de teatro sobre a história da cantora, em 2000. Elza somente gravaria a faixa em 2002 em *Do Cóccix até o Pescoço*. A canção fez com que o caminho de Chico se cruzasse novamente com o dela. Em 1970, sofrendo ameaças anônimas de morte, Elza deixou o Brasil juntamente com Garrincha, também alvo de ataques de origens nunca desvendadas. Partiu para a Itália e se radicou em Roma. Nessa cidade, com Garrincha corroído pelo álcool e dívidas crescentes, Elza pediu socorro a Chico. Exilado na Itália para escapar da fúria dos militares que governavam o Brasil da fase AI-5, Chico estendeu a mão para Elza. "O Chico é maravilhoso", derrama-se a cantora. "O meio artístico me reverencia, mas eu também faço reverências a todos."

"Elza é uma das maiores cantoras brasileiras de todos os tempos", conceitua Caetano Veloso. "A força individual faz dela um caso único em nossa história"

As reverências a Elza começaram antes da fama, pela força do canto que embute uma amálgama de samba e jazz, ainda que ela só tenha tomado conhecimento do segundo depois de famosa. "Não sei explicar, foi tudo intuitivo, nada estudado. Meu canto é um dom de Deus. Não tinha como ouvir jazz no morro", argumenta. Esse canto natural já seduzia os colegas dos empregos que Elza aceitou para ajudar no sustento da casa. Chegou a ser demitida de um deles, em uma fábrica, porque a voz distraía os operários e prejudicava o andamento da produção.

Em 1953, quem ficou eletrizado e desconcertado com o poder dessa voz foi o compositor Ary Barroso, que apresentava um programa de calouros no qual a cantora ainda desconhecida foi tentar a sorte. Virou página lendária da música brasileira o famoso diálogo entre a novata e o apresentador. "De que planeta você vem, minha filha?", perguntou Barroso, fazendo troça com a figura magra e pobremente vestida de Elza. "Do planeta fome", devolveu na lata a caloura arretada, fazendo cessar os risos. Ao ouvi-la cantar o samba-canção "Lama" (Paulo Marques e Aylce Chaves), sucesso da cantora Linda Rodrigues em 1952, o apresentador constatou que Elza Soares vinha do planeta música.

A vitória no programa *Calouros em Desfile*, transmitido pela Rádio Tupi, abriu as portas da felicidade e da indústria musical para Elza. Antes de gravar o primeiro disco, seis anos mais tarde, a cantora treinou o dom divino em boates do subúrbio e da elitizada zona sul da cidade do Rio de Janeiro. "Cantei em várias boates. Fui crooner de uma boate no Leme, o Texas Bar. Fui aceita de cara", lembra Elza, ressaltando a conquista em tempos de racismo intenso. "Negro não entrava em boates da zona sul carioca e eu entrava. Tinha o [*Ronaldo*] Bôscoli olhando tudo, facilitando a minha entrada."

Foi Bôscoli, aliás, quem deu a Elza o epíteto de "A Bossa Negra", nome do segundo e referencial álbum da artista, gravado em outubro de 1960 e lançado no começo de 1961. Indicada pela cantora Sylvia Telles, que a tinha visto na boate, Elza começou a carreira fonográfica em 1959, na gravadora Odeon, sem qualquer dificuldade no canto de músicas que exigiam bossa e balanço. "Eu chegava no estúdio, abria a boca e a voz saía", gaba-se hoje, quase 60 anos depois, com indisfarçável orgulho.

A voz rouca emitida pelos sulcos dos vinis parecia conter o toque de um trombone, o que valeu a Elza elogiosas comparações com o cantor e trompetista de jazz Louis Armstrong. "Para mim, era ele que me imitava. Eu não o conhecia, né?", relembra. Ela o conheceria em 1962, no Chile, durante a Copa do Mundo. O encontro foi regado a gafes porque, como não falava inglês, Elza confundiu algumas palavras – pensou que "daughter" (filha), por exemplo, usada pelo músico para saudá-la, significava "doutora". Pelo mesmo motivo, se recusou a chamar Armstrong de "My father" (meu pai) porque, no idioma da cabeça de Elza, a expressão significava "Me fode".

Se a evocação a Armstrong era natural na voz de Elza, soou totalmente artificial a tentativa da gravadora Tapecar de fazer a cantora seguir em 1974 o estilo de samba e a indumentária de Clara Nunes, cantora mineira que estava em grande evidência no Brasil naquele ano. A reboque de bem-sucedida estratégia de marketing orquestrada pelo radialista e produtor musical Adelzon Alves, Clara foi transformada em sambista em 1971 após tentar a fama como cantora de bolero e até da Jovem Guarda. Com canto luminoso e uma sincera devoção ao ritmo que abraçou, Clara se tornou a estrela da gravadora Odeon, companhia fonográfica da qual Elza pediu dispensa em 1974, em atitude intempestiva, enquanto promovia o álbum homônimo lançado em 1973. "Tem porta para todo mundo entrar. Mas fizeram isso em cima da Elza, né? A sambista da Odeon era a Elza e, depois, passou a ser Clara. E Clara não era sambista", alfineta, referindo-se a si própria na terceira pessoa, no único momento da entrevista em que deixa entre-

ver certa mágoa das injustiças do passado, aparentemente esquecida de que foi ela que pediu para sair da gravadora.

No tempo presente, Elza exprime indignação com os rumos da política do Brasil ("Tá brabo! Estamos numa panela de pressão que pode explodir a qualquer momento") e continua dando mostras da força incomum. "Elza já saiu da cama diretamente para um show em São Paulo. Fez o show, recebeu o público no camarim queimando de febre e depois desabou", relata o produtor Juliano Holanda. "O dom está aí desde a lambida da vaca", credita Elza, voltando ao acontecimento mítico que considera o mais importante na infância vivida no morro.

A VINDA DE ELZA SOARES AO MUNDO É CONTROversa quando o assunto é sua data de nascimento. Para efeitos oficiais, ela nasceu em 23 de junho de 1937 e completaria, portanto, 80 anos neste mês de junho de 2017. É a data que consta em sites e textos sobre a cantora. Mas pesquisadores musicais sustentam que Elza nasceu em 1930, data cravada, por exemplo, pelo jornalista e pesquisador carioca Rodrigo Faour no texto de livro editado em 2012 na coleção *Grandes Vozes*, do jornal *Folha de S.Paulo*. Na estreia carioca do show *A Mulher do Fim do Mundo* no Rio de Janeiro, em dezembro de 2015, um integrante da família de Elza, sentado ao meu lado no Teatro Oi Casa Grande, comentou sobre a vitalidade dela, então com 85 anos, e revelou espontaneamente que ela nasceu em 1930, sem saber que falava com um jornalista da área musical.

De todo modo, é consenso a vitalidade vocal de Elza, cujo canto tem sido aplaudido em muitos países por causa da turnê internacional do show *A Mulher do Fim do Mundo*. "Já temos interesse do mercado da América Latina", revela o produtor Juliano Holanda. A equipe ainda não sabe aonde e quando a turnê vai de fato acabar.

Até pelo ritmo intenso da agenda profissional, a morte parece assunto distante para a cantora. "Nem tenho tido tempo para pensar na finitude, mas a morte não me atemoriza. Até me deixa tranquila. Tô mais introspectiva, mais comigo mesma! Tô mais serena, sem perder a força. Tudo são fases", garante. Na atual fase, a artista já não faz mais exercícios físicos para manter a forma. "Já fui rata de academia", conta, acrescentando que costuma comer pouco. "Mas como de tudo. Adoro feijoada, mas com quatro ou cinco colheradas já tô de boa. E adoro um jiló."

Morando atualmente em um espaçoso apartamento situado em frente à praia de Copacabana, Elza Soares parece mesmo "de boa". "Aqui é o meu ninho, de frente para o mar. Adoro Copacabana. Sou apaixonada pelo clima do bairro: é uma torre de babel, tem tudo junto e misturado", afirma. "Eu tenho a cara de Copa. É mais fácil viver aqui. É mais fácil ser Elza Soares aqui do que no Leblon. Quem morou em Padre Miguel [*bairro do subúrbio carioca*] tem que vir para Copacabana", decreta, aos risos, acrescentando como detalhe da rotina a intolerância com portas de banheiro abertas. "Me dá nervoso", justifica.

Nesse apartamento em que mora sozinha há três anos, Elza recebe amigos e lembra com carinho da mãe, a batalhadora Rosária, já morta, mas sempre presente na mente da cantora, como ela reitera em versos de "Comigo" (Romulo Fróes e Alberto Tassinari), música que encerra o álbum *A Mulher do Fim do Mundo*. "No início, eu saía escondida de casa para cantar. Mas minha mãe sempre me apoiou depois que soube o que eu fazia. Ela não ia aos meus shows, mas me lembro de tê-la levado ao auditório do programa de Flávio Cavalcanti e de ela ter ganhado uma rosa", rememora a cantora, citando o lendário apresentador de TV que mobilizou grande audiência nos anos 1960 e 1970.

Elza Soares enfrentou tragédias, mas se recusa a desfiar o rosário de dores. "Se pudesse escolher, minha vida seria exatamente como foi e tem sido. Eu não saberia escrever outra vida", diz, sentindo-se abençoada. Tamanha força e fé talvez sejam mesmo efeito da sagrada lambida da vaca carioca.

U2 • AMY ADAMS • AUTORAMAS • SHAWN MENDES

rollingstone.com.br
Nº 143 >> JULHO 2018 >> R$ 12,90

Rolling Stone

SPRING

Um Novo Fascismo

Movimento neonazista mostra as garras nos Estados Unidos

Pitty

A maior roqueira em atividade no Brasil se mantém verdadeira às próprias dores e sons, e não dá a mínima para o que você acha

ISSN 1980-1130 00143
9 771980 113004

NO ESPELHO DO TEMPO

Há 15 anos, Pitty estreava apresentando um arsenal de hits que marcaram o rock brasileiro nos anos 2000. Agora, ela vive a maternidade e o feminismo, aceita as revoluções internas e busca na garota o que ainda faz sentido para a mulher

POR LUCAS BRÊDA | FOTOS: MAURICIO NAHAS

"HOJE PODE DIZER QUE GOSTA DE PITTY?" • PRISCILLA LEONE BRINCA AO falar de si mesma enquanto mexe um suco verde e mede a ironia para que a frase não soe agressiva. Estamos em um café na região da Avenida Paulista, em São Paulo, perto de onde a cantora mora. Evidentemente, ela não está se referindo ao fato de que há mais de uma década vem sendo nome constante nas paradas de rock brasileiro, mas sim à relutância de quem descreve seu trabalho como "música juvenil".

Já se foram 15 anos desde que Pitty entrou para a cultura pop, com o disco *Admirável Chip Novo*. Agora, não só sua obra inicial começa a ser revista com certa nostalgia: ela também vive o que define como "atualização de identidade", uma renovação que tem tanto a ver com o amadurecimento artístico quanto com o pessoal. Pitty deixou de ser tratada pelo estereótipo "roqueira rebelde" do começo do século e é tida como inevitável ícone feminista (ao emitir opiniões na TV ou nas redes sociais, despir-se de amarras estéticas e colaborar com cantoras como Elza Soares e Tássia Reis), sendo um dos poucos nomes do rock mainstream ainda capazes de atrair amplo interesse pela sua obra atual, e não apenas o respeito pelo passado.

Na tarde atipicamente quente de junho em que nos encontramos, Pitty está "exaurida". Dois dias antes, havia tocado pela terceira vez em quatro anos no João Rock, evento que vem reunindo entre 50 e 60 mil pessoas um dia por ano em Ribeirão Preto (SP). Ela recorda uma conversa com o marido, Daniel Weksler, baterista do NX Zero, em um momento que estava "arisca", "pela casa chutando coisas". "Tô ficando doida, sério", disse, e ouviu como resposta: "Você sempre fica assim antes de lançar disco, já te vi nesse lugar antes". A apresentação no festival foi a primeira de uma nova era, a de um novo álbum, que a cantora está concebendo enquanto prepara a próxima turnê nacional e grava o programa *Saia Justa*, no canal a cabo GNT. "Nas brechas, viro mãe", ri. "Tem rolado uma revolução por aqui, pessoal, musical, artística. Mudança de gente ao redor, de escritório, maternidade, experimentação com outros estilos, mudança sonora. Acabou vindo tudo junto, e eu tenho lidado diariamente com essa revolução, inédita para mim."

Pitty se considera uma pessoa de ciclos. O último disco, *Setevidas* (2014), refletiu o momento em que ela se sentiu mais à vontade com o próprio lado feminino. Aquele também foi um período marcado por 20 dias internada em um hospital, resultado de uma disfunção hormonal que quase a levou à morte. Segundo a própria artista, o ciclo atual começou com a gravidez de Madalena, em 2015. "Mudou tudo, são coisas que fogem ao nosso controle. Foi assim com a história do hospital, com o *Setevidas*, e na gravidez também", conta. "De repente, eu estava de cama sem poder fazer shows. [*É um*] momento de resiliência e aceitação, como se a vida falasse: 'Você acha que tem controle sobre tudo? Então, vamos conversar sobre controle." Pitty, que sofreu um aborto espontâneo em 2008, teve uma gravidez de risco, devido a uma "incompetência istmo-cervical" (colo do útero curto). "Rolou medo de tudo. Fui obrigada a parar de trabalhar e ficar de repouso absoluto. Estava tão ocupada em sobreviver, fazer aquilo dar certo, cuidar do meu corpo e manter minha cabeça no lugar...

EDIÇÃO Nº 143 – *Julho de 2018*

CHEGANDO AOS 40 ANOS SEM RENEGAR O PAPEL DE VOZ ROQUEIRA DAS JOVENS MASSAS, A CANTORA ABRAÇOU A MATURIDADE E AS REVOLUÇÕES PROPORCIONADAS PELA VIDA.

É um saco não fazer o que a gente quer. Tenho muita dificuldade em lidar com 'autoridade', coisas em que eu não mando, sobre as quais não tenho controle." O período de gravidez não foi apenas de doação, mas também de reflexão interna, em grande parte registrada em diários que serviram de base para as composições do próximo LP. "Estou me recuperando desse processo até hoje, não é uma coisa que passa tão rápido. Agora, a Madalena tem 2 anos e eu começo a me reconhecer. Amamentei por um ano e quatro meses, tempo em que meu peito não é meu, sabe? [*Risos*] Só parei porque ela quis, mas é um bagulho muito louco."

Dias antes, Pitty estava em uma festa junina do bairro, com o bebê de uma vizinha no colo. "Já estava com saudades", confessa ao lembrar da própria pequena nessa fase. "Agora é diferente: troca ideia, começa a conectar pensamentos, falar coisas que você não ensinou. A mágica é foda, e é no cotidiano mais trivial que esse sentimento se apresenta avassalador. Ontem, estava dando banho, ela levantando um pezinho de cada vez, pedindo para eu jogar água. Aqueles dedinhos roliços boiando na flor da água, e eu derrubando uma gotinha em cada um, um de cada vez... O olhar dela para mim, as risadas. Tão simples e tão divertido. Tenho curtido essa coisa de ser mãe."

"É NO COTIDIANO MAIS TRIVIAL QUE ESSE SENTIMENTO SE APRESENTA AVASSALADOR. O OLHAR DELA PARA MIM, AS RISADAS. TENHO CURTIDO ESSA COISA DE SER MÃE"

Em 2006, a noite em que foi realizada uma das edições do VMB, extinta premiação da MTV, foi definitiva na vida de Pitty. Ela ganhou todas as categorias às quais concorreu (Escolha da Audiência, Videoclipe de Rock, Website e Vocalista da Banda dos Sonhos), além de ter conhecido o futuro marido, Daniel Weksler. Mais ainda: aquele dia, de certa forma, delimitava o auge de popularidade da cantora, que não muito tempo antes transitava no cenário underground. Na cidade de Salvador, nos anos 1990, ela integrava a banda de hardcore Inkoma. Em meados dos 2000, Pitty já havia dominado as rádios e a própria MTV com os singles de *Admirável Chip Novo* ("Máscara", "Equalize", a faixa-título, "Teto de Vidro", "Semana Que Vem") e *Anacrônico* (a faixa-título, "Memórias", "Déjà Vu" e "Na Sua Estante"), além de ter participado de outro hit, "Eu Quero Sempre Mais", no *Acústico MTV* (2004) do Ira!. Com uma raiva necessária, ela trazia um discurso direto e ideologicamente alinhado com o punk, além de uma verborragia que casava com parte do hip-hop dos anos 1990. No meio desse mix, havia um pouco da estética do emo, que viria a dominar a produção roqueira dos anos seguintes – no Brasil, com Fresno e NX Zero, e lá fora com nomes como My Chemical Romance e Simple Plan. A baiana trouxe frescor à cena, representando e atraindo para aquele tipo de rock o público feminino e, ainda que indiretamente, o LGBT.

Pitty era um caminho natural para fãs de Evanescence e Avril Lavigne; conseguia agradar a quem ouvia Linkin Park; até fãs de sons mais pesados, como o do Korn, passaram a dar atenção à artista. Em resumo, cerca de três anos depois de deixar de ser Priscilla, Pitty já era protagonista da última era em que o rock vendeu em massa.

"Não podia sair na rua para comprar pão", ela lembra. "Essa coisa de não ter o isolamento de que eu precisava para fazer as coisas comuns me machucava muito. Eu só queria viver, só que era incompatível. Você entende que as pessoas querem falar com você porque gostam pra caramba do que você faz, mas não vai dar para você chegar no balcão e pedir um pingado? Eu fiquei bem confusa." Na época, Pitty ainda não havia completado 30 anos. "Chegou uma hora que eu estava no camarim e só queria ter uma conversa real. Alguém que não falasse simplesmente 'Ai, meu deus, ai!' [*imita uma pessoa histérica*]. É o barulho enorme de você estar no palco com um monte de gente e o silêncio enorme de estar sozinha no hotel olhando sua cara no espelho. É um lugar muito assustador, mas a gente aprende a lidar. Chegar no hotel sozinha, fechar a porta do quarto e tirar a maquiagem na frente do espelho era tipo: 'Oi? O que é isso? Cadê as pessoas? Cadê gente?'"

Embora ela tenha mudado, a atmosfera no entorno permanece. Conversamos em uma área reservada no mezanino de um café e, quando um garçom vem nos atender, a primeira reação é a materialização do que a cantora havia acabado de relatar. "Meu Deus, a Pitty!", ele exclama, porém sem histeria. "Vou te contar, sua música nova é um tapa na cara da sociedade." Ele fala de "Contramão", lançada alguns dias antes. Desde que viu a resenha de um fã ("as melhores resenhas") na internet, Pitty encara a música nova como uma espécie de "irmã" da colaboração dela com Emicida, "Hoje Cedo" (2013), em que o rapper rima sobre "holofotes fortes", "purpurina" e a fama. "Tenho essa sensação de que ele procurou o lugar dele. 'Ainda sou o Emicida da rinha/ Lotei casas do sul ao norte, mas esvaziei a minha'. Aí eu falei: 'Putz, ele está naquele lugar, eu sei qual é esse lugar'", ela diz, recitando os versos.

Para se manter a "Priscilla de Salvador" ao longo dos anos, Pitty se cercou de gente que a conhece desde antes do sucesso, pessoas "que podem me dizer a verdade, me trazer para o chão", "que não ficam o tempo inteiro esperando alguma atitude preconcebida na cabeça". Um desses amigos ("âncoras para eu não dar uma pirada") é Rafael Ramos. Foi ele quem recebeu as 22 gravações ao violão que foram o embrião de *Admirável Chip Novo*. "Conheci a Pitty em meados dos anos 1990, era fã da banda dela, o Inkoma", conta o produtor por trás da gravadora Deck, pela qual saíram todos os álbuns da Pitty (ele assinou a produção de cada um).

Mesmo nos tempos em que esteve no olho do furacão, Pitty afirma que sempre manteve uma relação saudável com as drogas. "Não tive nenhuma questão maior nem menor, foi normal. Nunca me compliquei, de dar ruim, sempre deu bom [*risos*]", conta. Hoje, ela se diz "tranquila", sem revelar o que consome além do álcool. "Depende do momento, da vibe. Tenho tanta coisa para pensar que gosto mesmo é de tomar uma biritinha depois do show, e fico bem tranquila assim." A "biritinha" nunca vem antes de uma apresentação, o que não chega a ser algo surpreendente para alguém que é tão preocupada com o que faz. "Antes eu fico intocável, muito concentrada. Depois do show todo mundo relaxa. Mas acho que cada um sabe o que faz, tudo tem seu lugar, seu tempo e sua medida – principalmente a medida."

Em 2018, Pitty tem suas armas para lidar com a fama: absorver o amor que recebe dos fãs e não atrelar a autoproteção a algum tipo de paranoia. E, mesmo assumindo a personalidade controladora, ela não soa, nem casualmente, autoritária – pelo contrário, conversa sem se prender a discursos prontos e é absolutamente atenciosa no que faz. Depois da entrevista, envia um e-mail desenvolvendo alguns tópicos da conversa anterior, e encerra escrevendo "desculpa ae o I hate being bipolar it's awesome, rs", fazendo referência à capa de *Ye*, álbum recém-lançado de Kanye West. Diferentemente do rapper norte-americano, Pitty não sofre de transtorno bipolar, mas sim do desgaste com o cuidado extremo despejado em tudo que ela realiza, da educação da filha até o novo disco. "Procuro ficar atenta às egotrips, porque quando você é artista e fala muito sobre você, o tempo todo, você entra em umas de que é muito importante, e eu acho isso bizarro", diz. "Se você é um pouco neurótico, já se sente muito vigiado, cobrado. Todo mundo sente isso em algum nível, mas quando você está exposto é muito fácil ficar louco, especialmente quando tem muito poder e todo mundo gosta do que você fala. Tentei nunca me distanciar dessas coisas que eu acho massa, que eu fazia quando tinha minha banda de hardcore. Coisas simples, como descer para ver as outras bandas quando tocamos em algum festival."

Ela ouve música nas plataformas de streaming, especialmente quando está na rua, mas ainda escuta vinil em casa. Também acabou de consertar seu tape deck para voltar a ouvir cassete – formato pelo qual lançou o single "Contramão". Pitty, contudo, não chega a ser saudosista. Ela se relaciona com os formatos como a contemporaneidade sugere: streaming para o consumo primário rápido, físico para os mais especiais. "A noção mudou completamente, a relação de posse mudou, isso é muito atual. A música está aí, você escuta um pouquinho e, se quiser muito pra você, vai encontrar um formato. Só tenho em vinil as coisas que eu quero muito, as outras eu dou um play, e pronto, fiquei, beijo, tchau, não quero casar [*risos*]. O vinil é aquela música com a qual eu quero casar, olhar na capa todo dia." Os algoritmos das plataformas de streaming, inclusive, a ajudam na busca por novos sons. "É assim: começo a escutar uma banda de mento da Jamaica e aí me sugerem uma outra banda que tem a ver com aquele tipo de som. Daí [*aparece*] um disco [*gravado pelo*] Keith Richards na Jamaica em não sei quando, então vou indo, pesquisando. E vou atrás de muita música nova para saber como as coisas estão sendo produzidas, o que está sendo dito."

Não é à toa que a primeira canção concebida para o novo álbum, "Te Conecta", tenha influência descarada de dub. "Ouço esse tipo de som mais do que outras coisas há muito tempo, mas nunca tinha vindo à tona", conta. No meio de uma madrugada, ela sentiu nascer a vontade de produzir algo relacionado ao gênero. "Falei: 'Caralho, ferrou, por que veio um dub na minha cabeça? Socorro, alguém tira isso de mim'. Mas respeitei, já tive mais medo [*de mudar*]." A faixa representa um pouco da diversidade de sonoridades que a cantora está seguindo conforme faz o próximo disco, a exemplo dos aspectos eletrônicos e da rima de hip-hop de "Contramão".

Além de tudo, não é mais tão novidade que o rock está "envelhecendo". Apesar de nomes estabelecidos no passado continuarem a lotar shows, o gênero está gradativamente perdendo espaço na preferência dos jovens, nas paradas de sucesso e nas listas de melhores discos da crítica. Aos 40 anos, Pitty, por sua vez, não está parada no tempo. "Não tenho mais essa brisa de ficar presa a 'isso é rock, isso não é'", conta. "Escuto Sister Nancy e me bate muito mais do que esse rock. Acreditava nisso quando eu tinha 14 anos e ficava nesses estereótipos. Tinha uma banda de hardcore e, quando tentava escrever qualquer coisa que fosse meio diferente, me sentia meio julgada. Tipo 'ah, você tá falando uns negócios esquisitos aí'. E eu queria mais, desde aquela época. Saí de uma banda de hardcore porque queria experimentar outras coisas, falar o que eu quisesse, ter liberdade. Me parecia uma incongruência que uma filosofia de punk rock não estivesse ligada à liberdade. Tipo, ou você respeita a estética e a temática ou você não está dentro? Que liberdade vigiada é essa?"

Ela também consegue compreender como o sentimento que uma vez já foi combustível para o rock pode se apresentar de novas maneiras. "Sabe esses emo-trap? É igual, gente", teoriza. "Estávamos no camarim, festa rolando, e botaram aquele som do Khalid. Eu virei e falei: 'Pensa se não é tipo um *Nevermind* da nossa geração? Pensa a letra de 'Smells Like Teen Spirit'. O que a gente via no grunge, naquela época, estamos vendo agora, só que com outra estética. A temática é a mesma, porque o jovem sempre vai ser essa coisa entediada e procurando solução para as coisas, seja nas drogas, em si mesmo, seja em qualquer lugar – na música, por exemplo, e que bom que seja na música." Ela está falando do tipo de som que mistura batidas de pop, trap ou hip-hop com as guitarras melódicas, o clima triste e as letras depressivas do emo (e, de certa maneira, do grunge). "Nunca tive isso de 'Não, ah, porque no meu tempo...' É entender o tempo em que você vive. Por que essa geração se conecta com isso?"

Pitty

PITTY SEQUER SE LEMBRAVA DO 15º ANIVERSÁRIO DE *Admirável Chip Novo*, lançado em maio de 2003, até que um jornalista a contatou para uma entrevista sobre o tema. Na data da celebração, as redes sociais foram tomadas por relatos e memórias de pessoas com aquele álbum. Ela estava experimentando algo até então inédito, em termos da relação do público com sua obra: a nostalgia. Pitty não é dada a shows ou turnês comemorativas, e tem uma discografia relativamente curta. A situação, contudo, é compreensível. Quem tinha 15 anos quando o debute dela saiu hoje está com 30, e a reavaliação da música que marcou a adolescência é um processo comum do amadurecimento. A partir de determinado momento, ouvir um disco que definiu essa época frequentemente confusa da vida passa a gerar saudades, em vez de vergonha. "O distanciamento histórico é importante e eu também tenho isso em relação a muitos artistas", analisa. "Passa um tempo com você pensando 'não sei se eu gosto nem se eu posso dizer que gosto'. Lembro que, quando o Strokes surgiu, fiquei assim: 'Ah, não sei se gosto', com vergonha de dar o braço a torcer. É louco, porque às vezes não há a oportunidade de o tempo ser generoso. Existir, muita coisa existe, mas durar nessa parada é foda."

Não é apenas pela "generosidade do tempo" – ou seja, uma obra se manter ou ganhar relevância com o passar dos anos – que Pitty é duradoura. Nenhum dos quatro álbuns de inéditas que ela lançou até hoje passou sem um hit de grandes proporções. "Na Sua Estante" (2005), por exemplo, está tão incrustada na cultura nacional que virou um som sertanejo na voz da dupla Jads e Jadson. Porém *Setevidas*, o mais recente LP, apesar de conceitual e bem-sucedido, trouxe pouco em termos de novidades sonoras para a artista. Esta é certamente a missão do próximo disco: representar em arte toda a renovação/reavaliação de identidade/vida pela qual Pitty está passando. "O simples fato de ela fazer música em cima de suas emoções, sempre de forma verdadeira, acaba criando uma comunicação muito forte. O discurso é sempre muito forte e acho que essa é uma das características mais marcantes na obra dela", Rafael Ramos opina, ressaltando o caráter pessoal de praticamente toda a carreira da cantora.

Desde os primeiros dias no Inkoma, Pitty expurgava demônios gritando ao microfone. "Os meus [*demônios*] eu deixava ali", diz. "Para mim, a escrita ainda é um grande lugar de exorcismo. É ótimo que exista essa válvula de escape, porque essas coisas têm de encontrar seu lugar no mundo, fora da gente." Lembrando as músicas mais agressivas do início, ela compreende a autenticidade e a urgência daquela raiva juvenil, de quando tinha uma postura, segundo ela própria, "masculinizada", uma defesa contra o machismo que a cercava. "Faz parte de uma revolta contra tudo e todos e, na verdade, é contra você mesmo. Eu gastava muito à toa – a palavra, a energia, a ideia, o verbo", confessa. "[*Era*] atirar sem mira. Quando a gente fica mais velho, aprende a gastar menos bala para chegar aonde quer. Tem hora que não precisa ter raiva, só precisa ser samurai. É gritar na hora de gritar, calar na hora que tem que calar. Uma raiva mais controlada." Quando sugiro que mesmo no novo single ela mantém a atmosfera sombria dos primeiros discos, Pitty fica em silêncio. "Minhas melodias nunca foram alegres mesmo", responde, concordando sem muita veemência para, depois de outro momento em silêncio, cair na maior gargalhada daquela tarde.

"QUANDO A GENTE FICA MAIS VELHO, APRENDE A GASTAR MENOS BALA PARA CHEGAR AONDE QUER. TEM HORA QUE NÃO PRECISA TER RAIVA, SÓ PRECISA SER SAMURAI. UMA RAIVA MAIS CONTROLADA"

É CURIOSO QUE PITTY ESTEJA trilhando caminhos diferentes exatamente nesse aniversário de *Admirável Chip Novo*. Para as novas composições, ela resgatou o mesmo violão com cordas de náilon com o qual gravou todas as demos do primeiro álbum. Também retomou a dinâmica de "colcha de retalhos" – juntar trechos de diários e escritos para fazer as letras. "Estou nessa onda de encontrar algo entre o passado e o futuro", afirma. "Quero achar essas batidas no meio desse violão. Essa coisa de usar beat, mas ser rock. Também quero investigar novamente o violão de náilon, a canção. Tem uma música, 'Submersa', que foi isso: eu e o violão. Eu e ele de novo, o mesmo de 2003."

A Pitty de 40 anos está encarando sua versão de 20 e poucos, procurando os sentimentos da garota que ainda permanecem na mulher, e se despindo daqueles que não têm mais sentido. Se há 15 anos ela estava enfrentando as próprias inseguranças em busca de personalidade, hoje trabalha para assimilar a sociedade, as próprias questões femininas e as revoluções pessoais pelas quais vem passando. "Fui tentando entender isso: me libertar do que é prisão e manter o que é essência. Dar a corda para essa pipa voar e ter o equilíbrio para não deixá-la ir embora. É um jogo que nem sempre ganho, mas isso tem sido a grande coisa como artista. Meu tesão mora nesse desafio, desconstrução e eterna reconstrução artística, e isso tem um preço: eu deixo tudo ali."

Luís Maldonalle, Ingrid Bahia, Lucas Tamandaré e Gustavo Vázquez.

Explosão INSANA

Single 'Burn Burn Burn' é inspiração da banda Insanidade para novo trabalho e é o mais pedido nas rádios do Brasil e do mundo

Original de Goiânia, a banda **Insanidade** já está na estrada musical há dois anos e possui dois discos lançados: ***Hello Suckers*** (2020), em português, e ***High Speed*** (2021), em inglês, com influências de **Turbonegro**, **Motörhead** e **Sex Pistols**. Agora, o grupo chega com ***Live*** (2022), que conta com clipe exclusivo de mesmo nome.

Na forma de uma animação feita por **Daniel E.T.E**, da ChopSuey Animaciones, o clipe foi inspirado em "**Burn Burn Burn**", single de sucesso dos músicos. *"A ideia foi brincar com a gente tocando ao vivo, junto com monstros, animações e explosões, bem ao estilo dos tempos áureos da MTV,"* conta **Lucas Tamandaré**, vocalista principal. *"É sempre muito legal trabalhar com o E.T.E, pois ele entende perfeitamente aquilo que queremos e tem uma estética que é a nossa cara, com aquelas animações lado B dos anos 80 e 90, bem marcantes e coloridas."* A parceria com o ilustrador, inclusive, esteve presente em outras duas produções, "**Gasolina**" e "**Go Pedro**".

Composto por 12 faixas, ***High Speed*** (2021) levou a banda a estourar dentro e fora do País. Ele mostra toda a maturidade do conjunto, por meio de um som mais coeso, energético e com influências dos **Hellacopters** e **Scumbag Millionaire**. Nele, a banda resgata a essência do Rock n' Roll com um toque moderno junto às raízes do punk rock.

Gravado ao vivo no estúdio RockLab, em Anápolis, e produzido por **Gustavo Vázquez**, que comanda os graves como novo baixista, ***Live*** (2022) é um registro da nova fase e da formação da banda — com **Lucas Tamandaré**, (vocalista principal), **Luís Maldonalle** (guitarra), **Gustavo Vázquez** (baixo) e **Ingrid Bahia** (bateria).

No Brasil, a banda é figurinha carimbada em grandes emissoras, como Kiss FM e 89FM, além de ter seu som ouvido pelo público do Chile, da Argentina, Alemanha e Nova Zelândia.

Disco 'Live' (2022)

O disco ***Live*** (2022) está disponível no YouTube e nas principais plataformas de streaming, como Spotify, Apple Music e Deezer. Outra novidade é que a banda fechou uma parceria com a produtora Monstro Discos, de Goiânia, para o lançamento do álbum em vinil, trazendo uma pegada nostálgica que certamente vai agradar muitos fãs.

Aponte a câmera do seu celular para o QR code acima e confira a apresentação na íntegra!

TODAS AS CAPAS

AS CAPAS QUE FIZERAM A HISTÓRIA

De 2006 a 2019, a *Rolling Stone Brasil* trouxe holofotes aos temas mais importantes da cultura pop nacional e mundial

ANDERSON SILVA

CHARLIE SHEEN

Rolling Stone
Playlist
Definitiva

Rolling Stone
100
MAIORES
VOZES

Rolling Stone
100
MAIORES
VOZES

CLAUDIA RAIA

Rolling Stone
ADELE

Rolling Stone
LED ZEPPELIN

DAVID BOWIE

PEARL JAM

Rolling Stone
CHORÃO

LEGIÃO
MAD MEN

BLACK SABBATH

Rolling Stones

BRUCE LEE

Rolling Stone
JOHNNY DEPP

NIRVANA

BRUCE SPRINGSTEEN

Rolling Stone

RACIONAIS MC'S

A REVOLUÇÃO DO PAPA

Rolling Stone
MACONHA

BEATLES

KISS

KISS

KISS

KISS

GAME OF THRONES

Jack White

QUEEN

Rolling Stone
500
MAIORES
ALBUNS
TODOS TEMPOS

ALEXANDRE NERO

JENNIFER LOPEZ

100
MAIORES
MOMENTOS
da MUSICA
BRASILEIRA

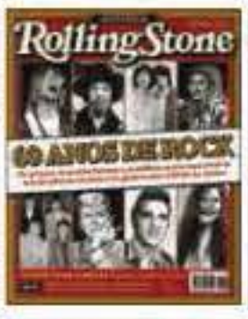
DAVE GROHL

BOB MARLEY

SLASH

Estado Islâmico
Ringo Starr

HULK


Rolling Stone
69 ANOS DE ROCK

Rolling Stone
Emicida

Keith

O Retorno de Star Wars

Rolling Stone

DAVID BOWIE

JOHNNY
40 ANOS - RAMONES

MAITE PROENÇA

Rolling Stone
10 ANOS DE MUSICA

Novos Baianos

Renato Russo

Rolling Stone

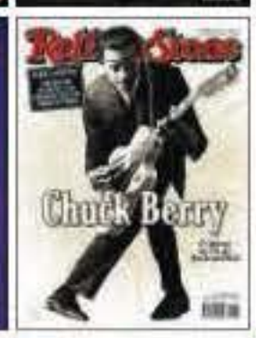
JOTA QUEST

DE VOLTA AS RAIZES DO BLUES

100 MAIORES SERIES
de Todos os Tempos

Capital Inicial

Paris

CAROL KONKA

Chuck Berry

Criolo

Harry Styles

50 ANOS
Do Punk

Chris Cornell

Elza Soares

Emilia Clarke

Mulher Maravilha

STRANGER THINGS

Noel Gallagher

STAR WARS

Pabllo Vittar

Bono

O Negócio

JACK WHITE

Frejat

MANO BROWN
CRIOLO

Pitty

O FUTURO DA MÚSICA

Rolling Stone

RollingStone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
Jay Penske, CHAIRMAN AND CEO
George Grobar, CHIEF OPERATING OFFICER
Debashish Ghosh, MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS
Gurjeet Chima, ASSOCIATE VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS
Francesca Lawrence, ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS

ROLLING STONE USA

Gus Wenner, PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER
Noah Shachtman, EDITOR IN CHIEF
Sean Woods, EXECUTIVE EDITOR
Lisa Tozzi, DIGITAL DIRECTOR
Joseph Hutchinson, CREATIVE DIRECTOR
Catriona Ni Aolain, DIRECTOR OF CREATIVE CONTENT

Jann S. Wenner, FOUNDER AND EDITORIAL DIRECTOR

RollingStone BRASIL

PUBLISHER: Luis Fernando Maluf

DIRETOR DE CONTEÚDO: Ademir Correa
EDITOR CONVIDADO: Pablo Miyazawa
DIRETOR DE ARTE: Daniel S. B. Mangione
REVISORA: Talita Ramos
PRODUÇÃO GRÁFICA: Valter Santos
DIRETOR COMERCIAL: Márcio Maffei
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Willian Hagopian
EXECUTIVOS DE CONTAS: Conceição Augusto, Mari Angela Reis, Mariana Denani, Michele Brito, Francisco Netto e Wagner Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA: Valter Santos

SPRING

Copyright © 2022 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

Créditos

GISELE BÜNDCHEN
Gisele Bündchen fotografada por Nino Muñoz. Estilo: Katie Mossman; Coordenação de produção (Nova York): Márcia Costa Ribeiro; Maquiagem: Brigitte Reiis-Andersen; Cabelo: Harry Josh para Serge Normant Salon /Jed Root Inc., Produção de objetos: Donnie Myers@De Facto; Tratamento de imagem: Aron Norman para Shootdigital; Assistente de estilo: Morgan Pilcher; Assistente de produção: Camila Levy; Assistente de foto: Brandon Harman; Agradecimentos: Marcelo Ávila, Mauro Tatini, Patrícia Bündchen e Sabrina Barrios. Gisele usa regata e calças Anna Molinari, chapéu de acervo pessoal da stylist (capa e foto 3), body Anna Molinari, camiseta Harley-Davidson para brechó What Comes Around Goes Around (foto 2).

IVETE SANGALO
Ivete Sangalo fotografada por André Schiliró. Estilo: Patrícia Zuffa; Produção de moda: Kali Leuzzi e Tica Bertani; Beleza: Tom Reis; Assistentes de foto: Marcel Epstein e Vitor Pickersgill; Tratamento de imagem: Alex Winck (Studio AW). Ivete usa corset Patrícia Zuffa.

MARISA MONTE
Marisa Monte fotografada por Gui Paganini. Edição de arte: Giovanni Bianco; Tratamento de imagem: Fujocka Photodesign; Produção executiva: Daniela de Lamare e Piera Paula; Estilo: Daniel Ueda; Beleza: Daniel Hernandes: Assistente de estilo: Renata Correa; Produção de moda: Gi Macedo, Renata Correa, Haydee Serpa e Mariana Ferrarezi; Assistentes de fotografia: Gabriel Bemergui e Fábio Amaro; Assistente de maquiagem: Paulo Campos/ Gloss; Cabelo: Eliezer Lopes e Gil Almeida; Manicure: Paula Menezes da Silva/ Studio W; Perucas: Fizpan; Aplicação de logomarca: Marcelo Calenda; Agradecimentos: Marcel Joupi, Marcio Borges e Inez (aderecista). Marisa usa camisa Maria Bonita, paletó Alexandre Herchcovitch, calças Reinaldo Lourenço, chapéu Dayse & Ruth (capa), vestido Fabia Bercsek, colar Andréa Maber, acessório de cabeça de acervo pessoal (foto 2) e vestido Elisa Chanan (foto 3).

OS SIMPSONS
Homer Simpson ilustrado por Matt Groening, com criação de Gerson Nascimento. The Simpsons™ and © 2007 Twentieth Century Fox Film Corporation. All Right Reserved.

RITA LEE
Rita Lee fotografada por Jairo Goldflus. Estilo: Marcelo Ianês; Produção de moda e assistente de estilo: Tica Bertani; Beleza: Duda Molinos; Produção executiva: Diana Assennato Botello; Assistente de foto: Denilson Franco; Assistente de beleza: Cátia Marques; Tratamento de imagem: Imagenation. Rita Lee usa camiseta SoMe para Surface to Air.

PAULO COELHO
Paulo Coelho fotografado por Patrick Swirc. Tratamento de Imagem: Marcelo Calenda.

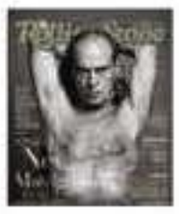
GILBERTO GIL
Gilberto Gil fotografado por Daniel Klajmic. Tratamento de imagem: Marcelo Calenda. Gil usa colares, anel e pulseiras Rajasthan (capa e foto 2), paletó Osklen, lenço, sandálias e calças saruel de acervo (foto 3).

WAGNER MOURA
Wagner Moura fotografado por Daniel Klajmic. Tratamento de imagem: Imagetouch; Chamadas de capa: Indio San; Styling: David Pollak; Produção: Kato Pollak; Beleza: Ton Reis; Assistente de beleza: Nat Rosa; Produção de objeto: Frida Abrahão; Assistentes de fotografia: Marcelo Rangel e Claudio Vasque; Agradecimentos: Galpão 1416. Wagner usa terno Ricardo Almeida, camisa Ermenegildo Zegna, gravata Forum (capa), smoking Gucci, camisa Armani, gravata D&G e relógio Tag Heuer (foto 2).

FRESNO
Fresno fotografado por Rui Mendes. Assistente: Julia Dianna; Tratamento de imagem: Marcelo Calenda; Produção de moda: Gaia Prado; Maquiagem: Omar Bergea; Assistente de maquiagem: Chiara Viscomi; Instrumentos: Playtech e Matic. Vavo usa jaqueta de couro Puma; Lucas usa coturnos brechó Juisi by Licquor; Bell usa calças e cinto King 55, relógio Quicksilver.

JÔ SOARES
Jô Soares fotografado por Bob Wolfenson. Tratamento de imagem: RG Imagem. Jô usa acervo pessoal.

RACIONAIS MC's
Racionais MC's fotografados por Rui Mendes. Produção executiva: Tamara Emy; Produção de moda: Gisele Alemar; Maquiagem: Simone Souza; Tratamento de imagem: Image Touch. Edi Rock usa jaqueta LRG, botas Timberland, camiseta Casa Juisi, calças, óculos e boné acervo pessoal; Ice Blue usa jaqueta e moletom LRG, calças Hering, botas Timberland, boné Canto, boné, óculos e cinto acervo pessoal; Mano Brown e KL Jay vestem roupas de acervo pessoal.



NEY MATOGROSSO
Ney Matogrosso fotografado por Daryan Dornelles. Assistente de foto: Guillermo Giansanti. Ney usa acervo pessoal.

TAÍS ARAÚJO E LÁZARO RAMOS
Taís Araújo e Lázaro Ramos fotografados por Maurício Nahas. Produção: Tamara Emy; Beleza: Wilson Eliodorio.

ELZA SOARES
Elza Soares fotografada por Daryan Dornelles. Assistente: Juan Dias; Produção executiva: Pedro Loureiro e Juliano Almeida; Direção de estilo: Leo Belicha. Produção de moda: Bruna Franklin; Beauty artist: Wesley Pachu; Cabelo: Beto Carramanhos. Elza usa quimono Loungerie, casaco acervo produção, calças Aquamar, botas Ferni, colar e anéis Gabinete de Acessórios e maquiagem MAC Cosmetics.

PITTY
Pitty fotografada por Mauricio Nahas. Assistentes de foto: Débora Freitas e Charles Willy; Beleza: Omar Bergea; Manicure: Rose Luna; Styling: Juliana Maia e Tony Müller; Camareira: Gislaine dos Santos. Pitty usa vestido Reinaldo Lourenço (capa e foto 3), calças e casaco Gucci, botas Passarela e acessórios Tati Pekk (foto 2).

Acompanhe nossas redes sociais.
www.vikingbrand.com.br
@viking.brand

AUTHENTIC MAN
VIKING

ROUTE 66
Feel the Freedom™

ELEITO E PREMIADO
O MELHOR PERFUME MASCULINO
DA AMÉRICA LATINA

Prêmio Atualidade Cosmética
VENCEDOR 2021

ELEITO O MELHOR PERFUME MASCULINO DA AMERICA LATINA

ROUTE 66
Feel the Freedom™
Vencedor do Prêmio Atualidade Cosmética ®
SAN BERNARDINO
1926
100 mL 3.3 fl.oz

VENCEDOR DO PRÊMIO DE ATUALIDADE COSMÉTICA

A MAIOR MARCA DE PRODUTOS PARA O HOMEM
BARBA | CABELO | BARBEAR | TATTOO | KITS PRESENTE

COM LICENCIAMENTOS INTERNACIONAIS

Sabe os 5
grandes bancos
completos?

Agora são 6

O C6 Bank tem uma
conta para você e outra
para sua empresa.
Tudo em um só app.

Baixe o app
e abra
sua conta

C6 BANK